



**UNIVERSIDADE
FERNANDO
PESSOA**

PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA NA TRANSIÇÃO DO RÁDIO AM PARA O FM: UM ESTUDO DE HISTÓRIA ORAL EM TRÊS COMUNIDADES BRASILEIRAS

[Memory preservation in the transition from AM to FM radio: an oral history study in three brazilian communities]

Tese de Doutorado

Ciências da Comunicação

Claudia da Consolação Moreira

Orientador:

Doutor Jorge Pedro Sousa

Coorientadora:

Doutora Nair Prata

Julho de 2025

PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA NA TRANSIÇÃO DO RÁDIO AM PARA O FM: UM ESTUDO DE HISTÓRIA ORAL EM TRÊS COMUNIDADES BRASILEIRAS

[Memory preservation in the transition from AM to FM radio: an oral history study in
three brazilian communities]

Tese de Doutorado

Ciências da Comunicação

Claudia da Consolação Moreira

Orientador:

Doutor Jorge Pedro Sousa

Coorientadora:

Doutora Nair Prata

Julho de 2025

© 2025

Claudia da Consolação Moreira

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Claudia da Consolação Moreira

PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA NA TRANSIÇÃO DO
RÁDIO AM PARA O FM: UM ESTUDO DE HISTÓRIA ORAL
EM TRÊS COMUNIDADES BRASILEIRAS

Tese apresentada à Universidade Fernando Pessoa como
parte dos requisitos para obtenção do grau de Doutor em
Ciências da Comunicação, sob orientação do Professor
Doutor Jorge Pedro Sousa e Professora Doutora Nair Prata.

À

Mariah Moreira Anjos Lustoza,
o presente precioso que ganhei de Deus.

Agradecimentos

A seção de agradecimentos revela nomes e instituições que colaboraram na trajetória percorrida pela autora. Seria impossível, entretanto, nomear todas as pessoas que me ajudaram nessa jornada. Minhas desculpas aos que não serão citados, mas minha eterna gratidão a todos e todas que possibilitaram a construção desta tese.

Impossível iniciar meus agradecimentos nominais sem mencionar meu orientador Jorge Pedro Sousa, a quem sou profundamente grata pelo apoio acadêmico, intelectual e pessoal. Obrigada por me fazer enveredar pela história oral e pela história de vida, hoje considero um dos meus maiores aprendizados do doutoramento. Opa, não posso deixar de agradecer por me apresentar o Norte de Portugal e, de sobremaneira, o Porto.

À professora Nair Prata, minha coorientadora, registro aqui meus mais sinceros agradecimentos pela clareza, precisão e cuidado nas orientações e pela análise criteriosa durante todo o desenvolvimento da pesquisa. Você foi muito importante para o amadurecimento desta tese, tanto na forma quanto no conteúdo.

Aos professores e professoras do Curso de Doutorado em Ciências da Comunicação – Eduardo Paz Barroso, Miguel Trigo, Paulo Cardoso, Renato Pinto Ferreira, Renato Essenfelder, Ricardo Jorge Pinto, Rui Estrada e Rui Torres –, agradeço por cada aula, indicação de leitura e discussões. E, em especial, agradeço a acolhida das professoras Ana Gabriela Nogueira e Patrícia Weber seja em sala de aula, nos almoços no Pessoa Bar ou no fim de tarde na Batalha. E ainda, na parceria acadêmica, obrigada por me convidarem a escrever juntas.

Aos jurados do projeto de tese, professora Isabel Crispim Mendes Reis, da Universidade do Porto e ao professor Renato Pinto Ferreira, da Universidade Fernando Pessoa, pela leitura atenta e sugestões.

Aos meus colegas de turma André Luiz de Miranda Travassos, José Osvaldo Mesquita Chaves, Natalia Suellen Pereira da Silva, Simone Aparecida da Costa agradeço pelo convívio e partilha ao longo do curso. Em especial, quero registrar minha gratidão pela amizade e pelo incentivo nos momentos desafiadores à Tadiane Regina Popp e Anderson Sanita. Eu não

poderia ter feito melhores amigos que vocês. Terminamos! Bora tomar uma sangria na Ribeira para comemorar?

À Universidade Fernando Pessoa, em especial ao Programa de Doutorado em Ciências da Comunicação, um sonho que parecia impossível.

Ao Instituto Pantaneiras, pelo apoio institucional, em especial à professora Aline Wendpap, presidente da entidade. Meus estudos em Portugal não teriam sido realizados sem sua colaboração e o seu estímulo sempre com palavras de encorajamento e credibilidade.

À Universidade Federal de Mato Grosso, que me proporcionou a oportunidade de crescimento na área de Comunicação apoiando institucionalmente este estudo.

A todos os entrevistados – Adão Enéas da Silva Jacobina, Adilson Domingos dos Reis (*in memoriam*), Antônio João de Barros Neto, Antônio Peres Pacheco, Edivaldo de Sá Teixeira, Edson Ramalho dos Santos (Baianinho da Garapa), Elizeu do Nascimento, José Elias Antunes Neto, José Fernando Nunes e Silva, Leila Castro, Luiz Garcia Taborda, Luiz Valdevino dos Santos (Garcia), Maridalva Amaral Vignardi, Orestes Miraglia Carvalho, Roberto Carlos Bassan Antelo, Roberto Carlos de Arruda, Samuel Logrado de Souza e Sebastião Castilho Alves Costa –, toda minha gratidão e respeito por confiarem a mim suas memórias, experiências e trajetórias. Sem a voz e narrativa de vocês esta tese não existiria.

Ao jornalista Jurandir Antônio Francisco, pela generosidade em me apresentar o raio-x da radiodifusão em Mato Grosso, sua colaboração foi primordial para a escolha das Rádios Difusora, de Cáceres, Regional, de Nortelândia e Amorim Juventude, de Rondonópolis.

Ao jornalista Davi César Biondo pelas inúmeras fontes e memórias compartilhadas.

Aos jornalistas Lucas Perrone e Victor Santos que foram essenciais na formação da rede de colaboradores em Rondonópolis.

Aos jornalistas Luiz Esmael e Jonas Silva por me mostrarem o caminho para chegar em Cáceres.

Meus agradecimentos aos colegas do curso de Cinema e Audiovisual, Alessandro Flaviano de Souza, Andrea Ferraz Fernandez, Diego Baraldi de Lima, Gabriel Costa Correia, José Claudino Bernardino, Leonardo Gomes Esteves, Moacir Francisco de Sant’Ana Barros e Sabrina Tenório Luna da Silva, pelo suporte necessário. Meu muito obrigada à professora Letícia Xavier de Lemos Capanema e ao professor Luã José Vaz Chagas por oferecerem ajuda mesmo quando eu ainda não sabia que precisava. À Ana Graciela Mendes Fernandes

da Fonseca Voltotini e Hélia Vannucchi de Almeida Santos por me ajudarem decifrar a Plataforma Brasil. Ao professor Flávio Prates da Fonseca Neto por me incentivar em momentos desafiadores. Ao professor Javier Eduardo López Díaz pela amizade ao longo dos anos.

À minha amiga, professora Glauce Viana de Souza Torres e Ademar Torres pelo apoio incondicional com carinho e doçura.

Ao professor Josiley Carrijo Rafael por trazer Nortelândia para perto de mim.

Aos amigos José da Costa Marques Filho, Layde Emília da Costa Marques, Fátima Comini, Jairo Pitolé Sant’Ana e Rita Comini pela convivência na alegria e na tristeza.

Ao fotógrafo Raimundo Reis e à artista plástica Adriana Milano por compartilharem comigo a grande paixão da família Reis, o radioamadorismo.

À Lydia Bett, pelo seu exemplo de vida sempre encontrei coragem para seguir em frente.

À Luciane Kravetz e Fábio Marcelo da Silva pela recepção em Lisboa.

À Diana Souza e Marina Souza, que me ajudaram com a Mariah durante as viagens.

Aos três terapeutas, que ao longo dos últimos cinco anos, me ajudaram a equilibrar o corpo e mente, passado e futuro, são eles: Igor Vilela Junqueira com a microfisioterapia, Débora Cristina Tavares com o panorama biográfico e Aline Wendpap com o *thetahealing*. Vocês tornaram a minha vida e jornada no doutoramento mais leve e segura. Gratidão! E, para você leitor, um conselho: faça terapia!

A Dermival Moreira dos Anjos que me fez mais forte a cada dia, mesmo que não imaginasse.

As minhas amigas professoras Katia Luzia Brandão Caldas Meirelles, Lúcia Helena Vendrúsculo Possari, Mariângela Sólla López, Sônia Maria Duarte Zaramella e Vera Lúcia Leite não somente por me acolherem desde a minha chegada na Universidade Federal de Mato Grosso, mas pela amizade nesta caminhada, vocês são referência profissional, de vida e bibliográfica. Vera obrigada por me receber em Cascais e pela disposição em me apresentar paisagens tão lindas.

À minha família, que participou na evolução de todas as minhas jornadas. Ao meu pai, Joaquim Moreira e a minha mãe, Raimunda Moreira Lustoza que me deram a oportunidade de estudar e sempre apoiaram os meus sonhos e ideais. À minha irmã Katia Ana Moreira, pela companhia nos passeios que eu sonhei fazer desde a infância. À minha irmã Keila

Aparecida Moreira, sua força, determinação e coragem são inspiração para mim. Ao meu irmão, Cairo José Moreira Lustoza, jornalista que colaborou na formação da rede em Rondonópolis. À minha irmã, Carla Patrícia Moreira Lustoza, que está sempre pronta a atender meus pedidos, mesmo que seja resolver uma mudança de casa. À Gabriela Lustoza, que sempre esteve pronta para me ajudar com as minhas demandas. À tia Lustosa e tio Paulo por apoiarem minhas escolhas com generosidade.

À Mariah Moreira Anjos Lustoza, cujo sorriso ilumina meus dias e cuja presença traz paz ao meu coração. Sua capacidade de transformar desafios em oportunidades me ensinou a importância da perseverança.

Enfim, agradeço a Deus por ter me cercado por uma rede de afetos e cuidados durante a construção desta tese, e da vida.

Permito-me encerrar esta seção com palavras atribuídas a Caio Fernando Abreu: “**Devo minhas flores às minhas raízes**” – que, mesmo sem confirmação de sua origem exata, ressoam com o meu propósito de vida como filha, sobrinha, irmã, tia, amiga, professora, pesquisadora e mãe.

Resumo

Esta tese propõe uma análise da transição do rádio AM para o FM em emissoras localizadas nos municípios de Cáceres, Nortelândia e Rondonópolis, a partir de uma abordagem qualitativa e interpretativa centrada na escuta das memórias do público ouvinte, ex-funcionários e proprietários de emissoras. A partir do objetivo geral, que visa compreender como as mudanças trazidas pelo processo de transição do rádio AM para o FM constituem a memória do rádio mato-grossense, esta tese reitera a concepção de que o rádio ocupa ainda um lugar relevante na vida de muitos brasileiros, sobretudo em contextos interioranos e/ou periféricos, onde as tecnologias digitais nem sempre substituem os meios tradicionais. Para tanto, três objetivos específicos se fizeram pertinentes. O primeiro envolve a ideia de construir a memória da radiodifusão do AM local, levando em consideração as narrativas dos ouvintes (proprietários, ex-funcionários e público) das emissoras, Difusora, de Cáceres, Regional, de Nortelândia e Amorim Juventude, de Rondonópolis. O segundo busca apurar como esta transição foi vivida pelos ouvintes das emissoras. Enquanto o terceiro pretendeu averiguar as consequências que a transição do AM trouxe. Essa proposta coaduna com a premissa de que a transição AM-FM deve ser entendida como um acontecimento social com profundas repercussões no cotidiano e nas formas de comunicação comunitária, não se trata de mera modernização técnica. A investigação dialoga com os estudos da comunicação, que compreendem o rádio não apenas como tecnologia de transmissão, mas como espaço de construção de identidades, de expressão social e de pertencimento comunitário. A escuta das memórias permitiu compreender o meio como fenômeno cultural e simbólico, revelando camadas de sentido que muitas vezes escapam às análises quantitativas. O referencial teórico inclui autores como Jacques Le Goff, que discute a memória como elemento constitutivo da identidade coletiva; Paul Thompson, que defende a história oral como método legítimo para o estudo das experiências históricas; e José Carlos Sebe Bom Meihy, Verena Alberti e Ecléa Bosi, que compreendem a história oral como um campo que valoriza a escuta, a subjetividade e a memória como formas legítimas de conhecimento. Também foram mobilizados estudiosos brasileiros como Nair Prata, Nélia Del Bianco e Luiz Artur Ferraretto, cujas obras discutem a comunicação regional, o papel social do rádio e sua relevância como espaço de resistência e participação democrática. Ao adotar a metodologia da história oral como pilar principal, tanto para a coleta quanto para a análise dos dados, depreende-se que esta é uma ferramenta que possibilita acessar dimensões subjetivas e afetivas. As entrevistas tornaram possível compreender as memórias, percepções e sentimentos das pessoas que acompanharam o processo de transição do AM para o FM em Mato Grosso. A análise mostra que, embora a migração para o FM tenha trazido melhorias técnicas significativas, como maior alcance e qualidade de áudio, ela também resultou em perdas importantes em aspectos relacionados à participação comunitária, à diversidade da programação e à continuidade de práticas culturais locais. As rádios AM estudadas revelaram-se mais do que dispositivos técnicos de transmissão: funcionavam como centros de convivência, de circulação de afetos, de preservação da oralidade e de construção de laços identitários entre os moradores. Ficou nítido que, após a migração, muitos ouvintes sentiram a perda de uma conexão mais direta e afetiva com

as emissoras, especialmente em relação à presença cotidiana do rádio nas rotinas familiares, à difusão de notícias locais, à promoção de eventos culturais e ao espaço dado a vozes que, de outra forma, permaneceriam à margem dos grandes meios. O rádio AM é lembrado como um agente de coesão social, um elo intergeracional e um guardião das histórias da comunidade. Importante salientar que as narrativas construídas para esta tese indicam o rádio atuando como ferramenta de resistência cultural, de preservação de memórias e de construção de sentidos pertinentes ao sentimento de pertencimento diante das dinâmicas de exclusão e uniformização midiática. Ao apresentar uma abordagem, que se pretende inovadora, sobre a transição do AM para o FM no Centro-Oeste brasileiro, região historicamente pouco contemplada em pesquisas acadêmicas sobre comunicação, os resultados poderão colaborar com estudos vindouros sobre radiodifusão. Da mesma forma, ao privilegiar as experiências subjetivas e coletivas, reafirma-se o mérito de ouvir as vozes locais na produção do conhecimento científico, pois, tal atitude promove uma visão mais ampliada e sensibilizada aos impactos sociais das transformações tecnológicas. A tese, enfim, acentua a necessidade de constituição de políticas públicas que sejam voltadas à comunicação e à radiodifusão e que levem em consideração as dimensões culturais e simbólicas. É crucial manter os vínculos comunitários e valorizar as práticas comunicacionais que sustentam a identidade e a coesão social das populações afetadas.

Palavras-chave: Rádio; Migração do rádio AM para o FM; Memória; História oral, História do rádio em Mato Grosso.

Abstract

This thesis proposes an analysis of the transition from AM to FM radio at stations located in the municipalities of Cáceres, Nortelândia, and Rondonópolis, using a qualitative and interpretative approach focused on listening to the memories of listeners, former employees, and station owners. Based on the general objective of understanding how the changes brought about by the transition from AM to FM radio shape the memory of Mato Grosso radio, this thesis reiterates the notion that radio still occupies a relevant place in the lives of many Brazilians, especially in rural and/or peripheral contexts, where digital technologies do not always replace traditional media. To this end, three specific objectives were identified. The first involves constructing the memory of local AM broadcasting, taking into account the narratives of listeners (owners, former employees, and the public) of the stations Difusora (Cáceres), Regional (Nortelândia), and Amorim Juventude (Rondonópolis). The second seeks to determine how this transition was experienced by station listeners. The third aims to investigate the consequences of the AM transition. This proposal aligns with the premise that the AM-FM transition should be understood as a social event with profound repercussions on daily life and forms of community communication, not merely a technical modernization. The investigation engages with communication studies, which understand radio not only as a broadcast technology but also as a space for identity construction, social expression, and community belonging. Listening to memories enabled the understanding of the medium as a cultural and symbolic phenomenon, revealing layers of meaning that often escape quantitative analysis. The theoretical framework includes authors such as Jacques Le Goff, who discusses memory as a constitutive element of collective identity; Paul Thompson, who defends oral history as a legitimate method for studying historical experiences; and José Carlos Sebe Bom Meihy, Verena Alberti, and Ecléa Bosi, who understand oral history as a field that values listening, subjectivity, and memory as legitimate forms of knowledge. Brazilian scholars such as Nair Prata, Nélia Del Bianco, and Luiz Artur Ferraretto were also involved, whose works discuss regional communication, the social role of radio, and its relevance as a space for resistance and democratic participation. By adopting the oral history methodology as a main pillar for both data collection and analysis, it can be inferred that this is a tool that allows access to subjective and affective dimensions. The interviews made it possible to understand the memories, perceptions, and feelings of those who witnessed the transition from AM to FM in Mato Grosso. The analysis shows that, although the migration to FM brought significant technical improvements, such as greater reach and audio quality, it also resulted in significant losses in aspects related to community participation, programming diversity, and the continuity of local cultural practices. The AM radio stations studied proved to be more than technical transmission devices: they functioned as centers of coexistence, the circulation of affections, the preservation of oral tradition, and the construction of identity bonds among residents. It was clear that, after the migration, many listeners felt the loss of a more direct and affective connection with the stations, especially regarding the radio's daily presence in family routines, the dissemination of local news, the promotion of cultural events, and the space given to voices that would otherwise remain marginalized by mainstream media.

AM radio is remembered as an agent of social cohesion, an intergenerational link, and a guardian of community stories. It is important to emphasize that the narratives constructed for this thesis indicate that radio acts as a tool of cultural resistance, preserving memories, and constructing meanings relevant to a sense of belonging in the face of dynamics of exclusion and media uniformity. By presenting an approach, intended as an innovative approach, to the transition from AM to FM in the Brazilian Central-West region, a region historically underrepresented in academic communication research, the results may contribute to future studies on broadcasting. Likewise, by prioritizing subjective and collective experiences, the merit of listening to local voices in the production of scientific knowledge is reaffirmed, as this approach fosters a broader and more sensitive view of the social impacts of technological transformations. Ultimately, the thesis emphasizes the need for public policies focused on communication and broadcasting that consider cultural and symbolic dimensions. It is crucial to maintain community ties and value the communication practices that sustain the identity and social cohesion of affected populations.

Keywords: Radio; Migration from AM radio to FM; Memory; Oral History; History of radio in Mato Grosso.

Sommaire

Cette thèse propose une analyse de la transition de la radio AM à la FM dans les stations situées aux villes de Cáceres, Nortelândia e Rondonópolis, à partir d'une approche qualitative et interprétative centrée dans l'écoute des mémoires des auditeurs, les anciens fonctionnaires et les propriétaires des stations radio. Conformément à l'objectif général, cette étude vise à comprendre comment les transformations apportées par le processus de la transition de la radio AM vers FM constituent la mémoire de la radio au Mato Grosso, cette recherche réaffirme l'idée selon laquelle la radio occupe toujours une place importante dans la vie de nombreux Brésiliens. Surtout dans des contextes ruraux et/ou en périphériques où les technologies numériques ne remplacent pas toujours les médias traditionnels. Pour ce faire, trois objectifs spécifiques ont été jugés pertinents. Le premier vise à reconstituer la mémoire de la radiodiffusion locale en AM, à partir des récits des auditeurs (les propriétaires, les anciens employés et le public) des stations Difusora, de Cáceres, Regional, de Nortelândia et Amorim Juventude, de Rondonópolis. Le deuxième objectif est d'analyser comment cette transition a été vécue par les auditeurs des stations mentionnées. Quant au troisième, il consiste à enquêter sur les conséquences engendrées par la transition de l'AM vers la FM. Cette proposition est en association avec le principe que la transition de l'AM vers la FM doit être entendue comme un événement social qui a des impacts profonds sur le quotidien et aux moyens de communication communautaire, et non comme une simple modernisation technique. L'étude dialogue avec les recherches en communication, qui conçoivent la radio non seulement comme une technologie de transmission, mais aussi comme un espace de construction identitaire, d'expression sociale et d'appartenance au niveau communautaire. L'écoute des mémoires a permis d'envisager la radio un phénomène culturel et symbolique, en mettant à jour des niveaux de signification que les approches quantitatives ne saisissent que rarement. Les fondements théoriques s'appuient notamment sur Jacques Le Goff, qui aborde la mémoire comme un élément constitutif de l'identité collective; Paul Thompson, qui défend l'histoire orale comme une méthode légitime pour l'étude des expériences historiques; ainsi que José Carlos Sebe Bom Meihy, Verena Alberti et Ecléa Bosi, pour qui l'histoire orale valorise l'écoute, la subjectivité et la mémoire comme formes légitimes de connaissance. Des chercheurs brésiliens tels que Nair Prata, Nélia Del Bianco et Luiz Artur Ferraretto ont également été mobilisés, dont leurs travaux portent sur la communication régionale, le rôle social de la radio et sa pertinence en tant qu'espace de résistance et participation démocratique. L'adoption de l'histoire orale comme méthode centrale, aussi bien pour la collecte que dans l'analyse des données, a permis d'explorer des dimensions subjectives et affectives. Grâce aux interviews, il a été possible de mieux comprendre les mémoires, les impressions et les sentiments des personnes qui ont vécu la transition de l'AM vers la FM au Mato Grosso. Selon l'analyse, malgré les améliorations techniques significatives - comme une portée plus élargie et une meilleure qualité sonore - ce changement a provoqué des pertes importantes en matière de participation communautaire, de diversité de programmation et de continuité des pratiques culturelles locales. Les radios AM étudiées se sont révélées être bien plus que de simples dispositifs techniques de transmission : elles constituaient des espaces de

convivialité, d'échange affectif, de préservation de l'oralité et de construction des liens identitaires entre la population locale. Il est devenu explicite qu'après la migration, de nombreux auditeurs ont ressenti la perte d'une connexion plus directe et affective avec les stations, principalement en ce qui concerne la présence quotidienne de la radio dans les routines familiales, la diffusion des nouvelles locales, la promotion des événements culturels, ainsi que l'espace accordé à des voix qui, autrement, resteraient en marge des grands médias. La radio AM est connue comme un agent de cohésion sociale, une liaison intergénérationnelle et une gardienne des histoires de la communauté. Il convient de souligner que les récits recueillis dans le cadre de cette thèse indiquent le rôle de la radio en tant qu'outil de résistance culturelle, de préservation des mémoires et de construction de significations liées au sentiment d'appartenance face aux dynamiques d'exclusion et d'uniformisation médiatique. En proposant une approche innovante de la transition de l'AM vers la FM dans le Centre-Ouest du Brésil - une région historiquement peu étudiée dans les recherches académiques en communication, les résultats pourront contribuer aux futures études sur la radiodiffusion. De même, en privilégiant les expériences subjectives et collectives, cette recherche réaffirme l'importance d'écouter les voix locales dans la production du savoir scientifique, dans une perspective élargie et sensible aux impacts sociaux des transformations technologiques. La thèse ponctue, enfin, la nécessité de mettre en œuvre des politiques publiques orientées à la communication et à la radiodiffusion, qui prennent en compte les dimensions culturelles et symboliques. Il est essentiel de maintenir les liens communautaires et de valoriser les pratiques communicationnelles qui soutiennent l'identité et la cohésion sociale des populations concernées.

Mots-clés: Radio, Migration AM-FM, Mémoire, Histoire orale, Histoire de la radio au Mato Grosso.

Resumen

Esta tesis propone analizar la transición de la banda de radio AM para FM en emisoras de los municipios de Cáceres, Nortelândia y Rondonópolis, a partir de un enfoque cualitativo e interpretativo que se centra en escuchar las memorias de los oyentes, ex trabajadores y dueños de las emisoras. Con el objetivo general de comprender cómo los cambios generados por la transición de AM para FM conforman la memoria de la radio en Mato Grosso, la investigación reafirma que la radio sigue teniendo un lugar relevante en la vida de muchos brasileños, especialmente en contextos rurales y/o periféricos donde las tecnologías digitales no siempre reemplazan a los medios tradicionales. Para alcanzar este objetivo general, se establecieron tres objetivos específicos. El primero se enfoca en reconstruir la memoria de la radiodifusión AM local, considerando las narrativas de los oyentes (propietarios, ex trabajadores y público) de las radios Difusora (Cáceres), Regional (Nortelândia) y Amorim Juventude (Rondonópolis). El segundo busca indagar cómo vivieron esta transición los oyentes. El tercero pretende analizar las consecuencias que dicha transición generó. Esta propuesta parte de la premisa de que la transición AM-FM debe entenderse como un acontecimiento social con profundas repercusiones en la vida cotidiana y en las formas de comunicación comunitaria, no simplemente como un avance técnico. El estudio dialoga con los campos de la comunicación que entienden la radio no solo como una tecnología de transmisión, sino como un espacio para la construcción de identidades, la expresión social y el sentido de pertenencia comunitaria. Escuchar estas memorias permitió comprender el medio como un fenómeno cultural y simbólico, revelando significados que muchas veces no se captan en los análisis cuantitativos. El marco teórico incluye autores como Jacques Le Goff, quien discute la memoria como elemento constitutivo de la identidad colectiva; Paul Thompson, quien defiende la historia oral como un método legítimo para el estudio de las experiencias históricas; y José Carlos Sebe Bom Meihy, Verena Alberti y Ecléa Bosi, quienes comprenden la historia oral como un campo que valora la escucha, la subjetividad y la memoria como formas legítimas de conocimiento. También se movilizaron estudiosos brasileños como Nair Prata, Nélia Del Bianco y Luiz Artur Ferraretto, cuyas obras discuten la comunicación regional, el papel social de la radio y su relevancia como espacio de resistencia y participación democrática. Al adoptar la metodología de la historia oral como pilar principal, tanto para la recolección como para el análisis de los datos, se entiende que esta es una herramienta que posibilita acceder a dimensiones subjetivas y afectivas. Las entrevistas hicieron posible comprender las memorias, percepciones y sentimientos de las personas que acompañaron el proceso de transición de AM para FM en Mato Grosso. El análisis muestra que, aunque la migración para FM trajo mejoras técnicas significativas, como mayor alcance y calidad de audio, también resultó en pérdidas importantes en aspectos relacionados con la participación comunitaria, la diversidad de la programación y la continuidad de prácticas culturales locales. Las radios AM estudiadas se revelaron como algo más que dispositivos técnicos de transmisión: funcionaban como centros de convivencia, de circulación de afectos, de preservación de la oralidad y de construcción de lazos identitarios entre los habitantes. Quedó claro que, tras la migración, muchos oyentes sintieron la pérdida de una conexión más directa y

afectiva con las emisoras, especialmente en relación con la presencia cotidiana de la radio en las rutinas familiares, la difusión de noticias locales, la promoción de eventos culturales y el espacio dado a voces que, de otro modo, permanecerían al margen de los grandes medios. La radio AM es recordada como un agente de cohesión social, un vínculo intergeneracional y un guardián de las historias de la comunidad. Es importante destacar que las narrativas construidas para esta tesis indican a la radio actuando como herramienta de resistencia cultural, de preservación de memorias y de construcción de sentidos pertinentes al sentimiento de pertenencia frente a las dinámicas de exclusión y uniformización mediática. Al presentar un enfoque que pretende ser innovador sobre la transición de AM para FM en el Centro-Oeste brasileño, una región históricamente poco contemplada en investigaciones académicas sobre comunicación, los resultados podrán contribuir con estudios futuros sobre radiodifusión. Del mismo modo, al privilegiar las experiencias subjetivas y colectivas, se reafirma el mérito de escuchar las voces locales en la producción del conocimiento científico, pues tal actitud promueve una visión más amplia y sensibilizada hacia los impactos sociales de las transformaciones tecnológicas. La tesis, en fin, acentúa la necesidad de constituir políticas públicas orientadas a la comunicación y la radiodifusión, que consideren las dimensiones culturales y simbólicas. Es crucial mantener los vínculos comunitarios y valorar las prácticas comunicacionales que sostienen la identidad y la cohesión social de las poblaciones afectadas.

Palabras clave: Radio; Migración de la banda AM a FM; Memoria; Historia oral; Historia de la radio en Mato Grosso.

Índice geral

Introdução	1
Capítulo 1 – Estado da Arte	11
1.1 Mato Grosso como cenário de pesquisa	15
1.2 Contexto: estudos anteriores sobre o rádio em Mato Grosso	22
1.3 Para além do estado da arte: o rádio como instrumento da cultura	29
Capítulo 2 – Transição do RádioAM para o FM: o processo e migração no Brasil	35
Capítulo 3 – Memória e História Oral como Aporte para a Construção de Narrativas sobre o RádioAM em Mato Grosso	45
3.1 A importância da memória e a transmissão de conhecimento e experiência	46
3.2 A história oral e a preservação das narrativas	48
Capítulo 4 – Percurso Metodológico da Pesquisa	55
4.1 Comunidade de destino: ouvintes de rádio AM de Cáceres, Nortelândia e Rondonópolis	58
4.2 Colônias: ouvintes de rádio AM das rádios Difusora, Regional e Amorim Juventude	61
4.3 Redes: proprietários ou representantes legais, ex-funcionários e público das Rádios Difusora de Cáceres, Regional de Nortelândia e Amorim Juventude de Rondonópolis	63
4.3.1 <i>A importância do ponto zero</i>	65
4.4 Entrevistas	67
4.4.1 <i>Preparação para as entrevistas e o uso do caderno de campo</i>	73
4.4.2 <i>Recordações do caderno de campo</i>	74
4.5 Tratamento das entrevistas	81
Capítulo 5 – Construção da História Oral do Rádio AM em Três Comunidades Brasileiras - As vozes daqueles que ouviam rádio AM local	85

5.1 No ar: vozes da resistência - a história da Rádio Difusora de Cáceres	87
<i>5.1.1 Perfil dos colaboradores da Rádio Difusora</i>	88
<i>5.1.2 Episódio 1 – Memórias da fundação: o início da Rádio Difusora</i>	90
<i>5.1.3 Episódio 2 – Memórias dos momentos marcantes: o auge da Rádio Difusora</i>	92
<i>5.1.4 Episódio 3 – Memórias da transição de Difusora AM à Difusora FM</i>	94
<i>5.1.5 Episódio 4 – Memórias e afetos: o rádio como elo de pertencimento</i>	96
5.2 No ar: vozes da resistência - a história da Rádio Regional de Nortelândia	98
<i>5.2.1 Perfil dos colaboradores da Rádio Regional</i>	99
<i>5.2.2 Episódio 1 – Memórias da fundação: o início da Rádio Regional</i>	101
<i>5.2.3 Episódio 2 – Memórias dos momentos marcantes: o auge da Regional</i>	103
<i>5.2.4 Episódio 3 – Memórias da transição: de Regional AM à Difusora FM</i>	106
<i>5.2.5 Episódio 4 – Memórias e afetos: o rádio como elo de pertencimento</i>	108
5.3 No ar: vozes da resistência - a história da Rádio Amorim Juventude AM de Rondonópolis	110
<i>5.3.1 Perfil dos colaboradores da Rádio Amorim Juventude</i>	111
<i>5.3.2 Episódio 1 – Memórias da fundação: o início da emissora da Amorim Juventude</i>	112
<i>5.3.3 Episódio 2 – Memórias dos momentos marcantes: o auge da Amorim Juventude</i>	116
<i>5.3.4 Episódio 3 – Memórias da transição: de Amorim Juventude AM à Rádio Massa Rondonópolis</i>	118
<i>5.3.5 Episódio 4 – Memórias e afetos: o rádio como elo de pertencimento</i>	119
5.4 O que perdemos com o AM? Nostalgia, vivência e escuta como construção de vínculos sociais	122
Conclusão	125
Referências bibliográficas	133
ANEXOS	139
Anexo A – Carta de Natal	141
Anexo B – Lista das Emissoras Comerciais de Rádio AM e FM com Concessão no Estado de Mato Grosso	143
APÊNDICES	147

Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	149
Apêndice B – Termo de Autorização de Uso de Imagem, Som e/ou Voz, Dados e Informações Coletadas	155
Apêndice C – Roteiros Preliminares para as Entrevistas Semiestruturadas	159
Apêndice D – Entrevista com Maridalva Amaral Vignardi	167
Apêndice E – Entrevista com Luiz Valdevino dos Santos	177
Apêndice F – Entrevista com Adão Eneas da Silva Jacobina	183
Apêndice G – Entrevista com José Elias Antunes Neto	191
Apêndice H – Entrevista com Roberto Carlos Bassan Antelo	209
Apêndice I – Entrevista com Adilson Domingos dos Reis	217
Apêndice J – Entrevista com Antônio João de Barros Neto	225
Apêndice K – Entrevista com Edivaldo de Sá Teixeira	235
Apêndice L – Entrevista com Luiz Garcia Taborda	245
Apêndice M – Entrevista com Antônio Peres Pacheco	253
Apêndice N – Entrevista com Edson Ramalho dos Santos	265
Apêndice O – Entrevista com Roberto Carlos de Arruda	269
Apêndice P – Entrevista com José Fernando Nunes Silva	273
Apêndice Q – Entrevista com Sebastião Castilho Alves Costa	281
Apêndice R – Entrevista com Samuel Logrado de Souza	287
Apêndice S – Entrevista com Orestes Miraglia Carvalho	291
Apêndice T – Entrevista com Elizeu do Nascimento	301
Apêndice U – Entrevista com Leila Castro	307

Índice de figuras

Figura 1 - Mapa político do Estado de Mato Grosso – Brasil com a divisão por municípios 18

Índice de tabelas

Tabela 1 – Obras de referência agrupadas por categoria, autoria e ano de publicação, título e tema principal	13
Tabela 2 – População e área de Estado de Mato Grosso e dos municípios objeto da pesquisa	19
Tabela 3 – Identificação das emissoras, nome dos ouvintes, tratamento pessoal (como pediu para ser chamado) citação na tese e função na pesquisa	62
Tabela 4 – Cronologia da realização das entrevistas, local e nome do(a) entrevistado(a)	69
Tabela 5 – Identificação dos(as) participantes por nome, gênero, idade e ocupação	71
Tabela 6 – Identificação das emissoras, dos(as) participantes, local, data da entrevista, duração e localização das entrevistas completas na tese	83

Lista de siglas

ABERT – Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão

ABHO – Associação Brasileira de História Oral

ACAERT – Associação Catarinense de Emissoras de Rádio e Televisão

ALCAR ou Rede Alcar – Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia

AM – Amplitude Modulada

ANATEL – Agência Nacional de Telecomunicações

APAE – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CBN – Central Brasileira de Notícias

CEP – Comitê de Ética em Pesquisa

COMPÓS – Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação

CONEP – Comissão Nacional de Ética em Pesquisa

DDD – Discagem Direta a Distância

EdUFMT – Editora da Universidade Federal de Mato Grosso

FGTS – Fundo de Garantia por Tempo de Serviço

FISTEL – Fundo de Fiscalização das Telecomunicações

FM – Frequência Modulada

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ICMS – Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços

ISSQN – Imposto Sobre Serviços de Qualquer Natureza

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação

MCOM – Ministério das Comunicações

MCTIC – Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações

MEC – Ministério da Educação

MHz – Megahertz

MT – Mato Grosso (estado brasileiro, na região Centro-Oeste)

NDIHR – Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional

OC – Ondas Curtas

OM – Ondas Médias

PIB – Produto Interno Bruto

PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua

PR – Paraná (estado brasileiro, na região Sul)

SBPJOR – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo

SEDEC-MT – Secretaria de Desenvolvimento Econômico do Estado de Mato Grosso

SEPLAG-MT – Secretaria de Planejamento e Gestão do Estado de Mato Grosso

SNI – Serviço Nacional de Investigação

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso

UNIC – Universidade de Cuiabá

UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso

UFP – Universidade Fernando Pessoa

USP – Universidade de São Paulo

ZPE – Zona de Processamento de Exportação

Introdução

Pensar en la radio de amplitud modulada (AM), evoca la nostalgia por el pasado. Seguramente, muchos jóvenes no habrán escuchado de ella. Hace más de cien años, cuando la radio hizo su aparición en Latinoamérica, logró lo que muchos otros medios no lo han conseguido, logró trascender del entretenimiento y la información, para convertirse en una compañía permanente, y aún más, en el medio que cambio las vidas de millones de personas, con los programas de alfabetización y más adelante con la posibilidad de organización social. Esto, no habría sido posible, sin contar con otra olvidada, la onda corta, que con equipos de recepción especiales llegaba a los hogares de quienes lograban acceder a uno de ellos. Antes, como ahora, la tecnología avanza y en ese momento aparecen, masivamente, las radios que podían captar la señal de las emisoras en AM y con ellas, la magia de producir y escuchar radio, permanecerán en el tiempo (Cobo, 2023, p. 9).

A epígrafe acima remete à capacidade única do rádio AM de ir além do entretenimento e da informação para se tornar uma presença constante. Esse aspecto ressoa fortemente com as dinâmicas sociais da América Latina no século XX, onde o rádio desempenhou papéis essenciais em contextos de alfabetização, organização social e inclusão cultural. Este meio aflorou como uma ferramenta potente para alcançar comunidades remotas e populações marginalizadas, na medida em que, criou um senso de pertencimento e conectividade em um continente marcado por profundas desigualdades.

Em países onde o analfabetismo era (e em alguns casos ainda é) uma questão estrutural, distingue-se ainda o caráter educativo do rádio, o que reflete a maneira como este meio foi utilizado por governos e organizações sociais como fonte de promoção da cidadania e de desenvolvimento, fato que evidencia o papel deste como agente de transformação social.

Ao interligar regiões distantes e promover a circulação de ideias em um contexto onde a infraestrutura de comunicação era limitada, as ondas curtas permitiram que o rádio

superasse barreiras geográficas. Nesse sentido, a referência aos equipamentos aponta para a questão da acessibilidade, visto que a popularização dos aparelhos de rádio AM foi um marco que democratizou o acesso à informação e ao entretenimento, isso elevou o rádio ao patamar de um meio massivo e revolucionando, tendo em vista a maneira como as pessoas consumiam mídia.

Enquanto muitos jovens de hoje podem nunca ter ouvido falar do rádio AM, ele carrega um legado que continua a moldar as formas contemporâneas de comunicação, ao menos parece ser esta a mensagem evocada pela recordação da nostalgia transmitida pelo rádio AM. Este ponto apresenta uma tensão intrigante entre o passado e o presente. Essa “magia de produzir e ouvir rádio”, mencionada por Cobo (2023), sugere um vínculo emocional e cultural profundo que transcende as inovações tecnológicas e resiste à passagem do tempo.

Essa reflexão convida à análise de como o rádio AM se posiciona na era digital, mesmo ele estando, em certa medida, num movimento de queda diante de tecnologias mais recentes, como o *streaming* e os podcasts. Ainda assim, o rádio AM preserva seu valor simbólico e histórico, o qual deve ser visto e estudado. Até porque, as mídias mais antigas não desaparecem, mas geralmente coexistem e dialogam com os formatos mais recentes.

No contexto da América Latina, o rádio desempenhou um papel central na disseminação de mensagens, na organização de movimentos sociais e na formação de uma esfera pública alternativa ele não foi apenas um veículo de comunicação, como também espaço de articulação cultural e política, especialmente em momentos de instabilidade social e regimes autoritários.

A habilidade de adaptação às demandas sociais e culturais locais torna o rádio AM um objeto de estudo interdisciplinar, pois que ele conecta história, sociologia, comunicação e tecnologia, tal perspectiva é primordial para compreender a singularidade dele na América Latina, diferenciando esse recorte de outros contextos globais. A análise feita por Cobo (2023) convida-nos a pensar sobre o futuro do rádio em um cenário assinalado pela aceleração tecnológica. O que se expressa por meio deste sentimento de nostalgia pelo rádio AM deve ser encarado não apenas como um olhar para o passado, mas como um início de uma reflexão sobre os desafios da preservação da memória cultural e da inclusão comunicativa em um mundo digital.

Tais questões nos desafiam a pensar sobre a perenidade de certos valores e funções da comunicação em um contexto de transformações constantes, em que se pretende preservar o legado do rádio, ao mesmo tempo em que se elocubram as possibilidades do futuro. Desta forma, as investigações acerca do rádio AM não são apenas um processo de reconstrução histórica, mas sobretudo um exercício crítico de como as tecnologias moldam nossas vidas e sociedades.

A capacidade de alcançar distâncias extremas, do rádio AM, permite que as estações levem informações variadas e entretenimento às áreas longínquas e ainda prestem serviços à população regional. Este veículo foi crucial no aprimoramento da comunicação no Brasil durante as décadas de 1930 a 1960, atuando como principal emissor de massa da época. Isso ocorreu após o Decreto nº 21.111 de 1º de março de 1932 ter sido sancionado pelo presidente Getúlio Vargas para permitir o reforço publicitário pelas emissoras; foi dessa forma que o meio começou sua popularização (Brasil, 1932).

De acordo com Ana Baumworcel (2004, p. 26) Vargas pregava que “a riqueza de cada um, a saúde, a cultura, a alegria não são apenas bens pessoais, representam reservas de vitalidade social que devem ser aproveitadas para fortalecer a ação do Estado”, essa perspectiva o transformou em “pai dos artistas” (Baumworcel, 2004, p. 26), pois incentivou investimentos no setor, como os feitos na Rádio Nacional desde a década de 1930 e outros que tornaram os aparelhos de rádio mais acessíveis. Esse modelo proporcionou sustentabilidade econômica ao veículo e consequentemente, programas de entretenimento, como radionovelas e musicais, ganharam destaque, consolidando o rádio como um meio de comunicação de massa e os radialistas como profissionais relevantes social, política e culturalmente.

A regulamentação da profissão de radialista no Brasil aconteceu após algumas décadas, em 1978, quando é sancionada a Lei nº 6.615 (Brasil, 1978). Ela parametriza as funções, os direitos e os deveres dos profissionais da radiodifusão. Essa legislação, regulamentada pelo Decreto nº 84.134, de 30 de outubro de 1979, divide as atividades de radialista em áreas como: locução, produção, técnica e criação artística. A fim de garantindo que o trabalhador atue de forma legalizada e com direitos trabalhistas assegurados, esta lei também estabelece critérios para a admissão de profissionais, como a exigência de registro profissional junto ao Ministério do Trabalho e Emprego (Brasil, 1979).

Apesar das discussões sobre a modernização da regulamentação, que se verifica nos últimos anos, nesta pesquisa entende-se por radialistas os funcionários e ex-funcionários, apresentadores, redatores e técnicos das rádios analisadas, mesmo eles não sendo – em sua maioria – egressos de faculdades de comunicação. Há que se considerar as mudanças tecnológicas e as novas demandas do setor de radiodifusão, até por uma questão metodológica.

O rádio manteve-se atual e presente na vida dos brasileiros, seja na escuta utilizando a recepção por ondas hertzianas, seja na recepção online e ainda realizou o feito de ampliar o alcance e reformular, mais uma vez, o seu papel como veículo protagonista da comunicação no ano de 2024, de acordo pesquisa da Kantar Ibope Media. O rádio é ouvido por 79% dos brasileiros, o que implica dizer que de cada dez brasileiros, oito escutam rádio diariamente nas 13 principais regiões metropolitanas¹ pesquisadas no país. O estudo aponta que 77% dos ouvintes consideram o rádio uma fonte rápida de informação, 58% dos entrevistados confiam no rádio para se manter informados e destes 50% consideram as informações veiculadas no rádio confiáveis. Quanto à mobilidade, 38% dos ouvintes afirmam que a possibilidade de escutar rádio online transformou a forma de consumo do rádio. Quanto à acessibilidade a pesquisa mostra que o rádio não é consumido de forma homogênea e pode ser ouvido por meio de diversas plataformas, destes 78% utilização receptores de AM/FM para a escuta; 16% utilizam pelo YouTube apenas para ouvir, outros 16% assistem seus programas preferidos ao vivo e com imagens pelo YouTube; 12% utilizam os serviços de *streaming* de áudio. Apenas 9% valem-se dos aplicativos das emissoras para acompanhar a programação, outros poucos 7% apropriam-se dos sites das emissoras (Inside Áudio, 2024). Este último dado sugere que há espaço para estratégias mais vigorosas de engajamento digital por parte das emissoras.

Os dados da pesquisa no ano de 2023 apontam que 90% da população analisada ouviu algum formato de áudio (rádio, música, *streaming* ou podcasts); 76% dos ouvintes reconhecem a modernização do rádio em seus conteúdos e formatos, 38% disseram que

¹ A Kantar Ibope realiza anualmente pesquisa para aferir o consumo nas principais áreas metropolitanas no país. Na região Nordeste, nas regiões metropolitanas de Fortaleza, Recife e Salvador; na região Sudeste em São Paulo, Belo Horizonte, Rio de Janeiro e Vitória; na região Sul, em Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre e, na região Centro-Oeste, em Goiânia e o Distrito Federal, ficando de fora os Estados de Mato Grosso do Sul e Mato Grosso, Estado brasileiro onde localizamos nosso objeto de estudo. A pesquisa também não alcança a região Norte do país. Em 2023 a empresa apresentou uma nova versão do estudo Inside Radio, a partir de então, denominou-se Inside Áudio para abranger a convergência do rádio em diversas plataformas e dispositivos.

a opção de ouvir online expandiu sua experiência, um aumento em relação aos 30% de 2022. Enquanto isso, 83% dos entrevistados ressaltam a agilidade na transmissão de notícias e 64% dizem confiar no que ouvem no rádio (Inside Áudio, 2023).

Em 2022 a pesquisa revelou que o rádio é ouvido por 83% dos brasileiros. Destes ouvintes, 63% escutam o rádio em casa, 30% no carro, 12% em outros locais, 9% em deslocamentos e 3% no trabalho. Quanto aos equipamentos usados na escuta, 80% ouvem em rádios comuns, 26% no celular, 4% em outros dispositivos e 3% pelo computador. O grande protagonista da pesquisa foi o ouvinte on-line, um crescimento de 89% em relação a 2019, totalizando 7,4 milhões de ouvintes. Em relação à mobilidade, 70% ouviram rádio pelo celular e 30% pelo computador (Inside Rádio, 2022).

Quando se volta o olhar para os resultados globais da pesquisa, cujo objetivo é avaliar o consumo de rádio no país, nos três últimos anos (Inside Rádio 2022 e Inside Áudio 2023, 2024) verifica-se que o percentual de ouvintes de rádio no Brasil vem caindo. Pois em 2022, 83% da população ouvia rádio; em 2023, este número caiu para 80%; em 2024, decresce novamente chegando a apenas 79%. Mesmo assim, é possível afirmar que a média de tempo gasto pelos ouvintes de rádio ainda é relativamente alta, posto que estes dedicam cerca de 4 horas diárias ao meio. Em números mais precisos, a pesquisa da Kantar Ibope aponta o seguinte: em 2022, foram 3 horas e 58 minutos; em 2023 foram 3 horas 55 minutos e em 2024, 3 horas e 55 minutos à escuta do rádio.

Tais fatores elucidam a capacidade de alcance e persuasão que o meio pode exercer na população, essa resiliência pode ser atribuída à sua acessibilidade, adaptabilidade tecnológica (com a migração para plataformas online) e à confiança que os ouvintes depositam neste meio. É importante reiterar, nesse sentido, que em tempos de disseminação de notícias falsas pela internet, a confiança demonstrada pelos entrevistados nas notícias e informações propagadas pelas mídias sonoras, continua tendo solidez, já que “A credibilidade do rádio também é alta: 64% dos ouvintes confiam nas notícias veiculadas” (Inside Áudio, 2023). Diante da fragmentação midiática e da desconfiança em outras fontes de informação, o rádio preserva seu papel como um veículo confiável e eficaz de comunicação. Essa confiança reflete o posicionamento do rádio como um meio tradicional e, muitas vezes, local, que estabelece vínculos de proximidade com os ouvintes. Esse dado também aponta para o papel do rádio na construção de narrativas confiáveis, em contraste com a volatilidade das redes sociais.

Importante frisar que, nesta tese, entende-se por ouvinte por todos aqueles que escutam as emissoras de rádio, incluindo-se aí os proprietários, ex-funcionários que dão voz aos programas, até o público propriamente dito, que sintoniza as transmissões pelo *dial* ou pelas plataformas digitais.

Para o consultor de mercado, mídia e inteligência de negócios, Fernando Morgado (2025) “o rádio deve seguir como mídia sonora líder em 2025”. Para ele,

O rádio mantém sua posição de destaque como uma das mídias mais influentes do Brasil. E tudo indica que o rádio continuará sendo a principal mídia sonora do país em 2025, consolidando-se como líder em audiência e renovação. Esse futuro será híbrido, combinando o *dial* tradicional, que segue indispensável em um país de dimensões continentais como o Brasil, com o digital, que amplia o alcance e a flexibilidade do meio. Essa combinação permite que o rádio una o melhor dos dois mundos, aproveitando a força de sua presença local e a abrangência global proporcionada pelas plataformas digitais (Morgado, 2025).

Se, por um lado o volume e a diversidade de conteúdo jornalístico, de informação de utilidade pública, de saúde e de produções locais reforçam o impacto do meio no cotidiano social, como apontam Kischinhevsky e Benzecry (2021), por outro, “associadas a novas formas de consumo de conteúdo – sonoro ou não –, as quedas constantes no faturamento obtido junto a anunciantes e na própria participação – *share* – do rádio no bolo publicitário indicam que há dificuldades para além da crise econômica em geral”, como ressalta Ferraretto (2021).

Para esse autor, a falta de embasamento e de contraditório ameaça o Estado democrático de direito e abre lacunas sobre o papel da mídia em geral e do rádio em particular. Posto que, algumas mudanças vivenciadas pela radiodifusão nos últimos tempos, como por exemplo, a conversão do jornalismo em propaganda de ideias autoritárias gera inquietações que não só a ciência da Comunicação precisará dar conta nos próximos anos.

Ainda na visão de Ferraretto (2021) vai caber ao próprio meio – empresários, gestores, trabalhadores e ouvintes – responder a anseios e necessidades, no sentido de um uso que contribua também para a solução dos desafios colocados à frente da sociedade brasileira”.

Diante do exposto até aqui, a presente tese traz como eixo central o processo de migração do rádio AM para o FM no Brasil, o qual trouxe uma série de implicações sociais, principalmente para quem vive no interior do país. Portanto, apresenta-se o

seguinte problema de pesquisa: Quais as implicações sociais da transição AM para o FM, em três regiões do Estado de Mato Grosso e como constituir a memória do rádio AM nestas localidades?

O tema é algo que instiga e com o qual a autora dialoga, desde o início de sua trajetória profissional como docente na Universidade Federal de Mato Grosso, que começou há mais de duas décadas, inclusive tendo produzido uma dissertação de mestrado sobre o rádio na escola.

Partindo do objetivo geral, esta tese deseja compreender as mudanças que a transição do rádio AM para o FM teve no quadro da construção da memória do rádio, por meio da história oral, em três comunidades brasileiras. Assim, elegeram-se os seguintes os objetivos específicos:

- Construir a memória da radiodifusão do AM local, levando em consideração as narrativas dos ouvintes (proprietários, ex-funcionários e público) das emissoras, Difusora, de Cáceres, Regional, de Nortelândia e Amorim Juventude, de Rondonópolis;
- Averiguar como esta transição vem sendo processada pelos ouvintes das emissoras das três comunidades;
- Avaliar as consequências que a transição do AM provocou nas emissoras de rádio pesquisadas.

Diante destes objetivos foram elencadas as seguintes hipóteses:

- A migração repercutiu negativamente sobre as comunidades dificultando o acesso da população à informação e ao entretenimento;
- Os ouvintes guardam uma memória positiva sobre o rádio AM;
- Os ouvintes percebem benefícios da mudança para o FM tanto no que diz respeito à qualidade do sinal, quanto à programação, bem como com relação à interação.

Um ponto importante a ser esclarecido, desde já, é a flexão da palavra “rádio” tanto para o feminino, quanto para o masculino. Como a escolha do gênero (feminino ou masculino) depende do significado específico que se quer dar à palavra, esta distinção reflete diferentes aspectos culturais e linguísticos. No Brasil, quando usamos “rádio” no feminino, estamos nos referindo à estação de rádio ou à emissora de rádio. Essa forma é usada para falar sobre a entidade que produz e transmite programas de rádio. Por exemplo,

em frases como “A rádio transmitiu o jogo de futebol ontem”, “a rádio” refere-se a uma empresa ou organização responsável pela transmissão. Nesse contexto, “rádio” é um substantivo feminino, assim como outras palavras que designam empresas ou instituições, como “a TV Globo” ou “a Joven Pan”. Enquanto isso, “o rádio” no uso masculino, refere-se ao aparelho receptor de rádio, ou seja, o dispositivo usado para captar as ondas de rádio e reproduzir o som. Por exemplo, em “O rádio está quebrado”, o termo “rádio” refere-se ao objeto físico que recebe as transmissões.

Esse uso masculino vem do hábito de designar nomes de instrumentos ou objetos como substantivos masculinos em português, como “o telefone” ou “o computador”. Essa distinção é similar a outras no português, onde uma mesma palavra pode ter diferentes gêneros e significados, dependendo do contexto. O uso de ambos os gêneros para “rádio” é aceito e compreendido pelos falantes, refletindo uma flexibilidade linguística que enriquece o idioma e facilita a comunicação.

Esta tese está dividida em cinco capítulos, sendo que o primeiro – *Estado da arte* – apresenta o Estado de Mato Grosso como cenário de pesquisa e realiza uma contextualização sobre o rádio AM no Brasil e mais detidamente neste estado brasileiro apresentando ainda estudos anteriores que compõe um estado da arte sobre o rádio em Mato Grosso.

O segundo capítulo – intitulado *Transição do rádio AM para o FM: o processo de migração no Brasil*. Busca desvelar o processo, que ainda encontra-se em fase de finalização no território nacional e estadual, traz também alguns pontos de reflexão acerca das vivências práticas das rádios que migraram, bem como expõe alguns dados quantitativos e os passos que as emissoras tiveram que seguir para se adequarem ao novo padrão de funcionamento.

O terceiro capítulo concentra o aporte teórico, juntamente dos aspectos metodológicos adotados para a presente tese, por isso recebeu o título de *Memória e história oral como aporte para a construção de narrativas sobre o rádio AM em Mato Grosso*. Agrupa em suas páginas os conceitos basilares que são utilizados para o alcance dos dados, quais sejam: memória, história oral, narrativa, comunidades de destino, colônias e redes.

O quarto capítulo – *Percurso metodológico da pesquisa* - é dedicado a apresentação do esgarçamento dos conceitos de memória e história oral. No decorrer deste há a exposição das formas de utilização da história oral tanto como instrumental metodológico, quanto

como ferramentas de análise. Os autores centrais evidenciados neste capítulo, Jacques Le Goff, Paul Thompson, Verena Alberti, José Carlos Bom Sebe Meihy irão contribuir com as definições acerca do conceito de memória, pois é uma ferramenta natural e essencial para a sobrevivência humana.

O quinto capítulo – *Construção da história oral do rádio AM em três comunidades brasileiras: as vozes daqueles que ouviam o rádio AM local* – recebeu esse título por se dedicar a demonstração dos dados coletados em campo, por meio das entrevistas baseadas no uso da história oral como método, que, ao fim e ao cabo culminam na construção da narrativa sobre a história, o legado e mesmo a falta resultante do encerramento das transmissões radiofônicas via amplitude modulada local. Enfim, é o capítulo dedicado ao que foi e ao que será destas comunidades nos rincões mato-grossenses.

Por fim, apresenta-se na conclusão desta tese o alcance pretendido e já verificado. É possível concluir que este é um trabalho relevante, na medida em que deixará sua marca nos estudos sobre radiodifusão brasileiros, sobretudo no que tange ao Estado de Mato Grosso.

Preservação da memória na transição do rádio AM para o FM:
um estudo de história oral em três comunidades brasileiras

Capítulo 1 – Estado da arte

Este capítulo apresenta o Estado de Mato Grosso como cenário de pesquisa, ao mesmo tempo em que realiza uma contextualização sobre o rádio AM no Brasil e mais detidamente neste estado brasileiro. Consta ainda aqui uma compilação sobre estudos anteriores, que compõe um estado da arte desta tese.

A partir da compreensão de que o ponto de partida para uma pesquisa acadêmica é levantar o que já foi publicado referente ao objeto proposto em determinado recorte de tempo foi que iniciou-se o trabalho de investigação sobre o tema. O que, em certa medida, parece ser essencial para que se proponha algo inovador ou mesmo complementar. Desta forma, o mapeamento é o ponto de partida para construção do estado da arte do objeto.

A presente tese se fundamenta em um amplo levantamento bibliográfico sobre os temas da história oral, memória, migração do rádio AM para o FM e história do rádio em Mato Grosso. A seleção das obras levou em conta a relevância teórica e metodológica dos textos, bem como sua contribuição empírica para os objetivos da pesquisa. Os materiais consultados foram organizados conforme sua natureza: 1) teses e dissertações; 2) livros; 3) artigos científicos/capítulos; e, 4) relatórios.

Esse processo investigativo iniciou-se em bases de dados reconhecidas, tais como: o Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), as plataformas Publish or Perish, Zotero, Scielo, Google Acadêmico, além do repositório da UFMT, site da EdUFMT (editora da UFMT) e Universidade Fernando Pessoa. Além de associações da área, neste caso em específico da Comunicação e da História, como por exemplo, a Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação)², Rede Alcar (Associação Brasileira de

² Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação fundada no dia 12 de dezembro de 1977 em São Paulo, a Intercom preocupa-se com o compartilhamento de pesquisas e informações de forma interdisciplinar – é uma instituição sem fins lucrativos, destinada ao fomento e à troca de conhecimento entre pesquisadores e profissionais atuantes no mercado. Publica a Revista Brasileira de Ciências da Comunicação (<https://revistas.intercom.org.br/>). Para consulta: <<https://www.portalintercom.org.br/>>.

Pesquisadores de História da Mídia)³, SBPjor (Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo)⁴, Compós (Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação)⁵, ABHO (Associação Brasileira de História Oral)⁶, entre outras. Os filtros adotados para a grande área do conhecimento (Ciências Sociais Aplicadas, Comunicação e História) e as palavras-chave foram: história oral, memória, rádio no Brasil, rádio em Mato Grosso, migração do rádio AM no Brasil e migração AM-FM, que inclusive desdobrou-se em um capítulo completo.

De antemão, reitera-se que houve a adoção do diálogo com pesquisas realizadas não apenas em nível de doutoramento, mas também com as que se encontram no âmbito da graduação ou mestrado e, em grande parte das vezes, constantes em anais de eventos, com destaque para a Intercom, posto que, por exemplo a bibliografia sobre rádio em Mato Grosso – onde se pôde verificar - é alvo de uma pesquisa mais aprofundada somente agora com a presente tese; além disso, essas pesquisas nos diversos níveis acadêmicos trazem frescor e atualidade para as discussões sobre a temática. A seguir, é apresentada uma tabela que elenca as referências norteadoras desta tese, dividida pelas categorias: teses/dissertações; livros; artigos/capítulos; relatórios.

³ A Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia foi criada (31/05/2013) a partir da Rede Alfredo Carvalho - Rede Alcar (2001-2008), em homenagem ao historiador pernambucano Alfredo de Carvalho, pioneiro no estudo sistemático da história da imprensa brasileira, idealizada pelo pesquisador José Marques de Melo, realiza nos anos pares encontros regionais e nos anos ímpares aos encontros nacionais, hoje na décima quarta edição. Publica a Revista Brasileira de História da Mídia (<https://redealcar.org/revista/>) Para conhecer sobre a Rede Alcar acesse: <<https://redealcar.org/>>.

⁴ Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo - criada em 2003 a associação conta hoje com 500 sócios, realiza encontros anuais e implementou desde a sua fundação uma série de projetos para institucionalizar a pesquisa no campo do jornalismo, o principal deles, a revista Brazilian Journalism Research (<https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/issue/archive>) – revista científica em inglês para divulgação internacional de trabalhos de pesquisadores brasileiros. Para conhecer mais: <<https://site.sbpjor.org.br/>>.

⁵ Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, fundada em 16 junho de 1991. Tem por objetivo o fortalecimento e qualificação crescentes da Pós-Graduação em Comunicação no Brasil. Publica a revista E-Compós (<https://www.e-compos.org.br/e-compos/issue/view/72>). Para conhecer mais: <<https://compos.org.br/>>

⁶ Associação Brasileira de História Oral - Criada em 29 de abril de 1994, reúne estudiosos e pesquisadores das áreas de história, ciências sociais, antropologia, educação e demais disciplinas das ciências humanas de todas as regiões do país, seus associados têm em comum o uso da história oral em suas pesquisas. Realiza anualmente encontros nacionais e regionais. Publica semestralmente a revista História Oral (<https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho>). Link para acesso: <www.historiaoral.org.br>.

Tabela 1

Obras de referência agrupadas por categoria, autoria e ano de publicação, título e tema principal

Autoria/Ano	Título da obra	Tema principal
Categoria: Teses/Dissertações		
Antônio Carlos Silva (2004)	<i>Vozes do Oeste: a radiodifusão cuiabana entre a antena e a lei (1939–1949)</i>	Legalização e institucionalização da radiodifusão em MT
Mariângela Sólla López (2000)	<i>Com a cara e a coragem: para ouvir as vozes da comunidade Ribeirinha de São Gonçalo</i>	Recepção, território, rádio e mediações culturais em MT
Vera Lúcia Leite Lopes (2000)	<i>Rádio A Voz d'Oeste: construção e cidadania</i>	História da primeira emissora em Cuiabá
Categoria: Livros		
Elias Neto (2008)	<i>Do rádio ao telejornalismo: a trajetória de um aprendiz</i>	Memória profissional e história do rádio e TV
José Carlos Sebe Bom Meihy (2005)	<i>Manual de história oral</i>	Metodologia da história oral
Ana Baumworcel (org.) (2004)	<i>Vargas, agosto de 54: a história contada pelas ondas do rádio</i>	Rádio e propaganda no Estado Novo
Paul Thompson (1992)	<i>A voz do passado</i>	História oral e narrativa
Lourembergue Alves (1999)	<i>O rádio no tempo da radionovela</i>	Impacto das radionovelas e função rádio em MT
Jacques Le Goff (1990)	<i>História e memória</i>	Memória coletiva e disputas simbólicas
Gisela S. Ortriwano (1985)	<i>Rádio: o veículo, a audiência e a programação</i>	Formação histórica do rádio no Brasil
Nair Prata & Nélia Del Bianco	Diversas obras sobre migração AM-FM	Migração AM-FM e política pública
Luiz Artur Ferraretto	Diversas obras sobre jornalismo e rádio	Crise das AMs e desafios contemporâneos
Verena Alberti	Diversas obras a escuta em história oral	Ética e escuta em história oral
Categoria: Artigos/Capítulos		
Antônio Carlos Silva (2011)	<i>Os nacionalismos nas ondas do rádio</i>	Rádio, propaganda e identidade nacional
Cristóvão Domingos Almeida & Sílvia Calicchio (2011)	<i>Panorama do Rádio em Cuiabá</i>	Inserção do rádio em Cuiabá
Vera Lúcia. Leite Lopes (2003)	<i>O rádio mato-grossense e a contribuição do boateiro</i>	Isolamento informacional e papel social do rádio em MT
Categoria: Relatórios		
Kantar Ibope Media	<i>Inside Rádio / Inside Áudio</i>	Audiência, formatos e tendências do rádio no

Fonte: Elaborado pela autora com dados da pesquisa (2025).

Nota: As informações completas sobre as obras constam nas referências bibliográficas

Tendo em vista que o foco deste capítulo é delinear o estado da arte da pesquisa e posteriormente traçar uma reflexão, ao mesmo tempo em que elabora um arcabouço teórico sobre o rádio AM e quiçá sobre o rádio FM, apresenta-se a seguir algumas breves descrições das obras citadas na tabela anterior, contextualizando como cada uma delas contribui para a construção desta tese. Isso se fará agora, para que no próximo capítulo seja possível abordar mais detidamente o processo de migração do AM para o FM, o qual pode ser visto como a maior política pública do mundo, colocada em prática após a assinatura do Decreto 8.139/2013 (Brasil, 2013).

Neste sentido, Ana Baumworcel (2004) ao analisar o rádio durante o Estado Novo mostra como o governo Vargas instrumentalizou esse meio como ferramenta de integração nacional e propaganda política, o que foi essencial para sua massificação.

Do ponto de vista teórico-metodológico, a tese se ancora em clássicos da história oral e da memória coletiva. Paul Thompson, em *A voz do passado*, defende o valor da narrativa pessoal na reinterpretação da história. Jacques Le Goff, com *História e memória*, apresenta a memória como um campo de disputas simbólicas, essencial à compreensão da cultura. José Carlos Sebe Bom Meihy oferece no *Manual de história oral* diretrizes metodológicas amplamente reconhecidas para trabalhos com narrativas orais. Já Verena Alberti enfatiza a ética e os cuidados na escuta, sistematização e análise dos relatos.

No campo específico da migração do AM para o FM, os estudos de Nair Prata e Nélia Del Bianco são fundamentais. Ambas pesquisadoras atuam diretamente no mapeamento do processo de migração, seus impactos tecnológicos, econômicos e culturais, destacando a desigualdade entre as frequências e a busca das emissoras AM por melhores condições de mercado.

Luiz Artur Ferraretto contribui com uma crítica incisiva sobre o modelo de financiamento do rádio, os desafios estruturais do jornalismo radiofônico e as implicações sociais da precarização técnica das emissoras AM. Já Gisela Swetlana Ortriwano fornece bases para compreender a formação histórica do rádio no Brasil, sua audiência e programação.

Por fim, os relatórios da Kantar Ibope Media, *Inside Rádio* (2022) e *Inside Áudio* (2023, 2024), fornecem dados atualizados sobre consumo, formatos de escuta, mobilidade e confiabilidade do rádio entre os brasileiros. Esses dados são fundamentais para compreender a posição atual do rádio no ecossistema midiático digital e os desafios enfrentados pelas emissoras no processo de convergência tecnológica.

As exposições que se referem às pesquisas realizadas em ou sobre o rádio mato-grossense constam com mais detalhes no tópico 1.2 intitulado *Contexto: estudos anteriores sobre o rádio em Mato Grosso*. Tal organização e sistematização da escrita se deu a partir de uma perspectiva cronológica, porém, por vezes, essa sequência pode sofrer alguns reajustes, devido a fatores como um estudo mais recente que verse sobre fatos mais antigos na história.

Os alicerces para compreensão do processo de migração do rádio AM para o FM são construídos a partir do diálogo com pesquisas anteriores já realizadas por: Gisela Swetlana Ortriwano (contexto e evolução histórica do rádio no Brasil), Luiz Artur Ferraretto (divisão dos períodos marcantes deste meio para a comunicação brasileira), Marcelo Kischinhevsky (impacto do meio no cotidiano social), Ana Baumworcel (Governo Vargas e o desenvolvimento do rádio no Brasil), Nélia Rodrigues Del Bianco e Nair Prata (sobre a migração do AM para o FM mais especificamente).

Em âmbito local pretende-se resgatar a efervescência da chegada do rádio a Mato Grosso, por meio da exposição, por exemplo, dos feitos – até então – inéditos de Deodato Gomes Monteiro, o boateiro, que ouvia as notícias no único rádio da cidade e corria para a janela aos gritos para espalhar as novidades. Visto que isso foi algo que pôs fim ao isolamento dos grandes centros de poder, vivido por muito tempo pela capital mato-grossense.

Para tanto, embasam estas ponderações, as pesquisas de: Luis-Philippe Pereira Leite, a qual contextualiza o processo de fundação da Rádio Sociedade de Cuyaba; Lourembergue Alves que aborda o impacto das radionovelas para a consolidação do rádio como meio popular e destaca seu alcance emocional e sua capacidade de envolver o público em narrativas, muitas vezes adaptadas de obras literárias ou criadas por roteiristas; Vera Lúcia Leite Lopes e Mariângela Sólla López ambas pioneiras das reflexões acadêmicas sobre o rádio em Mato Grosso. Soma-se a isso, a busca por documentos e registros históricos no Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional (NDIHR), da Universidade Federal de Mato Grosso, o qual forneceu alguns dados importantes como o que trata radioamadorismo em Mato Grosso.

1.2 Contexto: estudos anteriores sobre o rádio em Mato Grosso

O português Pedro Aleixo Garcia foi o responsável pelas primeiras expedições às terras ocupadas hoje pelo Estado de Mato Grosso, o ano era 1525, a região era habitada por

várias tribos indígenas, incluindo os Bororós, Xavantes, Parecís e Kayapós, que viviam da caça, pesca e agricultura de subsistência.

A dificuldade encontrada pelos exploradores em desbravar a mata espessa deu nome à região. O povoamento foi impulsionado com a descoberta de ouro. No século XVIII, cidades como Cuiabá e Vila Bela da Santíssima Trindade se desenvolveram rapidamente, com igrejas, casas e comércios sendo construídos para atender às necessidades da população em crescimento. No final do século XIX, Mato Grosso tornou-se um importante centro para a produção de borracha, impulsionando ainda mais o desenvolvimento econômico da região. A produção de borracha atingiu o seu pico durante a Primeira Guerra Mundial, quando a demanda mundial por borracha aumentou significativamente.

No entanto, quando a extração começa a diminuir, no início do século XIX, a economia e a população param de crescer. A economia da região volta a melhorar na década de 1970, com a implantação de estradas de ferro e telégrafos, época em que começam a chegar agricultores e pecuaristas tornando a região em importante centro de produção de soja, algodão e gado.

Ao longo de sua história, Mato Grosso tem sido marcado por conflitos e tensões sociais, incluindo as lutas pelos direitos dos povos indígenas e a pela reforma agrária. A região também tem uma rica cultura, com festivais, danças e comidas típicas que refletem a influência dos povos indígenas, africanos e europeus.

Mato Grosso é um estado de destaque na economia brasileira, possui um dos maiores Produto Interno Bruto (PIB) *per capita* do Brasil, refletindo a alta produtividade de setores como agronegócio e biocombustíveis. Ainda com relação ao PIB, o estado se situa entre os com maior crescimento econômico, embora seu PIB absoluto ainda esteja atrás de outros mais industrializados, como São Paulo e Rio de Janeiro. É líder em produção agropecuária, contribuindo significativamente para o superávit da balança comercial brasileira, este carro-chefe da economia estadual, teve um desempenho oscilante nos últimos anos, pois enquanto apresentou crescimento expressivo em 2023 (22,1% até junho daquele ano), registrou uma queda significativa de 32,8% no primeiro trimestre de 2024, devido a problemas climáticos e redução na produção agrícola. Como demonstra estudo da Secretaria de Planejamento e Gestão Estadual (2024), que revela um crescimento de 7,7% do PIB mato-grossense em 2022 (a economia nacional cresceu

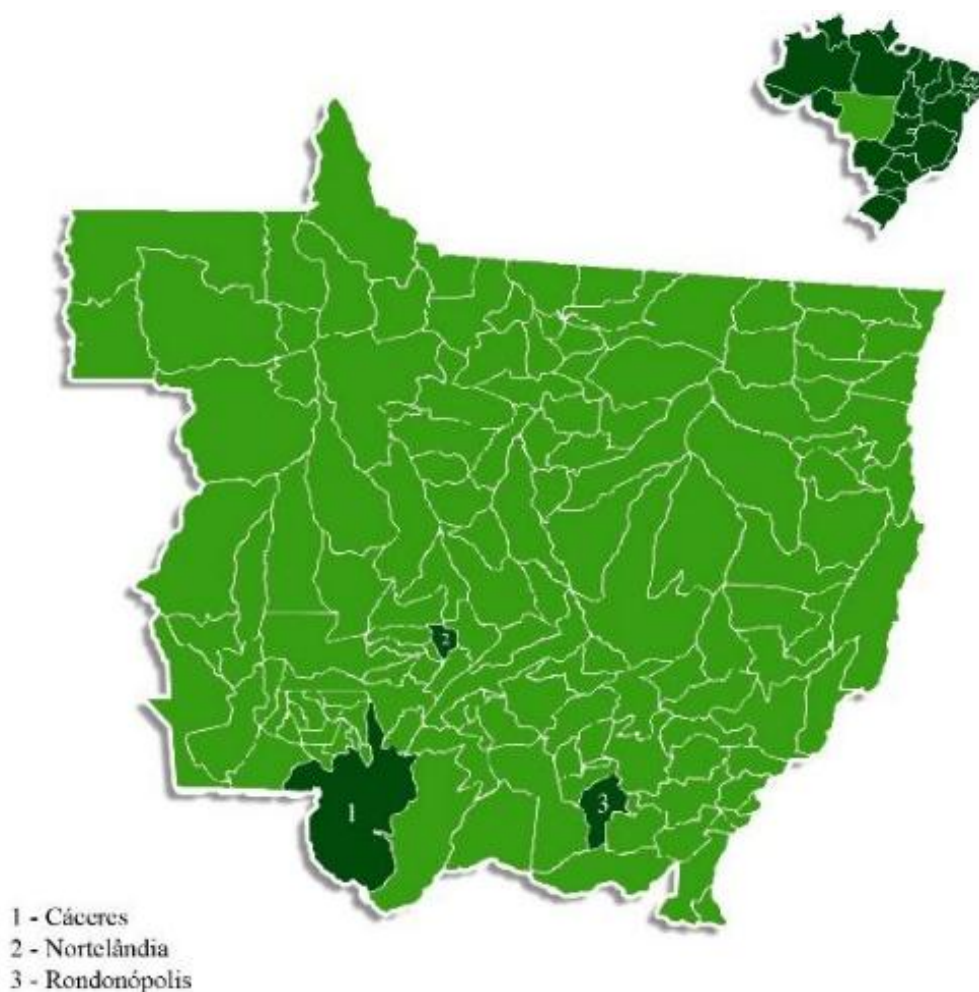
2,9%), enquanto o PIB agropecuário estadual aumentou 13,1%. O mesmo estudo mostra que o setor de serviços cresceu 9,5% e a indústria 5,5% (Seplag-MT, 2024).

Alguns setores secundários, mas também relevantes para a economia do Estado são a mineração e o turismo. Em 2024, a mineração em Mato Grosso destacou-se pela produção de ouro, principal mineral explorado, além de calcário, diamante, estanho e zinco. Em 2023, o valor da produção mineral do Estado superou R\$ 2 bilhões, com tendência de crescimento. Em paralelo a isso, o turismo – lembrando que a região possui parques nacionais, rios e cachoeiras que atraem turistas de todo o mundo – tem se consolidado como um segmento econômico importante, mostrando crescimento consistente nos últimos anos. Em 2023, o setor arrecadou mais de R\$ 133 milhões em impostos (R\$ 91,7 milhões em ICMS e R\$ 41,5 milhões em ISSQN), representando um aumento significativo em relação a 2022. A movimentação econômica atribuída ao turismo foi de aproximadamente R\$ 1,5 bilhão nos municípios que compõem o Mapa do Turismo do Estado, de acordo com matéria assinada pela jornalista Débora Siqueira e publicada no site da Secretaria de Desenvolvimento Econômico do Estado de Mato Grosso (Siqueira, 2024).

Feita a contextualização econômica passa-se agora para a apresentação mais geográfica do Estado. A seguir, na figura 1, apresentamos o mapa do Estado de Mato Grosso, com as divisões por municípios e, em evidência com tom de verde escuro, os que serão alvo desta pesquisa, lembrando: Cáceres, Nortelândia e Rondonópolis.

Figura 1

Mapa político do Estado de Mato Grosso com a divisão por municípios



Fonte: IBGE (2021) e com destaques elaborados pela autora

Geograficamente, Mato Grosso está localizado no centro da América do Sul e faz limite com os Estados do Amazonas, Pará, Tocantins, Goiás, Mato Grosso do Sul, Rondônia e com a Bolívia, país vizinho, e possui 142 municípios. Sua geografia é formada por três biomas: Floresta Amazônica, Cerrado e Pantanal. O Estado é o terceiro maior em extensão territorial do Brasil, atrás apenas do Amazonas e Pará. A área total aparece indicada na Tabela 1, a seguir, assim como a população estimada do Estado, que é de 3.567.234 habitantes (IBGE, 2021).

Tabela 2

População e área de Estado de Mato Grosso e dos municípios objeto da pesquisa

	População Censo 2022	Área em km ²
Mato Grosso	3.658.643	903.208.362
Cáceres	89.681	24.499.922
Nortelândia	5.956	1.336.754
Rondonópolis	244.911	4.824.020

Fonte: IBGE (2021).

O fortalecimento do rádio em Mato Grosso apenas na década de 1980 pode ser entendido à luz de diversos fatores históricos, geográficos, sociais e culturais que influenciaram o Estado ao longo do século XX. O primeiro fator é a vastidão territorial e a densidade populacional historicamente baixa, que durante grande parte do século XX gerou o isolamento de muitas regiões dificultando a chegada de tecnologias de comunicação, incluindo o rádio. As diversas limitações técnicas para execução das transmissões são comentadas por Carmo *et al.* (2017), que em entrevista com o ex-senador e radialista Antero Paes de Barros, afirmam que a aparelhagem utilizada na época dificultava a atividade do jornalista, que precisava carregar uma grande quantidade de equipamentos na hora de coletar informações: “esta aparelhagem era composta por grandes gravadores e suas fitas. O aparelho de gravação carregava grandes ruídos, o que tornava a transmissão, por vezes, difícil de ouvir” (Carmo *et al.*, 2017, p. 4).

Apenas com a melhoria da infraestrutura de transporte e a integração regional, o rádio pôde se expandir para atender a comunidades mais distantes. As políticas de integração nacional sancionadas durante as décadas de 1970 e 1980, pelo governo federal, podem ser consideradas como segundo fator, pois ao promoverem iniciativas para integrar regiões mais isoladas do Brasil, como Mato Grosso, ao restante do país, deram início a projetos de infraestrutura, como a construção de rodovias e a implementação de serviços de comunicação, facilitaram a disseminação de rádios e a criação de emissoras locais. Isso colaborou com a expansão agrícola e a colonização de novas áreas, o que pode ser visto como o terceiro fator, já que esses acontecimentos ocorridos na década de 1980 marcam o período de maior crescimento econômico e urbano em Mato Grosso, quando o aumento das atividades econômicas e a chegada de migrantes de outras regiões do Brasil criou uma demanda maior por meios de comunicação de massa, como o rádio, para

informar e conectar as populações. Ainda nos anos 1980, o rádio se tornou mais acessível, tanto em termos de equipamentos quanto de operação de estações. Isso permitiu que pequenos empreendedores locais e municípios tivessem condições de implementar rádios locais ou regionais. A partir disso, o rádio passa a ocupar um papel central na vida cultural de Mato Grosso, funcionando como um meio de integração social, ao transmitir notícias, entretenimento e conteúdos voltados para o público local, o meio atendeu às necessidades de uma população que, até então, tinha poucas opções de informação e lazer.

Deste modo, e mesmo com tantas adversidades, esse período dos anos 80 ficou conhecido como a *Era de Ouro do Rádio em Mato Grosso* (Carmo *et al.*, 2017). Visto que o meio passou a desempenhar um importante papel para a população cuiabana, que agora pode se informar por meio dos radiojornais dispostos nas programações das emissoras. Esse período foi importante também para o desenvolvimento do radiojornalismo praticado na capital. Com a utilização das redes AM, o rádio chegava a diversos locais, inclusive em regiões mais afastadas do centro, levando assim, informações sobre a localidade e acontecimentos no país. Por suas características de prestação de serviço à comunidade, o rádio também passou pela censura do período ditatorial brasileiro. No entanto, como relata Antero Paes de Barros, os comunicadores geralmente driblavam o regime, ele diz:

Por exemplo, eu era comentarista esportivo. Quando o coronelismo aconteceu, o plantonista Roussel Campos colocou o sinal de plantão no rádio. Ele entrou e deu a informação: ‘Acaba de falecer o general Boperino Couto e Silva’, e voltou para o narrador Ademir Rodrigues que estava ali, e o Ademar continuou dizendo: ‘Atenção aqui desce o Mixto e toca a bola pra lá pra cá, graças a Deus a alegria do povo brasileiro, morreu o monstro! Amanhã vai ser um novo dia o monstro morreu, o monstro acabou e aqui desce o Mixto e toca a bola’. Era uma forma de tentar driblar a ditadura (Carmo *et al.*, 2017, p. 2).

Assim, o rádio foi por longo período o grande responsável pela comunicação do Estado. Sobreviveu a problemas que envolviam a parte técnica das transmissões, receitas enxutas e até mesmo a censura.

Na coletânea organizada pela pesquisadora Nair Prata, intitulada *Panorama do Rádio no Brasil* (2011), Cristóvão Domingos de Almeida e Sílvia Marques Calicchio informam que, ao ingressar em Cuiabá, o rádio contribuiu com a difusão da informação e com o fortalecimento das mudanças de atitudes e costumes da população local. Para uma

população que permaneceu por longo período da história distanciada dos grandes centros de poder, o rádio representou a soberania, por ser o meio de aproximação com os centros de decisão. Pois o veículo trazia para o debate temas atuais, candentes e de relevância nacional, numa linguagem clara, aberta e dinâmica.

De acordo com o pesquisador Aníbal Alencastro (2003), com o advento do rádio em Cuiabá, as ondas sonoras “assanharam os cuiabanos num espírito cultural, fazendo-os ficarem ao pé do rádio o tempo todo”. Ou seja, a comunicação radiofônica rapidamente alcançou autonomia e passou a mediar as próprias dinâmicas sociais da população. Fato percebido na rapidez das transmissões das notícias e na força e na abrangência da informação, características que consolidaram o rádio como importante ferramenta de comunicação. Isso se deve ao seu poder de mobilidade e capilaridade. Com isso, o rádio passou a impor a própria gramática comunicacional através das inúmeras possibilidades que lhe são peculiares.

O rádio, serve como um agente de união local, que, de certa maneira amplia a voz da comunidade. Lembrando que essa agregação começou principalmente a partir dos anos 1970, com o início das ocupações da região amazônica e do Norte do Estado de Mato Grosso. Nesse período, o Estado recebeu migrantes oriundos de todo o país, especialmente das regiões Sul e Sudeste, como pontuam Almeida e Calicchio (2011).

Como uma parte peculiar da história do rádio em Mato Grosso, parece pertinente fazer constar nesta tese, pelo menos, alguns relatos sobre as experiências do Projeto Educom.Rádio Centro-Oeste, visto que a presente autora esteve envolvida em seu desenvolvimento nesta localidade.

Entre 2004 e 2005 o Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo desenvolveu na região Centro-Oeste o projeto Educom.Rádio, em parceria com o Ministério da Educação. Em Mato Grosso, 20 escolas da rede pública estadual foram beneficiadas com o projeto e, além da capacitação, receberam uma emissora de rádio de acesso restrito, a qual só funcionava dentro do espaço escolar, por meio de caixas de som providas de receptores do sinal de rádio e operava na faixa de 240,3, ou seja, fora da faixa do rádio comercial. O objetivo era promover a integração da comunidade escolar, por meio da capacitação de professores e alunos que passavam por oficinas radiofônicas. Pretendia-se com o projeto que o rádio fosse um equipamento de ampliação e democratização do ambiente escolar, aproximando todos os envolvidos, promovendo a

integração da comunicação com a educação por meio do trabalho pedagógico. Como afirmam as autoras Lago e Alves (2005), que concordam que a rádio escolar não é apenas uma ferramenta de comunicação, mas também um espaço de aprendizagem e transformação, capaz de integrar ensino, cidadania e cultura. Portanto, o rádio pode ser visto como um instrumento de inovação pedagógica e de construção de um ambiente escolar mais inclusivo e participativo.

Segundo informa a jornalista Marina Almeida (2006), da Agência USP, no site da revista Gestão Universitária, as rádios escolares pertencentes ao Educom.rádio daquele momento foram distribuídas por todo o Estado, em centros urbanos, escolas de assentamentos, de remanescentes quilombolas e indígenas. O professor Ismar de Oliveira Soares entrevistado por Almeida (2006, s/p.), para essa matéria, afirma que a Escola Estadual Indígena, localizada em São José do Logradouro, do povo Xavante, foi um dos lugares onde o projeto deu mais certo, pois “eles assumiram de forma intensa o projeto, estão gravando uma história de seu povo e as meninas da tribo, por meio do rádio, estão falando publicamente, o que não é costume entre eles”. Isso demonstra como a rádio escolar representa um equipamento de ampliação e democratização do ambiente escolar, na medida em que, possui imenso potencial como uma ferramenta pedagógica e inclusiva, que promove a disseminação de conteúdos educativos, de debates e informações relevantes, amplia o impacto do ensino e conecta diferentes atores da educação.

A rádio escolar também promove a alfabetização midiática, ensina os estudantes a lidarem com tecnologias de comunicação de forma responsável e produtiva. Cria um senso de pertencimento e engajamento, fortalecendo os laços entre a escola e a sociedade.

1.2 Contexto: estudos anteriores sobre o rádio em Mato Grosso

Para a tarefa de constituir, ou melhor, sistematizar as memórias que se combinam para formar a história do rádio em Mato Grosso recorre-se aos documentos e pesquisas. A seguir apresentamos de forma sumarizada os trabalhos encontrados que tratam sobre o rádio em Mato Grosso.

Os primeiros contatos da população mato-grossense com o rádio aconteceram ainda na década de 20, no antigo Sul de Mato Grosso, onde hoje está localizada a cidade de Campo Grande (atual capital do Estado de Mato Grosso do Sul), com a fundação do Rádio Clube, no dia 25 de dezembro de 1924 (Alves, 1999). De acordo com Sidinei Barboza - atual

presidente do Rádio Clube - em entrevista para o site Top Mídia News (Oliveira, 2024), um jovem que morava nos Estados Unidos ganhou um rádio de seu pai e o trouxe para sua casa em Campo Grande, como todos queriam ouvir, mas havia apenas um aparelho “eles colocavam alto-falantes para escutar o rádio”. Tal movimento transformou o lugar em *point*, completa Sidinei. A excitação era tanta que, segundo ele, “o pessoal se arrumava, se ajeitava, as mulheres se vestiam com a melhor roupa”, levando os responsáveis a formalizarem na data anteriormente mencionada a criação do clube, que neste ano completa um século. Isso demonstra que, pouco tempo depois da estreia do rádio no Brasil, o Estado (ainda unificado) já contava com uma emissora.

Ainda com relação ao período de Mato Grosso uno, merece destaque a Rádio A Voz de Corumbá, inaugurada em 13 de junho de 1935, criada pelo engenheiro Carlos Miguel Mônaco, que contava com um transmissor de baixa potência, todavia, logo a emissora passou a funcionar como serviço de alto-falante (Moreira, 2010).

O texto intitulado *O pioneiro do radioamadorismo em Mato Grosso*⁷ é um documento em que Luis-Philippe Pereira Leite apresenta fatos sobre a lembrança da fundação Rádio Sociedade de Cuyaba, que partiu do jovem cuiabano Deodato Gomes Monteiro, amador do ‘sem fio’ e um dos pioneiros do rádio em Cuiabá, já que construiu, com habilidade, diversos aparelhos, os quais prestaram relevantes serviços na década de 1930 ao povo cuiabano. Fato é que ele pôs a população a par dos fatos políticos que antecederam a vitória da revolução. É de inteira justiça, pois, que lhe faça este registro (Leite, 2020).

Lourembergue Alves publica em 1999, o livro *O rádio no tempo da radionovela*, pela editora da Universidade Federal de Mato Grosso, contextualiza os primórdios do processo de implantação e consolidação do rádio como veículo formador de opinião, de prazer e lazer cultural em Cuiabá; destaca, ainda, a influência das radionovelas no cotidiano das pessoas e de como elas eram produzidas - como eram levadas ao ar e qual a receptividade junto ao público.

No ano 2000, a dissertação *Rádio A Voz d’Oeste: construção e cidadania*, produzida por Vera Lúcia Leite Lopes, na Universidade de São Paulo, apresenta o início da radiodifusão em Mato Grosso, o desenvolvimento e a consolidação da primeira emissora

⁷ Publicado originalmente em 31 de julho de 1986, no suplemento oficial do Diário Oficial e reeditado pelo Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional (NDIHR), da Universidade Federal de Mato Grosso, na obra Suplemento Mensal de História, Literatura, Memória e Artes: edição fac-similar (1986-1988), na ocasião do tricentenário da capital mato-grossense, comemorado em 2019, organizado pelos pesquisadores Nleide Souza Dourado, Eliane Maria Oliveira Morgado e Marcio Antônio Alves da Rocha.

até a implantação das emissoras evangélicas, passando pelas inovações técnicas e a chegada da televisão.

Posteriormente, Lopes publica o artigo *O rádio mato-grossense e a contribuição do boateiro*, em 2003, na coletânea *Rádio brasileiro: episódios e personagens*, organizada pelas pesquisadoras Dóris Fagundes Haussen e Magda Cunha e publicada pela editora da Universidade Católica do Rio Grande do Sul e pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. O texto apresenta a relevância do rádio para a minimização do isolamento social e comunicacional vivido por Mato Grosso na década de 1930.

Ainda no 2000, a dissertação de mestrado *Com a cara e a coragem: para ouvir as vozes da comunidade Ribeirinha de São Gonçalo, Mato Grosso* foi defendida pela professora da Universidade Federal de Mato Grosso Mariângela Sólla López, na Universidade de São Paulo. Este trabalho articula dois eixos de ação: o rádio, como objeto de estudo para compreender a cultura de uma sociedade e os estudos de recepção, como perspectiva de análise. A pesquisa aborda a lógica da produção de mensagens radiofônicas e a lógica do consumo dos meios pela audiência para estudar o processo de recepção do programa radiofônico *Com a Cara e a Coragem* na comunidade ribeirinha de São Gonçalo, em Cuiabá, Mato Grosso. Trata-se de um estudo qualitativo de interpretação da audiência, que parte da recepção e toma como mediações a cultura e o território para entender como acontecem os processos de negociação de sentidos e de apropriação de significados pelos ouvintes. Em síntese a obra reflete o contexto do início do século XXI, um período em que as tecnologias de comunicação começavam a se expandir, mas ainda enfrentavam limitações em áreas remotas. A iniciativa de ouvir as vozes dessa comunidade demonstra a importância de integrar inovação tecnológica com sensibilidade cultural e social.

Em 2004, o jornalista Antônio Carlos Silva apresentou, na Universidade Federal de Mato Grosso, a dissertação *Vozes do Oeste: a radiodifusão cuiabana entre a antena e a lei (1939-1949)*. O autor disponibiliza dados históricos que permitem compreender os caminhos percorridos ao longo das décadas de 1930 e 1940, os quais culminaram na legalização da Rádio A Voz d'Oeste, consolidando a radiodifusão em Cuiabá. Este autor também publicou, em 2011, na Revista *Em Tempo de Histórias*, o artigo *Os nacionalismos nas ondas do rádio*, quando menciona as dificuldades técnicas enfrentadas pelas rádios de alcance nacional para chegar no Estado.

Em 2008, o jornalista Elias Neto, consagrado por ser, durante décadas, o âncora do telejornal de maior audiência no Estado de Mato Grosso, publica o livro *Do rádio ao telejornalismo: a trajetória de um aprendiz*. A obra consiste em relatos que narram o desenvolvimento do rádio, tendo como principal característica os planos paralelos entre a trajetória do rádio em Mato Grosso e a do autor, que começou na área ainda menino e pode acompanhar de dentro a história do rádio e da televisão mato-grossenses no fim do século XX e começo do XXI.

A chegada do rádio em Mato Grosso, assim como em todo país, também foi marcada pelo entusiasmo dos seus pioneiros. Se o Rio de Janeiro teve Roquette-Pinto, Mato Grosso contou com a iniciativa de Deodato Gomes Monteiro que, em 1934, adaptou um modulador que lhe permitia receber o sinal de música e voz das principais emissoras do país. Assim, em 18 de fevereiro de 1934, é fundada a Rádio Sociedade de Cuiabá, ainda de forma amadora, como se verá na narrativa exposta adiante (Leite, 2020).

Deodato Gomes Monteiro teve os primeiros contatos com o radioamadorismo enquanto estudante no Colégio Batista, no Rio de Janeiro. Nos dias de folga ele e o amigo, Victor Starwiasck, montavam e desmontavam rádios de galena. Ao regressar para Cuiabá, sua cidade natal, o jovem traz na bagagem componentes eletrônicos para montar o primeiro aparelho de recepção da cidade. Em 1926, Deodato, com seu equipamento montado, inicia a recepção de rádio para saber as notícias da capital federal, o Rio de Janeiro. “A novidade causou grande reviravolta na sociedade cuiabana. Todos queriam ver e ouvir o tal “caixote falante” (Lopes, 2003). Vera Lúcia Leite Lopes (2003) salienta o seguinte:

Deodato ligava o aparelho, sintonizava em uma emissora do Rio de Janeiro e ouvia atentamente as notícias. Após corria até a janela da sala de sua casa que dava diretamente para a calçada da rua e aos gritos anunciava as notícias para os que por ali passavam (Lopes, 2003, p. 251).

Todas as noites, moradores vindos dos bairros se aglomeravam em frente à janela de Deodato para ouvir as notícias e ele se tornou conhecido como o boateiro da cidade. O novo meio de comunicação deu vida à capital, novos ares, novos rumos e costumes.

Por exigência da época, Deodato construiu várias estações receptoras e transmissoras de rádio, destinadas ao 16º Batalhão de Caçadores, a Polícia Militar do Estado e ao Palácio Alencastro, então sede do governo mato-grossense. Na interventoria do bacharel Júlio Strubing Muller, Deodato Monteiro adaptou um modulador que transmitia música e voz,

sendo captado em outros municípios do Estado. Isto deu origem à fundação, em 18 de fevereiro de 1934, da Rádio Sociedade de Cuiabá (Leite, 2020). O sonho durou pouco, logo se viu sem conseguir manter a rádio e a emissora saiu do ar e a população sentiu muito por ficar sem seus recitais e sem informações da capital federal (Lopes, 2003).

Conforme Alves (1999), em 1935 o empresário Jercy Jacob utilizava um transmissor em ondas curtas, que havia sido montado por Deodato Gomes Monteiro para animar festas. Depois desta experiência, Jercy Jacob comprou outro transmissor em São Paulo, o registrou e passou a operá-lo como a Rádio A Voz d'Oeste e a primeira transmissão oficial ocorreu em 15 de setembro de 1939. Lopes conta, no artigo *O rádio mato-grossense e à contribuição do boateiro* (2003), que:

Com a Rádio A Voz d'Oeste, a sociedade mato-grossense viveu a sua melhor época radiofônica, participando dos programas de auditório, das radionovelas com temas regionais, do futebol ao vivo, das folias de momo, dos concursos de miss e de tudo mais que o veículo podia lhes proporcionar (Lopes, 2003, p. 257).

O empresário Roberto Jacques Brunini compra a Rádio A Voz d'Oeste de Jercy Jacob e moderniza a emissora, que chegou a contar com uma orquestra própria, radionovelas, programas de auditório, noticiários nacionais e internacionais. Permanecendo no ar de 1939 a 2020, quando foi vendida para o Grupo Conti de Comunicação, momento no qual migra e passa a ser uma emissora FM, que hoje funciona na frequência 103,7.

Neste meio tempo, no ano de 1955 surge a Rádio Cultura de Cuiabá e, quatro anos depois, entra em funcionamento a Rádio Difusora Bom Jesus de Cuiabá. De acordo com Lourembergue Alves (1999), durante muito tempo o Estado de Mato Grosso contou apenas com essas três emissoras de rádio (excetuando as já existentes na época de Estado uno, em Campo Grande e Corumbá).

Tendo em vista que, entre o reconhecimento oficial da Rádio A Voz d'Oeste, em 1939, até o surgimento da Rádio Cultura, foram 16 anos com apenas uma emissora na capital. Junte-se a isso o fato de que a Rádio Cultura, nos idos de 1955, esteve no ar apenas por seis meses, pois foi fundada com fins eleitorais e, passada a eleição, a emissora fechou. Voltando a funcionar efetivamente em 1960, ano em que o Partido Social Democrata ganha as eleições. Somente em 1966, com a implantação da Rádio Amorim Juventude AM de Rondonópolis e em 1978, com a Rádio Difusora de Cáceres, houve a ampliação significativa da cobertura comunicacional do Estado de Mato Grosso, tido até pouco

tempo antes como um deserto informativo (Benezath & Reis). Hoje existem 119 emissoras de rádio comercial, sendo 117 FM e 2 AM, distribuídas em 66 municípios do Estado de Mato Grosso, como pode ser acompanhado no anexo B.

Entende-se como deserto informativo o fenômeno que pode ocorrer por várias razões e tem implicações significativas, tanto para a sociedade, quanto para a tomada de decisões e para o acesso ao conhecimento. Podem ser identificados em vários contextos, como geograficamente, culturalmente ou em relação a tópicos específicos, caracterizados pela falta de acesso às informações relevantes e atualizadas em uma determinada área de interesse. De acordo com as pesquisadoras Benezath e Reis (2020), o conceito surgiu “nos Estados Unidos, após o fechamento de vários jornais na primeira década dos anos 2000”. Essas autoras reiteram ainda

que as comunidades que não dispõem de veículos institucionalizados de jornalismo, vivem em desertos de notícias e têm a cidadania afetada, por não dispor de informações de qualidade que favoreçam a participação nas decisões coletivas, levando-as a ser submetidas a processos de desinformação e manipulação (Benezath & Reis, 2020, p. 3).

Um exemplo desta situação é apresentado por Lenine C. Póvoas, no prefácio do livro *O Boateiro e sua janela mágica* escrito por João Alberto Novis Gomes Monteiro em 1992. Segundo Póvoas, Deodato Gomes Monteiro teria sido “a primeira pessoa que neste longínquo centro geodésico da América do Sul ouviu, pelas ondas hertzianas, sons vindos de outros pontos do território nacional e que daqui falou com um rádio receptor-emissor, por ele próprio montado, com o Brasil e o mundo” (Monteiro, 1992, p. 12). Talvez por esse motivo ele seja considerado por alguns como o integrador de Mato Grosso por meio da radiodifusão.

Durante décadas, o rádio foi o principal meio de comunicação em Mato Grosso, assumindo papel central na mediação de informações, na formação de opinião e na construção de pertencimentos culturais. Esse protagonismo, no entanto, foi mantido a duras penas, frente a uma série de dificuldades que marcaram sua trajetória. Três fatores, em especial, contribuíram para tornar a permanência do rádio um exercício constante de resistência: as receitas enxutas, a censura e os obstáculos técnicos.

Em relação à fragilidade econômica, o rádio mato-grossense sempre operou com orçamentos limitados, especialmente nas emissoras de amplitude modulada. A

sustentabilidade financeira era condicionada a um mercado publicitário restrito, muitas vezes instável, o que limitava investimentos em infraestrutura e inovação. A precariedade econômica também se agravava diante da competição desigual com emissoras de frequência modulada (FM), que, por apresentarem melhor qualidade sonora e maior alcance, atraíam mais audiência e, conseqüentemente, anunciantes. Como observa Camila Curado (2015, p. 61), “onde há aglomeração de ouvintes, há concentração de anunciantes. [...] A amplitude modulada perde prestígio, financiamento e se enfraquece”.

Ao lado da questão econômica, a censura se impunha como um entrave político e ideológico ao trabalho radiofônico, especialmente durante os períodos de repressão e cerceamento à liberdade de expressão. Em um Estado de fronteira como Mato Grosso, historicamente marcado por tensões políticas locais e nacionais, o rádio foi, por vezes, submetido ao controle dos grupos dominantes e obrigado a adequar suas pautas e linguagens aos interesses hegemônicos, comprometendo sua autonomia editorial e seu potencial crítico. Essa censura se insinua nos silêncios forçados, nas pautas evitadas e nas demissões de profissionais que contrariavam o discurso dominante, práticas recorrentes no cenário da radiodifusão brasileira, com ressonâncias no contexto mato-grossense.

O terceiro problema diz respeito às limitações técnicas enfrentadas pelas emissoras, sobretudo aquelas que operavam em AM. O relato do jornalista Jurandir Antônio, registrado por Carmo *et al.* (2017), ilustra as condições rudimentares de transmissão:

Antes, para esse tipo de transmissão, eram utilizados cabos chamados VHE. No qual existia uma anteninha, cabos de fios que precisavam ser esticados até sair do carro e chegar ao entrevistado. A disputa era pelo tamanho do cabo: qual emissora possuía o maior cabo, o que viabilizava maior alcance e melhores condições de transmissão (Carmo *et al.*, 2017, p. 5).

Essas dificuldades técnicas não se limitavam à improvisação dos equipamentos móveis. Como detalham Del Bianco e Prata (2021), o funcionamento das emissoras AM era oneroso, exigindo torres cada vez mais altas para superar as interferências provocadas pela verticalização das cidades, o que implicava maiores gastos com manutenção, consumo de energia elétrica e uso do solo urbano. Esse conjunto de desafios, operacionais, econômicos e urbanísticos, empurrava as emissoras para uma posição de desvantagem frente à expansão das FMs, desencadeando o “desinteresse no espectro de

amplitude modulada”, que culminou no movimento de migração do espectro AM para o FM, como apontado por Curado (2015, p. 57).

A migração, nesse sentido, representava não apenas uma adaptação tecnológica, mas uma tentativa de sobrevivência diante do desinteresse crescente pelo AM, associado à precarização técnica, ao encolhimento da audiência, impactada pelo uso massivo de celulares, smartphones e tablets, e ao consequente enfraquecimento financeiro das emissoras. Como resume Curado (2015), esses fatores acabaram sendo decisivos para que muitos radiodifusores buscassem alternativas para manter suas atividades, pressionando por mudanças estruturais no setor.

Por seu alcance, se tornou o meio de comunicação, por excelência, das localidades, sendo muitas vezes, a única fonte de informação de diversas regiões. Diante dessas características, compreende-se a sua notoriedade diante de décadas de evolução, até a conquista de novas categorizações nos dias atuais.

1.3 Para além do estado da arte: o rádio como instrumento da cultura

De maneira genérica e em um âmbito social, o rádio surge como uma forma de colocar as pessoas em contato com o mundo, pelo menos aos que possuíam um aparelho receptor, o que era para poucos no início dos anos 1920.

Nas palavras de Gisela Ortriwano (1985, p. 14) “o rádio nascia como meio de elite, não de massa, e se dirigia a quem tivesse poder aquisitivo para mandar buscar no exterior os aparelhos receptores, então muito caros”. No Brasil, as primeiras emissoras surgiram daqueles que detinham os aparelhos e se dedicavam à escuta e à transmissão, nascendo assim, os clubes e as sociedades para divulgar o rádio e conquistar novos sócios (Federico, 1982), que dividiam as despesas e transmitiam o que queriam.

A Rádio Clube de Pernambuco foi a primeira emissora brasileira a entrar em funcionamento, fundada em 6 de abril de 1919, informação referendada pela Carta de Natal (Alcar, 2019) publicada pelos pesquisadores do grupo de trabalho História da Mídia Sonora da Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia (Rede Alcar). Este documento (disponível no anexo A) desfaz um equívoco que perdurou por praticamente cem anos, que colocava a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro como a primeira a funcionar no Brasil.

Esta última, criada por Edgar Roquette-Pinto e Henrique Morize, foi inaugurada em 7 de setembro de 1922, na sede da Academia Brasileira de Ciências. Mas somente em 20 de abril de 1923 a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro começou a funcionar, conforme seus fundadores, o objetivo da emissora era lutar pela cultura e educação do povo brasileiro. Daí até 1930, quinze emissoras foram criadas no Rio de Janeiro, São Paulo e em outras capitais, inclusive em Mato Grosso.

Sobre isso, João Alberto Novis Gomes Monteiro (1992, p. 69) relata o seguinte “Em 1934, Deodato constroeu um conjunto de transmissor e receptor para o Palácio do Governo. Esta aparelhagem deu origem em 13 de fevereiro de 1934, à ‘Rádio Sociedade de Cuyabá’”. O autor comenta ainda que esta foi, em Mato Grosso, a primeira estação radiofônica a transmitir músicas e notícias, operava numa faixa de onda de 32 metros, sendo ouvida por todos os raros aparelhos existentes na cidade à época, bem como por outros municípios mato-grossenses (Monteiro, 1992).

Segundo Renato Ortiz (1994), o advento do rádio no imaginário da elite, assim como a consolidação do cinema e a urbanização do Rio de Janeiro (capital do país à época) estava associado a valores como progresso e civilização. Valores estes também expressos no trecho retirado do Jornal *O Constitucional* de 25 de fevereiro de 1934, por Monteiro (1992, p. 70) em que lê-se “Com o aparelho de transmissão telegraphica, improvisara o senhor Deodato Monteiro a estação irradiadora, revelando aptidão incommum, e desvendando a possibilidade de possuímos em Cuyabá mais um melhoramento apreciável e útil, índice do nosso progresso e civilização” (grifo nosso).

Ortiz (1994, p. 32) coloca ainda, que isso “reflete não somente uma dependência aos valores europeus, mas revela o esforço de esculpir um retrato do Brasil condizente com o imaginário civilizado”. O pensamento confirma a necessidade de demonstrar a grandeza à nação através da realização da Exposição Internacional do Rio de Janeiro comemorativa dos cem anos de independência de Portugal, em 1922 e abrem as portas para as indústrias eletroeletrônicas estadunidenses, que com o fim da Primeira Guerra (1914-1918) estavam à procura de novos mercados.

O rádio AM foi crucial para a integração nacional, levando informação e cultura a regiões remotas. Como já mencionado anteriormente, foi durante o governo de Getúlio Vargas que o rádio se tornou um instrumento de propaganda política, contribuindo para a formação da identidade nacional. Nesse sentido, a discussão apresentada por Conceição,

Siqueira e Gushiken (2019), a partir da peça teatral *As fias de mamãe*, pode ser considerada um grande contributo à esta tese, na medida em que, demonstra como a mediação social promulgada pelo rádio AM no interior do Brasil constitui o imaginário da população. Pois, de acordo com os autores

A personagem Benedita, em seu letramento básico, ao expor nas ondas do rádio AM a variação do português falado em Cuiabá e região, reconstitui o indivíduo que compõe os grupos urbanos marginalizados (Beltrão, 1980, p. 55), caracterizados pelo baixo poder aquisitivo, mas em busca de ascensão social nas oportunidades supostamente oferecidas pelo estilo de vida que se leva na cidade (Conceição, Siqueira e Gushiken, 2019, p. 81).

Ainda dialogando com esse artigo, compreende-se que a protagonista da peça faz uso do rádio AM (por meio de carta enviada ao locutor), tanto para avisar sua irmã, moradora da zona rural, sobre o estado de saúde de sua mãe, quanto para pedir que fosse tocada uma música romântica. Evidenciando, segundo os autores, “o imaginário midiático que produz o cotidiano dos que migram das zonas rurais para habitar as periferias de Cuiabá, capital ainda de características agropecuárias, então em processo de metropolização somente a partir da virada do século XX ao XXI” (Conceição, Siqueira e Gushiken, 2019). Este texto é interessante, ainda, porque destaca alguns referentes da midiatização no banal cotidiano das personagens e demonstra como as transmissões radiofônicas por amplitude modulada faziam-se presentes na imaginação comunicacional da população cuiabana, na década retratada na comédia, ou seja, nos anos 1980, uma vez que a peça é de 1998. Além disso, os autores mencionam em uma nota de rodapé (p. 81) o Decreto 8.139/2013 (Brasil, 2013), entretanto compreendendo este como responsável pela extinção do serviço de radiodifusão local por onda média. Fato é que, para Conceição, Siqueira e Gushiken (2019) o rádio AM é um “elemento cotidiano da paisagem urbana ou, ao menos, para as camadas mais populares às quais dirige sua mensagem. A cidade, assim, conecta-se ao mundo, em alguma medida, pelas músicas e notícias que circulam em escala regional, nacional e mundial”.

De acordo com Prata e Del Bianco (2021, p. 63) “No cenário pré-migração, o rádio AM ficava majoritariamente concentrado na potência de até 10k e em regiões com até 150 mil habitantes”. Esse tipo de emissora se localizava em cidades de baixa densidade demográfica, além disso, segundo dados da Abert (Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão), apresentados pelas referidas autoras, mais da metade destas rádios

tinham potência de apenas 1KW (baixíssimo alcance) e faturamentos inexpressivos, permanecendo de maneira geral abaixo dos R\$50 mil reais, renda esta geralmente advinda dos mercados locais (Prata & Del Bianco, 2021, p. 63). Há algumas considerações a serem feitas a partir destas informações, a primeira é pensar que o rádio AM atingia localidades longínquas e falava com a população interiorana. A segunda é que elas movimentavam as cenas locais, os pequenos comércios e prestadores de serviços das regiões. Por último, mas não menos importante, é pensar que talvez a população destes locais já não se sinta mais representada pela nova modalidade radiofônica, pós migração. Esse é um assunto que refletimos no capítulo 5, onde tratamos da construção da história oral do rádio AM em Cáceres, Nortelândia e Rondonópolis.

Retomando a conversa com Conceição, Siqueira e Gushiken (2019), a partir das considerações tecidas por Prata e Del Bianco (2021) acima, percebe-se que esses dados fazem sentido quando confrontados com a realidade onde “A rádio AM, apesar da característica de mídia pensada para as grandes massas anônimas, ganha ares, nestes casos, de mídia comunitária, através da qual se enviam recados particulares, o que é possível numa ambiência local onde o indivíduo ainda não se transformou apenas em número das audiências em grande escala (Conceição, Siqueira e Gushiken, 2019).

Na virada da década de 1970 até a segunda metade dos anos 1980, ocorre a redemocratização do país, momento em que “a população urbana ultrapassa a rural; no mesmo período, o jovem constitui-se uma categoria social passível de ser trabalhada como consumidora” (Ferraretto, 2012, p. 17). Desta forma, os programas ganham tom coloquial, o comunicador é a figura central – como se viu no texto de Conceição, Siqueira e Gushiken (2019) –, surge o rádio popular, com exploração do assistencialismo e do noticiário policial.

Nessa época também surgem os conglomerados na área de comunicação e iniciam-se as formações de redes de transmissão via satélite. Sobre isso Ferraretto (2012) explica que, durante o processo de redemocratização brasileiro, o movimento das rádios comunitárias, regulamentado pela Lei 9.612, de 20 de fevereiro de 1998 (Brasil, 1998), é um dos que cresce, no entanto, à margem das outorgas, deixando o debate a respeito das caracterizações e dos limites de cada uma das modalidades de rádio (pública, estatal, privada, comunitária, educativa).

Mas antes mesmo disso acontecer o rádio FM também se expandia, enquanto o AM pagava um “preço de morte”, como coloca Luís Roberto Antonik (2021, p. 17) à época diretor geral da Abert, que explica o seguinte a respeito “As baixas frequências do AM são suscetíveis à interferência de cabos de alta tensão, fornos de micro-ondas, controles remotos e telefonia sem fio. Por isso, o rádio AM, precursor do serviço, está condenado à morte”. Sobre essas interferências, que Del Bianco e Prata (2021) chamam de ruídos, devem-se segundo elas ao crescimento urbano. As autoras lembram ainda que, os dispositivos móveis, como os *smartphones* enfrentam dificuldades técnicas/operacionais para sintonizar o que somou para a diminuição da competitividade no *dial*.

Preservação da memória na transição do rádio AM para o FM:
um estudo de história oral em três comunidades brasileiras

Capítulo 2 – Transição do Rádio AM para o FM: o processo de migração no Brasil

No momento em que o rádio brasileiro completava seu primeiro centenário, alguns pesquisadores se dedicaram a escrever sobre o processo de migração do AM para o FM, deste meio que por muito tempo figurou como a mídia mais popular do país, com maior abrangência geográfica e de público.

A respeito disso, Karina Woehl de Farias e Valci Regina Mousquer Zuculoto (2021) dizem que este processo representa “mais uma reinvenção entre tantas que tem conferido ao meio um sentido de permanência inigualável entre as demais mídias”, ou seja, a migração é, na visão das autoras, uma importante e decisiva mudança, que contribuirá para definir os próximos passos e a sobrevivência da radiodifusão brasileira.

Um informe da Associação Catarinense de Emissoras de Rádio e Televisão - Acaert explica com clareza este processo, de acordo com informações constantes no site da Associação,

O serviço de rádios AMs continuará existindo no Brasil. As estações que não solicitaram a migração para o FM poderão continuar no ar em AM. O que será extinto é a categoria de AM local, ou seja, as estações de baixa potência. Das locais que operam em AM e não desejam ir para o FM, deverão migrar para outras categorias de operação na faixa AM (regional e nacional). Das 1781 emissoras locais que atuam na faixa AM, 1300 pediram a migração para a FM. Quem perdeu o prazo de solicitar a migração (ocorrido em 2014) não terá oportunidade de fazer isso novamente. Vai continuar operando no espectro AM (se for de característica local, vai ser obrigada a pedir aumento para as classes regional e/ou nacional. O AM não tem previsão para ser extinto no Brasil (Acaert, 2016).

O processo de migração é uma iniciativa do governo federal, iniciada em 2013, quando o Ministério das Comunicações, assinou o Decreto nº 8.139/2013 (Brasil, 2013), que autorizou a migração das emissoras de rádio AM (local) para a faixa FM. A mudança não era obrigatória, mas opcional para as emissoras interessadas. As rádios que desejassem migrar precisariam formalizar o pedido junto ao Ministério das Comunicações (MCom) e arcar com os custos do processo. Entre os principais objetivos estão: - melhorar a qualidade do som, - reduzir interferências, e, - garantir a competitividade das emissoras em um cenário de crescente digitalização e convergência tecnológica.

Após a manifestação de interesse por parte das emissoras, o governo realizou estudos técnicos para verificar a disponibilidade de frequências na faixa FM em cada região do país. Em muitos casos, as frequências na faixa tradicional de FM (88 MHz a 108 MHz) estavam saturadas, especialmente nas grandes cidades, levando à necessidade de expandir a faixa de FM para incluir a faixa estendida (76 MHz a 88 MHz).

A troca de *dial* é vista como uma tentativa de revitalizar o meio rádio, tornando-o mais atraente para as novas gerações, que consomem mídia de forma diferente, e menos dependentes dos modos tradicionais de transmissão (Farias & Zuculoto, 2021).

O discurso corrente é de que a transição tenha sido motivada por questões como a melhoria da qualidade do som, a redução de interferências e o alcance de novos públicos, já que as emissoras de rádio AM enfrentam dificuldades devido à qualidade inferior do sinal, que sofre mais com interferências eletromagnéticas de aparelhos eletrônicos e fenômenos atmosféricos. Além disso, o público – hoje prioritariamente urbano – tem mostrado uma preferência crescente pelas emissoras FM, que oferecem melhor qualidade de áudio. Com isso, muitas rádios AM passaram a enfrentar uma diminuição em sua audiência e, conseqüentemente, em suas receitas publicitárias.

Com a deterioração da qualidade de áudio, os ouvintes enfrentam dificuldades para sintonizar emissoras em AM, seja em receptores de mesa ou de automóveis. Soma-se a isso, as dificuldades técnicas/operacionais de recepção em dispositivos móveis como os smartphones. A estagnação do rádio AM provocou a queda de audiência e, conseqüentemente, reduziu a competitividade no *dial* (Prata & Del Bianco, 2021, p. 25).

Na prática, as emissoras tiveram que pagar uma diferença de outorga para migração, calculada com base em critérios como o potencial econômico da região, o alcance da rádio

e o tipo de serviço prestado. Bem como, após o pagamento da outorga e a alocação da nova frequência, precisaram adequar seus equipamentos e instalações para operar na faixa FM. Isso envolveu a compra de novos transmissores, antenas e outros equipamentos. Para somente após a conclusão das adequações, obter a autorização final do governo para iniciar suas transmissões na nova frequência modulada.

Em 2013, ainda no início do processo, o site do Ministério das Comunicações (Brasil, 2013), informava que para mudar de AM para o FM, as emissoras deveriam fazer um requerimento ao MCom, contendo as informações do formulário (disponibilizado no site). Em seguida, a Agência Nacional de Telecomunicações realizava estudo de viabilidade e o MCom verificava a habilitação jurídica. Cumpridos todos os requisitos, as emissoras recebiam notificação e deveriam realizar pagamento para adaptação da outorga. Em seguida enviar projeto técnico e aguardar autorização para então colocar a emissora em funcionamento.

Atualmente, ainda existem emissoras aptas, que podem optar pelo uso tanto do FM convencional (87,5-107,9 MHz) quanto da faixa intermediária (76,1-87,3 MHz). O Ministério das Comunicações publicou em janeiro de 2024 o balanço da migração de emissoras de rádio AM que operam em Ondas Médias (OM) para a faixa de FM desde o início da migração até 31 de dezembro de 2023. Ao todo, 1185 emissoras de rádio AM completaram o processo de migração para a faixa FM, enquanto 28 pedidos estão em análise e 46 em fase de aprovação (MCom, 2024). No entanto, emissoras regionais e nacionais podem migrar de forma voluntária desde que possuam estrutura técnica e legal adequada (MCom, 2024). Além disso, as alternativas de pagamento mais acessíveis estão em análise legislativa (Haje, 2025).

Enfim, a migração do rádio AM foi a solução encontrada pelo governo do Brasil para reverter o declínio das operações em AM local. Dito isto, este capítulo apresentará desde explanações relativas aos atributos técnicos da migração, à discussões sobre aspectos legais, políticos, sociais e culturais. Para tanto, constitui-se como uma das bases centrais de sustentação teórica, a obra *Migração do rádio AM para o FM: avaliação de impacto e desafios frente à convergência tecnológica* organizada pelas pesquisadoras Nair Prata e Nélia Del Bianco, e publicada em 2021. Seleccionada aqui, por ser uma referência importante para pesquisadores, profissionais de comunicação e formuladores de políticas públicas, até porque a investigação contou com a participação de quase uma centena de pesquisadores, que buscavam entender o fenômeno da migração do rádio AM para o FM

no Brasil. Bem como, porque oferece uma análise abrangente sobre as mudanças do rádio no país e as repercussões da migração em um contexto de convergência digital. O objetivo principal do livro foi entender o processo de migração observando os seguintes aspectos:

Como as emissoras fizeram o planejamento para a transição e quanto investiram; como pretendem conquistar a sustentabilidade na nova frequência em termos de faturamento e audiência; como irão reconfigurar a programação; como planejam contratar mais profissionais; quais as estratégias a serem utilizadas no relacionamento com a audiência; e se, haverá reposicionamento da marca de rádio (Prata & Del Bianco, 2021, p. 21).

As organizadoras da obra e colaboradores discutem como a transição busca garantir a competitividade das rádios em um ambiente de crescente digitalização e integração multiplataforma. O livro analisa as motivações por trás da mudança, incluindo a melhoria da qualidade de som e a redução de interferências, além da necessidade de se adaptar às novas dinâmicas de consumo de mídia por parte do ouvinte.

Reflete ainda sobre os desafios financeiros e de infraestrutura enfrentados pelas emissoras, especialmente as de pequeno e médio porte, que muitas vezes têm dificuldade para arcar com os custos da migração e da adaptação a novas tecnologias. Ademais, o livro destaca a importância do rádio enquanto meio de comunicação democrático e acessível, apontando que a transição para o FM, embora necessária, deve ser realizada com políticas públicas que garantam a inclusão de todas as emissoras no novo cenário tecnológico (Prata & Del Bianco, 2021).

Quanto à apresentação dos resultados, as organizadoras o fazem em três capítulos. No primeiro, é traçada uma linha do tempo do processo de construção da política pública da migração do AM para o FM. A análise dos resultados da investigação em âmbito nacional está no segundo capítulo. E, por fim, no terceiro capítulo, os pesquisadores interpretam os dados de cada Estado à luz da história da formação do mercado de radiodifusão regional. A avaliação de impacto dessa política pública engloba aspectos como o processo de mudança a partir da ótica das emissoras; a construção da sustentabilidade na frequência FM; a reconfiguração de conteúdo e da programação na conquista da audiência; renovação de *cast* de profissionais; estabelecimento de estratégias de relacionamento com a audiência sintonizadas com as mídia digitais e o reposicionamento da marca da rádio.

Vale lembrar que, antes de definir pela migração para o FM, o governo federal discutiu a implantação do modelo de rádio digital, todavia, os estudos esbarraram em impasses técnicos e políticos, como enumera a professora e pesquisadora de mídias sonoras Nélia Del Bianco (2013). Para ela, a falta de critérios para o acesso dos canais privados à rede digital é o primeiro ponto de divergência, enquanto o segundo é a falta de percepção por parte do público da vantagem da mudança, uma vez que não havia oferta diferenciada da FM e como terceiro fator de impasse, a autora indica os altos valores dos receptores. Ela sintetiza concluindo que, “sem a aposta em novos conteúdos, não há bases para a mudança efetiva” (Del Bianco, 2013).

Depois de quase uma década de discussões e testes, o governo federal, sem possibilidades muito significativas de prosseguir com a mudança para o digital promulga o decreto que autoriza as emissoras de rádio AM locais a migrarem para o FM. Segundo Camila Curado (2015):

O Decreto 8.139 assinado pela presidente Dilma Rousseff em 7 de novembro de 2013, mais do que autorizar a adaptação das outorgas de radiodifusão sonora em ondas médias para a execução em frequência modulada, põe fim dos serviços de rádio AM de caráter local (Curado, 2015, p. 74).

Curado (2015) comenta ainda que tal fato seria movido, dentre outras coisas, pelo interesse na concessão desse espectro às operadoras de telecomunicações de serviços do sistema 4G. E, ainda que este decreto se apresente como de caráter opcional, já que “não obriga as empresas de radiodifusão sonora a migrarem”, tal normativa “esconde um caráter impositivo, porque se a rádio operante em OM local que optar por não mudar, deixará de existir” (Curado, 2015, p. 74). A autora finaliza explicando o seguinte: “as emissoras com essas características que optarem por não migrar, nem se reenquadrar (deixar a característica de OM local para se transformar em regional), assinam na prática seu termo de desligamento” (Curado, 2015, p. 74).

Apesar de os benefícios da migração, como a melhoria da qualidade sonora e o aumento da competitividade, serem amplamente reconhecidos, o processo também apresenta desafios significativos. Um dos principais pontos abordados é o custo elevado da migração, que tem sido um obstáculo especialmente para as pequenas emissoras, muitas vezes enfrentando dificuldades para se manterem operacionais (Farias, Zuculoto & Clasen, 2019).

No que tange às consequências culturais, a migração pode impactar a identidade das emissoras, especialmente aquelas com forte vínculo comunitário e regional. A principal mudança é no faturamento, ocasionado principalmente pelo melhor alcance e na qualidade do sinal.

A migração para o FM faz parte de uma mudança mais ampla, envolta por uma alteração na recepção sonora. Desta forma, estas conjecturas iniciais são o começo de questionamentos sobre tendências e potencialidades de um radiojornalismo praticado há muitos anos nas emissoras AMs e agora será produzido no FM (Farias, Zuculoto & Clasen, 2019, p. 25).

Este processo, ao mesmo tempo em que melhora a qualidade técnica das transmissões, também exige uma adaptação das programações e dos formatos tradicionais, o que pode em alguns casos representar uma perda de autenticidade e de conexão com o público local.

O processo de migração do rádio AM em Santa Catarina, analisado por Farias e Zuculoto (2021), serve de parâmetro para a presente tese, pois traz à tona questões que vão além da mera transição tecnológica. Ao refletir sobre os impactos sociais e culturais, vê-se um alerta para a necessidade de um olhar mais atento às realidades locais, especialmente em um cenário onde a sustentabilidade das pequenas emissoras está em jogo. O estudo evidencia a importância de políticas inclusivas que assegurem a diversidade e a pluralidade no *dial*, mesmo diante das transformações tecnológicas. Reforçando a ideia de que a migração para o FM, embora positiva em alguns aspectos, deve ser conduzida com cautela para evitar a marginalização de emissoras de pequeno porte e a padronização do conteúdo radiofônico.

Outro ponto que deve ser levado em consideração é a preservação do caráter acessível e democrático do rádio, como apontam Farias e Zuculoto (2021), pois as pequenas emissoras locais e comunitárias, muitas vezes não possuem os recursos financeiros necessários para realizar a migração, adquirir novos equipamentos e adaptar suas programações ao novo ambiente e isso pode se configurar como algo bastante desafiador para a continuidade, da mesma forma que pode, em alguns casos, promover uma certa padronização do conteúdo radiofônico, visto que o formato FM tradicionalmente está associado a uma programação mais musical e menos voltada para debates, noticiários e programas comunitários que são comuns no AM. Essa mudança de foco, ainda que não intencional, pode reduzir a diversidade de vozes e opiniões no *dial*, afetando

especialmente as rádios que servem comunidades menores ou mais afastadas dos grandes centros urbanos (Farias & Zuculoto, 2021), como é o caso da grande maioria das rádios mato-grossenses.

Outro entrave no processo de migração, que deve ser observado é a questão da inclusão digital, tanto a de acesso direto, quanto a de letramento digital, visto que, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD) de 2022-2023, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2024),

Cerca de 72,5 milhões de domicílios tinham acesso à Internet (92,5%) no Brasil. Nas áreas urbanas, o percentual passou de 93,5% para 94,1% e nas áreas rurais, de 78,1% para 81,0%. Os dados são da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNAD Contínua sobre o módulo de Tecnologia da Informação e Comunicação – TIC realizada em 2023 pelo IBGE. A pesquisa identificou que 5,9 milhões de domicílios do país não utilizavam a internet, sendo os principais motivos nenhum morador sabia usar a internet (33,2%), serviço de acesso à internet caro (30%) e falta de necessidade em acessar a internet (23,4%) (IBGE, 2024).

Somam-se a esses dados a necessidade de implementação de políticas públicas mais robustas para garantir que todas as emissoras, independentemente de seu tamanho ou capacidade financeira, possam realizar a migração de forma justa e sustentável. Embora a migração para o FM ofereça vantagens claras, a transição deve ser feita de maneira a assegurar que o rádio continue a ser um meio acessível e plural, evitando a concentração de mercado e a exclusão de emissoras menores.

Segundo Farias e Zuculoto (2021), a radiofonia do Estado de Santa Catarina iniciou a migração de *dial* em 2016, contando com 99 estações em AM. Até julho de 2021, 66 rádios já haviam trocado para o FM. As estratégias metodológicas incluem investigação quali-quantitativa, exploratória, histórica, com análises documental e de programação radiofônica, entre outras. Os principais resultados encontrados evidenciam adaptações das emissoras na plástica/estética, aumento dos espaços musicais e de prestação de serviço, maior potencial para prática do jornalismo, sobretudo o local, bem como adesão a redes, além de busca de ampliação da audiência, em especial do segmento jovem.

No momento da publicação do decreto (Brasil, 2013) que trata da migração das rádios AM para o FM ocorrido no ano de 2013, o Brasil possuía 1781 emissoras operando em

AM. Em 2023, de acordo com matéria veiculada pelo site *Loucos por rádio*, o ritmo do movimento de migração sofreu forte aceleração

com um aumento significativo no número de estações originadas na faixa AM que passaram a operar em FM. Isso se deve às definições sobre a ocupação do espectro em áreas populosas que concentram muitas emissoras e ao uso do e-FM (FM estendido) para acomodar as migrantes. Segundo levantamento realizado pelo *tudoradio.com*, que mapeia as migrantes AM-FM já em operação, São Paulo é o estado com o maior número de estações originadas na faixa AM que já estão no ar em FM, seguido pelo Paraná (Starck, 2023).

Uma perspectiva interessante, que direciona o olhar para o campo sócio-cultural, é a trazida por Sérgio Luiz Gadini, Felipe Adam e Nadine Bianca Sansana, no artigo *A contribuição da história oral na investigação e memória do rádio em Ponta Grossa-PR* publicado na Revista Brasileira de História da Mídia em 2021, por meio dos oito depoimentos de profissionais e colaboradores que atuaram na radiodifusão regional ao longo do período entre 1960 e 2018. O trabalho infere que as relações familiares influenciam na escolha da futura profissão, bem como constata-se um apelo ao saudosismo em relação ao passado. Pelos relatos também se identifica o/a ouvinte como uma referência e desafio para horizontalizar a linguagem do rádio como função social e, ainda, opinião sobre a migração do AM para o FM.

Assim, como a pesquisa aqui proposta, a que foi realizada por Gadini, Adam e Sansana (2021), configurou um espaço para que os participantes avaliassem a migração das rádios AM para o FM. E, de modo geral, todos os entrevistados pelos pesquisadores concordaram com a mudança. Por variadas razões e motivos. Fato é que o rádio é um veículo presente na vida cotidiana e, fundamentalmente, na história recente da mídia, por certo, em todo o Brasil, como indicam diversos relatos e estudos na área. Assim, registrar experiências de profissionais que atuaram em suporte técnico comunicacional (no caso, a radiodifusão, durante décadas passadas) é uma forma de registrar a história regional da mídia. Neste mesmo artigo, os autores acabam por compreender, por meio das reminiscências, expressas nas falas de entrevistados, tal como a do radialista Mario Kreinski, que diz o seguinte a respeito do processo de transição:

O rádio perde bastante com essa migração do AM para o FM. Hoje se você fizer uma análise do rádio [...] a rádio AM já deixou de existir [...]. Mas a graça ainda está no bom e velho rádio (Gadini, Adam & Sansana, 2021, p. 161).

Percebe-se, desta forma, a forte relação de intimidade dos ouvintes com o veículo rádio – algo que é almejado também por esta tese de doutoramento –, diferente dos leitores com os jornais e dos telespectadores com as emissoras televisivas.

Continuando a discussão, o artigo *Rádio e memória do cotidiano*, de Nélia Del Bianco, publicado em 2018, na Revista Brasileira de História da Mídia, investiga o papel do rádio como guardião da memória coletiva e do cotidiano das comunidades, explorando como este meio de comunicação registra e preserva acontecimentos, histórias e práticas sociais que refletem a vida cotidiana de seus ouvintes. A autora destaca a importância do rádio na construção da memória social, ressaltando sua capacidade única de se conectar emocionalmente com o público, capturando e transmitindo histórias que, de outra forma, poderiam se perder com o tempo.

Essa transição tecnológica vivida pelo processo de migração do rádio traz desafios significativos para a preservação das características que fazem do rádio um meio tão próximo do cotidiano das pessoas. A migração para o FM, que visa melhorar a qualidade do som e aumentar a competitividade das emissoras, pode inadvertidamente afetar o papel tradicional do rádio AM como arquivista da vida cotidiana, especialmente em comunidades locais e periféricas, como as que se encontram no interior do Estado de Mato Grosso.

O rádio AM, historicamente, é conhecido por sua programação diversificada, que inclui programas de debates, informações locais, serviços de utilidade pública, transmissões religiosas e, principalmente, pela sua capacidade de representar fielmente a realidade cotidiana de seus ouvintes. Ao migrar para o FM, existe o risco de que essas características sejam diluídas em uma programação mais musical e comercial, tradicionalmente associada ao FM, o que pode impactar a preservação das memórias coletivas e do cotidiano local.

Nesse sentido, Nélia Del Bianco (2018) ressalta a necessidade de um olhar cuidadoso durante o processo de migração do AM para o FM, para que o rádio não perca sua função essencial de preservar e transmitir as memórias do cotidiano. Pois, o rádio participa da vida cotidiana e colabora para a construção de sentidos na interação entre ouvintes e

comunicadores. Ao fazer uso da análise de conteúdo de comentários dos ouvintes de quatro emissoras populares brasileiras registrados em fanpages no Facebook, Del Bianco (2018) expõe comentários que revelam histórias de vida tecidas nas relações de afeto, amizade entre ouvintes e o espaço radiofônico, algo semelhante ao desejado para esta tese. A autora constata que a reiteração dessa prática comunicacional é parte da construção de laços sociais, sentimento de pertencimento e de coesão garantida pelos quadros sociais da memória coletiva. É um vínculo que se estabelece a partir da tradição da cultura oral que tem sido capaz de suscitar efeitos, mesmo em tempos de internet móvel e de interação nas redes sociais (Del Bianco, 2018).

A migração pode ser uma oportunidade para renovar o meio e garantir sua sustentabilidade no futuro, mas deve ser realizada com políticas públicas e estratégias de programação que assegurem a continuidade do rádio como um espaço de memória social e cultural, especialmente em um cenário de convergência tecnológica. A reflexão de Del Bianco sobre a importância do rádio na preservação da memória cotidiana sugere que, no contexto da migração do AM para o FM, é crucial preservar o caráter plural e democrático do meio, garantindo que ele continue a ser uma voz ativa e relevante para as comunidades que representa.

A transição continua sendo monitorada e ajustada conforme a demanda e as necessidades do setor de radiodifusão no Brasil. A migração para o FM é vista como um passo importante para a modernização da radiodifusão no país, ajudando a garantir a sustentabilidade das emissoras e a continuidade do serviço de rádio, que ainda é um meio de comunicação popular e acessível, como ficou nítido durante a pandemia de Covid-19, entre 2020 e 2022, quando muitos estudantes se mantinham a par dos estudos via transmissão de rádio, ou ainda, mais recentemente quando nas enchentes que devastaram o Estado brasileiro do Rio Grande do Sul foi realizada uma campanha para doação de rádios à pilha para que a população local pudesse se manter informada sobre as condições climáticas e outras situações.

Capítulo 3 – Memória e História Oral como Aporte para a Construção de Narrativas sobre o Rádio AM em Mato Grosso

O terceiro capítulo desta tese é dedicado à apresentação do aporte teórico, construído a partir dos conceitos de memória e história oral. No decorrer deste há a exposição das formas de utilização da história oral tanto como instrumental metodológico, quanto como ferramentas de análise. Importante frisar, assim como coloca Ana Baumworcel (2004, p. 20) que “a história do rádio no Brasil vai sendo reconstruída a partir de fragmentos sonoros de época e de lembranças imprecisas de radialistas e ouvintes. São relíquias que poderão contribuir para a reconstrução da trajetória do veículo no país”. Traçar o contexto da história do rádio AM no Brasil, é tarefa desafiadora e, ao mesmo tempo, fascinante, considerando a natureza efêmera e imaterial do meio radiofônico.

As “lembranças imprecisas de radialistas e ouvintes” (Baumworcel, 2004, p.26) apontam para um aspecto essencial: a oralidade e a subjetividade da memória. Embora essas lembranças possam ser vistas como imprecisas, elas oferecem verdades escondidas, sobre como o rádio foi vivenciado, interpretado e ressignificado ao longo do tempo. A subjetividade da memória, não deve ser encarada como um obstáculo, mas como uma camada adicional de complexidade e riqueza para a compreensão histórica.

A fala de Baumworcel (2004) sublinha ainda os desafios da reconstrução histórica, que lida com lacunas, perdas e interpretações. No caso do rádio AM, mais especificamente, muitos materiais originais se perderam devido à falta de preservação, ao uso de tecnologias obsoletas ou à própria desvalorização do meio em determinados momentos históricos, tal como o momento da migração. Assim, é necessário articular metodologias que combinem fontes documentais, tecnológicas e memoriais para preencher essas lacunas.

Portanto, os conceitos de memória e história oral são importantes para esta pesquisa, na medida em que auxiliam na construção do embasamento para compreender o impacto que a transição do rádio AM para o FM teve no quadro da construção da memória do rádio

uma vez que, principalmente a história oral pode abrir espaço de circulação para as vozes daqueles que fizeram ou ainda fazem parte do meio, como proprietários, ex-funcionários, mas sobretudo do público do rádio AM, com recorte para os municípios mato-grossenses de Cáceres, Nortelândia e Rondonópolis.

Os autores centrais evidenciados neste capítulo, Jacques Le Goff, Paul Thompson, José Carlos Sebe Bom Meihy contribuem com as definições acerca do conceito de memória, pois é uma ferramenta natural e essencial para a sobrevivência humana, além de serem peças fundamentais para reconstruir a relevância exercida pelo rádio AM no Brasil. Essa reconstrução histórica não é apenas uma tarefa acadêmica, mas também uma contribuição para a memória coletiva do país, ajudando a compreender como o rádio AM influenciou e foi influenciado pelas transformações sociais, culturais e políticas ao longo do tempo.

3.1 A importância da memória e a transmissão de conhecimento e experiências

O outro estímulo da história grega é a política ligada às estruturas sociais. Finley nota que não há história na Grécia antes do século V a.C. Nem anais comparáveis aos dos reis da Assíria, nem interesse por parte dos poetas e filósofos, nem arquivos. É a época dos mitos, fora do tempo, transmitidos oralmente. No século V a memória nasce do interesse das famílias nobres (e reais) e de padres de templos como os de Delfos, Eleusis ou Delos (Le Goff, 1990, p. 62).

Neste capítulo apresentamos os conceitos de memória e história oral, para que possamos transitar entre eles de maneira analítica e posteriormente utilizá-los como instrumental metodológico. Entendido como uma das principais ferramentas utilizadas para coletar, analisar e interpretar dados e informações. Ou seja, o instrumental metodológico consiste em um conjunto de técnicas e procedimentos aplicados para conduzir uma pesquisa, estabelecer hipóteses, testar teorias e apresentar resultados. Enquanto isso, a memória e a história oral são duas formas importantes de preservação e transmissão de conhecimento, vivências e experiências. A memória é a capacidade do indivíduo ou grupo de lembrar e relembrar eventos e informações, a história oral é o registro dessas memórias através de narrativas orais.

Conforme Le Goff (1990) cita na epígrafe, a memória teria surgido no século V a.C. a partir do interesse das famílias nobres (e reais) e de padres de templos como os de Delfos, Eleusis ou Delos, tem se mostrado ferramenta essencial para a sobrevivência e adaptação

dos seres humanos ao longo da história. Desde tempos remotos, as sociedades utilizam a memória para difundir conhecimentos e experiências de geração em geração. É por meio da memória que aprendemos a evitar perigos e repetir acertos, aprimorando as práticas e construindo novas formas de organização social.

No entanto, a memória é falha e pode sofrer alterações com o tempo, exatamente por isso, a história oral se torna importante. Pois esta última funciona como um meio de registrar e preservar as memórias em sua forma mais autêntica, antes que se percam no tempo ou sejam distorcidas por outras influências. Portanto, a história oral é um método que busca registrar as narrativas orais de indivíduos que vivenciaram determinado evento ou período histórico. Essas narrativas podem ser coletadas através de entrevistas registrando-se a fala das pessoas e suas lembranças sobre um determinado assunto. As informações são organizadas e analisadas pelos pesquisadores, gerando registros históricos que podem contribuir para o enriquecimento do conhecimento sobre uma determinada época ou sociedade. De acordo com Marta e Mendes (2021, s/p), “a história oral não deve ser confundida com outras formas de captação do pensamento humano”. Visto que, como afirmam os autores:

Seu processo consiste em provocar, no entrevistado, o esforço da recordação, onde a memória é externada através da linguagem, capturada pelas ferramentas tecnológicas e convertida à linguagem escrita, tornando-a documento histórico representativo de uma abordagem do passado feita no tempo presente. Cada uma das três categorias de história oral é capaz de evocar diferentes aspectos e contextos da memória. Dessa forma, constitui-se, a história oral, importante instrumento de combate ao esquecimento ou de justificação de determinados esquecimentos, revelando-se grande contribuição ao estudo de cenas musicais de rock independente (Marta & Mendes, 2021, s/p).

O apontamento acima apresenta uma reflexão rica e pertinente sobre o papel da história oral como metodologia para acessar, registrar e interpretar memórias individuais ou coletivas, enfatizando sua relevância como ferramenta de produção de conhecimento histórico. O trecho destaca a natureza dialógica e mediada do processo, em que a memória é evocada pela linguagem e convertida em documento histórico através de ferramentas tecnológicas e da escrita. Esse processo, portanto, não apenas recupera fragmentos do passado, mas também os insere no contexto do presente, revelando a temporalidade inerente à prática histórica.

Ao mencionar as três categorias de história oral, os autores reconhecem a multiplicidade de perspectivas que podem emergir, enfatizando como diferentes aspectos e contextos da memória podem ser trazidos à tona. Isso demonstra a capacidade da história oral de captar as nuances do passado de maneira plural e contextualizada, o que é especialmente valioso em estudos culturais, como no caso das cenas musicais de rock independente citado.

Além disso, ressalta-se nessa reflexão a função política e social da história oral, seja como um instrumento de combate ao esquecimento, recuperando narrativas marginalizadas ou esquecidas, seja como um meio de justificar certos silêncios. Essa dualidade aponta para o caráter ativo e interpretativo da memória, que não é apenas uma reprodução neutra do passado, mas um campo em constante negociação e disputa.

No caso das cenas musicais de rock independente, bem como da relevância do rádio AM, a história oral se revela especialmente potente ao capturar os significados, emoções e vivências subjetivas que muitas vezes escapam aos registros oficiais. Esses elementos conferem uma dimensão humana e cultural que contribui para o entendimento mais profundo dos contextos sociais, artísticos e históricos que moldam essas cenas. Assim, a história oral se firma como uma metodologia interdisciplinar capaz de enriquecer significativamente os estudos históricos e culturais.

3.2 A história oral e a preservação das narrativas

A história oral tem se mostrado uma ferramenta importante para a construção de uma história mais completa e diversa (Le Goff, 1990). Por muito tempo, a história foi escrita a partir de uma perspectiva eurocêntrica e masculina, deixando de lado as vozes e experiências de outras culturas e grupos sociais, tais como os que aqui estudados. Por meio da história oral, é possível resgatar memórias, como as forjadas a partir da relação entre ouvintes e as rádios AM, por exemplo, possibilitando desta forma ampliar o entendimento sobre os diferentes aspectos da história.

Assim, memória e a história oral são duas ferramentas que contribuem para a preservação e transmissão de conhecimento e experiências. Enquanto a memória é uma ferramenta natural e essencial para a sobrevivência humana, a história oral é um método que busca registrar e preservar as narrativas orais, tornando-se uma ferramenta importante para a construção de uma história mais completa e diversa. Le Goff (1990, p. 49) se pronuncia da seguinte maneira sobre tais questões: “Tal como o passado não é a história, mas o seu

objeto, também a memória não é a história, mas um dos seus objetos e simultaneamente um nível elementar de elaboração histórica”.

Dentre os principais defensores do uso da história oral como uma ferramenta valiosa para a pesquisa histórica está o pesquisador Paul Thompson. Em sua perspectiva, a história oral é uma forma de documentação que pode ajudar a preencher as lacunas deixadas pela história escrita convencional. De acordo com ele, a história oral pode fornecer uma perspectiva única sobre o passado, que é muitas vezes ignorada pela história escrita. Ao permitir que as pessoas compartilhem suas próprias experiências e pontos de vista, a história oral pode revelar informações importantes sobre como as pessoas viveram, trabalharam, pensaram e sentiram em diferentes períodos da história (Thompson, 1992).

Além disso, Thompson enfatiza que a história oral pode ajudar a democratizar a história, permitindo que vozes anteriormente ignoradas e marginalizadas sejam ouvidas. Ele acredita que a história não deve ser limitada apenas à perspectiva dos elites ou daqueles que têm o poder de escrever a história, mas deve ser inclusiva e incorporar as vozes e perspectivas de todos os grupos da sociedade.

No entanto, Thompson (1992) também reconhece que a história oral tem suas limitações e desafios. Por exemplo, a memória das pessoas pode ser falha ou seletiva, o que pode levar a imprecisões ou distorções na narrativa. Além disso, o processo de coleta de histórias orais pode ser influenciado pela subjetividade do pesquisador ou pelo contexto social e político em que as histórias são coletadas.

Apesar dessas limitações, Thompson argumenta que a história oral continua sendo uma ferramenta importante para a pesquisa histórica, especialmente quando usada em conjunto com outras fontes, como documentos e arquivos. Ao usar a história oral de forma crítica e cuidadosa, é possível obter uma compreensão mais completa e diversificada do passado, posto que “a história oral é tão antiga como a própria história. Ela foi a primeira modalidade de história” (Thompson, 1992, p. 45).

É possível inferir que o grande desafio proposto pela história oral é superar o modo tradicional de se fazer pesquisa. Como uma metodologia que questiona a utilização de registros através de depoimentos para confirmar hipóteses predefinidas pelo pesquisador, sua prática sugere o que Caldas (1999) chamou de “ação criativa”. É por isso que a história oral é considerada uma proposta metodológica potente: nela habita a possibilidade de romper com a (re)produção de respostas que visam universalizar e

generalizar, ampliando espaços na academia aos saberes produzidos em sua singularidade, saberes que se produzem nas infinitas experiências. Desta forma, a história oral vai construindo narrativas, não produzidas pelo próprio pesquisador e por suas concepções de mundo, mas sim pelas experiências de quem vivencia de diversas maneiras o mundo.

É importante salientar que tudo o que envolve e acontece no momento narrativo, ou seja, no decorrer do processo de coleta de dados, para a construção da história oral – o local; quem é o pesquisador e como ele se comporta; os sons; os objetos presentes; as interrupções; como o sujeito se sente naquele momento; e uma infinidade de coisas possíveis – implica no ato de contar. Já que, os eventos narrados se dão à luz do vivido no presente e a reconstrução do passado torna a narrativa flexível. Desta forma, alguns fatos podem ser evidenciados, enquanto outros diminuídos ou até esquecidos.

As narrativas detêm a possibilidade de evocar, manifestar identidades e diferenças, bem como, confrontar relações de poder. Por isso, a posição do oralista - aquele que está se esforçando para a construção da história oral sobre determinada questão - é fundamental para a experiência narrativa do colaborador. Uma vez que, a história oral deve ser uma prática libertadora para aquele que narra, sem se tornar uma prática confessional, o que poderia desvirtuar o objetivo da prática.

Diante do exposto, o uso da história oral como ferramenta tanto metodológica, quanto analítica parece se justificar. E, apesar de, Meihy e Holanda (2007, p. 72) apresentarem um contraponto em relação a isso, ao trazerem a explicação de que seu uso como metodologia pode, na opinião de algumas pessoas, se tornar uma camisa de força capaz de limitar as surpresas, que decorrem do uso de “documentos vivos”. A adoção deste viés metodológico ainda parece pertinente, na medida em que, o mesmo já enfrentou diversos ataques ao longo de seu percurso e continuou demonstrando desenvoltura.

De acordo com Marta e Mendes (2021) a história oral esteve “envolta em uma espessa nuvem de controvérsias”, devido aos “insistentes apegos ao positivismo histórico”, por isso ela “fora classificada por muitos como história vinda de baixo, história dos silenciados, dos que passaram por traumas e dos esquecidos/ignorados pela história oficial (ou macro-história)”. Vista assim, justamente por que “documenta relatos que não necessariamente guardam fidelidade à história factual verificável” (Marta & Mendes, 2021, s/p), sendo por isso alvejada pelos historiadores mais tradicionais. Ou, por vezes,

relegada a simples procedimento de coleta de dados. No entanto, ainda assim a história oral deu seus primeiros passos para se constituir uma metodologia investida de potência fora e dentro do Brasil, mesmo em um universo onde o código escrito goza de status oficial, como ressaltam Meihy e Holanda (2007).

Algumas dessas ponderações sobre a história oral são justamente os elos que conectam esta pesquisa à perspectiva da história oral, visto que os sujeitos a serem abordados não fazem parte do círculo dos relatos oficiais, primeiramente por se tratar de extintas rádios da modalidade AM, já estigmatizadas em relação às emissoras FMs; segundo, porque serão ouvidos para além dos proprietários, os ex-funcionários e o público ouvintes, quase nunca consultados sobre decisões como a da extinção da rádio AM.

É importante frisar ainda que, segundo Marta e Mendes (2021) a história oral não deve ser confundida com outras formas de captação do pensamento humano. Uma vez que, seu processo consiste em “provocar, no entrevistado, o esforço da recordação, onde a memória é externada através da linguagem, capturada pelas ferramentas tecnológicas e convertida à linguagem escrita”. É desta maneira que ocorre o processo, que transforma meras passagens da memória em documentos históricos representativos, para que assim sejam construídas abordagens do passado no tempo presente. Portanto, seguem os autores “constitui-se, a história oral, importante instrumento de combate ao esquecimento ou de justificação de determinados esquecimentos”.

Para forjar o instrumental metodológico foi realizada a união entre história oral e entrevistas semiestruturadas. Estas últimas foram realizadas com uma proprietária, um proprietário, um diretor, nove ex-funcionários e seis representantes do público ouvinte das emissoras que transmitiam em AM. Com estas entrevistas, pensadas à luz da história oral, construímos narrativas que possibilitaram compreender as mais diversas e profundas consequências vividas por essas comunidades. Para definir, de forma mais específica, o método de pesquisa denominado história oral, busca-se apoio em Meihy (2005), que estabelece cinco conceitos, a saber:

- Conceito número 1: História oral é uma prática de apreensão de narrativas feita através do uso de meios eletrônicos e destinada a recolher testemunhos, promover análises de processo sociais do presente e facilitar o conhecimento do meio imediato;

- Conceito número 2: A formulação de documentos através de registros eletrônicos é um dos objetivos da história oral. Tais documentos, contudo, podem também ser analisados a fim de favorecer estudos de identidade e memória cultural;
- Conceito número 3: História oral é um conjunto de procedimentos que se iniciam com a elaboração de um projeto e que continuam com a definição de um grupo de pessoas (ou colônia) a serem entrevistadas. O projeto prevê: planejamento da condução das gravações; transcrição; conferência da fita com o texto; autorização para o uso; arquivamento e, sempre que possível, publicação dos resultados, que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas;
- Conceito número 4: História oral é uma alternativa para estudar a sociedade por meio de uma documentação feita com o uso de depoimentos gravados em aparelhos eletrônicos e transformados em textos escritos;
- Conceito número 5: História oral é um processo sistêmico de uso de depoimentos gravados, vestidos do oral para o escrito, com o fim de promover o registro e o uso de entrevistas (Meihy, 2005, pp. 17-18).

Assim, história oral é um procedimento específico e programado, produzido por meio de entrevistas estabelecidas em projetos concebidos com objetivos determinados, como afirma Meihy (2005), e por este motivo se diferencia da oralidade e de outras diversas fontes orais. Neste sentido, o autor chama a atenção para o fato de que tudo aquilo que integra a oralidade, como os gestos, as lágrimas, as expressões corporais, que não pode ser captado pelos meios eletrônicos, possui a possibilidade de se constituir integrante das entrevistas da história oral. Outro fator de relevância é que ela só pode ser produzida com pessoas vivas, visto que expressa o momento presente, mas permanece como construção de um legado histórico.

Thompson (1992) aponta que a história oral possibilita ao historiador e as vertentes historiográficas, uma mudança de ponto de vista, posto que esta proporciona a abertura de novas frentes de estudo, tais como: o lazer e a cultura das classes subalternas, o cotidiano do criminoso de pequeno porte, ou seja, o batedor de carteira, o ladrão de varal, o pé-de-chinelo, etc, desconhecidos pela sociedade oficial pelo simples fato de não serem reconhecidos pela história também oficial. Enfim, Thompson (1992) conclui que a história oral é construída em torno de pessoas e lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Porque

admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimula professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ajuda os menos privilegiados, e especialmente os idosos, a conquistar dignidade e autoconfiança. Propicia o contato – e, pois, a compreensão – entre classes sociais e entre gerações. E para cada um dos historiadores e outros que partilhem das mesmas intenções, ela pode dar um sentimento de pertencer a determinado lugar e a determinada época. Em suma, contribui para formar seres humanos mais completos. Paralelamente, a história oral propõe um desafio aos mitos consagrados da história, ao juízo autoritário inerente à tradição. E oferece os meios para uma transformação radical do sentido social da história (Thompson, 1992, p. 44).

Dando prosseguimento, Freitas (2002) explica que a história oral tem outros procedimentos e possibilidades e tem como principal finalidade criar fontes históricas, para tanto, essa documentação deve ser armazenada, conversada e sua abordagem deve seguir os objetivos da pesquisa. Este autor aponta ainda que a história oral, pode ser dividida em três gêneros: tradição oral, história de vida e história temática. Já Meihy e Ribeiro (2011) apontam quatro gêneros: história oral de vida, tradição oral, história oral temática e história oral testemunhal.

Na tese que ora se apresenta trabalhamos com a história oral temática, uma vez que, a comunidade de destino, ou seja, o grupo com características afins (Meihy, 2005) – foi questionada sobre um tema em específico, que é a transição do rádio AM para o FM. Neste sentido, o próximo capítulo esmiuçarás as ferramentas a serem utilizadas para a composição das narrativas sobre a temática.

Preservação da memória na transição do rádio AM para o FM:
um estudo de história oral em três comunidades brasileiras

Capítulo 4 – Percurso Metodológico da Pesquisa

Neste quarto capítulo, busca-se explicitar, de forma detalhada, o caminho percorrido até a constituição do corpus empírico, bem como as decisões metodológicas que orientaram as etapas da investigação. A pesquisa fundamenta-se na história oral, entendida aqui como abordagem teórica, técnica e política, que possibilita o acesso a vozes frequentemente silenciadas nos processos tradicionais de produção do conhecimento histórico e comunicacional. A presente metodologia, busca evidenciar os sentidos atribuídos à escuta radiofônica por sujeitos que vivenciaram intensamente o rádio AM em Mato Grosso, no contexto da migração do rádio AM para o FM, o qual envolve não apenas a tecnologia, como também os padrões culturais.

Os procedimentos metodológicos se vinculam aos objetivos do estudo, ao mesmo tempo em que articulam teoria e dados empíricos, no intuito de obter respostas ao problema de pesquisa, que, por sua vez, gira em torno da compreensão das dinâmicas sociais, simbólicas e comunicacionais pertinentes ao processo de migração do rádio AM para o FM. Para tanto, partiu-se do pressuposto de que o rádio, enquanto meio técnico, mas também enquanto mediador cultural e afetivo, carrega consigo significados que só podem ser acessadas pela escuta sensível daqueles que o vivenciaram em sua dimensão cotidiana.

Nesse sentido, torna-se fundamental mencionar o importante papel desempenhado pelo livro *Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias*, de José Carlos Sebe Bom Meihy e Suzana Salgado Ribeiro (2011), na compreensão e aplicação dos fundamentos da história oral no campo da pesquisa em comunicação. A obra oferece um percurso cuidadoso pelas etapas que compõem o trabalho com fontes orais, ao mesmo tempo em que chama atenção para as especificidades éticas, afetivas e subjetivas envolvidas nesse processo. Nesta obra ocorre a discussão dos pontos fortes e também dos pontos críticos da história oral. Os autores destacam como ponto central a valorização da subjetividade como elemento essencial para a análise e interpretação dos dados, na medida em que, torna-se possível assim compreender os relatos como

construções simbólicas e afetivas que conversam com os contextos históricos, sociais e culturais dos entrevistados.

Outro aspecto enfatizado por Meihy e Ribeiro (2011) diz respeito ao compromisso ético com os colaboradores, visto que a história oral exige do pesquisador não apenas um posicionamento científico vigoroso, como também uma postura política e ética diante dos envolvidos na pesquisa e das histórias compartilhadas. Todas as etapas desta tese foram constituídas tendo em vista: atenção à privacidade, bem como o consentimento dos envolvidos, respeitando as narrativas e compreendendo a corresponsabilidade da pesquisadora no processo de mediação da memória. Assim, reafirma-se aqui o compromisso com uma abordagem qualitativa, dialógica e participativa, que compreende que o conhecimento é construído coletivamente, a partir do reconhecimento do protagonismo dos colaboradores e da escuta atenta às suas vivências.

A pesquisadora realizou cursos de formação promovidos pela Associação Brasileira de História Oral (ABHO), o que colaborou com o desenvolvimento da abordagem metodológica. Fez o curso *História Oral: Produção, Difusão e Temas Socialmente Vivos*, no ano de 2023 e por meio dele adquiriu noções das diferentes etapas e estratégias de coleta e divulgação de relatos orais. Dando sequência aos estudos, concluiu os seguintes cursos: *Formação em História Oral* e *História Oral e Desafios Contemporâneos: Tecnologia, Produção Audiovisual e Comunicação Pública*, ambos no ano de 2025, tais formações aprimoraram a visão da pesquisadora acerca das questões contemporâneas que envolvem a produção de narrativas orais, sobretudo quanto ao manuseio de tecnologias e recursos audiovisuais na construção e transmissão do conhecimento. Tudo isso parece colaborar para o uso mais adequado da metodologia, que enaltece a escuta. Além da utilização de recursos audiovisuais para garantir uma análise mais rica, aprofundada e socialmente engajada.

A delimitação do campo empírico da pesquisa, se deu a partir da combinação entre o processo de construção de conhecimento metodológico da pesquisadora e o seu saber prático, uma vez que, as três emissoras de rádio AM, localizadas em diferentes regiões do Estado de Mato Grosso: a Rádio Difusora de Cáceres, a Rádio Regional de Nortelândia e a Rádio Amorim Juventude de Rondonópolis, já eram, cada uma por diferentes razões, conhecidas da pesquisadora. As emissoras em questão exibem características históricas, geográficas e culturais que as tornam representativas das diversas maneiras de inserção do rádio AM no dia a dia mato-grossense. A cidade fronteira de Cáceres, que possui

ligações com a Bolívia é uma das mais antigas de Mato Grosso, nela localiza-se a Rádio Difusora, a qual possui um caminho assinalado pelo vasto alcance, com a comunidade pantaneira dos ribeirinhos. Nortelândia, município posicionado na porção do Médio Norte mato-grossense, abrigou uma emissora de muita relevância local, nela os programas de auditório, juntamente as transmissões em amplitude modulada estabeleceram as bases comunicacional da região, visto que era uma referência até para outras cidades próximas. Mais ao Sul do estado, em Rondonópolis, a rádio Amorim Juventude, ícone das transmissões AM nesta região, experimenta um processo de transformação iniciado após 1980, devido ao desenvolvimento do agronegócio, que demarca a alteração dos modos de gestão empresarial, sendo vendida e integrando na sequência o Grupo Dorner de Comunicação.

Essas emissoras foram definidas, aqui, como *colônias*, por conta de suas funções como agregadoras de memórias e experiências dos ouvintes, ex-funcionários e proprietários. Ao redor dessas colônias se formam as *redes* simbólicas e afetivas que amparam a formação de uma *comunidade de destino*, conceito a ser delineado ainda neste capítulo. Nesta tese, a noção de comunidade de destino, faz referência à juntura de pessoas que compartilham memórias e sentidos em torno do ato de ouvir rádio e que, mesmo diante das transformações tecnológicas e institucionais, perpetuam os vínculos com as emissoras e com o universo cultural simbolizados por elas.

Foram feitas pesquisas exploratórias em diversos acervos documentais e institucionais: o Arquivo Público do Estado de Mato Grosso, o Museu de Imagem e Som de Cuiabá, o arquivo do Jornal A Tribuna, em Rondonópolis, e uma entrevista com o pesquisador Aníbal Alencastro, referência nos estudos sobre comunicação em Mato Grosso. Esforços que tiveram como intuito aprofundar a compreensão das histórias das rádios e ampliar o conhecimento sobre o papel social desempenhado pelas emissoras em seus respectivos contextos.

Conforme sugere Meihy (2005), a pergunta de corte atua como elemento estruturante da narrativa, conferindo coesão temática ao conjunto de depoimentos, ao mesmo tempo em que respeita a singularidade de cada colaborador. Trata-se de um dispositivo metodológico que orienta a escuta, organiza os sentidos emergentes das falas e reforça os vínculos simbólicos e afetivos entre os sujeitos e o objeto de estudo. Nesse sentido, a pergunta de corte, definida da seguinte maneira: Qual é a lembrança pessoal mais antiga que você tem do rádio? Teve papel fundamental na construção das entrevistas, pois ao

evocar as primeiras memórias relacionadas ao rádio, permite acessar camadas profundas da experiência, muitas vezes atravessadas por afetos, ritmos familiares e rituais cotidianos da escuta. Ou como apresenta Meihy e Seawright: “O que se busca no caso da história oral temática é iluminar aspectos polêmicos ou dúbios, filtrados pelo frescor da fala” (Meihy & Seawright, 2021, p. 70).

A identificação da comunidade de destino ocorreu de maneira espontânea, a partir da definição do tema e da delimitação do problema de pesquisa. Os ouvintes do rádio AM, foram os principais colaboradores do estudo, pois são eles o que detém lembranças, práticas e ainda os vínculos afetivos. Definido isso, foram feitos contatos com pessoas ligadas às três emissoras escolhidas, tais pessoas se mostraram interessadas e disponíveis para colaborar com o estudo. Após isso, foram expostos a eles os objetivos, a metodologia e os passos que seriam dados durante o processo de pesquisa. Outro ponto relevante foi o informe a eles de que a realização das entrevistas somente ocorreria depois da apreciação e consentimento do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade de Cuiabá (CEP UNIC), o qual foi concedido pelo Protocolo nº 79992624.9.0000.5165. Após de ter em mãos a autorização do CEP UNIC, o que aconteceu já na metade final de 2024, houve uma nova comunicação com as pessoas selecionadas para a marcação das entrevistas, todas feitas presencialmente.

4.1 Comunidade de destino: ouvintes de rádio AM de Cáceres, Nortelândia e Rondonópolis

O conceito de *comunidade de destino*, desenvolvido por José Carlos Sebe Bom Meihy (2005, p. 71), é fundamental para a conformação metodológica desta pesquisa. No âmbito da história oral, esse conceito se refere àquilo “que identifica pessoas, os motivos, os traços que as reúnem em características afins”. Ou seja, é um grupo social no qual os membros compartilham experiências, práticas culturais, valores e formas específicas de estar no mundo. Tal tipo de organização pode ser construída por proximidade territorial, ou ainda étnicos, religiosos, políticos bem como por afinidades de outras ordens, desde que gerem sentidos de pertencimento.

Neste estudo, entende-se como comunidade de destino os ouvintes do rádio AM das cidades de Cáceres, Nortelândia e Rondonópolis, em Mato Grosso. Ainda que inseridos em contextos históricos e geográficos distintos, esses sujeitos compartilham uma

vivência comum em torno da escuta radiofônica em amplitude modulada, marcada por práticas cotidianas, vínculos afetivos e experiências significativas com as emissoras locais. É esse repertório coletivo, construído em torno da presença do rádio AM em suas vidas e das transformações percebidas com a migração para o FM, que os aproxima enquanto grupo e os qualifica como integrantes de uma comunidade de destino, nos termos propostos por Meihy (2005).

Importa ressaltar que, além do conceito de comunidade de destino, esta pesquisa se ancora em dois outros eixos conceituais para estruturação da abordagem metodológica: o de colônia e o de redes de memória. As colônias são constituídas nesta pesquisa pelas três rádios selecionadas, quais sejam: a Rádio Difusora de Cáceres, a Rádio Amorim Juventude de Rondonópolis e Rádio Regional de Nortelândia. Elas atuam como centros irradiantes de sentido, ao redor dos quais circulam memórias, narrativas e pertencimentos. Saindo delas, desenham-se redes de memória compartilhada, que unem sujeitos e experiências, constituindo um tecido simbólico que ultrapassa fronteiras institucionais e técnicas da radiodifusão.

A escolha metodológica pela história oral como abordagem principal da pesquisa insere-se nesse contexto de valorização das experiências vividas e das narrativas construídas pelos sujeitos em sua relação com o rádio. Como destacam Meihy e Ribeiro (2011), a história oral deve ser compreendida não apenas como técnica de coleta de depoimentos, mas como uma forma de escuta sensível, crítica e ética, que reconhece os colaboradores como sujeitos de conhecimento. Essa abordagem confere centralidade à subjetividade e à memória, entendidas aqui como fontes legítimas para a construção de uma história comunicacional situada.

A utilização das entrevistas como núcleo da pesquisa implica uma série de cuidados e definições metodológicas. Conforme argumenta Jorge Pedro Sousa (2006, p. 722), a entrevista em profundidade tem como finalidade principal “obter de uma pessoa dados relevantes para a pesquisa”, sendo especialmente valiosa por permitir o acesso a “informações pormenorizadas e aprofundadas sobre valores, experiências, sentimentos, motivações, ideias, posições, comportamentos etc”. Nesse sentido, as entrevistas não são tratadas como meros registros ou repositórios de dados, mas como documentos provocados, criados em situação de encontro, cuja elaboração, análise e interpretação exigem rigor e sensibilidade.

A história oral, nesse contexto, fornece um arcabouço que não apenas orienta a produção das entrevistas, mas também sua posterior análise. Meihy e Seawright (2021) classificam as modalidades de uso da história oral em três categorias: história oral instrumental, história oral plena e história oral híbrida. A história oral instrumental corresponde à coleta de depoimentos como material auxiliar para outras análises. Já a história oral plena, ou pura, se constitui a partir do conjunto das entrevistas, livre da necessidade de buscar fontes documentais externas. Ao passo que, a história oral híbrida une relatos orais com fontes diferentes, aumentando as possibilidades interpretativas.

Devido ao fato de compreender as entrevistas como pontos estruturantes da investigação, esta pesquisa se alinha à perspectiva da história oral plena, tratando as falas dos colaboradores como fontes centrais, das quais brotam as categorias de análise e os caminhos interpretativos. Todavia, para aprofundar ou contextualizar aspectos específicos das narrativas foram mobilizadas também algumas fontes complementares, dentre as quais podem-se citar: documentos históricos, registros de imprensa e materiais institucionais. De acordo com o que propõem Meihy e Seawright (2021), a valorização das entrevistas como solução operacional exige atenção cuidadosa ao longo de todo o processo, desde a gravação até a transcrição e da organização arquivística ao processo analítico.

A definição das categorias analíticas foi orientada pelo cruzamento entre os relatos dos colaboradores, os documentos relativos à mídia radiofônica e a literatura acadêmica sobre memória e comunicação. Partiu-se da identificação de memórias individuais relacionadas ao rádio AM, buscando padrões, repetições e temas recorrentes que, ao emergirem nas falas, sinalizam formas coletivas de lembrar e atribuir sentido às experiências. Desta forma, a escuta das entrevistas possibilitou conhecer os principais elementos para a preservação da memória radiofônica, no decorrer da transição para o FM, dentre eles destacam-se, os afetos mobilizados, os hábitos de escuta, os vínculos comunitários e as transformações percebidas pelos sujeitos.

Não se limitando a produção de documentos, a metodologia da história oral, promove escutas críticas e na construção de narrativas que deem visibilidade a histórias silenciadas. Como reforçam Bauer e Gaskell (2004, p. 30), a pesquisa qualitativa é, nesse sentido, uma forma de “dar poder ou dar voz às pessoas, em vez de tratá-las como objetos”. No caso desta pesquisa, dar voz aos ouvintes do rádio AM significa reconhecer seu protagonismo na construção da memória coletiva e na elaboração dos sentidos atribuídos às transformações vividas com a migração para o FM.

A memória, objeto privilegiado da história oral, é aqui tratada como expressão oral de experiências singulares e coletivas, resultantes de vivências compartilhadas no tempo e no espaço. Ela não é apenas lembrança individual, mas prática social e política, marcada por disputas de sentido e processos de legitimação. Ao possibilitar a manifestação de narrativas que desafiam os discursos hegemônicos e afirmam outros modos de existir, lembrar e comunicar, a história oral, acaba, de certa maneira por privilegiar a dimensão subjetiva e situada da memória.

O cenário investigado nesta pesquisa já foi apresentado no capítulo 1 desta tese, com uma contextualização histórica, geográfica e comunicacional do Estado de Mato Grosso. Essa decisão se justifica pelo vínculo da autora com o território, resultante de estudos anteriores realizados na região. Esse pertencimento, longe de comprometer a objetividade da análise, aguça a curiosidade investigativa e fortalece o compromisso ético e político com as vozes que compõem esta comunidade de destino.

4.2 Colônias: ouvintes de rádio AM das rádios Difusora, Regional e Amorim Juventude

As colônias, no contexto deste trabalho, dizem respeito aos ouvintes de rádio AM das rádios Difusora de Cáceres, Regional de Nortelândia e Amorim Juventude de Rondonópolis, que funcionam como núcleos irradiadores de práticas comunicacionais e de significados culturais.

A colônia é definida “pelos padrões gerais de sua comunidade de destino” que é “aquilo que identifica as pessoas, as trajetórias que as reúnem em características afins” (Meihy, 2005); a rede é “uma subdivisão da colônia e que visa estabelecer parâmetros para decidir sobre quem deve ser entrevistado ou não” (2005. p. 177), ou seja, define o colaborador como uma pessoa que aceitou ser entrevistada, sem ela a pesquisa se torna inviável.

A tabela 3, a seguir, organiza os colaboradores a partir das três emissoras de rádio envolvidas na pesquisa: Difusora, Regional e Amorim Juventude e permite observar tanto a distribuição dos participantes quanto sua relação institucional com cada emissora.

Tabela 3

Identificação das emissoras, nome dos ouvintes, tratamento pessoal (como pediu para ser chamado) citação na tese e função na pesquisa

Emissora	Nome do colaborador(a)	Tratamento pessoal	Citação na tese	Função na pesquisa
Difusora	Maridalva Amaral Vignardi	Maridalva	Vignardi	Proprietária da emissora
	Luiz Valdevino dos Santos	Garcia	Dos Santos	Ex-funcionário
	Adão Eneas da Silva Jacobina	Eneas	Jacobina	Ex-funcionário
	José Elias Antunes Neto	Elias	Antunes Neto	Ex-funcionário
	Roberto Carlos Bassan Antelo	Beto	Antelo	Público ouvinte
	Adilson Domingos dos Reis	Adilson	Reis	Público ouvinte
Regional	Antônio João de Barros Neto	Antônio	Barros Neto	Proprietário da emissora
	Edivaldo de Sá Teixeira	Edivaldo	Teixeira	Ex-funcionário
	Luiz Garcia Taborda	Garcia	Taborda	Ex-funcionário
	Antônio Peres Pacheco	Antônio João	Pacheco	Ex-funcionário
	Edson Ramalho dos Santos	Baianinho	Santos	Público ouvinte
	Roberto Carlos de Arruda	Beto	Arruda	Público ouvinte
Amorim Juventude	José Fernando Nunes e Silva	Fernando	Nunes e Silva	Diretor da emissora
	Sebastião Castilho Alves Costa	Sebastião	Costa	Ex-funcionário
	Orestes Miraglia Carvalho	Orestes	Carvalho	Ex-funcionário
	Samuel Logrado de Souza	Samuel	Souza	Ex-funcionário
	Leila Castro	Leila	Castro	Público ouvinte
	Elizeu do Nascimento	Elizeu	Nascimento	Público ouvinte

Fonte: Elaborado pela autora com dados da pesquisa (2025).

A coluna “Tratamento pessoal (como pediu para ser chamado)” está estreitamente ligada à busca por uma postura ética e sensível idealizada pela presente pesquisadora, que compreende que chamar alguém como ela ou ele deseja ser chamado é reconhecer sua subjetividade e protagonismo, especialmente em uma investigação de história oral. Ao mesmo tempo que pretende romper com a lógica hierárquica da pesquisa tradicional e contribuir para uma produção de conhecimento mais dialógica e horizontal.

A coluna “Citação na tese” demonstra que os nomes usados nos resultados finais da pesquisa nem sempre coincidem com o nome civil, nome social ou o tratamento pessoal. Essa distinção visa respeitar a vontade do entrevistado, ao mesmo tempo em que zela pela coerência e legibilidade acadêmica. Por exemplo, Neuracy Castro pediu para ser chamada por Leila, seu nome social, mas será citada como Castro – escolha que preserva a formalidade acadêmica sem eliminar a dimensão afetiva da entrevista.

A coluna “Função na pesquisa” é fundamental para entender a perspectiva a partir da qual cada sujeito fala. Há uma boa diversidade: um proprietário e uma proprietária de emissora, um diretor de emissora, nove ex-funcionários e seis ouvintes que colaboram como público. Essa pluralidade enriquece a análise, pois permite contrastar discursos institucionais, técnicos e populares.

Incluir colaboradores na pesquisa – como Leila, Edson, Adilson, Elizeu, entre outros – amplia o escopo da memória coletiva e rompe com a centralidade apenas de quem “produz” rádio. Isso parece ter valor político e epistemológico: mostra que a escuta também é um lugar de construção de sentido, e que o rádio, como prática social, se faz em rede, não apenas dentro do estúdio.

Nomes afetivos como Beto, Leila, Garcia, Elias, Eneas, Baianinho, revelam o quanto a oralidade, a familiaridade e os vínculos afetivos perpassam o cotidiano radiofônico. Tais marcas são fundamentais para se compreender o papel das rádios locais em contextos comunitários, pois mostram como as relações entre ouvintes, locutores e gestores não são apenas institucionais, mas atravessadas por afetos e pertencimento.

4.3 Redes: proprietários ou representantes legais, ex-funcionários e público das Rádios Difusora de Cáceres, Regional de Nortelândia e Amorim Juventude de Rondonópolis

A noção de rede constitui um dos pilares da metodologia da história oral, especialmente quando se busca compreender os entrelaçamentos subjetivos, afetivos, profissionais e comunitários que atravessam os sujeitos envolvidos em determinado fenômeno social. Na perspectiva adotada por Meihy (2005, p.177), as redes de memória são entendidas como articulações que emergem a partir da escuta de “um primeiro depoente, que conheça a história do grupo ou quem se queira fazer a entrevista central”, o chamado “ponto zero”, e que se desdobram em conexões subsequentes, organizando a malha de interlocutores que compõem o universo de investigação.

Na presente pesquisa, as redes foram construídas a partir dos vínculos estabelecidos com proprietários ou representantes legais, ex-funcionários e público ouvinte das rádios Difusora de Cáceres, Regional de Nortelândia e Amorim Juventude de Rondonópolis. A escolha desses interlocutores não se deu de forma aleatória: ela decorre da escuta atenta dos relatos iniciais e da capacidade de identificar, nas narrativas, menções a outros

sujeitos que compartilharam ou impactaram a experiência radiofônica nas emissoras investigadas. Sempre respeitando os critérios éticos e metodológicos da história oral, os sujeitos foram então progressivamente adicionados à rede.

Compreendida como um dispositivo estruturante da narrativa coletiva, a rede, é vista aqui tanto como um recurso técnico de ampliação da amostra, quanto como um processo dinâmico, em que as histórias não se somam linearmente, mas se entrelaçam e se ressignificam mutuamente, compondo um tecido narrativo que revela sentidos compartilhados, tensões e disputas simbólicas. Cada entrevistado, ao narrar sua experiência, invoca também memórias de outrem, desenvolvendo ligações entre trajetórias individuais e vivências coletivas. Neste lugar, o das redes, as vozes não apenas coexistem, mas dialogam entre si e constituem espaços de ativação da memória social.

Portanto, o processo de construção dessas redes permitiu identificar as diferentes posições de fala e os diversos regimes de memória dispensados pelos sujeitos. Por exemplo, enquanto os proprietários tendem a enfatizar aspectos institucionais e estratégias de sobrevivência das rádios diante das mudanças tecnológicas, os ex-funcionários frequentemente relatam o cotidiano das emissoras, os bastidores da programação, as condições de trabalho e as formas de engajamento comunitário. Já o público ouvinte destaca memórias afetivas, rotinas de escuta e a centralidade do rádio como mediador de pertencimento, especialmente durante a vigência da faixa AM.

Ao reunir esses diferentes segmentos, a rede evidencia os nós (ou pontos de convergência) e os vazios (lacunas, silêncios ou dissonâncias) que compõem o campo discursivo em torno da transição do rádio AM para o FM. Tais configurações ajudam a compreender a experiência radiofônica não apenas como uma prática técnica ou comunicacional, mas como uma vivência profundamente enraizada em processos históricos, culturais e identitários.

É importante destacar que, as redes de entrevistados formadas por meio da história oral não devem ser interpretadas como um recorte representativo no sentido estatístico, mas como núcleos de sentido, isto é, agrupamentos que, ao serem escutados de forma aprofundada, permitem acessar as camadas de significação construídas em torno de determinada prática social, no caso desta pesquisa, a escuta e a produção radiofônica no contexto da migração do AM para o FM.

Por fim, reitera-se que os conceitos mobilizados (comunidade de destino, colônia e rede) não operam aqui como categorias estanques, mas como instrumentos heurísticos (Meihy, 2005, p.177) que orientam a leitura do campo empírico. A rede, em especial, viabiliza uma abordagem mais sensível à dimensão relacional da memória e à escuta do inconsciente coletivo presente nos relatos, reforçando o compromisso da história oral plena com a complexidade das narrativas e com a valorização dos sujeitos sociais em sua pluralidade.

4.3.1 A importância do ponto zero

No âmbito da história oral temática, conforme delineado por Meihy e Holanda (2007), o conceito de ponto zero assume um papel central tanto no planejamento quanto na execução da pesquisa. Trata-se do momento inaugural da escuta, aquele em que se estabelece o primeiro vínculo entre pesquisador e colaborador, definindo não apenas a abertura da coleta de depoimentos, mas também a fundação de uma relação dialógica e ética que sustentará todo o processo investigativo. O ponto zero não é, portanto, uma escolha aleatória ou meramente técnica; ele exige sensibilidade, estratégia e compreensão profunda do campo em questão.

Esse primeiro interlocutor ocupa uma posição emblemática na rede de entrevistados: é alguém que, além de possuir densidade narrativa, tem também a capacidade de articulação, isto é, pode indicar, conectar e legitimar outros sujeitos relevantes ao universo temático em estudo. O ponto zero atua como um verdadeiro catalisador da memória coletiva, pois a partir dele se desdobram os caminhos da escuta, delineando os contornos do campo empírico e a configuração da rede de depoimentos.

A escolha do ponto zero corresponde, assim, a um momento metodológico crucial, pois marca o início da construção conjunta de sentido entre pesquisador e colaborador. É nesse encontro inaugural que se alinham expectativas, se definem os contornos do diálogo e se constrói um ambiente propício para a rememoração significativa. Como destacam Meihy e Holanda (2007), o ponto zero é também o instante em que se firma o vínculo ético, condição fundamental para garantir não apenas a confiabilidade dos dados coletados, mas sobretudo o respeito à subjetividade dos colaboradores e o compromisso com a memória social.

No caso desta pesquisa, não se identificou um único ponto zero, mas múltiplos pontos zero, distribuídos de forma estratégica ao longo dos diferentes contextos empíricos investigados, Cáceres, Nortelândia e Rondonópolis. Essa multiplicidade revela não uma fragmentação, mas a riqueza e complexidade da abordagem adotada. Em cada cidade, o ponto zero foi definido conforme as especificidades locais, considerando os sujeitos mais aptos a acionar a memória radiofônica regional e a colaborar na formação das redes.

Em nível geral, o jornalista Jurandir Antônio, proprietário de uma agência de notícias radiofônicas atuante no Estado de Mato Grosso há mais de três décadas, desempenhou um papel fundamental como primeiro ponto zero da pesquisa. Com amplo conhecimento sobre o panorama comunicacional do Estado, Jurandir foi essencial na definição das colônias de pesquisa, ou seja, na escolha das emissoras que estruturariam o estudo: Rádio Difusora de Cáceres, Rádio Regional de Nortelândia e Rádio Amorim Juventude de Rondonópolis. Além disso, forneceu os contatos iniciais dos colaboradores e atuou diretamente como ponto zero também no contexto de Rondonópolis. Além disso, forneceu os contatos telefônicos e e-mails representantes das três emissoras.

Em Cáceres, o ponto zero foi o jornalista Luiz Valdevino dos Santos (Garcia), que trabalhou durante 28 anos na Rádio Difusora e foi indicado informalmente à pesquisadora pelos colegas Luiz Esmael e Jonas Silva. A partir de Garcia, foi possível acessar outros interlocutores-chave, como o radialista Eneas Jacobina e o ouvinte Roberto Carlos Bassan Antelo, cuja indicação foi referendada pela proprietária da Difusora, Maridalva Vignardi, reforçando os laços afetivos e profissionais que sustentam a rede local de memórias. O ex-funcionário Adão Eneas da Silva Jacobina foi indicado pelo jornalista Jurandir Antônio, enquanto José Elias Antunes Neto, ex-funcionário, foi indicado por todas as fontes orais de Cáceres, inclusive seu livro, publicado em 2008, *Do rádio ao telejornalismo: a trajetória de um aprendiz* é uma das referências bibliográficas desta pesquisa. Adilson Domingos dos Reis, por sua vez, foi indicado por Rai Reis (fotógrafo e seu sobrinho). Rai se recorda da paixão do avô, do pai e do tio pelo rádio e compreende a importância do veículo na comunicação, sobrevivência e desenvolvimento da região do Pantanal mato-grossense. Outros três ouvintes e um ex-funcionário foram contatados mais não foi possível agendar entrevistas.

Em Nortelândia, a escuta foi iniciada com o apoio do professor doutor Josiley Carrijo Rafael (UFMT), natural da cidade e ainda fortemente conectado à sua comunidade de origem. Rafael indicou o jornalista Edivaldo de Sá e o radialista Luiz Garcia Taborda,

que se tornaram pontos de articulação importantes para a construção da rede naquele território, contribuindo com elementos históricos, afetivos e políticos da trajetória da Rádio Regional, os dois nomes também foram indicados por Antônio João, proprietário da emissora.

Em Rondonópolis a rede se articulou a partir do jornalista Cairo Lustosa que ajudou no contato com José Fernando, Sebastião e Orestes. Samuel indicou Sebastião e Orestes. O apoio de outros dois jornalistas foram fundamentais, Lucas Perrone e Victor Santos, os dois indicaram os ouvintes Elizeu e Leila cujas contribuições foram decisivas para a ampliação e qualificação da escuta naquele território.

Esses múltiplos pontos zero, ao invés de fragmentarem a narrativa, contribuíram para a estruturação de um mosaico de memórias interconectadas, respeitando a diversidade de contextos e sujeitos envolvidos. Eles também evidenciam a potencialidade da história oral como método capaz de captar a complexidade das experiências vividas, especialmente em contextos de mudança, como o da transição das rádios AM para o FM. Cada ponto zero, ao ser ativado, lançou luz sobre aspectos únicos do cenário local, mas também possibilitou a identificação de padrões recorrentes, tensões comuns e sentidos compartilhados em torno do fazer radiofônico no interior do Estado de Mato Grosso.

4.4 Entrevistas

Importante ressaltar que, para compreender os significados atribuídos pelos sujeitos às suas experiências com o rádio, a abordagem qualitativa pareceu a mais adequada, uma vez que, esta prioriza a dimensão simbólica, afetiva e política, que essas práticas comunicacionais envolvem. Ao mesmo tempo, a abordagem em questão valoriza ainda os sentidos atribuídos às vivências com o rádio e respeita o ritmo e os afetos de cada fala. Ao passo que, a técnica escalada para a coleta dos depoimentos foi a entrevista semiestruturada, cujo roteiro encontra-se no apêndice C, pois esse formato metodológico se mostrou apropriado para abarcar a diversidade de experiências e para permitir que os colaboradores conduzissem suas narrativas de forma livre, mesmo dentro de eixos temáticos definidos anteriormente.

Para a condução das entrevistas fez-se uso aqui da combinação entre a amostragem por bola de neve, estratégia recorrente em pesquisas qualitativas na qual o pesquisador depende da indicação de sujeitos por outros participantes, com os contatos previamente

agendados. Desta forma tornou-se possível o acesso a redes sociais mais específicas. Tal escolha foi particularmente relevante neste estudo, porque, a história das rádios locais e suas repercussões sociais estão profundamente enraizadas em circuitos de sociabilidade informal, vínculos comunitários e afetivos, os quais a técnica da bola de neve potencializou ao privilegiar relações de confiança e pertencimento.

Seguindo uma perspectiva ética inspirada em Paul Thompson (1992), a qual defende a centralidade da escuta atenta e do cuidado na relação entre entrevistador e entrevistado, as entrevistas foram agendadas com antecedência e buscaram respeitar a disponibilidade, o tempo e o espaço de cada colaborador, fosse no sentido físico ou simbólico. Posto que, a escuta é uma atitude metodológica e política, para além da técnica, portanto, ouvir o outro com abertura e humildade, valoriza sua experiência e legitima sua forma de conhecimento.

Thompson (1992, p. 163) lembra que “a mensagem também pode variar, dependendo de onde exatamente ela é ouvida”, para este autor cada ambiente apresenta uma linguagem variável, que pode se transformar de acordo com cada situação. As entrevistas para esta tese foram realizadas em locais previamente combinados com os colaboradores e atendendo a conveniência de cada um deles. Verena Alberti (2004), a respeito da entrevista, pontua o seguinte:

Não existe filme sem cortes, edições, mudanças de cenário. Como em um filme, a entrevista nos revela um pedaço do passado, encadeados em um sentido no momento em que são contados e em que perguntamos a respeito. Através desses pedaços temos a sensação de que o passado está presente. A memória, já disse, é a presença do passado (Alberti, 2004, p. 15).

A partir da colocação feita por Verena Alberti apresenta-se a seguir a tabela da cronologia de realização das entrevistas, bem como a cidade onde foram realizadas e os nomes dos colaboradores.

Tabela 4

Cronologia da realização das entrevistas, local e nome do(a) entrevistado(a)

Data da entrevista	Local	Nome do(a) colaborador(a)
24/10/2024	Cuiabá	Antonio João de Barros Neto
25/10/2024	Cuiabá	Antônio Peres Pacheco
29/10/2024	Cuiabá	Adão Enéas da Silva Jacobina
31/10/2024	Cáceres	Maridalva Amaral Vignardi
31/10/2024	Cáceres	Roberto Carlos Bassan Antelo
01/11/2024	Cáceres	Luiz Valdevino dos Santos
21/11/2024	Rondonópolis	Samuel Logrado de Souza
22/11/2024	Rondonópolis	Sebastião Castilho Alves Costa
25/11/2024	Rondonópolis	Leila Castro
25/26/11/2024	Rondonópolis	José Fernando Nunes e Silva
26/11/2024	Rondonópolis	Elizeu do Nascimento
03/12/2024	Nortelândia	Edivaldo de Sá Teixeira
03/12/2024	Nortelândia	Edson Ramalho dos Santos
03/12/2024	Nortelândia	Luiz Garcia Taborda
03/12/2024	Nortelândia	Roberto Carlos de Arruda
18/12/2024	Cuiabá	José Elias Antunes Neto
30/12/2024	Rondonópolis	Orestes Miraglia Carvalho
20/01/2025	Cáceres	Adilson Domingos dos Reis

Fonte: Elaborado pela autora com dados da pesquisa (2025).

Com relação ao tipo de entrevista utilizada para a construção de uma narrativa temática, Freitas (2002, p. 21) pontua que “a entrevista tem caráter temático e é realizada com grupos de pessoas, sobre um assunto específico. Essa entrevista – que tem característica de depoimento – não abrange necessariamente a totalidade da existência do informante”.

Ele diz ainda que isso gera um maior número de depoimentos e informações, entendendo este acontecimento como algo positivo, pois “permite uma comparação entre eles, apontando divergências, convergências e evidências de uma memória coletiva, por exemplo” (Freitas, 2002, p. 22).

Meihy (2005) reitera que o que marca a unidade de um grupo é a comunidade de destino. E que todo trabalho de história oral procura dar sentido a um aspecto da vida, seja ele cotidiano ou não, assim como situações que levam à suposição de que fatores identitários se constituem em comunidades de destino. De acordo com Ecléa Bosi (1995) é necessário que o pesquisador se conecte profundamente com o destino dos sujeitos observados e estabeleça com eles “um vínculo de amizade e confiança” (Bosi, 1995, p. 37). Pois é a

partir de uma postura de entrega, expressa prática e teoricamente pelos sujeitos envolvidos (pesquisador e recordadores), que a comunidade de destino é formada, criando-se desta maneira as condições para que “se alcance a compreensão plena de uma dada condição humana” (Meihy, 2005).

Foram construídos roteiros preliminares para as entrevistas semiestruturadas de acordo com a função do colaborador na pesquisa, sendo proprietário ou representante da emissora, ex-funcionário e público ouvinte, os roteiros estão disponíveis no apêndice C.

Em história oral, especialmente nas entrevistas temáticas, o roteiro é um ponto de partida, nunca um trilho inflexível. Isso acontece por uma razão ética, política e epistemológica: a prioridade é sempre a escuta do outro. A escuta verdadeira não se curva à rigidez de perguntas pré-formatadas, mas sim se abre àquilo que o sujeito tem a dizer e, muitas vezes, ele não diz exatamente o que perguntamos, mas o que precisa ser dito. É aí que a entrevista se torna potente.

Diferentemente das entrevistas estruturadas das Ciências Sociais positivistas, que buscam controle e comparabilidade, a história oral (especialmente nas vertentes mais críticas e dialógicas) assume a imprevisibilidade como parte constitutiva do processo. Como defendem autores como Paul Thompson (1992) e Verena Alberti (2004), a fala de quem narra nunca é apenas um “relato factual”. É memória, é emoção, é elaboração subjetiva da experiência vivida. E essa memória não se dobra aos limites de um roteiro rígido.

Nas entrevistas temáticas, o foco é um determinado assunto: o trabalho, a militância, a migração, o cotidiano, ou no caso aqui, a escuta do rádio AM. O roteiro existe, sim, mas como uma bússola e não como uma prisão. Serve para orientar, não para engessar. Quando o entrevistado ou a entrevistada trazem à tona lembranças que escapam da pergunta, mas mergulham no tema, temos ali um tesouro. Desviar do roteiro, nesse caso, é mergulhar mais fundo.

E há também uma dimensão política. Quando entrevistamos sujeitos historicamente silenciados, como trabalhadores, mulheres, indígenas, pessoas negras, camponeses, exilados e ouvintes de rádio, seguir o roteiro à risca seria repetir a lógica autoritária das narrativas oficiais. Deixar que o sujeito conduza parte da entrevista é reconhecer sua autoridade sobre a própria memória. É subverter, ainda que em pequena escala, a ordem que sempre tentou calar sua voz.

Portanto, em história oral, especialmente nas entrevistas temáticas, não seguir o roteiro não é um erro, é um método. Um método que respeita o outro como produtor de sentido, e não apenas como fornecedor de dados. Um método que entende que a história se constrói na relação entre quem pergunta e quem responde, e que o mais importante, muitas vezes, está no que não estava planejado.

Ao todo, foram realizadas dezoito entrevistas temáticas, sendo dezesseis do sexo masculino e duas do feminino, com colaboradores que, de diferentes maneiras, se relacionam com o universo das rádios locais investigadas, seja como proprietários, ex-funcionários ou público ouvinte. A tabela 5 apresenta esses participantes, identificando-os por nome, gênero, idade e ocupação.

Tabela 5

Identificação dos(as) participantes por nome, gênero, idade e ocupação

Nome do(a) participante	Gênero	Idade	Ocupação
Adilson Domingos dos Reis	Masculino	77	Engenheiro Civil
Antonio João de Barros Neto	Masculino	67	Empresário
Edivaldo de Sá Teixeira	Masculino	66	Advogado e jornalista
Edson Ramalho dos Santos	Masculino	79	Comerciante
Elizeu do Nascimento	Masculino	52	Taxista
Adão Enéas da Silva Jacobina	Masculino	66	Radialista
José Elias Antunes Neto	Masculino	65	Jornalista e empresário
José Fernando Nunes e Silva	Masculino	50	Diretor de emissora
Leila Castro	Feminino	77	Líder comunitária
Luiz Garcia Taborda	Masculino	62	Barbeiro, radialista e vereador
Luiz Valdevino dos Santos	Masculino	60	Jornalista
Maridalva Amaral Vignardi	Feminino	76	Empresária
Orestes Miraglia Carvalho	Masculino	72	Advogado e jornalista
Roberto Carlos Bassan Antelo	Masculino	59	Vigilante
Roberto Carlos de Arruda	Masculino	55	Serviços gerais
Samuel Logrado de Souza	Masculino	75	Empresário e jornalista
Sebastião Castilho Alves Costa	Masculino	75	Jornalista e empresário

Fonte: Elaborado pela autora com dados da pesquisa (2025).

A tabela anterior apresenta as faixas etárias, demonstrando que são: sete colaboradores com mais de 70 anos (Adilson Domingos dos Reis, Edson Ramalho dos Santos, Leila Castro, Maridalva Amaral Vignardi, Orestes Miraglia Carvalho, Samuel Logrado de Souza e Sebastião Castilho Alves Costa), sete entre 60 e 67 anos (Adão Enéas da Silva Jacobina, Antonio João de Barros Neto, Antônio Peres Pacheco, Edivaldo de Sá Teixeira, José Elias Antunes Neto, Luiz Garcia Taborda e Luiz Valdevino dos Santos) e quatro entre 50 e 59 anos (Roberto Carlos Bassan Antelo, Roberto Carlos de Arruda, Elizeu do Nascimento e José Fernando Nunes e Silva). Estes são sujeitos que mantêm preservadas as memórias das transmissões AM e acumulam as experiências dos contextos históricos analisados nesta tese.

O desequilíbrio de gênero é bastante evidente: dos dezoito entrevistados, dezesseis são homens e apenas duas são mulheres. Este dado aponta para um desafio clássico em pesquisas de história oral: a sobre-representação de sujeitos masculinos em determinados espaços de memória pública e institucional. Mesmo quando mulheres participaram ativamente da história local ou de processos sociais importantes, como é o caso aqui, pois uma delas é inclusive proprietária, suas vozes tendem a ser menos visibilizadas. Vale destacar que essa composição foi uma limitação imposta pelo campo, porque as tentativas de encontrar um número maior de mulheres foram muitas, porém sem sucesso.

A tabela anterior evidencia ainda uma predominância de entrevistados do gênero masculino e com idade superior a 60 anos. A maioria das ocupações está ligada a áreas como comunicação, comércio, serviços e direito, além da presença de uma líder comunitária e empresários. Vale destacar a diversidade de trajetórias profissionais e sociais, embora se perceba uma concentração de sujeitos com capital cultural e simbólico elevado, como jornalistas, advogados e empresários. Salienta-se que as atuações profissionais foram inseridas de acordo com as informações fornecidas pelos próprios colaboradores.

A presença de ocupações menos prestigiadas, como “serviços gerais” e “vigilante”, embora minoritária, aponta para um esforço de incluir vozes populares e subalternizadas. Nesse sentido, a seleção dos entrevistados permitiu construir um mosaico representativo das múltiplas experiências com o rádio local, oferecendo um panorama das interações sociais e afetivas mediadas por essa tecnologia comunicacional.

As ocupações listadas são variadas, incluindo um engenheiro, empresários, jornalistas, radialistas, comerciantes e vigilante. Essa diversidade sugere um interesse em registrar memórias de diferentes camadas sociais e trajetórias profissionais. Alguns entrevistados aparecem com ocupações múltiplas, como “Empresário e jornalista”, “Barbeiro, radialista e vereador” ou “Advogado e jornalista”. Isso pode enriquecer a narrativa oral, pois essas múltiplas atuações tendem a atravessar diferentes redes sociais e campos de memória. A presença de ocupações como “Serviços gerais” e “Líder comunitária” são importantes e a pesquisa buscou também vozes das margens, a fim de diversificar o olhar sobre o passado.

4.4.1 Preparação para as entrevistas e o uso do caderno de campo

A pesquisadora visitou os três municípios sede das emissoras de rádio investigadas, seguindo a cronologia: Cáceres (a 217 km de Cuiabá), Rondonópolis (a 218 km de Cuiabá), Nortelândia (a 228 km de Cuiabá), com posteriores retornos a Rondonópolis e Cáceres.

Em cada local, antes de iniciar as gravações, era repetido um protocolo ético. A pesquisadora retomava os pontos da pré-entrevista, informando que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade de Cuiabá, e explicava pormenorizadamente os objetivos, riscos e benefícios, as medidas de confidencialidade, a questão de ressarcimentos e indenizações, a guarda dos dados e os canais de comunicação disponíveis (com ela e com o Comitê de Ética para dúvidas ou denúncias). Agradecia, em seguida, pela colaboração. Só então era solicitado o consentimento formal: assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e do Termo de Autorização de Uso de Imagem, Som e/ou Voz, Dados e Informações Coletadas. Todas as partes assinavam, e cada participante recebia uma via. Somente após esse procedimento se iniciava a gravação.

Os documentos, cujos modelos estão nos apêndices A e B, permanecem sob guarda da pesquisadora e asseguram a proteção dos direitos dos participantes, reforçando o compromisso da pesquisa com uma escuta atenta, sensível e respeitosa. Todos autorizaram o uso de seus nomes completos, imagens e vozes.

A seguir, transcrevem-se fragmentos do caderno de campo, ferramenta metodológica, que segundo Meihy (2005, pp. 187-188), “possibilita um diálogo frequente e constante em relação ao projeto inicial” e “se torna um referencial obrigatório nas finalizações dos

trabalhos”. Ele garante o registro da evolução da pesquisa, revelando os ajustes e transformações que emergem ao longo do processo. Assim, o caderno não apenas documenta, mas materializa o percurso reflexivo e adaptativo que caracteriza a investigação científica.

No presente estudo, o caderno de campo revelou-se especialmente valioso para captar nuances do encontro entre pesquisadora, território e memória. A seguir, serão apresentadas as anotações produzidas durante as viagens a Cáceres, Nortelândia e Rondonópolis, registros que, para além de complementarem os dados empíricos, contribuem para compreender os bastidores da escuta, as impressões subjetivas do percurso e os contextos locais que atravessaram a produção das entrevistas.

4.4.2 Recordações do caderno de campo

Cáceres como campo de pesquisa – A princesinha do Pantanal atrai gente de todas as partes de Mato Grosso, do Brasil e do mundo. Eu estive lá, pela primeira vez em 1996, na cobertura do Festival Internacional de Pesca, para a TV Universidade da UFMT. Os passeios de barco e o sobrevoo de helicóptero no Rio Paraguai, que geram fotografias marcantes para os turistas, me deixaram encantada pela majestade da cidade e grandiosidade do Pantanal, com suas curvas e mata densa.

Nesse período de Festival a Rádio Difusora fazia toda a cobertura do evento e as transmissões sonoras reverberavam por toda a região, nas cidades vizinhas, nas fazendas, nos barcos etc. As ruas e os casarões centenários me instigavam a conhecer sua história. Voltei outras vezes, para eventos e projetos acadêmicos, no entanto, sempre com brevidade, o que preservou minha curiosidade acerca dos seus encantos.

Por quase trinta anos, todas as noites quando ia ao ar o telejornal de maior audiência do Estado de Mato Grosso, um cacerense se destacava e, conseqüentemente levava consigo o nome da cidade como uma referência comunicacional. Elias Neto iniciou sua carreira na Rádio Difusora, em 1979, como locutor noticiarista. É claro que este não é o único fator que torna essa rádio relevante para esta pesquisa, mas talvez seja o mais glamouroso.

A seguir alguns trechos do caderno de campo da pesquisadora (referentes às entrevistas realizadas em Cáceres) serão transcritos para melhor elucidação do processo.

30 de outubro de 2024 – Saí à tarde de Cuiabá para que estivesse à noite em Cáceres, queria sentir a cidade amanhecendo, me hospedei em um hotel de uma rua com bastante movimento, caminho dos universitários para a Unemat (Universidade do Estado de Mato Grosso) e próximo também da Rádio Super Jornal FM, onde encontraria com Garcia (Luiz Valdevino), o ponto zero na cidade.

31 de outubro de 2024 – Ao chegar na Rádio Super Jornal, Garcia já aguardava, conversamos rapidamente e seguimos para a Rádio Difusora, empresa em que o jornalista trabalhou por 28 anos, chegando lá Garcia me apresenta a todos os funcionários, estúdios, salas e auditório. Logo depois, a secretária me acomoda na sala da proprietária da emissora e pede que aguarde. Passado algum tempo, Maridalva Vignardi chega à sala, sorridente, começo agradecendo por me receber. A entrevistada apresentou espontaneamente vários fatos da vida particular e foi solícita às questões colocadas. Diante da agenda da entrevistada houve a necessidade de interromper a conversa e continuamos a tarde.

Assim segui para a segunda entrevista agendada para este dia, com o radialista Djalma de Souza, mas infelizmente não foi possível realizá-la, devido a ruídos de uma escavação na rede de saneamento básico em frente a casa, remarcamos para o dia seguinte na Rádio Super Jornal FM, logo após o encerramento do seu programa, às sete da manhã. Seguindo a agenda, rumei no início da tarde para a casa do vigilante Roberto Carlos Bassan Antelo, ele foi citado por ser um ouvinte assíduo e muito participativo, dos mais antigos, esteve na inauguração da rádio. Bassan mora em um bairro, distante do centro da cidade, com ruas sem asfaltamento. Ele nos recebe com satisfação e diz que estava saindo do luto pela perda da mãe, consultei se ele gostaria que voltasse outro dia, mas ele foi categórico, precisava retomar a vida, caso contrário a tristeza poderia virar uma depressão. Conversamos à sombra de uma árvore gigantesca na frente do quintal da casa, fomos interrompidos por uma chuva torrencial, típica da região, nesta época do ano. A entrevista foi tranquila e cheia de lembranças. Em seguida volto à Rádio Difusora para continuar a entrevista com Maridalva Vignardi.

01 de novembro de 2024 – Comecei o dia experienciando uma caminhada pelas ruas do entorno do hotel, queria ouvir a cidade. As bicicletas surgem por toda parte, entre um ponto comercial e outro, ouço o som do rádio despertando os moradores. Na agenda duas entrevistas programadas para ocorrerem na Rádio

Super Jornal FM. A primeira com Djalma Souza, a segunda com Garcia. Cheguei a tempo de acompanhar do estúdio parte do programa de Djalma e em seguida conversamos na Sala dos Radialistas. Entretanto, ressalta-se que essa fala não performará aqui junto às narrativas construídas por meio das entrevistas, porque o referido radialista tem sua vivência maior junto a Rádio Jornal AM e outras emissoras da região (as quais, não serão diretamente abordadas nesta tese), todavia, a entrevista fomentou outras publicações e reflexões da autora. Conversando com Garcia, colhemos o nosso último depoimento na cidade. À noite, retornamos a Cuiabá sabendo que seria preciso voltar, faltava escutar mais um ouvinte, já que dois dos contatados não confirmaram a entrevista por questões particulares.

20 de janeiro de 2025 – Passei a noite anterior em claro com medo de perder o ônibus que me levaria até Cáceres. Sim, esta foi a entrevista mais adiada de todas, já estávamos na quarta tentativa. As duas primeiras foram adiadas por dificuldades na agenda de Adilson. Na terceira tentativa, fui esquecida pela empresa de transportes em Cuiabá e não havia mais tempo hábil para chegar à Cáceres no sábado, que era o dia da entrevista. Remarcamos então para segunda-feira, dia 20. Da rodoviária, sigo direto para o escritório do engenheiro, no centro histórico da cidade, conversamos durante toda a manhã. À tarde, Adilson me levou para conhecer Zona de Processamento de Exportações que estava prestes a ser inaugurada, conversamos muito sobre o desenvolvimento econômico da cidade fronteiriça. No final do dia, Adilson me deixa na rodoviária e volto para casa. Duas semanas depois, escuto no rádio que o engenheiro civil presidente da Zona de Processamento de Exportações de Cáceres Adilson Domingos dos Reis havia falecido, vítima de um infarte. Não consigo acreditar.

Nortelândia como campo de pesquisa – Desde o segundo semestre de 2002, uma passagem insiste em ecoar na memória da autora desta tese, uma lembrança singular, que se manteve viva, remexendo e se atualizando com o tempo. Foi logo após ministrar uma aula de História do Rádio que um aluno se aproximou e compartilhou uma informação inusitada: em Nortelândia, existia um programa de auditório transmitido todos os domingos pela Rádio Regional AM.

A curiosidade despertada por aquela fala foi imediata. Ainda em setembro daquele ano, a professora-pesquisadora organizou uma aula de campo à cidade com cerca de trinta

alunos das disciplinas de produção radiofônica, do curso de Radialismo da UFMT. A precariedade da estrada, não asfaltada, e a distância de 228 quilômetros até o município não desanimaram o grupo. Ao contrário: as dificuldades do trajeto pareciam reforçar o desejo de conhecer aquela experiência radiofônica tão singular no contexto do interior mato-grossense. O que se vivenciou ali marcou profundamente os estudantes, e a própria pesquisadora, ao ressignificar o fazer rádio a partir de uma perspectiva comunitária e inventiva.

Desde então, Nortelândia permaneceu como uma referência sensível no percurso formativo e investigativo da autora. Revisitar esse território duas décadas depois, agora no contexto da pesquisa de doutoramento, implicou não apenas um reencontro com memórias pessoais e profissionais, mas também a construção de um novo olhar sobre os sentidos da permanência e da transformação do rádio local.

A seguir alguns trechos do caderno de campo da pesquisadora (referentes às entrevistas realizadas em Nortelândia) serão transcritos, vejamos:

03 de dezembro de 2024 – Acordo às cinco horas, ligo o rádio para ouvir o programa sertanejo do nosso próximo entrevistado, Garcia. Espero a chuva passar e sigo para a emissora a pé pelas ruas ainda silenciosas. Na noite anterior, logo depois de chegar à cidade me sentei no banco da praça em frente a Difusora e um filme passou na minha cabeça. Vinte anos atrás, eu havia vivido com meus alunos um momento raro, uma aula de campo para conhecer o programa de auditório *Minha Terra, Nossa Gente*. O dia foi intenso, começando com Garcia, depois Edivaldo. Edivaldo hoje é diretor da Rádio Difusora, mas foi do garimpo que viu a montagem da torre e enxergou seu futuro. No final da tarde, conversei com Edson, o Baianinho da Garapa, depois de idas e vindas na feira e na casa dele, finalmente o encontrei. Baianinho e a esposa são avessos a telefone. A última entrevista do dia foi com Beto, um ex-garimpeiro, que para ouvir seu rádio tranquilo à noite no garimpo construiu um barraco deixando o alojamento em silêncio para os colegas dormirem. Na madrugada seguinte, retorno a Cuiabá.

Rondonópolis como campo de pesquisa – O município localizado ao Sul de Mato Grosso e importante polo regional ao longo da BR-364, ocupa lugar significativo na trajetória da pesquisadora desta tese. Foi na cidade que ela viveu dos 14 aos 20 anos, período que

coincide com sua adolescência e início da juventude e que se revelou decisivo para sua formação pessoal, educacional e cidadã.

Durante esses anos, a pesquisadora cursou o ensino médio em instituições públicas da cidade, como as escolas estaduais Adolfo Augusto de Moraes e Major Otávio Pitaluga. Contudo, foi no Interact Club de Rondonópolis⁸ que se ampliaram suas vivências sociais e sua consciência crítica. A participação em projetos comunitários, com foco em ações voltadas à população em situação de vulnerabilidade e à preservação ambiental, proporcionou-lhe a oportunidade de desenvolver habilidades de liderança e olhar mais atento para as questões sociais do entorno.

Essa atuação comunitária também abriu espaço para os primeiros contatos com o universo da comunicação. Ao coordenar ações do Interact, a pesquisadora concedeu diversas entrevistas às emissoras de rádio locais e participou da produção do jornal do clube – cuja edição mensal registrava as atividades desenvolvidas. Essas experiências iniciais contribuíram para despertar o interesse pelo jornalismo, campo profissional que viria a integrar sua trajetória acadêmica e de pesquisa.

As lembranças da pesquisadora sobre Rondonópolis também se conectam à presença cotidiana do rádio no ambiente familiar. O aparelho, quase sempre sintonizado nas primeiras horas do dia, acompanhava os pais em seus rituais matutinos. O pai, trabalhador da construção civil, tinha o hábito de ligar o rádio enquanto preparava o café, antes de sair para o trabalho, deixando-o ligado para que a mãe também o ouvisse ao despertar. O rádio, assim, funcionava como uma espécie de termômetro para o dia que começava.

Em Rondonópolis a pesquisadora esteve em duas ocasiões, na primeira visita entrevistou cinco, dos seis colaboradores, mas a pedido do jornalista Orestes Miraglia Carvalho voltou à cidade na última semana de dezembro de 2024 exclusivamente para entrevistá-lo.

A seguir alguns trechos do caderno de campo da pesquisadora – referentes às seis entrevistas realizadas em Rondonópolis.

21 de novembro de 2024 – Já se passaram 20 dias da minha última entrevista. A ida para Rondonópolis ocorre com o campo aberto e uma lista de nomes

⁸ É um clube de jovens de 12 a 18 anos que fazem projetos sociais com a intenção de melhorar o mundo em que vivem e ainda desenvolverem suas habilidades de liderança. Os Interact são patrocinados por um Rotary Clube (<https://www.rotary.org/pt/get-involved/interact-clubs>).

importantes anotados. Eu tinha certeza que ao estar na cidade os nós soltos iriam se conectar e a rede se conformaria. O final do ano se aproximava e a angústia batia. Ao chegar na cidade, meu primeiro contato foi com Samuel Logrado de Souza, proprietário do Jornal A Tribuna, pois eu queria acesso ao arquivo do jornal para pesquisar a história da radiodifusão em Rondonópolis. Eis que o destino (ou o campo) me surpreendeu, Samuel fez parte da história do rádio em Rondonópolis e acabou sendo peça-chave no emaranhado.

22 de novembro de 2024 – Retomo o contato com Sebastião Castilho, havíamos conversado um ano atrás. Na pré-entrevista realizada um ano antes ele me deu pistas de que tinha muito a dizer. E eu estava certa, Sebastião detinha toda a memória da radiodifusão de Rondonópolis, da Rádio Educativa, passado pela Branife, até o encerramento das atividades da Amorim Juventude. Sebastião construiu um acervo com imagens, sons e objetos que conta a trajetória da radiodifusão de Rondonópolis.

25 de novembro de 2024 – Segunda-feira, quinto dia em Rondonópolis. Combinei com o jornalista Lucas Perrone de ir à Rádio 104 FM (na sede do Grupo Dorner) para pegar os contatos no telefone da emissora de alguns ouvintes que sempre interagiam com o programa que Victor Santos e ele apresentam. Cheguei cedo, eles haviam acabado de começar o jornal radiofônico. Conversa vai, conversa vem, eles me convidam para falar da minha pesquisa ao vivo no programa e eis que vários ouvintes enviaram mensagens parabenizando pela pesquisa, outros falando com saudade do AM. Destes, dois se confirmaram com as indicações dos jornalistas, Leila e Elizeu. Ao final do programa, Lucas vai a sala do diretor do Grupo Dorner – TV SBT, Rádio 104 FM e Rádio Massa FM (migrante Amorim Juventude) – e agenda minha conversa com José Fernando para o final da manhã. A entrevista durou uma hora e continuamos no dia seguinte. O início da tarde ficou reservado para entrevistar o taxista Elizeu, um apaixonado pelo rádio desde a infância. Após isso me encaminhei para casa de dona Leila, no Conjunto Habitacional São José, um bairro grande de casas populares, do qual ela é a líder comunitária.

26 de novembro de 2024 – Retomei a conversa com José Fernando, em seu escritório na sede do Grupo Dorner. Apesar de no decorrer da pré-entrevista por telefone, ele ter sido reticente, no momento da entrevista se mostrou aberto a

contribuir, inclusive trazendo à tona lembranças da infância na roça e sua relação com o rádio. À noite, retorno à Cuiabá sabendo que seria necessário voltar na última semana de dezembro para entrevistar Orestes Miraglia.

30 de dezembro de 2024 – Depois de muito persistir, finalmente chegou o dia de entrevistar Orestes Miraglia. Ligo o rádio para acompanhar as últimas notícias trazidas pelo jornalista no seu programa. Sigo para a Rádio 105 FM onde trabalha hoje. Orestes foi simpático e solícito... elucidou muitos fatos...

Cuiabá como ponto estratégico para a pesquisa – A capital de Mato Grosso, configurou-se como ponto estratégico na realização das entrevistas desta pesquisa. Para além de sua posição geográfica central em relação aos municípios de Cáceres, Nortelândia e Rondonópolis, a cidade concentra estruturas institucionais, redes de circulação e vínculos pessoais e profissionais que favoreceram o acesso a quatro colaboradores e é onde a pesquisadora reside.

Essa condição ampliou o campo empírico da pesquisa, permitindo que Cuiabá funcionasse como uma espécie de ponto de convergência: um lugar de encontros, reencontros e escutas que ressoam experiências radiofônicas vividas em outras localidades. As entrevistas realizadas na capital foram, assim, atravessadas tanto pela memória desses outros territórios quanto pela vivência atual dos colaboradores.

Na sequência alguns apontamentos importantes do caderno de campo da pesquisadora referente às entrevistas com Antônio João de Barros Neto, Antônio Peres Pacheco, Adão Eneas da Silva Jacobina e José Elias Antunes Neto.

24 de outubro de 2024 – Depois de idas e vindas e até chegar à aprovação do projeto no Comitê de Ética foram longos meses, o tão esperado dia chegou. Era a hora da primeira entrevista. Li e reli o roteiro semiestruturado para a entrevista, chequei gravador, microfones, computador, tudo pronto. No dia anterior já havia confirmado a entrevista para hoje. No horário marcado, duas da tarde, cheguei a residência de Antônio João. A entrevista foi esclarecedora. Quando já estava encerrando a entrevista, eis que surge seu Zezinho Barros – após seu cochilo vespertino – o fundador da Rádio Difusora. Antônio João me apresenta a ele e diz que estou fazendo uma pesquisa sobre o rádio AM. Zezinho me dá os parabéns e nos brinda com alguns lampejos de memória dos tempos áureos da

Regional. Essa lembrança vou guardar para sempre na minha memória, já que Zezinho hoje sofre de Alzheimer.

25 de outubro de 2024 – Antônio Peres Pacheco sugeriu que conversássemos em um café próximo a casa dele logo no início da manhã. Cumpridos os protocolos normativos a entrevista fluiu com leveza e cheia de lembranças. Pacheco falou do sonho juvenil de ser correspondente de guerra, das aventuras e desventuras do ofício do jornalismo e das dificuldades de editor literário.

29 de outubro de 2024 – Eneas Jacobina foi um nome que ouvi muitas vezes no período em que desenvolvi projetos com alunos nas Rádios Comunitárias do CPA e na do Cristo Rei, em Várzea Grande e nas conversas com colegas radialistas, mas nunca havia encontrado com ele. Jacobina era para mim quase uma figura mítica. Ele me recebeu em sua casa, acompanhado da neta Angelina, de sete meses, no bairro Morada da Serra numa manhã tranquila após levar a esposa e a filha ao trabalho. A entrevista foi carregada de emoção e saudades.

18 de dezembro de 2024 – Chego à TV Cidade Verde às sete e meia da noite e fico aguardando meu entrevistado encerrar seu programa de entrevistas – *Boa noite, Elias Neto* – em um saguão suntuoso repleto de imagens performáticas de seus principais apresentadores e fico a pensar na trajetória do cacerense Elias, que daqui a pouco iria entrevistar. A entrevista durou quase uma hora e meia e foi permeada por memórias saudosas, por comentários de trechos do seu livro, que inclusive terá uma edição atualizada, como adiantou Elias durante a entrevista.

4.5 Tratamento das entrevistas

Para a realização das entrevistas, utilizou-se um microfone de lapela sem fio, com transmissão via *bluetooth*, acoplado a um *software* de gravação no computador da pesquisadora. Essa opção técnica visou garantir a qualidade do áudio, ao mesmo tempo em que proporcionava maior liberdade e conforto aos entrevistados, evitando a intimidação causada por equipamentos mais intrusivos ou visíveis. Os arquivos de áudio foram armazenados diretamente no disco rígido do computador e imediatamente salvo em nuvem e, por questões de segurança, foi feita uma cópia de segurança em unidade externa, ambos protegidos por senha de acesso. Esse cuidado reflete não apenas uma precaução técnica, mas também uma responsabilidade ética e legal, conforme orientações

das diretrizes para pesquisas com seres humanos no Brasil dispostas Resolução nº 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2016), que exigem proteção rigorosa de dados sensíveis.

As entrevistas realizadas durante esta pesquisa foram, inicialmente, transcritas de forma literal com o auxílio do *software transkriptor*, ferramenta que possibilitou a geração automatizada de relatórios textuais a partir de arquivos de áudio. Após essa etapa, a pesquisadora procedeu à conferência cuidadosa entre o áudio original e os relatórios gerados pelo *software*, realizando as correções necessárias para garantir a fidelidade das falas.

Em seguida, iniciou-se o processo conhecido como limpeza do texto, conforme discutido por Santhiago e Magalhães (2017). Esse procedimento consiste em retirar repetições desnecessárias, hesitações, expressões de apoio típicas da oralidade (como “né?”, “aham”, “tá?”), e ruídos que não alteram o conteúdo do depoimento, mas que podem comprometer a clareza e a fluidez da leitura. Contudo, é importante destacar que a limpeza textual não significa apagar a oralidade, mas sim tratá-la com respeito à sua estrutura própria, mantendo seus traços essenciais e evitando artificializações. Como afirmam os autores, trata-se de “ajustar o texto sem apagar o sujeito”. Após isso foi realizada a textualização, procedimento que Meihy e Seawright (2021) caracterizam como sendo o

reordenamento das ideias emitidas pelo entrevistado, independente da ordem em que ele as expôs. Para tanto, é importante um reescalonamento das frases, as quais poderão sofrer alterações na exposição textualizada. Se na fluidificação oral as frases se perdem soltas em uma temporalidade que persegue as lembranças recompostas, na textualidade os eixos organizadores sobressaltam, pois, ao reclamarem pela lógica da concatenação argumentativa (Meihy & Seawright, 2021, p. 134).

A partir dessa depuração, foram organizados os materiais que integram os apêndices D a U, onde constam as entrevistas textualizadas. Esse trabalho com os textos, organização das entrevistas e redação das análises que compõem o capítulo 5 foi realizado entre outubro de 2024 e maio de 2025. As entrevistas completas encontram-se listadas conforme descrito na tabela 6, a seguir.

Tabela 6

Identificação das emissoras, dos(as) participantes, local, data da entrevista, duração e localização das entrevistas completas na tese

Emissora	Nome do(a) participante	Local e data da entrevista	Duração	Entrevista completa
Difusora	Maridalva Amaral Vignardi	Cáceres, 31/10/2024	02h26m07s	Apêndice D
	Luiz Valdevino dos Santos	Cáceres, 01/11/2024	00h56m18s	Apêndice E
	Adão Eneas da Silca Jacobina	Cuiabá, 29/10/2024	01h32m43s	Apêndice F
	José Elias Antunes Neto	Cuiabá, 18/12/2024	01h23m26s	Apêndice G
	Roberto Carlos Bassan Antelo	Cáceres, 31/10/2024	00h50m18s	Apêndice H
	Adilson Domingos dos Reis	Cáceres, 20/01/2025	01h11m56s	Apêndice I
Duração das entrevistas:			08h20m48s	
Regional	Antônio João de Barros Neto	Cuiabá, 24/10/2024	01h26m14s	Apêndice J
	Edivaldo de Sá Teixeira	Nortelândia, 03/12/2024	01h14m26s	Apêndice K
	Luiz Garcia Taborda	Nortelândia, 03/12/2024	01h03m00s	Apêndice L
	Antônio Peres Pacheco	Cuiabá, 25/10/2024	01h54m32s	Apêndice M
	Edson Ramalho dos Santos	Nortelândia, 03/12/2024	00h45m04s	Apêndice N
	Roberto Carlos de Arruda	Nortelândia, 03/12/2024	00h49m35s	Apêndice O
Duração das entrevistas:			07h12m51s	
Amorim Juventude	José Fernando Nunes e Silva	Rondonópolis, 25/26/11/2024	01h13m08s	Apêndice P
	Sebastião Castilho Alves Costa	Rondonópolis, 22/11/2024	02h33m09s	Apêndice Q
	Orestes Miraglia Carvalho	Rondonópolis, 30/12/2024	01h10m00s	Apêndice R
	Samuel Logrado de Souza	Rondonópolis, 21/11/2024	01h06m38s	Apêndice S
	Elizeu do Nascimento	Rondonópolis, 26/11/2024	00h58m42s	Apêndice T
	Leila Castro	Rondonópolis, 25/11/2024	00h59m54s	Apêndice U
Duração das entrevistas:			08h01m31s	
Duração total das entrevistas:			23h35m10s	

Fonte: Elaborado pela autora com dados da pesquisa (2025).

A duração dos encontros foi bastante variada como pode ser observada na tabela anterior, foram capturados 23h35min10s de áudios, sendo 08h20m48s da Rádio Difusora de Cáceres, 07h12min51s da Rádio Regional de Nortelândia e 08h01 referentes a Rádio Amorim Juventude. Quatro entrevistas foram realizadas em Cáceres, quatro em Cuiabá, uma vez que os entrevistados residem na capital, outras quatro entrevistas foram realizadas em Nortelândia e seis em Rondonópolis.

As narrativas elaboradas para esta tese estão completas, mas ainda assim são sempre constituídas de fragmentos, seguindo em alinhamento com Alberti (2004), compreende-se que lida-se com “pedaços de passado”. Meihy e Seawright (2021, p. 136) vão dizer ainda, sobre o processo de textualização utilizado aqui, tal procedimento, além de dar um padrão textual à transcrição do produto gravado, torna “o texto compreensível para

os leitores interessados” e funciona como um ato de mediação do pesquisador para seu público.

As entrevistas, uma vez textualizadas e organizadas, constituíram a base para a construção dos episódios temáticos apresentados a seguir, no capítulo 5. A partir delas, foi possível reconstruir trajetórias, tensionar memórias e compreender os impactos sociais e culturais da transição das emissoras AM para o FM no contexto local.

Capítulo 5 – Construção da história oral do rádio AM em três comunidades brasileiras - As vozes daqueles que ouviam rádio AM local

O capítulo que ora se inicia discute os limites e desafios enfrentados no processo de escuta, interpretação e sistematização das narrativas, reconhecendo o caráter dinâmico, inacabado e situado da produção do conhecimento. Além disso, apresenta os resultados da pesquisa, ancorados na construção da história oral do rádio AM a partir das narrativas de ouvintes em três comunidades brasileiras, em especial no Estado de Mato Grosso. As vozes reunidas aqui apresentam memórias, afetos e percepções sobre o papel social do rádio, especialmente no contexto da transição do AM para o FM.

Tendo sempre em vista o objetivo central da tese, que consiste em compreender as mudanças provocadas pela transição do rádio AM para o FM, no contexto da construção da memória radiofônica, pela perspectiva da história oral. Esta investigação parte do seguinte problema de pesquisa: Quais as implicações sociais da transição AM para o FM, em três regiões do Estado de Mato Grosso, e como constituir a memória do rádio AM nestas localidades?

Nesta pesquisa, a oralidade, aparece como forma de existência da memória coletiva, não apenas meio de transmissão, por conseguinte, a abordagem adotada compreende a memória como um campo de disputa e produção de sentidos, que é atravessado por afetos, silenciamentos, lembranças e esquecimentos. Na medida em que reúne tudo isso, passa a valorizar as narrativas dos ouvintes, pois evidencia como o rádio AM é lembrado, ressignificado e, muitas vezes, reivindicado como parte constitutiva das experiências cotidianas dessas comunidades.

A escuta, enquanto atitude metodológica e ética foi fundamental para captar as camadas simbólicas e subjetivas que permeiam os relatos. Mais do que registrar informações, tratou-se de acolher modos de dizer e de lembrar, reconhecendo os narradores como sujeitos da memória e protagonistas de suas próprias histórias.

As hipóteses que guiam a investigação foram revistas sob a ótica das narrativas: a primeira que pergunta se a migração do AM para o FM repercutiu negativamente sobre as comunidades, dificultando o acesso à informação e ao entretenimento; a segunda que interroga se os ouvintes guardam uma memória positiva sobre o rádio AM; e a terceira que levanta a percepção dos ouvintes acerca dos benefícios na mudança para o FM, especialmente em relação à qualidade do sinal, à programação e à interação. A análise dos depoimentos auxilia na verificação do grau de confirmação dessas hipóteses, ao mesmo tempo em que permite suscitar novas questões para investigações futuras.

Este capítulo, portanto, dedica-se a apresentar as narrativas construídas no processo de pesquisa, entendidas como expressão legítima das experiências e memórias dos ouvintes. É por meio dessas vozes, diversas, tensionadas e afetadas pelas transformações tecnológicas e culturais, que se delineia a história oral do rádio AM nas comunidades de Cáceres, Nortelândia e Rondonópolis.

Organizamos as narrativas em quatro episódios temáticos. Esses episódios, ao mesmo tempo em que compõem a construção da história oral do rádio nas comunidades pesquisadas, funcionam como categorias de análise que atravessam todas as entrevistas. Dessa forma, cada episódio será retomado para cada emissora, permitindo a comparação entre as diferentes experiências e modos de lembrar.

A escolha por episódios temáticos, em vez de uma apresentação linear ou cronológica, segue uma lógica afetiva, experiencial e simbólica, que respeita os ritmos da memória e os modos singulares de narrar dos colaboradores, além de fazer alusão às produções radiofônicas mais icônicas, as radionovelas, geralmente divididas em episódios. Portanto, cada episódio reúne fragmentos narrativos que dialogam entre si e iluminam aspectos distintos da trajetória das emissoras e de seus ouvintes, revelando sentidos específicos sobre o lugar do rádio AM na vida cotidiana das comunidades.

O Episódio 1 – Memórias da fundação: o início da emissora concentra as lembranças sobre os primeiros momentos de funcionamento das rádios locais. As narrativas evocam o entusiasmo da criação, os improvisos técnicos, os vínculos comunitários e a sensação de novidade e pertencimento que marcou o surgimento das emissoras.

O Episódio 2 – Memórias dos momentos marcantes: o auge da emissora reúne relatos sobre a fase considerada por muitos como a *Era de Ouro do Rádio AM*. Surgem aqui memórias de programas emblemáticos, figuras carismáticas, grande audiência e forte

conexão comunitária, um período lembrado com emoção, orgulho e intensa participação dos ouvintes.

O *Episódio 3 – Memórias da transição* aborda as percepções em torno da migração do AM para o FM. As falas revelam tensões e ambivalências: se, por um lado, há reconhecimento de avanços técnicos, por outro, aparecem sentimentos de perda, distanciamento e mudança na identidade das emissoras.

Por fim, o *Episódio 4 – Memórias e afetos: o rádio como elo de pertencimento* evidencia o papel do rádio AM como espaço de construção de laços afetivos, de escuta comunitária e de pertencimento simbólico. Os relatos destacam o rádio como companhia constante, como memória viva e como elo entre o individual e o coletivo nas trajetórias dos ouvintes.

5.1 No ar: vozes da resistência - a história da Rádio Difusora de Cáceres

Esta seção apresenta os resultados da pesquisa de campo a partir das entrevistas realizadas com ouvintes, ex-funcionários e com a proprietária da Rádio Difusora de Cáceres, organizadas em episódios temáticos que recuperam experiências, sentidos e memórias vinculadas à trajetória da emissora.

Com base na metodologia da história oral (Meihy & Holanda, 2007; Alberti, 2004, 2005), optou-se por uma escuta sensível e aberta à complexidade das narrativas pessoais, compreendidas aqui como construções sociais e culturais atravessadas por afetos, disputas de memória e interpretações subjetivas do vivido.

Em alinhamento com o que discutem autores como Lopes (2006) e Kischinhevsky (2021), o rádio é entendido aqui não apenas como veículo informativo, mas como espaço simbólico de sociabilidade, pertencimento e resistência. Desta forma, mais do que reconstituir uma história factual da rádio, buscou-se compreender como os sujeitos entrevistados elaboram sentidos sobre sua participação na emissora, revelando aspectos do cotidiano do trabalho radiofônico, das transformações técnicas e institucionais ao longo do tempo, das tensões políticas enfrentadas e da importância do rádio como meio de comunicação profundamente enraizado no território cacerense.

A fim de compor um conjunto de narrativas que evidenciem os diferentes momentos e significações da Rádio Difusora, desde a sua fundação até os momentos de auge, passando pelas fases de crise e transição, incluindo os vínculos afetivos estabelecidos com os

ouvintes e a comunidade local é que foram constituídos os episódios, que se estruturam por eixos temáticos, os quais emergiram durante o processo de análise das entrevistas. A opção por esse formato busca preservar a potência da fala dos sujeitos, valorizando a oralidade como forma legítima de produção de conhecimento.

Antes de adentrar nas análises, serão apresentados brevemente nossos colaboradores, cujas histórias, memórias e vivências com o rádio AM compõem o cerne desta construção narrativa.

5.1.1 Perfil dos colaboradores da Rádio Difusora

Maridalva Amaral Vignardi⁹ chegou em Cáceres em 1977, aos 28 anos. Ela é proprietária da rádio desde o nascimento desta, que surgiu em 1º de maio de 1979, já que seu ex-esposo juntamente com seu pai receberam a concessão para uma rádio que transmitia em Ondas Tropicais (OT) inaugurada em 1º de maio de 1978, portanto um ano antes da Difusora AM. Esta sociedade tinha a seguinte distribuição de porcentagens: o pai dela detinha 25% das ações, a mãe outros 25%, Ivo, o ex-marido de Maridalva ficava com 26% e ela própria detinha 24%. Ao chegar em Mato Grosso foi coordenar a APAE¹⁰ da cidade. Na Difusora começou escrevendo o programa *Manhã Tropical*, passou pela contabilidade, recursos humanos e hoje é diretora-presidente do Grupo Difusora. Maridalva teve duas filhas e um filho, uma das filhas, Mirella, administra as rádios ao lado da mãe.

Luiz Valdevino dos Santos¹¹ começou a trabalhar na Rádio Difusora com 18 anos, depois de ser dispensado no alistamento militar. Ele queria ir para o Exército para compor a seleção futebol do quartel. É conhecido como Luiz Garcia ou apenas Garcia, nome que ganhou nas partidas de futebol no campinho do bairro Jardim Padre Paulo, todas as vezes que ele pegava na bola gritavam: “Vai Garcia, passa Garcia”, o garoto usava uma camiseta-brinde do candidato a governador Garcia Neto. O jornalista trabalhou na Rádio Difusora por 28 anos, hoje trabalha na Rádio Super Jornal FM de Cáceres e administra seu próprio site de notícias.

⁹ Entrevista presencial concedida à autora em 01 de novembro de 2024, em Cáceres.

¹⁰ Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais.

¹¹ Entrevista presencial concedida à autora em 01 de novembro de 2024, em Cáceres.

Adão Eneas da Silva Jacobina¹² seu primeiro emprego no rádio foi na Difusora AM de Cáceres, logo depois de cumprir o alistamento militar na Marinha do Brasil. Foi contratado para apresentar o *Jornal Falado*, mas também redigia notícias, fazia reportagens e apresentava programas de entretenimento, além de participar como ator da radionovela da Difusora. Depois de Cáceres, Eneas Jacobina trabalhou em emissoras de rádio em Nortelândia, Alta Floresta, Itiquira, São José do Rio Claro, Várzea Grande e Cuiabá. Hoje administra sua web rádio, faz locuções comerciais e dedica seu tempo à neta Angelina, de sete meses.

José Elias Antunes Neto¹³ começou trabalhar na Rádio Difusora com 19 anos, queria ser noticiário, acreditava que estava preparado, afinal com sua voz grave marcava presença nos eventos da cidade como chefe escoteiro e no teatro. Não foi contratado no primeiro teste, mas teve a oportunidade aprimorar a técnica, o dono da Difusora acreditou no talento do jovem rapaz. Passados dois meses de treinando ocupa uma vaga de locutor de um programa sertanejo na madrugada, o *Brasil Caboblo*. Depois apresentou programas de sucesso como *As Dez Mais dos Estudantes*, que tinha 100% de audiência. Em busca de seus objetivos logo passou de locutor para redator de boletim de notícias, em seguida assume a frente do *Jornal Falado*. Antunes Neto também foi ator das radionovelas da Rádio Difusora. Em 1984 entrou para a televisão e continua até hoje.

Roberto Carlos Bassan Antelo¹⁴ tinha 12 anos quando a Rádio Difusora foi inaugurada e o garoto esteve na inauguração da emissora em 1º de maio de 1978, já era apaixonado pelo rádio. Bassan, como é conhecido em Cáceres, tem um caderno onde faz anotações dos pedidos de música, aniversários e também pedindo apoio do poder público para atendimento na área de saúde, segurança, saneamento, educação. Bassan interage com os programas da Rádio Difusora diariamente, mas também participa de programas de rádio em outros Estados onde construiu amizades por meio do rádio. Para ele, o rádio não vai sair fácil da vida das pessoas porque o meio vai acompanhar a evolução da tecnologia dos novos tempos.

Adilson Domingos dos Reis¹⁵, 76 anos, cacerense, engenheiro civil. Durante 30 anos trabalhou na articulação da criação da Zona de Processamento de Exportação de Cáceres

¹² Em entrevista presencial concedida à autora em 29 de outubro de 2024, em Cuiabá.

¹³ Em entrevista presencial concedida à autora em 18 de dezembro de 2024, em Cuiabá.

¹⁴ Em entrevista presencial concedida à autora em 31 de outubro de 2024, em Cáceres.

¹⁵ Em entrevista presencial concedida à autora em 20 de janeiro de 2025, em Cáceres.

(ZPE)¹⁶, mas não conseguiu ver a inauguração, Adilson faleceu quinze dias após conceder entrevista a autora desta pesquisa. Adilson estava com sua dissertação de mestrado pronta para defesa na Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat) que tratava da integração Sul-americana Brasil e Bolívia e rascunhando seu projeto de tese de doutoramento pela mesma universidade. Ganhou seu primeiro rádio portátil, um Mitsubishi, do pai aos 12 anos, já era torcedor do Santos, de Pelé.

5.1.2 Episódio 1 – Memórias da fundação: o início da Rádio Difusora

A história da Rádio Difusora de Cáceres começa com um pressentimento. Era década de 1970 e o rádio era um dos meios mais importantes de comunicação em regiões interioranas do Brasil. Cáceres, à época, era comarca regional e concentrava os principais serviços administrativos do Oeste mato-grossense. A cidade atraía moradores de localidades vizinhas, como Pontes e Lacerda e Mirassol d'Oeste, para resolver questões jurídicas, agrárias e cartoriais.

Foi em uma dessas viagens a Cáceres que surgiu a ideia: “Quem botar uma rádio aqui, acho que vai dar certo porque aqui é uma faixa de fronteira”, relembra Maridalva Amaral Vignardi (2024), citando o que seu pai disse a Ivo Vignardi, seu esposo e um dos fundadores da rádio. Na época, o casal morava em Santa Fé do Sul, interior de São Paulo. A percepção de que a ausência de uma emissora na região representava não apenas uma lacuna de comunicação, mas uma oportunidade estratégica foi o estopim de um processo de mobilização e sonho.

A partir dessa intuição, Ivo deu início aos trâmites burocráticos para solicitar ao Ministério das Comunicações a concessão para abertura de uma emissora.

Entraram cinco grupos na concorrência [...] e, não sei por que cargas d'água, ganhamos a concorrência”, conta Maridalva, com o tom leve de quem relembra uma vitória improvável. O então ministro Euclides Quandt de Oliveira esteve pessoalmente em Cáceres em 1977 para inaugurar o sistema DDD¹⁷, e foi ele quem comunicou a decisão: “Quem ganhou foi o Grupo Difusora (Vignardi, 2024).

¹⁶ As ZPE são áreas de livre comércio com a finalidade de exportação (Brasil, 2024).

¹⁷ Código numérico utilizado para ligações telefônicas que identifica um Estado ou cidade. No caso a entrevistada trata da inauguração do sistema de comunicação telefônica entre Cáceres e o restante do país.

A notícia foi recebida com entusiasmo. O casal Vignardi deixou o interior paulista rumo a Cáceres, onde iniciou a construção do prédio da emissora, um marco arquitetônico para a cidade. “Foi o primeiro prédio com fim específico para funcionamento de uma rádio”, destaca Adilson Domingos dos Reis (2025), engenheiro que assumiu a responsabilidade pela obra logo no início de sua carreira. Segundo ele, o prédio não era apenas uma estrutura técnica, mas um espaço de encontros: no fundo do terreno, o chamado “Barracão da Difusora” (Reis, 2025) acolhia reuniões comunitárias e debates sobre o futuro da região. “Foi lá que começamos a discutir a integração Sul-americana. A ligação Cáceres–San Matías (Bolívia) começou ali, desenhada em papel vegetal com tinta nanquim” (Reis, 2025), lembra Adilson, emocionado ao ver que as ideias sonhadas naquela época se materializaram na Zona de Processamento de Exportação (ZPE) de Cáceres.

A primeira transmissão ocorreu em 1º de maio de 1978, ainda por meio de Ondas Tropicais, frequência concedida pelo governo federal como alternativa inicial, dada a localização de fronteira, segundo Maridalva, seu esposo dizia “Eu vou pôr a Tropical no ar, mas eu também vou querer a AM” (Vignardi, 2024). A emissora AM viria um ano depois, também inaugurada em 1º de maio. A data simbólica do Dia do Trabalhador foi escolhida propositalmente para marcar o compromisso com a comunidade e com o desenvolvimento regional.

Para Roberto Carlos Bassan Antelo, a chegada da rádio foi um divisor de águas para a cidade: “Foi um marco na história de Cáceres. Lá no meu bairro mesmo, nem luz tinha naquela época. O rádio era de pilha” (Antelo, 2024). Ele se recorda da inauguração, da presença de locutores como José Pedro Santos e Elias Neto, este último, mais tarde, reconhecido jornalista em Cuiabá. A rádio rapidamente se tornou um polo formador de profissionais e de conteúdo local.

Já Maridalva, ainda adaptando-se à nova vida em Cáceres, encontrou na emissora um espaço de criação: “Eu não fazia nada, só chorava. Então inventei um programa, o *Manhã Tropical* (Vignardi, 2024). O programa, apresentado por um locutor, era voltado à orientação familiar, com dicas sobre saúde, educação infantil e convivência doméstica.

Assim, entre idealismos e improvisos, nasceu a Rádio Difusora. Não apenas como um canal de comunicação, mas como uma instância cultural, política e afetiva. Um espaço onde se sonhavam projetos de integração continental, se formavam lideranças e se dava voz a uma população que, até então, carecia de meios para se ouvir e se ver representada.

Nas palavras de Maridalva, a fundação da rádio foi também uma travessia pessoal e familiar: “Construímos o prédio, inauguramos a emissora, e em setembro eu já vim pra cá” (Vignardi, 2024). Foi o começo de um novo capítulo: para ela, para a família Vignardi, e para Cáceres.

5.1.3 Episódio 2 – Memórias dos momentos marcantes: o auge da Rádio Difusora

A Rádio Difusora de Cáceres, desde sua fundação, se consolidou como um elo entre cidade e campo, sendo presença constante na vida das pessoas. Ao lembrar os tempos áureos da emissora, as vozes dos que participaram desse percurso ajudam a compor um retrato vívido da relevância social, cultural e afetiva da rádio na região.

Maridalva Vignardi rememora com carinho um dos programas mais emblemáticos da grade: o *Cantinho do Recado*. “Era um programa muito simples, que só era possível devido a nossa grande audiência. O programa ia ao ar de meio-dia a uma da tarde, era o meio de comunicação das pessoas que estavam na cidade com as que estavam nas fazendas” (Vignardi, 2024), contou. Em tempos de cheia no Pantanal, quando algumas regiões ficavam isoladas por até três meses, o programa cumpria uma função vital de comunicação. “As pessoas passavam na rádio e deixavam os recados escritos à mão e, em alguns casos, a recepcionista anotava o recado. [...] Eram de trinta a quarenta recados por dia” (Vignardi, 2024).

Ela lembra, inclusive, de um caso que se tornou símbolo da importância afetiva do programa: “Um pai mudou para o sítio e o filho não queria ir porque tinha uma namorada na cidade. [...] A namorada mandava recados e músicas para o jovem rapaz. Conclusão: estão casados até hoje” (Vignardi, 2024).

Roberto Carlos Bassan Antelo também destaca esse papel social da rádio: “Hoje, com o WhatsApp, o programa não teria mais sentido”, disse, reconhecendo, no entanto, sua força histórica como um canal indispensável de ligação entre pessoas distantes.

A audiência era tamanha que até mesmo a Polícia Federal investigou os recados veiculados. “Houve uma época que a Polícia Federal veio aqui para ver os recados que eram dados, porque existia um código entre os pescadores para avisar que a Polícia Federal estava indo fiscalizar”, relata Maridalva (2024).

Outro ponto alto da programação da Difusora foi a produção das radionovelas. A experiência, além de inovadora, mobilizava toda a equipe. Segundo José Elias Antunes Neto (2024), “o Jean Neto e o José Pedro dos Santos escreviam as histórias e aí nós íamos gravar na quinta-feira [...] entrávamos às seis da tarde e saíamos às vezes às seis da manhã do outro dia”. As radionovelas iam ao ar aos sábados e tinham audiência total: “A cidade simplesmente parava. [...] Todo mundo teria que estar ali, teria que se virar e ser um ator ou atriz. Quem não era, virou”, contou Antunes Neto.

Maridalva complementa essa memória com os títulos das histórias e a organização da produção: “Ele [Jean Neto] escreveu *Pedaço do Sertão*, *João de Barro*, *Teresa Cabocla*, uma mais bonita que a outra. A cidade parava para ouvir. [...] Cada capítulo tinha um tema, os atores eram os locutores da rádio, a maioria eram homens, mas tinham as namoradas que vinham gravar também” (Vignardi, 2024).

A programação da Difusora era diversa e atendia a diferentes públicos. Além das radionovelas, havia espaço para programas de calouros e gincanas escolares. “Tivemos também um programa de calouros, chamado *Ranchão*, [...] vinham cantores de todo Mato Grosso”, lembra Maridalva. “Lembro também do programa *A Grande Chance*, era uma gincana escola contra escola, a gente fazia o programa em um cinema no domingo de manhã” (Vignardi, 2024).

Os programas musicais também marcaram época. Segundo Luiz Valdevino dos Santos (2024) “um dos programas de maior audiência foi o *Conexão Rio-Bahia*. Era sábado e domingo que ele apresentava”. Já Antunes Neto (2024) lembra do *Amigos do Rei*, dedicado exclusivamente a músicas de Roberto Carlos, que chegou a ganhar destaque até no programa *Fantástico*, da Rede Globo de Televisão.

A audiência da rádio, como lembra Antunes Neto (2024), era “meio que linear, porque era a única emissora. [...] O veículo de comunicação da cidade era a rádio”. Entre os programas mais queridos, destaca-se também o *Mamão com Açúcar*, lembrado com emoção por Roberto Antelo (2024): “Ficou muito tempo no ar, mais de 20 anos, parece. O apresentador era Julinho Vidal. [...] Eu mandava muitos recados, [...] três, quatro cartinhas para ficar escutando”.

Para Jacobina (2024), o jornalismo da Difusora também cumpria um papel fundamental, apesar das dificuldades: “O jornalismo, com toda a deficiência que a gente tinha para coletar os principais fatos, também tinha grande audiência”.

O rádio, além de entretenimento e comunicação, foi crucial em momentos de crise. “Lembro da enchente de 1981 e da de 2007. [...] O rádio foi muito importante, pois transmitia o que acontecia em toda a região, onde tinha ajuda, como estava o nível das águas”, recorda Antelo (2024).

Essas memórias não apenas resgatam os programas, mas revelam o papel da Rádio Difusora como espaço de encontro, sociabilidade e construção de identidade regional. A voz da rádio estava nas casas, nas fazendas, nas ruas e, sobretudo, no coração de Cáceres.

5.1.4 Episódio 3 – Memórias da transição de Difusora AM à Nova Difusora FM

A transição da Rádio Difusora de Cáceres do AM para o FM foi marcada por expectativas, desafios técnicos e transformações no modo de escuta do público. Os relatos dos entrevistados revelam tanto os aspectos estruturais e operacionais da migração quanto os impactos afetivos e simbólicos dessa mudança. Maridalva Amaral Vignardi, gestora da emissora, recorda o processo como uma necessidade econômica e uma oportunidade técnica para modernização da rádio:

A gente tinha que ir para a FM, por causa que a AM não dava lucro nenhum. No nosso caso a FM carregava a AM nas costas. [...] Para nós foi um presente, essa migração. Para nós foi muito benéfico. Apesar que a AM, ela chegava bem mais longe. Quanto mais longe você estava, melhor era o som, mas na cidade não era bom (Vignardi, 2024).

Ela detalha o percurso burocrático e financeiro necessário para viabilizar a migração:

Quando o governo lançou a possibilidade de fazer a migração, eu já comecei a juntar um dinheirinho para pagar a migração. Em 2016 ou 2017, eles chamaram para ir para Brasília para assinar a concessão. [...] Cheguei aqui, já paguei o boleto da concessão e começamos a ver as aparelhagens, mudança de transmissor e tudo mais que precisava (Vignardi, 2024).

A partir da migração, a emissora passou a operar como Nova Difusora FM (97,3), mantendo seu perfil popular com predominância da programação sertaneja e religiosa, tal qual antes da migração. No entanto, Vignardi (2024) também aponta preocupações com o futuro do rádio frente à crescente presença das tecnologias digitais “A minha preocupação são as crianças. Já já vão ser adultos e só tem um celular na mão. [...] O

futuro do rádio me preocupa, porque nós precisamos descobrir como cativar esse ouvinte” (Vignardi, 2024).

Apesar da modernização, a mudança nem sempre foi facilmente assimilada por todos os ouvintes. Segundo Vignardi (2024), as igrejas celebraram a melhoria na qualidade do som, enquanto outros públicos demoraram a se adaptar “No começo acho que eles acharam meio estranho, mas as igrejas adoraram, porque mudou completamente o som. O público que estava longe da antena foi se adaptando também ouvindo pelo celular, pelo nosso aplicativo exclusivo” (Vignardi, 2024).

A percepção sobre a mudança da AM para a FM também aparece na fala de Adão Eneas Jacobina, que chama atenção para os riscos da descaracterização da programação. “A falha que o pessoal cometeu, principalmente aqui em Cuiabá, é a seguinte: Eles migraram do AM para o FM, mas mudou a grade de programação também. [...] Música de baixa qualidade, não tem a informação que esse público quer, não transmite aquilo que ele quer” (Jacobina, 2024).

Adão Eneas Jacobina reforça que o público da AM era fiel e comprometido com uma programação popular que ia muito além da música “Aquele público que acompanhava o sertanejo, que vinha na sequência com jornalismo, com programa matinal, com receita, com dicas de saúde, com bate-papo com a comunidade, com as autoridades, não se produz mais” (Jacobina, 2024).

Já Roberto Carlos Bassan Antelo relata que soube da mudança por meio das redes sociais, destacando que nem todos os ouvintes foram informados adequadamente,

Eu vi através das mídias sociais que ia ter um tempo que não ia mais ter a rádio AM. [...] Acho que não [todo mundo não soube]. Porque tem gente, eu acho que ainda tem gente que fica procurando o sinalzinho da Difusora AM (Antelo, 2024).

Antelo compartilha ainda a forma como o rádio permanece presente em sua rotina, mesmo após a migração: “Para mim o rádio vai ser sempre meu companheiro. [...] Largo do celular para ouvir o rádio, a música sertaneja-raiz. De madrugada eu escuto o programa FM Fazenda, que é da Difusora” (Antelo, 2024).

Apesar das mudanças tecnológicas e de faixa de transmissão, para ele, o rádio continua sendo um vínculo afetivo e uma companhia cotidiana: “A gente não pode parar. A gente tem que fazer o luto, mas a gente tem que recomeçar. Senão fica perigoso entrar em depressão” (Antelo, 2024).

Por outro lado, o colaborador Adilson Domingos dos Reis admite não conhecer em profundidade as diferenças entre AM e FM, o que também revela a distância entre os processos técnicos e a percepção de parte dos ouvintes: “Não conheço a diferença com detalhes” (Reis, 2025).

Dessa forma, o processo de migração da Rádio Difusora AM para o FM evidencia não apenas um salto técnico e institucional, mas também os desafios de comunicação com os públicos tradicionais, a necessidade de preservação da identidade comunitária da emissora e o esforço contínuo para manter vivo o elo afetivo entre o rádio e seus ouvintes, mesmo diante das transformações do cenário midiático contemporâneo.

5.1.5 Episódio 4 – Memórias e afetos: o rádio como elo de pertencimento

A escuta do rádio, para muitos dos entrevistados, ultrapassa a função de acesso à informação e entretenimento. Ela se enraíza na experiência cotidiana como um vínculo afetivo e simbólico, capaz de construir sentidos de pertencimento e continuidade. Nesse contexto, a rádio local emerge como um espaço de identificação coletiva, onde as vozes locais, os estilos musicais e as práticas discursivas fortalecem laços sociais e memórias partilhadas.

Como aponta Meihy (2005), ao refletir sobre as narrativas orais como constitutivas de comunidades simbólicas, é por meio de certos eixos organizadores, como a “pergunta de corte”, que se garante certa uniformidade, essencial para “definir e reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais”. No caso, essa pergunta foi “Qual é a lembrança pessoal mais antiga que você tem do rádio?”. Nesse sentido, o rádio atua como um mediador cultural e afetivo entre locutores e ouvintes, entre campo e cidade, entre passado e presente.

As respostas emergem carregadas de afeto, memórias e sentidos identitários. O rádio, nesse contexto, não é apenas um meio técnico: é um elo entre pessoas, tempos e lugares. É um território de escuta que acolhe, reconhece e fortalece as fronteiras simbólicas que sustentam o sentimento de comunidade. Ele, não apenas comunica, mas reitera vínculos e memórias, sustentando uma rede de pertencimento que confere sentido à vida cotidiana e à experiência comunitária, especialmente em contextos onde outras formas de expressão pública e escuta mútua são escassas.

Ao convocar as lembranças mais remotas ligadas ao rádio, os entrevistados acionam uma memória que não é apenas técnica ou profissional, mas profundamente afetiva. É no entrelaçamento dessas memórias que se forma aquilo que Meihy (2005) denomina “comunidade de destino”, um grupo que se une por uma trajetória comum, onde as narrativas – mesmo diversas – asseguram certa uniformidade e “definem e reforçam sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais”.

As respostas à pergunta “Qual é a lembrança pessoal mais antiga que você tem do rádio?” revelam como o rádio se fazia presente no cotidiano familiar, doméstico e rural. O contato com o aparelho, em muitos casos, despertava a imaginação infantil. Vignardi (2024), por exemplo, relembra o encantamento da infância, ao lado da irmã gêmea, tentando entender como as pessoas falavam dentro daquela “caixa de marimbondo”. “A gente virava a caixa e só via os transistores. Mas como que a voz vem aqui?”, perguntava-se, em um misto de curiosidade e encantamento.

Antunes Neto (2024) compartilha uma memória semelhante: acreditava que havia alguém dentro do aparelho, até que, um dia, viu um técnico abrir o rádio. “Aí eu comecei a perguntar, mas cadê essa pessoa? [...] Depois ele explicou que a voz vinha de longe. Aí que eu comecei a entender”. Essa relação de fascínio com o rádio se mistura a um processo de aprendizado compartilhado, como destaca: “Meus pais me ensinaram a ouvir rádio pelo exemplo. Eu só fui perceber isso depois que eles faleceram”.

Entre os relatos, o rádio aparece como um elemento de coesão familiar. Luiz Valdevino dos Santos (2024) conta que o aparelho ficava em um armário na cozinha, sempre ligado, e que a família se reunia aos sábados e domingos para ouvir a radionovela: “O programa tinha um mistério [...] dava sequência no dia seguinte. Toda a família ouvia, a gente ficava na expectativa”.

Já Adão Eneas da Silva Jacobina (2024) descreve uma rotina em que o rádio marcava o tempo: depois do almoço, a mãe o colocava para dormir ao som de Eli Correa, que começava o programa com seu emblemático “- Oi, gente!”. “Desculpa professora, entrou um cisco aqui no meu olho”, diz Jacobina (2024), emocionado ao recordar o momento. O rádio, nesse caso, era mais do que um meio de comunicação, era um marcador afetivo da presença materna.

Para outros entrevistados, a experiência com o rádio esteve ligada à vivência rural. Antelo (2024) relembra os tempos em que morava na fazenda e o esforço da família para manter

o rádio funcionando: “A pilha acabava, a gente ia ferver a pilha para pôr no rádio de novo. Porque para vir na cidade era difícil”. O rádio, nesses contextos, funcionava como elo com o mundo exterior e, ao mesmo tempo, fortalecia os vínculos comunitários. Foi por meio dele que Antelo construiu amizades, trocou alô e afetos, organizados com cuidado em um caderno de anotações: “Eu andava com o caderninho na bolsa. Depois ele me perguntava: você que é o Bassan? Eu escuto na rádio” (Antelo, 2024).

As narrativas também revelam o papel do rádio na mediação com o espaço público. Reis (2025) recorda-se de como, ainda criança, acompanhava o pai (radioamador e ex-telegrafista do Exército) nas comunicações da Rádio Sentinela de Cáceres: “Eu ficava no colo do meu pai e ele se comunicando com o mundo”. O rádio, nesse caso, transcendia o espaço doméstico e servia de ponte entre a cidade e as fazendas, entre o local e o global. “Era gente pedindo avião para socorrer pessoa picada por cobra”, relata, mostrando como o rádio cumpria uma função vital.

Ao articular essas memórias, o que se percebe é que o rádio não era apenas uma tecnologia: ele funcionava como dispositivo de mediação simbólica, cultural e emocional. Suas ondas atravessavam casas, fazendas, ruas e relações, costurando um tecido social e afetivo que permanece vivo na memória dos entrevistados. A comunidade que se forma em torno dessas lembranças não é apenas construída pelo fato de ouvirem rádio, mas pela maneira como o rádio se inscreveu em suas histórias de vida, criando pertencimento, vínculos e reconhecimento.

5.2 No ar: vozes da resistência - a história da Rádio Regional de Nortelândia

A luta pela democratização da comunicação em contextos periféricos é um fator muito presente na história da Rádio Regional de Nortelândia. Através da escuta atenta aos jornalistas que performaram na condição de funcionários e de outros que seguem à frente dos microfones da emissora, com ouvintes atentos e com o proprietário da emissora, essa história pôde ser reconstruída aqui.

A Rádio Regional de Nortelândia funcionou sempre como canal de mediação entre a população e os grandes debates que movimentaram o país. A emissora foi um elo entre o município e os acontecimentos políticos de abrangência nacional. É de se destacar a realização de entrevistas com candidatos à presidência da República, bem como a transmissão ao vivo da posse do presidente da República Fernando Collor de Mello em

1990, fatos que evidenciam a relevância da emissora no cenário político local e talvez até nacional, na medida em que, ao ampliar o acesso à informação fomentou o interesse cívico dos ouvintes.

Este tópico busca reconstruir a história da emissora, situando-a no contexto político-social em que foi criada e analisando suas práticas discursivas, sua relação com a comunidade e sua contribuição para a formação de uma consciência crítica local, uma vez que, a Rádio Regional de Nortelândia forjou um espaço simbólico e concreto de resistência, e sua história (assim como a de diversas outras rádios AM's, para além das estudadas aqui) descortinam a potência do rádio como meio de mobilização popular, preservação cultural e enfrentamento das hegemonias comunicacionais.

Tendo como palco as disputas simbólicas que circundam a palavra, a memória e a identidade nortelandense, esta seção propõe uma análise crítica do papel da Rádio Regional como mediadora de processos sociais, que trazem à tona as vozes que compõe este mosaico.

5.2.1 Perfil dos colaboradores da Rádio Regional

Antônio João de Barros Neto¹⁸ é filho de Zezinho Barros fundador da Rádio Regional. Atualmente é proprietário de duas emissoras de rádio, a Clube de Arenápolis e a Difusora de Nortelândia, mas além disso, Antônio atua também no segmento imobiliário, na capital Cuiabá. Ainda muito jovem começou a trabalhar nos negócios da família e somente após o falecimento do irmão, Juarez Barros, que era seu sócio, decidiu tomar a frente dos negócios das emissoras de rádio.

Edivaldo de Sá Teixeira¹⁹ hoje é diretor da Rádio Difusora FM de Nortelândia e da Rádio Clube FM de Arenápolis, além de ser um advogado atuante na região. Filho de pai garimpeiro e mãe lavadeira de roupas. Trabalhou no garimpo por quinze anos, foi de lá que avistou a construção da torre da Rádio Regional, de Nortelândia e disse a si: “eu vou trabalhar nesta rádio”. Até que certo dia toma a decisão de deixar o garimpo, queria seguir a vida no rádio, sem nenhuma experiência não consegue emprego na Rádio Regional. Conseguiu uma vaga de aprendiz de sonoplasta na Rádio Parecis, de Diamantino, ficou um ano e meio em treinamento, sem salário, chegou a dormir no chão da rodoviária e no

¹⁸ Em entrevista presencial concedida à autora em 24 de outubro de 2024, em Cuiabá.

¹⁹ Em entrevista presencial concedida à autora em 03 de dezembro de 2024, em Nortelândia.

estúdio da rádio. Aprendeu o ofício e consegue uma vaga de operador de áudio na Rádio Regional. Logo depois, já fazia o *Plantão Esportivo* dando o resultado dos jogos. Certo dia, na falta de um locutor foi convocado para cobrir o programa *A noite é nossa*, desde então não saiu mais da frente do microfone, do treinamento foi para o jornalismo.

Luiz Garcia Taborda²⁰ é conhecido em Nortelândia apenas como Garcia. Começou no rádio em 1995, depois de questionar o amigo Edivaldo de Sá porque a Regional não tinha um programa esportivo. No dia seguinte estava gravando um programa musical, mas o amigo pregou uma peça e disse que o programa não poderia ser mais gravado, que já estava vendido, não tinha como desistir e que ele teria que fazer o programa ao vivo. Após isso acabou sendo locutor do programa *Brasil Caboclo*, de música sertaneja-raiz. Este era transmitido nas madrugadas e ficou no ar de 1995 a 2007. Quando da reinauguração da Rádio Difusora (já migrada), ele voltou ao ar com o mesmo programa. Atualmente exerce seu quarto mandato como vereador do município, tendo sido eleito a primeira vez em 2004, reeleito em 2008, depois em 2012 e finalmente em 2024, depois de ficar afastado da política por oito anos. Mesmo trabalhando no rádio e sendo um político atuante nunca deixou de trabalhar todos os dias na sua barbearia.

Antônio Peres Pacheco²¹ tinha o sonho de ser correspondente de guerra, com viagem marcada para São Paulo, onde iria estudar jornalismo, resolve ajudar a família a localizar as irmãs adolescentes que haviam fugido de Aragarças com três amigas, a pista indicava Nortelândia. Encontrou as irmãs, mas antes de convencê-las a voltar para casa, trabalhou como pedreiro e depois como bancário para se manter na cidade. Começou na área de Comunicação em 1984 trabalhando em um jornal como desenhista de caricaturas e montando pestape em sua cidade natal. Em Mato Grosso trabalhou em jornalismo impresso, televisivo e radiofônico. Estava na direção do Sindicato dos Jornalistas de Mato Grosso quando iniciaram as discussões para implantação do curso de jornalismo na Universidade Federal de Mato Grosso.

Edson Ramalho dos Santos²² é conhecido em Nortelândia como “Baianinho da Garapa”. Seus pais saíram de Gentio do Ouro, no Estado da Bahia em 1955, quando ele tinha entre sete e oito anos, trabalhou na roça e no garimpo em Arenópolis e Nortelândia. Baianinho

²⁰ Em entrevista presencial concedida à autora em 03 de dezembro de 2024, em Nortelândia.

²¹ Em entrevista presencial concedida à autora em 25 de outubro de 2024, em Cuiabá.

²² Em entrevista presencial concedida à autora em 3 de dezembro de 2024, em Nortelândia.

tem uma banca na Feira do Pequeno Produtor, onde vende garapa (caldo de cana), nos finais de semana ajuda a esposa vender pipoca na praça e em eventos da cidade, sua especialidade é a pipoca doce. Não usa telefone, quem quiser falar com ele vai à feira ou a casa dele que fica a pouco metros do trabalho.

Roberto Carlos de Arruda²³ mora em Nortelândia há 51 anos, aprendeu com o pai o ofício de garimpeiro. Largou os estudos aos 16 ou 17 anos, no momento em que sua irmã chegou na escola e avisou que ele precisava ocupar o lugar do pai no garimpo. Foi a última vez que o jovem viu um caderno sobre a mesa. O rapaz abandonou a escola, pegou sua bicicleta e no dia seguinte assumiu a atividade do pai. Na primeira semana, pegou dois diamantes, entusiasmado com tanto dinheiro, não retornou à escola após a recuperação do pai. Deixou o garimpo no ano 2000, de lá para cá trabalhou como segurança, mergulhador, operador de máquinas pesadas e hoje trabalha nos serviços gerais de uma usina de produção de energia.

5.2.2 Episódio 1 – Memórias da fundação: o início da Rádio Regional

As origens da Rádio Regional de Nortelândia estão marcadas pela articulação entre desejo familiar, influência política e vocação comunicacional. Segundo Barros Neto (2024), filho do fundador da rádio, a emissora nasceu como um projeto de família, mas também como um empreendimento de época, dependente de alianças políticas e burocráticas. “Meu pai fundou a rádio. No princípio, na montagem da empresa, ele tinha um sócio. Depois que a rádio foi instalada, entraram os filhos. Os três filhos que eram maiores de idade entraram na sociedade com meu pai” (Barros Neto, 2024).

A respeito do processo de concessão da rádio, Barros Neto (2024) salienta que a vontade partiu de um de seus irmãos, cujo apreço pelo rádio era grande. Ele narra em detalhes alguns dos bastidores políticos das comunicações no Brasil da década de 1980. Diz ele que a concessão foi assinada em 17 de dezembro de 1984, porém a emissora só entrou no ar em 1989. No entanto, conseguir a autorização para funcionamento dependia de intermediações políticas, por este motivo, o senador da República por Mato Grosso à época, Jonas Pinheiro apadrinhou a concessão, junto ao Ministério das Comunicações.

²³ Em entrevista presencial concedida à autora em 3 de dezembro de 2024, em Nortelândia.

Naquela época, para você ter uma concessão, tinha que ter um político por detrás para movimentar, dentro do Ministério das Comunicações, com quem iria ficar aquela concessão. [...] O senador Jonas Pinheiro fazia toda a correria lá em Brasília com a assessoria dele (Barros Neto, 2024).

A narrativa de Barros Neto revela, inclusive, episódios inusitados e disputas de bastidores. A concessão da Rádio Regional quase foi entregue a Edécio Moura, cantor e locutor da Rádio Nacional de Brasília, devido a interesses pessoais de Rômulo Vilar Furtado, na ocasião secretário de Comunicação do Ministério. A concessão só foi garantida por conta da interposição direta do ministro Antônio Carlos Magalhães, que de acordo com Barros Neto (2024) teria dito: ‘Não, eu tenho compromisso com o deputado Jonas Pinheiro, vamos abrir outra concessão para o cantor em outro lugar’.

Esses depoimentos revelam que a criação da emissora foi atravessada por relações de poder e articulações que vão além dos limites do município, o que, em certa medida, inserem Nortelândia no contexto político da comunicação nacional. Mas, se o processo de concessão teve o apoio de figuras públicas, o trabalho de colocar a rádio no ar envolveu desafios técnicos e organizacionais, principalmente nos primeiros anos.

Um dos marcos da consolidação da Rádio Regional foi a estruturação do setor de jornalismo, conduzida por Antônio Peres Pacheco, que foi contratado com o objetivo de profissionalizar a emissora. “Eles queriam implantar um departamento de jornalismo. O Juarez já conhecia o meu trabalho. O que eu consegui agregar à Rádio Regional foi o profissionalismo. [...] Não havia uma preocupação em falar com públicos distintos, era tudo muito improvisado” (Pacheco, 2024).

Ao chegar à rádio, Pacheco percebeu a ausência de uma grade de programação, de organização nas inserções comerciais e de padronização nos horários. Ele estruturou os blocos, definiu os espaços publicitários, estabeleceu critérios de duração para os anúncios e buscou adaptar a linguagem aos públicos de cada faixa horária. Sua atuação visava não apenas a legalidade do jornalismo obrigatório, mas também um formato editorial mais coerente e eficaz. “Falei: ‘Vamos organizar aqui. Vamos separar o final de semana para gravar as propagandas e deixamos a rádio tocando música’. Dei um ar de rádio, de emissora. Tínhamos os horários definidos” (Pacheco, 2024).

A programação matutina passou a contar com o *Primeiro Jornal*, inicialmente apresentado pelo próprio Pacheco e, posteriormente, por Barbosa Neto, um locutor

experiente, vindo da Rádio Nacional de Brasília, mas com quem as relações profissionais foram tensas. Ainda assim, a experiência foi marcante pela construção de um jornalismo local e pela busca de inovação técnica. Pacheco destaca a importância de Agapito, técnico responsável por adaptar a emissora para transmissões externas, viabilizando reportagens de rua em um tempo em que essa estrutura era rara em rádios pequenas.

Outro nome citado por Pacheco é o de Titico, sobrinho do “seu Zezinho”, e responsável pela área esportiva. As colaborações de profissionais como esses mostram como a rádio foi se transformando em um espaço coletivo, que articulava saberes diversos para atender às múltiplas demandas de seu público.

O ouvinte Edson Ramalho dos Santos, conhecido vendedor de garapa na feira de Nortelândia, também lembra da trajetória da rádio desde seus primeiros dias, destacando a melhoria técnica da emissora ao longo do tempo: “Quando a rádio começou, era um pouco fraca, foi melhorando. Hoje é uma emissora boa, sem chiado, tem muito ouvintes” (Santos, 2024).

Mesmo sem interagir diretamente com a programação, Santos (2024) atribui à rádio um papel de companhia diária, especialmente durante a madrugada, quando começa seu trabalho: “Eu começo raspar minha cana às quatro e meia da manhã e já estou com o rádio ligado. [...] Ele já me dá uma companhia boa”.

Essas falas apontam para uma dimensão afetiva da rádio, que extrapola sua função informativa. A presença constante do rádio no cotidiano dos moradores de Nortelândia – seja nos bastidores da fundação ou no silêncio da feira ao amanhecer – mostra que a emissora, ao nascer como um projeto familiar e político, tornou-se também um espaço de pertencimento e escuta, contribuindo para o enraizamento de laços comunitários mediados pela comunicação.

5.2.3 Episódio 2 – Memórias dos momentos marcantes: o auge da Regional

A inauguração da Rádio Regional em agosto de 1989 coincidiu com um dos momentos mais efervescentes da política nacional: a primeira eleição presidencial direta após o período da ditadura civil-militar. Para Antônio João de Barros Neto, esse contexto alavancou a visibilidade da emissora recém-criada, “A rádio entrou em operação em agosto de 1989. Era a eleição, a primeira eleição para presidente da República, Collor foi eleito. Então, a gente estava no auge” (Barros Neto, 2024).

A cobertura jornalística da emissora impressionava pela ousadia e alcance, conta ele o seguinte: “A gente fez, na época, entrevista com os candidatos à presidência: Fernando Collor, Ulisses Guimarães, Luiz Inácio da Silva, Leonel Brizola, Mário Covas. Nesse período, a região não tinha rádio, a primeira rádio que entrou na região foi a nossa” (Barros Neto, 2024).

O prestígio da rádio, segundo ele, foi impulsionado também pela chegada de Barbosa Neto, ex-militar com fortes conexões na Rádio Nacional de Brasília. Sua participação possibilitou uma cobertura inédita: “A grande repercussão da rádio foi na posse do presidente da República. Nós estávamos presentes, fazendo ao vivo de Brasília. A única rádio de Mato Grosso que estava ao vivo de lá. Usamos uma linha telemática para transmissão” (Barros Neto, 2024).

A lembrança dessa cobertura é compartilhada com entusiasmo por Antônio Peres Pacheco, que esteve na comitiva. “Para mim, à época, era normal estar em Brasília na posse do Collor. Muito tempo depois, é que fui ter consciência da grandiosidade do feito. Nós fomos a única rádio de Mato Grosso presente. Entrávamos direto de Brasília no programa do Barbosa Neto. Foi muito bom” (Pacheco, 2024). Ele destaca ainda que esse momento gerou forte identificação do público com a emissora. “A cidade parava para ouvir nossos jornais. Era fantástico. Ganhamos mobilidade, instantaneidade, entrávamos direto da rua, entrevistávamos as autoridades, os comerciantes, os moradores, tudo ao vivo” (Pacheco, 2024).

A relação com o ouvinte era marcada pela surpresa e encantamento, “Quando a gente parava na praça para entrevistar alguém, começava a entrevista e, daqui a pouco, estava cheio de gente em volta. Era uma novidade maravilhosa” (Pacheco, 2024).

O sucesso da rádio também se refletia na programação de entretenimento. Um dos exemplos mais lembrados é o programa de auditório *Nossa Terra, Nossa Gente*, apresentado aos domingos a partir de 1995. “Era um programa típico da região. Alguém deu a ideia do Pedro de Assis [...]. Mas ele falava muito errado, teve que ser assim mesmo. Não temos de mudar a essência da pessoa” (Barros Neto, 2024).

Antônio João Barros Neto (2024) lembra que apesar de um início tímido, o programa se consolidou e permaneceu no ar por cinco anos, segundo ele “O primeiro programa foi uma lástima, o segundo outra lástima. O terceiro, melhorzinho. Até que ficou no ar de 1995 ao ano 2000”.

Com forte participação popular, o programa promovia etapas de calouros, premiações e sorteios. “Nas três primeiras semanas do mês haviam as classificatórias, no último domingo, a final. Entre os prêmios: fogão, panela de pressão, liquidificador, diária em hotel, viagem para o Pantanal. Sorteávamos brindes para o público” (Barros Neto, 2024).

Edson Ramalho dos Santos recorda com entusiasmo a vivência desse espaço, “Eu assistia nos domingos um programa no salão da rádio, o *Nossa Terra, Nossa Gente*. Tocavam viola, violão. Era esse jeito aqui da região. Era animado, vinha gente de toda parte” (Santos, 2024).

A receptividade à programação era tamanha que, segundo Luiz Garcia Taborda, era difícil apontar um programa de maior audiência, “Todo mundo ouvia, o tempo inteiro. Não tinha um rádio que não estivesse sintonizado na Rádio Regional. A rádio era sucesso absoluto. O povo é apaixonado até hoje” (Taborda, 2024).

Além da programação musical e jornalística, a emissora mantinha forte presença comunitária, promovendo eventos e ações sociais. “Fez carnaval, muitos bailes. O carnaval de Arenópolis era o de maior sucesso na região, acho que até em Mato Grosso. E a rádio fazia transmissão. Era solidária, ajudava quem precisava. Isso vem do tempo do seu Zezinho” (Taborda, 2024).

A abrangência da emissora alcançava diversas cidades da região, como descreve Pacheco “A Rádio Regional era ouvida em Diamantino, Arenópolis, Santo Afonso, Marilândia, Alto Paraguai, Denise, Tangará da Serra. A rádio era uma espécie de ‘coração da cidade’” (Pacheco, 2024).

A diversidade de vozes e estilos também marcava a programação musical, como lembra Roberto Carlos de Arruda: “Eu escutei muito o programa que era com a Baixinha, esposa do Silvano. Tinha o *Brasil Caboclo*, do Garcia, e o *Clássicos Inesquecíveis*, ave maria, era bom demais” (Arruda, 2024).

Essas memórias compartilham um mesmo sentimento de pertencimento e admiração pela Rádio Regional em seu período mais efervescente. Um tempo em que a emissora, como disseram muitos, “era o coração da cidade” e o orgulho de toda a região.

5.2.4 Episódio 3 – Memórias da transição: de Regional AM à Difusora FM

A migração do rádio AM para o FM é, para os entrevistados, um marco ambivalente na trajetória da emissora. Embora tecnicamente represente avanço e adaptação às novas exigências do setor de radiodifusão no Brasil, essa passagem é, nas memórias narradas, atravessada por sentimentos de resistência, perda e reinvenção.

Antônio João de Barros Neto, um dos fundadores da emissora, relembra com tom crítico o processo que deu origem à mudança:

A decisão não foi nossa, foi do governo. Por mim, continuaria até hoje com a AM. Sou apaixonado pela AM. O rádio AM parecia mais interativo. Mas o governo precisava do espaço da banda. Eles nos tomaram essa banda e venderam por milhões para as empresas de telecomunicações. E nós ainda tivemos que pagar a concessão da nova FM (Barros Neto, 2024).

A migração representou não apenas uma transição técnica, mas um custo financeiro significativo para os envolvidos, especialmente em contextos locais e de rádios de pequeno porte. Barros Neto (2024) detalha os desafios “Tiramos dinheiro do bolso e é um dinheiro que não volta. Compramos novos equipamentos, nada da AM serviu, a não ser a torre. Pagamos 200 mil da concessão, mais 200 mil de investimento para manter a rádio” (Barros Neto, 2024).

Ao ser perguntado sobre possíveis benefícios da migração, sua resposta é direta, “Não, nenhum. Não sei nos grandes centros, deve ter tido. O pessoal de Tangará reclama. Por exemplo, em Tangará tinham duas emissoras de rádio. Já venderam faz tempo, já saíram. A de Diamantino já foi vendida” (Barros Neto, 2024). O impacto dessa mudança também se faz sentir entre os ouvintes, especialmente os que vivem em áreas rurais.

Até hoje tem gente do interior, da roça que fala que não consegue mais pegar, que continua tentando lá no 790, não pega nada. Isso vai explicar: não é 790 agora, é 93.5, ‘mas meu rádio não tem FM’. Nós fizemos até uma campanha. Edivaldo comprou alguns aparelhos de rádio em São Paulo, 50 rádios, e distribuiu nesses locais que ele sabia onde não tinha rádio (Barros Neto, 2024).

A transição também envolveu um hiato significativo. Como relata Edivaldo de Sá Teixeira, a rádio permaneceu fechada por uma década:

O Juarez fechou a Regional para reforma em 2009. Fechou, e nessa reforma, eles não voltaram. A Difusora ficou desligada 10 anos. Eles abriram uma rádio FM em Arenópolis. O Juarez preferiu investir lá e deixou aqui fechado. Em 2019 saiu a migração da Difusora. Daí o Antônio João me chamou. Ele veio com o pai dele, o seu Zezinho, falar comigo, perguntou se eu não queria voltar para a rádio (Teixeira, 2024).

Relutante no início, Edivaldo acabou aceitando o convite para reassumir a emissora, agora em nova fase:

Eu disse: ‘eu estou há 11 anos fora, não dá, pelo amor de Deus’. E eles disseram: ‘nós queremos que você toque a rádio, nós não vamos botar na mão de outro’. E assim, a Rádio Difusora FM está no ar há 5 anos (Teixeira, 2024).

A mudança de nome da emissora, de Regional para Difusora, partiu de Edivaldo, como parte de uma estratégia de reposicionamento, de acordo com ele

A mudança do nome foi uma sugestão minha. Porque era um formato novo. Eu falei: ‘já que é uma novidade, vamos mudar o nome, vamos começar tudo de novo, uma nova roupagem, tudo diferente’. Eles resistiram no início. Eles não queriam. Até hoje, eles voltam e meia tocam no assunto. Alguns ouvintes têm dificuldade de acostumar-se com o novo. Difusora é mais sonoro, eu acho Regional muito fraco (Teixeira, 2024).

A campanha de reabertura foi discreta, mas eficaz. A rádio voltou ao ar inicialmente com músicas, atraindo um público saudoso. “Nós só colocamos a rádio no ar um período, tocando música. E falando para as pessoas. E rapidamente, acho que pelo tempo que a gente ficou sem rádio, rapidamente estava a cidade inteira ouvindo a rádio só tocando música” (Teixeira, 2024). Não obstante a isso, no entanto, o retorno também exigiu uma reforma estrutural completa da sede:

Quando eu cheguei aqui, o Antônio João falou: ‘está pintada, pronta pra funcionar’. Eu falei: ‘não, pelo amor de Deus, o sistema elétrico está defasado’. Ele disse: ‘Você está doido?’. Falei: ‘Tem que trocar tudo’. E trocamos toda a instalação elétrica. Não ficou um cabo de energia antigo. Aproveitamos e ampliamos o estúdio. Reformulamos tudo, compramos novos equipamentos e implantamos uma rádio novinha. Do jeito que eu achava que tinha que ser (Teixeira, 2024).

Essa fase marca não só uma mudança tecnológica, mas uma retomada simbólica. Para Roberto Carlos de Arruda, ouvinte da emissora, a mudança no conteúdo foi sutil, mas perceptível na qualidade sonora. “Acho que não tem [diferença]. Pelo meu conhecimento, não tem muita diferença. O que mudou foi a qualidade do som. É, o som é bom hoje. Acho que é só” (Arruda, 2024).

O episódio da transição revela o impacto de políticas públicas centralizadas na rotina de rádios regionais, e como esses espaços precisam constantemente reinventar-se para permanecerem como vozes ativas de suas comunidades. Ao mesmo tempo, evidencia os laços afetivos com o rádio AM, cuja memória ainda pulsa entre os sujeitos entrevistados e os ouvintes da região.

5.2.5 Episódio 4 – Memórias e afetos: o rádio como elo de pertencimento

Ao rememorar os primeiros contatos com o rádio, os entrevistados revelam como esse meio ocupava uma posição central na experiência cotidiana, sendo não apenas fonte de informação e entretenimento, mas também um dispositivo carregado de sentidos afetivos, vínculos comunitários e pertencimento familiar. O rádio não era apenas escutado, era vivido coletivamente, incorporado à rotina doméstica, às práticas de trabalho e às narrativas pessoais que, ao serem revisitadas, continuam reverberando afetos e identidades.

Antônio João de Barros Neto, por exemplo, nos leva à década de 1960, em um cenário que combina a intimidade da escuta familiar com a vivência comunitária em torno do rádio. Sua memória mais antiga remonta ao tempo em que se sentava com os irmãos, o pai e os amigos ao redor do rádio Transglobe, ligado na porta da farmácia da família:

Estava ali no pé do rádio ouvindo, meus irmãos, meu pai, os amigos. [...] Domingo, por exemplo, não tinha descanso, a farmácia aberta. Os garimpeiros vinham, sentavam 15, 20 pessoas em volta ali dos bancos que o meu pai colocava pra ficar ouvindo rádio ali (Barros Neto, 2024).

O rádio era o elo entre o privado e o público. Em meio à movimentação da farmácia, à gestão da cidade (já que seu pai também era o prefeito) e à implantação de políticas públicas, como a rede de água, o rádio transmitia não apenas jogos de futebol, como o Brasil versus Portugal na Copa de 1966, mas também a própria sensação de pertencimento coletivo a uma nação que vibrava junta. Barros Neto tinha oito anos e sua narrativa

atravessa as camadas do tempo com a nitidez de quem guardou essas memórias como preciosas, “Meu pai ajudando nas escavações para a rede de distribuição de água de uma rua para outra, um monte de gente, o rádio ali para todo mundo ouvir o jogo do Brasil” (Barros Neto, 2024).

Outro elo afetivo com o rádio aparece na narrativa de Edivaldo de Sá Teixeira, cuja trajetória entre a escuta e a prática radiofônica compõe uma espécie de rito de passagem. Ele recorda com riqueza de detalhes como ouvia rádios do eixo Rio-São Paulo e, ainda adolescente, começou a simular transmissões em casa, invertendo os fones de ouvido e improvisando locuções, “Eu brincava de fazer rádio na minha casa. Eu invertia o fone de ouvido [...] Eu falava ali e soltava a música” (Teixeira, 2024).

Essa prática aparentemente lúdica acabou sendo confirmada pela vizinha, que elogiava a “voz do locutor” sem saber que era apenas um garoto em seu quarto, brincando com sonhos. Mais tarde, essa paixão o levaria a abandonar o garimpo para tentar, ainda sem nenhuma formação técnica, uma vaga na recém-instalada Rádio Regional AM. A negativa inicial do diretor não o fez recuar. Ao contrário, sua trajetória mostra uma persistência comovente: dormiu no chão da rodoviária e da rádio, aprendeu sozinho, operou equipamentos, gravou comerciais, aceitou todos os turnos e turnos extras, até conseguir voltar à Nortelândia para trabalhar na Rádio Regional como operador técnico. O rádio, aqui, é também o espaço da esperança e da transformação pessoal: “Era para desistir, mas eu continuei lá” (Teixeira, 2024).

As lembranças de Luiz Garcia Taborda nos transportam à infância em Porto Estrela, um vilarejo onde o rádio era objeto raro e quase mítico. Ele descreve a engenhosidade das antenas improvisadas, as vozes que cruzavam o espaço geográfico e acendiam o imaginário coletivo. “Aquele radião [...] com duas varas de um lado da casa. Aquela vara era a antena ligada ao rádio por um fio. [...] Eu lembro de ouvir Zé Bettio, era um programa de São Paulo” (Taborda, 2024). A escuta era coletiva, mas o impacto era íntimo, a voz vinda de longe atravessava a precariedade material da infância, carregando consigo o fascínio da comunicação à distância. Como ele mesmo diz: “Quando a gente é pequeno, tudo é grande pra gente” (Taborda, 2024).

Para Antônio Peres Pacheco, o rádio é memória visceral e profundamente afetivo. Seu relato começa com uma pausa emocionada. A lembrança mais antiga está diretamente ligada ao colo do pai, escutando a BBC de Londres. “Acho que meu amor pelo rádio

nasceu ali, no colo do meu pai” (Pacheco, 2024). O pai, um militante comunista e fundador de sindicato, ouvia o rádio como ferramenta política e cultural, acompanhando as notícias internacionais em diferentes línguas. O menino Pacheco se recorda, com clareza, da expressão que o locutor usou para descrever um ataque no Vietnã: “choveu fogo em Ho Chi Minh”. Memória sonora e memória afetiva se entrelaçam na construção de sua subjetividade. A escuta, nesse caso, não era apenas entretenimento, mas formação política e afetiva.

O rádio também atravessou geografias e contextos socioeconômicos diversos. Edson Ramalho dos Santos, por exemplo, lembra do rádio como presença constante desde a infância na roça, ainda na Bahia e no garimpo já em Mato Grosso. A descrição do primeiro rádio, uma caixa de madeira com dourado na frente, se soma à lembrança de ouvir a Rádio Nacional de Brasília. O início da Rádio Regional representou, para ele, a continuidade desse vínculo. “Toda a vida eu gostei de rádio. [...] Eu comecei ouvir a Rádio Regional desde que começou. Sempre ouço, todo dia” (Santos, 2024).

Por fim, Roberto Carlos de Arruda compartilha uma lembrança simples, mas significativa: ganhou um radinho do pai ao começar a trabalhar no garimpo, aos 16 ou 17 anos. O rádio se torna, aqui, um objeto de companhia, escutado na rede antes de dormir. Presença cotidiana, íntima, reconfortante. “Eu dormia com o rádio na rede, ficava ligado” (Arruda, 2024).

Os relatos mostram como o rádio atravessa gerações e experiências sociais, conectando afetos, formando vínculos e produzindo narrativas de pertencimento. Para além da tecnologia, o rádio é lembrado como presença viva: uma voz familiar que habita memórias e fortalece laços. No garimpo, na roça, na farmácia, na praça, nos rádios de mesa ou de pilha, escutar rádio é estar junto. O rádio, nesse episódio, é afetividade em ondas sonoras.

5.3 No ar: vozes da resistência - a história da Rádio Amorim Juventude AM de Rondonópolis

A trajetória da Rádio Amorim Juventude AM de Rondonópolis se pelas vozes que a vivenciaram, compondo uma memória coletiva tecida por afetos, tensões políticas e vínculos comunitários. Os depoimentos aqui reunidos traçam um panorama fragmentado,

mas potente, que permite entrever o papel da emissora como espaço de mediação simbólica e sociocultural.

Narrativas como as de Sebastião Castilho Alves Costa, Orestes Miraglia Carvalho e Samuel Logrado de Souza resgatam os bastidores da radiodifusão local desde os anos 1970, incluindo episódios marcantes como o atentado contra Antônio Rosa e o assassinato de Ormino Pires, evidenciando o ambiente de disputas e riscos que permeou a fundação da emissora. Já as memórias de Leila Castro e Elizeu do Nascimento remetem ao cotidiano popular, às feiras, às roças, às casas, onde o rádio era presença constante e afetiva, constituindo um elo entre gerações e identidades locais.

O auge da emissora é lembrado como um tempo de intensa participação popular, com programas como *Juventude dá o Recado* e *Roda de Violeiros*, este último reunindo músicos de toda a região, em uma atmosfera vibrante e comunitária. A figura do radialista surgia como ícone popular, e o rádio AM era percebido como um canal direto entre o povo e a cidade.

A escuta também revela os sentidos atribuídos à migração da emissora para o FM. Embora reconhecida a melhoria técnica, há um sentimento de perda quanto ao espírito comunitário que marcava a frequência AM. O desligamento do transmissor é lembrado com pesar, como rompimento de um laço afetivo e cultural que o rádio ajudava a manter vivo.

Esses relatos, mais do que rememorar a história de uma emissora, lançam luz sobre formas populares de comunicação, resistência e pertencimento em Rondonópolis, revelando o rádio como território simbólico de disputas, memórias e identidades.

5.3.1 Perfil dos colaboradores da Rádio Amorim Juventude

José Fernando Nunes e Silva²⁴, natural de Carazinho, Rio Grande do Sul chegou em Rondonópolis em 2008, desde então é diretor do Grupo Dorner, antes havia gerenciado por 10 anos o maior hotel da região Norte do Estado. Fernando, como prefere ser chamado, também apresenta o programa de televisão *Prosa Galponeira*, que trata da cultura e das tradições gaúchas.

²⁴ Em entrevista presencial concedida à autora em 25 e 26 de novembro de 2024, em Rondonópolis.

Sebastião Castilho Alves Costa²⁵ começou a trabalhar no rádio em 1973, como sonoplasta, aos 15 anos, depois foi redator, repórter e apresentador, além de responsável técnico da emissora. Tem o principal acervo de imagens e sons, além de equipamentos da história do rádio em Rondonópolis. Apresenta um programa esportivo na rádio 105 FM, das seis e meia às oito da noite. É proprietário de uma web rádio que se dedica a transmissão de jogos de futebol.

Orestes Miraglia Carvalho²⁶ atuante no rádio desde 1969, começou como *office boy*, foi locutor, noticiarista, redator, repórter e apresentador de programas. Hoje está no ar com o *Programa Conexão 105*, das sete as nove da manhã, na Rádio 105 FM. Orestes é formado em Letras/Inglês, Psicologia e é advogado atuante, além de jornalista.

Samuel Logrado de Souza²⁷ é morador de Rondonópolis desde 1968, integrante de uma família que migrou de Nanuque, Estado de Minas Gerais para trabalhar com pecuária na região. Samuel foi repórter esportivo, narrador e jogador de futebol. É engenheiro civil, jornalista e sócio-proprietário do Jornal A Tribuna de Rondonópolis.

Leila Castro²⁸ é líder comunitária, ouvinte apaixonada por rádio. Nossa mais antiga ouvinte de rádio reside em Rondonópolis desde 1959, ou seja, está entre os primeiros moradores, pois este é o ano de fundação do município.

Para fechar o quadro de colaboradores ouvintes da Rádio Amorim Juventude, destaca-se o taxista e assessor de vereador **Elizeu do Nascimento**²⁹ ou simplesmente Elizeu Taxista. Mora em Rondonópolis desde os sete anos de idade, seus pais migraram do Estado do Paraná, após uma enchente levar todos os pertences da família.

5.3.2 Episódio 1 – Memórias da fundação: o início da emissora da Amorim Juventude

A respeito do início da Rádio Amorim Juventude AM Sebastião Castilho Alves Costa é o que traz um relato mais completo, pois acompanhou o nascimento desta, desde a antiga Rádio Branife. Ele conta o seguinte:

²⁵ Em entrevista presencial concedida à autora em 22 de novembro de 2024, em Rondonópolis.

²⁶ Em entrevista presencial concedida à autora em 30 de dezembro de 2024, em Rondonópolis.

²⁷ Em entrevista presencial concedida à autora em 21 de novembro de 2024, em Rondonópolis.

²⁸ Em entrevista presencial concedida à autora em 25 de novembro de 2024, em Rondonópolis.

²⁹ Em entrevista presencial concedida à autora em 26 de novembro de 2024, em Rondonópolis.

Eu comecei em 1973, eu tinha entre 15 e 16 anos, na Rádio Branife. Ela foi inaugurada em 1964. Eu tenho uma camiseta comemorativa, aos 10 anos, uma camisetinha, na verdade, eu era muito pequeno. Eu tenho essa camiseta até hoje. Eu fiquei na Branife de 1973 a 1982, quando a Branife passou a ser Amorim Juventude. Eu digo “passou a ser” porque nós desligamos o transmissor da Branife uns cinco minutinhos e ligamos o da Amorim Juventude, ajustamos só a frequência, a Branife era 1450 e a Amorim era 660. O Ormindo Pires Amorim era o dono da Branife e ele tinha um sócio, o Antônio Francisco Rosa. Houve um desentendimento entre os dois e o seu Ormindo deu uns tiros no Antônio Rosa, não matou, mas ele ficou deficiente por causa desses tiros. E ele (Antônio) mudou para Cuiabá. Um tempo depois mataram o Ormindo a queima roupa, ali na rua Marechal Rondon, em frente à Farmácia Santa Terezinha, crime de pistolagem. [...] Eu não sei a data exata, mas foi em setembro de 1970. Depois desse episódio o Edson, filho do seu Ormindo veio da Argentina para cuidar da rádio, ele era herdeiro de cinquenta por cento da Branife. Ele estudava medicina na Argentina, estava no quinto ano. O Edson e a família do seu Antônio Rosa se desentenderam e entraram numa questão judicial, que só encerrou em 2012. O Edson, esperto vendo que a Branife estava enrolada, pleiteou uma nova concessão de rádio e em 1982 inaugurou a Rádio Amorim Juventude AM. Depois ele conseguiu a concessão da Rádio 104 FM. Hoje as duas rádios são do Grupo Roberto Dorner de Comunicação (Costa, 2024).

Sebastião Castilho Costa continua sua fala e relembra fatos importantes do início da radiodifusão em Rondonópolis:

A primeira rádio de Rondonópolis não foi a Branife e sim a Educadora, que fechou porque os caras se precipitaram, faltou contar essa história mesmo. A Educadora era do Antônio Ribeiro Torres e de um rapaz da Bicletaria Popular. Essa história ninguém fala dela não. Quem me contou essa história foi o próprio Antônio Ribeiro Torres, ele foi funcionário da Rádio Branife, depois da Rádio Clube. Tornou-se sócio da Rádio Clube, depois fundou a 105 FM. Seu Antônio morreu em 2020 vítima da Covid-19, hoje a 105 é administrada pelos filhos (Costa, 2024).

Para elucidar o ponto mais tenso da história, evidencia-se o depoimento de Orestes Miraglia Carvalho, que relata “o que muita gente não gosta de comentar, mas aconteceu”. Segundo ele:

O Ormindo Pires e o Antônio Rosa se desentenderam. O Ormindo atirou no Antônio, os dois saíram discutindo da rádio, desceram ali pela avenida Amazonas, foram até a esquina da Fernando Correia da Costa, onde tinha um posto de combustível e a loja (de rádios) do Antônio Rosa era bem no meio da quadra, descendo. E nessa discussão, o Ormindo Pires deu um tiro no Antônio Rosa, pegou na barriga. O Antônio Rosa ficou um ano entre a vida e a morte em Cuiabá (Carvalho, 2024).

Certo dia, o Ormindo Pires estava na avenida Marechal Rondon, ao lado da Farmácia Santa Terezinha, na casa de um corretor de imóveis chamado Cristo, passou um homem dentro de um fusca, de dentro do carro atirou e acertou no ouvido do Ormindo (Carvalho, 2024).

Com a morte do pai, o Edson veio tomar conta da Rádio Branife, nesse interregno, vai, não vai, muda, não muda, houve uma demanda judicial por conta da sociedade, depois entraram no acordo e o Edson para desintegrar aquela sociedade colocou Rádio Amorim Juventude. O Edson recebeu uma crítica muito pesada porque ele colocou o sobrenome dele, Amorim. Sabe-se que ele teve mais quatro emissoras no Paraná, nelas colocou o nome dos filhos. O Juventude, nós perguntamos, por que Juventude? E ele: “Porque é nova, jovem” (Carvalho, 2024).

Orestes Miraglia Carvalho (2024) relembra os motivos da discórdia entre os sócios,

Foi assim, o Ormindo Pires e o Antônio Rosa eram sócios. Pelo que se comenta, eles fizeram um acordo entre eles que depois de certo período iriam fazer um *pro labore* para cada um, mas, no entanto, aquilo ia ficar, tudo que fosse auferido em termos de finanças seria reaplicado na emissora. Um tempo depois eles entraram em rota de colisão, se desentenderam. Houve inclusive uma tentativa de homicídio que, depois, culminou numa tragédia, o assassinato do Ormindo. E aí quem assumiu foi o Edson Amorim, filho do Ormindo Pires, o filho que fazia medicina na Argentina, abandonou e veio para assumir a rádio (Carvalho, 2024).

Enquanto isso, a fala de Leila Castro, traz um tom mais nostálgico à essa narrativa. Perguntada sobre suas lembranças da chegada do rádio em Rondonópolis, ela diz:

Foi uma maravilha, nossa senhora, foi uma benção. Eu escrevi para o Farias Neto [da Rádio Anhanguera AM]: “Você vai me desculpar, você vai me perdoar, você

vai perder sua ouvinte, mas não vai perder de sempre, não. De vez em quando eu vou escrever para você. É que nós temos uma nova rádio aqui em Rondonópolis, uma AM aqui, e nós temos que valorizar o que é nosso aqui, meu queridinho”. Daí eu fiquei na rádio daqui, era a Branife. Foi quando o Manoel Novaes começou a trabalhar. Depois a Branife passou a ser Amorim Juventude, passou muito locutor bom por ela. Não foi só o Manoel Novaes, teve o Cafezinho, o Aparecido Neto, o Renato Bala, Jurandir Gonçalves, Sebastião de Assis, todos eles passaram pela Amorim, foram criados nela. Aí quando começou a FM, eles foram migrando. É, foi mudando. Ela era boa demais. Eu não sei por que eles acabaram com ela. Tinha que voltar a AM. Nós não temos mais aqueles programas bons. Acabou a nossa programação boa, as nossas músicas raiz. E todo mundo praticamente começou na Amorim e foi para a Clube, o Jota Barreto que era da Amorim, fundou a Clube e levou todos os locutores que faziam sucesso com ele, levou todos os amigos. Eu tenho lembrança também de um menino que veio de Campo Grande, chamava Urbano. Ele hasteava um bambu com um alto-falante lá em cima lá onde era a Amorim Juventude. Lá ele fazia a programação dele. Quando era ali pelas cinco, seis horas da noite, juntava aquela meninada, saía do colégio, as meninas e ficava lá fazendo brincadeira com ele, ele fazendo perguntas, mas era tudo no alto-falante. Aí depois que veio a rádio (Castro, 2024).

Seguindo nessa linha, a entrevista com Elizeu do Nascimento também revela uma afetividade com relação à Rádio Amorim Juventude AM. A partir do questionamento “Você tem alguma lembrança que queira contar?” Ele apresenta parte de sua relação com a Rádio Amorim Juventude.

Eu comecei trabalhar logo que cheguei aqui como engraxate e sempre estava com o rádio ligado. Meu pai tinha uma banquinha de bijuteria no centro de Rondonópolis. Eu estudava de manhã, eu ia levar almoço para ele e eu ficava cuidando da banca. Enquanto ele estava com a banca aberta o rádio ficava ligado e a minha diversão quando ficava cuidando da banca para ele ir passear era ouvir o rádio. Eu ficava ali vendendo algumas coisas e ouvindo a Rádio Juventude. E naquela época, praticamente, eu nem via falar em FM. Então era sempre AM e sempre a Rádio Juventude. Porque o meu irmão começou a trabalhar na Rádio Juventude. Ele começou na época como voluntário, não tinha salário. Ele trabalhava numa transportadora e ia para lá à noite. E aí ele pegava e ficava

ouvindo aquelas notícias nas rádios AM. Essas rádios mais famosas de São Paulo e do Rio de Janeiro, Tupi, Globo e fazia a redação e passava para os outros apresentadores ou ele mesmo fazia, mas ele era mais o redator. E como eu sempre o acompanhei, ele era o filho mais velho e eu o mais novo (Nascimento, 2024).

5.3.3 Episódio 2 – Memórias dos momentos marcantes: o auge da Amorim Juventude

Este episódio resgata as memórias dos momentos mais marcantes vividos na Rádio Amorim Juventude AM, especialmente em seu auge. As lembranças de Sebastião Castilho Alves Costa, Orestes Miraglia Carvalho e Samuel Logrado de Souza revelam momentos de grande relevância cultural, social e política que fizeram da emissora um ponto de referência na vida cotidiana da população de Rondonópolis.

Quando questionado sobre o programa de maior audiência na época em que trabalhava na rádio, Sebastião Castilho Alves Costa destaca dois nomes: Aroldo Marmo e Clóvis Roberto. “Olha, o Aroldo Marmo, com o programa *O Homem do Plá*, teve muita audiência, mas eu ainda não trabalhava na rádio. Agora o programa do Clóvis Roberto era um fenômeno. Clóvis era coisa de outro mundo, era muito polêmico” (Costa, 2024), relembra. Além da programação jornalística de grande impacto, ele menciona o envolvimento direto da emissora com a cidade por meio de ações culturais: “Tinha o *Roda de Violeiros*, da Lucimar e do Aparecido Neto. Era nos bairros, um bairro por mês, o palco era a traseira de um caminhão. Era só chegar e se apresentar, não precisava ser violeiro, todo tipo de artista podia se apresentar” (Costa, 2024).

Sebastião também rememora o papel da rádio em situações emergenciais, como na enchente de 1982: “A população ficava ouvindo a rádio para se orientar: ‘Alô, fulano, o barco tá indo aí’. A emissora era a central de recados” (Costa, 2024). Ele destaca o impacto social do programa *Juventude dá o recado*, transmitido ao meio-dia.

Não tinha erro, as pessoas mandavam os recados porque tinham certeza da audiência na zona rural. [...] Quando o recado era anúncio de empregos fazia fila lá em frente à rádio. [...] O pessoal que trabalhava nas emissoras de TV ouvia o rádio para se pautar, a gente estava em todo lugar, a gente estava em cima da notícia (Costa, 2024).

Na mesma linha, Orestes Miraglia Carvalho contribui com uma memória afetiva e histórica da programação. Ele lembra do programa *Entardecer em Minha Terra*,

comandado por Manoel Novaes e do evento *Roda de Violeiros*, transmitido aos domingos do salão do Colégio Sagrado Coração de Jesus. Orestes destaca ainda a força do programa *O Homem do Plá*, apresentado por Aroldo Marmo. “Ele era muito inteligente, com um poder de comunicação incrível, não tinha medo de falar. [...] Tinha uma forma peculiar de fazer crítica aos políticos, que deixava muita gente incomodada” (Carvalho, 2024).

A trajetória de Orestes na Amorim Juventude passou por diferentes formatos e horários: do boletim *Hora certa* ao programa *Quem manda é você*, voltado à participação dos ouvintes, que enviavam cartas solicitando músicas. “Às vezes coincidia ter várias cartas para a mesma música. [...] Todo mundo queria ouvir Lennon e Lillian, Roberto Carlos, Renato & Seus Blue Caps, Os Incríveis” (Carvalho, 2024). Com a saída de Aroldo Marmo, Clóvis Roberto assumiu o jornalismo e reorganizou a grade. “Me deu o *Grande Jornal Falado*, das onze às onze e meia. Depois passou a ser de uma hora, já com equipe completa, repórteres na rua, matérias editadas, depois tivemos uma unidade móvel para transmissão ao vivo” (Carvalho, 2024).

As lembranças de Samuel Logrado de Souza também evidenciam o carisma e a força do programa *O Homem do Plá*: “O programa ia ao ar ao meio-dia e ninguém tirava o ouvido do rádio. [...] As pessoas esperavam o programa, criava uma expectativa muito grande no público” (Souza, 2024). Ele também recorda com carinho o programa de auditório apresentado por Bê Cunha, no Cine Ipê, com a banda Marinho & Seus Beat Boys como atração musical dos domingos. “Era a grande atração da cidade. [...] Eu não me lembro ao certo o nome do programa, mas é algo parecido com *Domingo se diverte*” (Souza, 2024). Além dos conteúdos jornalísticos e culturais, Samuel ressalta o papel de intermediação que a rádio desempenhava, ele diz que “Era pelo rádio que o pessoal que vinha para cidade mandava recado para seus parentes da zona rural. [...] O rádio era o meio de comunicação mais importante em Rondonópolis naquela época, e as cartas seu principal instrumento” (Souza, 2024).

As falas reunidas neste episódio constroem uma memória coletiva do auge da Rádio Amorim Juventude AM, marcada pelo forte vínculo com seus ouvintes, pela diversidade de sua programação e pelo papel essencial que desempenhou na mediação das relações sociais, culturais e políticas em Rondonópolis. Os entrevistados, em suas narrativas pessoais, revelam como o rádio extrapolava o entretenimento para se tornar ferramenta de comunicação comunitária, veículo de denúncia, espaço de encontro e palco aberto à

voz popular. Essas lembranças atestam que o êxito da emissora se construiu, sobretudo, na escuta ativa e na interação direta com a população.

5.3.4 Episódio 3 – Memórias da transição: de Amorim Juventude AM à Rádio Massa Rondonópolis

O atual diretor da rádio José Fernando Nunes e Silva faz um relato conciso, mas elucidador sobre o processo de migração da Rádio Amorim Juventude do AM para o FM. Ele explica, que, o Grupo Dorner comprou a rádio logo após a migração, portanto na qualidade de Rádio Amorim Juventude não chegou a operar em FM. “Nós primeiro funcionamos com a bandeira da Antena 1 e depois Massa. A Amorim ficou um ano desligada e então nós compramos já migrada” (Nunes e Silva, 2024). Em seguida, quando perguntado sobre as negociações da aquisição da concessão até o momento de inauguração da nova emissora, Fernando conta assim:

Nós começamos a 94.1 FM [antiga Amorim Juventude] como Antena 1, hoje Massa FM. Eu estava em casa, cortando a grama da frente de casa e o gerente da rádio 104 FM me viu, parou e ofereceu a Rádio Amorim Juventude e eu disse: “o patrão, o senhor Roberto Dorner, ele compra fazenda e veículo de comunicação desde que esteja tudo em dia”. Ele disse: “está tudo certinho, posso assegurar, tudo certo”. E estava mesmo. Nós compramos primeiro a 94.1 FM, um ano depois compramos a 104 FM, não migrante. Compramos um documento, um papelzinho assim, sem nenhum microfone, nada. E aí o gerente da 104 FM formulou uma proposta, enviou por e-mail para o meu patrão e ele respondeu que tinha interesse. Então marcamos com a dona Branca [viúva do Edson Amorim] e seu Roberto aqui nesta sala. Eles conversaram e ela fez uma proposta de valores. Ele disse: “Olha, eu pago metade agora e metade daqui seis meses”. Fechado o negócio, era só um documento. Agora vocês têm que fazer desse papel uma rádio. Daí nós construímos um estúdio. Bom, primeiro que nós tínhamos um documento e não sabíamos que bandeira nós iríamos colocar, porque já tinha aqui cinco, seis, sete rádios atuando no mercado, todas muito parecidas (Nunes e Silva, 2024).

Importante salientar que os demais entrevistados não fizeram apontamentos sobre a questão da migração, mas os ouvintes, Leila Castro e Elizeu do Nascimento apresentaram suas perspectivas. E, enquanto o segundo afirma não ter percebido diferenças “Porque

quando desligaram a rádio [e ele já] tinha parado de ouvir a Juventude” (Nascimento, 2024), a primeira, Leila Castro diz:

Ah, tem muita diferença. Principalmente a programação, a AM era mais chegante ao sertanejo, mais chegante àquela música raiz. Doeui muito dentro da gente, pelo menos em mim. Senti muito, porque a gente parecia que a programação era mais liberal do que na FM. A AM era mais povão. O povão ligava mesmo, era da roça, era da Paulista, era da Galiléia, Pedra Preta. E hoje você quase não vê mais. Então, isso aí eu senti muito, eu senti muita falta. Até hoje, nossa, eu sinto mais. Então, a gente amava muito a AM. Eles começaram a avisar que ia desligar a AM e a gente já foi se afastando, porque a FM só toca música, só balada, só essas coisas (Castro, 2024).

A respeito da pergunta “você conhece alguém que deixou de ouvir rádio porque o sinal da AM foi desligado?” Leila Castro afirma “Não, todo mundo hoje tem um celular. Eles ligam na rádio e ficam ouvindo na caixa de som” (Castro, 2024). Já Nascimento afirma que “na verdade eu tinha parado de ouvir a Juventude. Antigamente quando eu cansava de ouvir sertanejo e eu ia para a FM, eu usava o FM para ouvir música internacional, foi assim que eu comecei a ouvir a FM” (Nascimento, 2024).

5.3.5 Episódio 4 – Memórias e afetos: o rádio como elo de pertencimento

Este episódio reúne lembranças que revelam o papel do rádio como presença afetiva no cotidiano das comunidades. Ao responderem à pergunta “Qual é a lembrança pessoal mais antiga que você tem do rádio?”, os entrevistados trouxeram à tona experiências marcadas por sons, vozes, músicas, programas e situações cotidianas que inscrevem o rádio em suas trajetórias de vida. Essas memórias constroem um mosaico de afetos, práticas culturais e relações familiares que atravessam gerações e que conferem ao rádio o estatuto de elo simbólico com o território, com o passado e com as raízes identitárias de cada sujeito.

A memória de José Fernando Nunes e Silva inaugura este episódio com uma lembrança vivida da infância no interior do Rio Grande do Sul. Ele recorda com carinho e riso o *Programa do Castelinho*, um sucesso da rádio AM local, apresentado por um locutor de linguagem simples e peculiar, cuja casa de madeira em forma de castelo inspirava o nome do programa. O locutor abria o programa com a fala “Cumadi oiá o fogão de lenha, a

brasa tá caindo no chão”, a abertura evocava não apenas o humor, mas também o encantamento popular.

Essa memória radiofônica dialoga com outra recordação sua, ligada à figura materna, uma apaixonada ouvinte de rádio. Em meio ao trabalho na roça e à rotina doméstica, o rádio era mais que um aparelho “Nossa senhora, o rádio era o companheiro dela, mais que o cachorro, mais que qualquer um”. Nunes e Silva (2024) rememora ainda o costume do pai em acordar a família com o som alto do rádio, impondo-lhe um lugar central na casa e no cotidiano.

Na narrativa de Leila Castro (2024), o rádio também aparece como parte inseparável da vida rural e familiar. Entre as músicas sertanejas e os trabalhos na roça, ela recorda o prazer de ouvir Tonico & Tinoco e Pedro Bento & Zé da Estrada enquanto o pai despertava a família com o “radinho ligado já”. Ela descreve a emoção ao ver, ainda criança, o primeiro rádio trazido por seu pai de São Paulo, objeto grande, precioso e misterioso:

Eu olhava e falava, Mizinha [irmã], onde esse povo está? Devem ser tudo pequenininho, porque estão dentro dessa caixeta”. As músicas ouvidas e cantadas com os pais e tios tornaram-se referência afetiva e memória corporal. “Eu canto muito aqui, lavando, varrendo e cantando para puxar a minha memória” (Castro, 2024).

Também Sebastião Castilho associa o rádio às figuras da avó e do pai, ambos santistas, mas cujas escolhas de escuta divergiam. Ele lembra do episódio em que, contrariado com a escolha do pai de ouvir o jogo do Santos Futebol Clube, decidiu ir pessoalmente à Rádio Branife para ouvir a transmissão de um jogo de futebol amador da cidade. Mesmo expulso do local por Aroldo Marmo, figura temida na rádio, a lembrança o marca até hoje: “Você viu como é a vida? Depois eu comecei a trabalhar na rádio”.

Castilho relembra ainda um momento marcante de sua infância: ouvir com a avó o gol 1.040 de Pelé, transmitido pela Rádio Tupi, cuja frequência era justamente 1040 kHz. “Foi assim que eu me tornei santista, influenciado pela minha avó”.

Em outro tempo e cenário, Samuel Logrado de Souza compartilha o início do gosto pelo rádio na casa de um tio fanático por futebol, em Nanuque, Minas Gerais. O rádio reunia os sobrinhos e dava início à paixão pelo Flamengo e pela Seleção Brasileira. Mais tarde, na universidade, o costume continuou com amigos torcedores “Um colega

falava: ‘fico impressionado com vocês, escutam no rádio e chegam aqui narrando como se tivessem visto a partida’. A gente acabava discutindo como se estivesse vendo ao vivo” (Souza, 2024).

Para Orestes Miraglia Carvalho, o rádio mistura fascínio técnico e encantamento pela performance vocal. Ele recorda os estúdios em São Paulo e o improviso sonoro de Hélio Ribeiro, que usava um rádio Philco como fone para reforçar os graves da voz ao anunciar. “Hélio Ribeiro, seu correspondente musical na banda da Bandeirantes”. Além disso, lembra com emoção o dia em que, após anos retransmitindo *A Voz do Brasil* foi a Brasília e imitou o locutor ao vivo, sendo acolhido com surpresa e simpatia: “Dezenove horas na capital da República”.

Elizeu do Nascimento, por sua vez, revisita suas lembranças com foco no rádio como meio de sociabilidade. Ele destaca a importância dos programas esportivos e o hábito de acompanhar notícias esportivas como quem acompanha novelas, com continuidade narrativa. “A gente acompanhava o esporte como se acompanhava novela”. Sua relação com o rádio também passa pela amizade com Edson Amorim, fundador da Rádio Amorim Juventude. O convívio começou no restaurante onde Elizeu trabalhava e se fortaleceu em torno da organização de eventos. Aos domingos, acompanhava o irmão no estúdio da rádio, “Ir para a rádio com meu irmão era minha diversão no final de semana”.

As memórias compartilhadas aqui entrelaçam rádio, família, comunidade, cotidiano e emoção. São histórias que reafirmam o lugar do rádio como elo simbólico de pertencimento, como companhia nos campos, nas cozinhas, nas madrugadas e nas salas de estar. O rádio aparece não apenas como veículo de informação, mas como extensão do corpo, da casa e da memória dos ouvintes.

Ao escutarmos essas histórias, compreendemos que a Rádio Amorim Juventude AM, assim como tantas outras rádios populares, não operava apenas nas ondas sonoras, mas na sintonia dos afetos. Ela sobrevive nas lembranças como afeto compartilhado, como trilha sonora de experiências marcantes e como testemunha da história cotidiana de Rondonópolis e região. São vozes que resistem ao esquecimento e que mantêm viva a cultura popular na tessitura sonora da memória coletiva.

Ao reunir fragmentos de memória, afetos e práticas comunicacionais em torno das trajetórias da Rádio Difusora de Cáceres, da Rádio Regional de Nortelândia e da Rádio Amorim Juventude de Rondonópolis, este capítulo buscou evidenciar como essas

emissoras locais se constituem em espaços de resistência simbólica, de pertencimento e de disputa por visibilidade em contextos historicamente marginalizados. Através das vozes que ecoam no ar (de locutores, ouvintes, gestores e colaboradores), revelam-se não apenas histórias de vida e vínculos afetivos, mas também estratégias de enfrentamento às hegemonias midiáticas e de valorização da cultura local. Assim, as narrativas aqui reconstruídas apontam para o potencial do rádio enquanto tecnologia social e ferramenta de mediação cultural, preparando o terreno para uma reflexão mais ampla, a ser desenvolvida na conclusão, sobre as contribuições dessas experiências para a democratização da comunicação e a construção de outras formas de existir e resistir no cenário contemporâneo.

5.4 O que perdemos com o AM? Nostalgia, vivência e escuta como construção de vínculos sociais

Ao longo das entrevistas realizadas com público ouvinte, ex-funcionários e proprietários das rádios Difusora de Cáceres, Regional de Nortelândia e Amorim Juventude de Rondonópolis, uma constante emergiu com força: a nostalgia em relação ao rádio AM. Mais do que simples saudade de um tempo passado, essa nostalgia aponta para a perda de um modo de escuta profundamente marcado por vínculos afetivos, comunitários e identitários. Para compreender essa dimensão, é necessário refletir sobre o que o AM representou na vida das pessoas, não apenas enquanto tecnologia de transmissão, mas enquanto prática social, cultural e simbólica.

O rádio AM, com seu espectro analógico e seu alcance mais amplo, foi por décadas o principal elo entre populações de regiões distantes e os centros urbanos. Seu sinal, por vezes instável, mas resistente, atravessava matas, planícies e serras, chegando a localidades onde outras mídias não alcançavam. Proximidade e intimidade eram características fundantes da experiência radiofônica nesse formato. A voz do locutor, muitas vezes conhecida pelo nome, pelo timbre, pelos bordões entrava nos lares, nos hospitais, nas roças e nas estradas como uma presença familiar. O rádio AM era um companheiro cotidiano, não raro ligado desde o amanhecer até a noite, funcionando como ponte entre a vida doméstica e o mundo exterior.

O AM foi e segue sendo importante para a constituição da identidade cultural das comunidades. Por meio dele, circulavam as músicas locais, os programas religiosos, os

programas de auditório com talentos regionais, os programas humorísticos que satirizavam figuras locais, as transmissões esportivas dos times da cidade, da capital, e de todo país. Em cada uma dessas práticas, o rádio ajudava a tecer a memória coletiva, sendo guardião de modos de vida e sensibilidades partilhadas. Como enfatiza Maciel *et al.* (2018), o rádio constrói um imaginário acústico que participa diretamente da maneira como os sujeitos se reconhecem como parte de uma coletividade.

Nesse cenário, o rádio AM desempenhava um papel crucial na democratização do acesso à informação e no exercício da cidadania comunicacional. Ao anunciar a previsão do tempo, os preços da feira, os óbitos locais, os recados de familiares e as decisões políticas, ele criava uma forma de comunicação enraizada na vida comunitária. Muitos ouvintes entrevistados relataram que era pelo AM que sabiam das enchentes, das greves, das eleições, e que confiavam no que ouviam ali mais do que nas notícias da televisão. Isso revela que o rádio AM operava não apenas como meio de difusão, mas como mediador social, estabelecendo relações de confiança e pertencimento.

A escuta não era passiva: o ouvinte telefonava, mandava cartas, recados e bilhete, visitava a rádio, anunciava festas, pedia música para os entes queridos. As emissoras funcionavam como espaços de articulação entre diferentes esferas da vida social, da escola à paróquia, do sindicato à feira livre. Isso criava uma relação horizontal entre emissora e público, muito distinta da lógica impessoal que marca parte das programações atuais do FM e, sobretudo, do *streaming* digital.

O rádio AM, nesse contexto, não apenas veicula memórias, ele próprio é um agente de memória, um arquivo vivo das comunidades. Nesse sentido, o conceito de memória, segundo Jacques Le Goff (1990), se revela central, na medida em que, trata-se de um saber que se constrói no tempo e que organiza o passado a partir das necessidades do presente.

A experiência sonora também merece atenção: o AM, com sua textura característica, seus chiados e interferências, criava uma escuta menos limpa, porém mais orgânica, que envolvia o ouvinte em uma atmosfera particular. Havia uma escuta ativa, atenta às modulações da voz, às pausas, aos ruídos do ambiente, que se ligava diretamente ao contexto local. Paul Thompson (1992), ao tratar da história oral, argumenta que escutar é um ato político e transformador e isso se aplica igualmente ao ato de escutar rádio. Em

um tempo marcado pela abundância de informações e pela fragmentação da atenção, o rádio AM cultivava uma escuta profunda e comprometida com o coletivo.

A reportagem *País sem sintonia* (Bertolotto & Gerab, 2018) capta com sensibilidade essa atmosfera ao afirmar que o rádio AM é como um “senhor centenário”, um “fóssil vivo” que, mesmo diante da obsolescência, ainda ressoa no cotidiano de muitos brasileiros (inclusive daqueles que colocam um copo d’água em cima do aparelho para ser “abençoado” pelas ondas sonoras de padres e pastores). Essa imagem potente sintetiza muito do que esta pesquisa revelou: há no rádio AM uma mística, um ritual, uma permanência.

Como bem observa Eduardo Meditsch (2005), o rádio é uma mídia que sobrevive não por sua tecnologia, mas pela relação que estabelece com seus ouvintes. A migração para o FM, nesse sentido, não representa apenas uma mudança de frequência, mas uma mudança na natureza do vínculo social. O que se perde com o fim do AM não é apenas o sinal, é uma forma de estar no mundo, de se comunicar com o outro, de sentir-se parte de algo maior.

Resgatar o valor do AM, por meio desta pesquisa, talvez seja uma maneira de valorizar formas plurais de escuta, de mediação e de memória e reconhecer que, para muitos brasileiros, o rádio foi e segue sendo muito mais do que um aparelho: foi escola, igreja, jornal, vizinho e amigo.

Conclusão

Às vezes, o medo, sentimento indesejável e que na maioria das vezes procura-se evitar, pode auxiliar as pessoas a construírem coisas significativas, por exemplo, a preocupação com o esquecimento motivou líderes do passado (e também do presente) a construírem grandes monumentos arquitetônicos ou mesmo obras de arte. Caminhando nesse sentido, esta tese, também foi impulsionada primeiramente pelo temor de que a população mais carente, residente de locais afastados dos grandes centros e, portanto, usuária da prestação de serviços realizada pelo Rádio AM em Mato Grosso (Brasil), viesse a ser mais esquecida do que já é. Somou-se a isso o medo de que as novas gerações não conhecessem a relevância do rádio AM para a população brasileira. Acontece que o medo também pode paralisar e fazer com que alguns movimentos sejam mecânicos ou automatizados.

E, todas essas nuances do medo, de certo modo, se fizeram presentes em momentos desta pesquisa, que ora se finda. Seja como mola impulsionadora, que me atirou ao campo, onde foi possível verificar que a mudança do rádio AM para FM não compreende apenas a substituição de uma tecnologia por outra, mas sim reconfigura a experiência de vida, da escuta e da identificação no mundo.

Aos poucos, fui descongelando deste medo inicial e o movimento de pesquisa foi se tornando menos mecânico, passando a ser mais espiritual, mais leve e até divertido. Como nos momentos de troca com os entrevistados, que me deram várias lições a respeito do avanço em direção ao futuro, sem esquecer o passado. Assim, ao investigar: como a mudança do rádio AM para FM afeta a estruturação da memória do rádio e as relações socioculturais, em contextos locais, pude entender o quanto se avança quando a comunicação deixa de ser meramente técnica e passa a ser vivida. Pois, isso molda a cultura, a política e *modus operandi* de um povo.

Mesmo tendo o medo como mola propulsora inicial percebi que era necessário abandonar este sentimento e substituí-lo pela coragem, coragem de ouvir o que as pessoas tinham a dizer sobre suas vivências com o rádio. Para tanto, era evidente que essa questão não

poderia ser abordada por meio de dados frios ou análises puramente estruturais. Seria importante fazer uma escuta atenta, aproximar-se dos ouvintes, dos narradores, enfim, abrir espaço para as vozes das pessoas que vivenciaram o rádio em sua forma mais cotidiana, diária e afetiva, para depois recontar essas histórias.

O que inicialmente parecia ser uma exploração acerca do percurso de migração tecnológica acabou sendo, ao longo da pesquisa, uma meditação sobre memória, identidade, pertencimento e conversão social. Tendo como guia o objetivo de descobrir como a memória do rádio de Mato Grosso é constituída pela mudança e transformação do rádio AM para FM, estabeleceu-se um tom que foi, tanto metodológico, quanto sensível à forma como foi desenvolvido. Este mesmo objetivo em alinhamento com a metodologia da história oral determinaram o percurso da construção da memória da radiodifusão local em AM, a partir das histórias de seus ouvintes (ex-funcionários e proprietários). A fim de perceber como essa mudança foi vivenciada por essas pessoas, entender as implicações dessa mudança no tecido comunicativo e cultural das sociedades estudadas.

A revisitação do percurso desta tese implica retomar as abordagens teóricas e empíricas que sustentaram a investigação. As hipóteses formuladas a partir do problema de pesquisa orientaram a leitura dos dados e a estrutura da análise, constituindo referências fundamentais para a interpretação das narrativas e para a compreensão do fenômeno investigado.

Três hipóteses orientaram esta investigação. A primeira sustentava que a migração do AM para o FM representaria um avanço tecnológico, mas também acarretaria perdas simbólicas e sociais. A segunda afirmava que o rádio AM desempenhava papel fundamental na constituição de laços comunitários e na preservação da memória coletiva. A terceira propunha que a história oral possibilitaria o acesso a dimensões da experiência radiofônica que permanecem pouco visíveis em outras abordagens de investigação. Com base nas narrativas produzidas ao longo da pesquisa, essas hipóteses se confirmam.

Os objetivos específicos propostos também foram alcançados ao longo deste percurso investigativo. As narrativas dos ouvintes, proprietários e ex-funcionários das emissoras Difusora, Regional e Amorim Juventude possibilitaram a construção da memória da radiodifusão local, revelando experiências, afetos e significados associados ao rádio AM. Também foi possível compreender como a mudança do AM para o FM foi vivida por

aqueles que acompanharam esse processo nas três localidades pesquisadas. As narrativas revelam que, embora os avanços técnicos sejam reconhecidos, eles convivem com recordações, sentimentos e percepções diversas acerca das mudanças ocorridas no cotidiano das emissoras e na relação que as comunidades mantinham com o rádio local. Da mesma forma, o conjunto dos depoimentos permitiu observar os efeitos dessa transição para as emissoras estudadas e para seus ouvintes, evidenciando que as transformações ultrapassam a dimensão tecnológica e alcançam modos de convivência, formas de pertencimento e experiências construídas ao longo de décadas de escuta.

Mesmo o salto técnico proporcionado pelo FM (maior qualidade sonora, maior estabilidade e melhores condições de transmissão) não foi suficiente para sobrepor aquilo que o rádio AM representava como experiência vivida. Algo se reorganiza quando o rádio deixa de ser uma presença constante, quando a interação é mediada por novos formatos, quando a programação se desconecta das especificidades locais.

Ao enfatizar o rádio como um mecanismo de cultura, o primeiro capítulo evidencia a importância deste meio para a construção da identidade e para a transmissão de significados em contextos nos quais métodos alternativos de mediação comunicacional não são mais tão centrais. O estado da arte foi realizado não apenas tornando visível o que já havia sido produzido em relação ao rádio, mas localizando o objeto de estudo em um campo de pesquisa contínua que segue em expansão. Esta contextualização é significativa porque ajuda a perceber que esta tese ressoa com uma tradição de estudos, que reconhece o rádio como mais do que simplesmente um meio de comunicação; é também um local de sociabilidade, resistência e produção de memória. E, no processo, preenche uma lacuna: a falta de estudos que realmente ouçam as pessoas que viveram o rádio AM em seu sentido mais cotidiano.

As políticas públicas que deflagraram o processo de migração do rádio AM para o FM no Brasil, geralmente expostas como um passo na direção certa, são discutidas no capítulo 2, no qual se apresenta o cenário e o contexto necessários para entender a dimensão estrutural dessas mudanças no mercado de radiodifusão brasileiro. Ao estabelecer esta conversa juntamente com as evidências empíricas da pesquisa, essa narrativa (da direção certa) pode ser desafiada, uma vez que, o que se constata é que a modernização técnica não é conduzida de maneira imparcial. Ela reorganiza práticas, restabelece prioridades e, em alguns casos, abafa vozes.

Tendo em vista que a memória é um campo de disputa, de construção e de ressignificação, buscou-se dialogar com: Le Goff, Thompson, Bosi, Meihy e Alberti, já que estes concordam com a legitimidade da história oral, tanto como método, quanto como postura diante do conhecimento. Deste modo, o capítulo 3 torna-se o alicerce central na composição teórica da tese, uma vez que, ao discutir memória e história oral, as ideias desses autores não só fornecem uma base metodológica para a pesquisa, como também contribuem para as decisões epistemológicas evidentes. São poucas as regras aqui, mas a principal é escolher a história oral ou, acima de tudo, escolher ouvir. Foi importante reconhecer que o conhecimento é composto não apenas de registros escritos ou fatos verificáveis, mas de experiências que os sujeitos nos contam. Além de uma resposta a uma pergunta, esta tese foi um espaço para ouvir, foi espaço de escuta e os diálogos (com autores e colaboradores da pesquisa) permitiram sustentar essa escolha, evidenciando que, mais do que técnica, trata-se de uma ética da escuta.

Ao reforçar a centralidade da memória nos estudos da comunicação, especialmente quando articulada a práticas midiáticas locais, a tese também se articula, de maneira consistente com o campo dos estudos do rádio, especialmente a partir de contribuições de pesquisadores brasileiros que vêm se dedicando a compreender o meio em suas múltiplas dimensões. Os estudos de Nair Prata (2011, 2021), como uma das principais expoentes destas discussões, permitem compreender o rádio como um meio em constante reinvenção, capaz de se adaptar às transformações tecnológicas sem perder, necessariamente, sua relevância social. Ao passo que, as pesquisas de Nélia Del Bianco (2013, 2018, 2021) contribuem para pensar o rádio como espaço de participação e de construção democrática, especialmente em contextos locais, nos quais a proximidade com o público constitui um elemento central.

Para ampliar o alcance analítico, articular isso com o conceito de memória, de prática comunicacional e de estrutura midiática buscou-se nas contribuições de Luiz Artur Ferraretto (2012, 2021) situar o rádio dentro de uma perspectiva histórica e estrutural, visto que suas análises evidenciam as transformações radiofônicas ao longo do tempo e suas articulações com o mercado e com as políticas de comunicação.

Assim como a tensão inicialmente vivida para a construção desta tese, entre medo e coragem, emergiram ainda no decorrer do processo tensões epistêmicas, tais como: as tensões entre padronização e diversidade, entre mercado e comunidade, entre inovação e permanência, todas elas demandaram essa profunda interlocução teórica, já mencionada

anteriormente, para que ao fim e ao cabo pudéssemos entender que o rádio AM, tal como aparece nas narrativas dos entrevistados, não pode ser compreendido apenas como uma tecnologia superada, porque ele se insere em uma tradição de práticas comunicacionais que valorizam a proximidade, a oralidade e a participação. Nesse sentido, as transformações observadas com a migração para o FM dialogam diretamente com as discussões propostas por esses autores.

Ao conectar os estudos de memória ao campo do rádio esta tese pretende constituir um relato abrangente e integrado do fenômeno em investigação. Reiterando como essas mudanças fazem parte de processos históricos mais amplos, que por sua vez, também representam disputas de significado, reconfigurações de tecnologia e transformações de formas sociáveis. Ou seja, não se trata de como a perda ou transformação foi trabalhada, mas sobre como essa perspectiva é colocada em ação. E tudo isso está contido no capítulo 4, o qual se dedica à abordagem metodológica. Nele encontram-se a exposição sobre a construção das categorias de comunidade, colônias e redes, bem como explicações acerca das comunidades de Cáceres, Nortelândia e Rondonópolis, que mais do que apenas recortes geográficos, são espaços de pertencimento, onde o rádio se inscreve como parte da vida cotidiana, e revelam a complexidade das relações que sustentam o rádio enquanto prática social.

Nessa pesquisa, ao contrário de ocuparem um lugar secundário ou ilustrativo, os entrevistados fornecem uma base sólida para a construção da tese, basicamente seus depoimentos constituem o cerne principal das discussões. Deste modo, a rede de colaboradores, ouvintes, ex-funcionários, proprietários e indivíduos envolvidos nas trajetórias das emissoras constitui uma massa de vozes em diferentes tempos, em diferentes experiências e em diferentes formas de se relacionar com o rádio. Cada história carrega em si fragmentos de uma memória coletiva construída a partir da interação de narrativas de vida e formas de falar, não é somente a memória pessoal de cada narrador. Quanto a diversidade dos entrevistados, encontram-se desde figuras que trabalharam na gestão e/ou na operação das rádios, até os ouvintes que vivenciaram o rádio em seus cotidianos, todos contribuindo para ampliação do contexto narrativo elaborado neste trabalho. A abundância de pontos de vista demonstra que o rádio não é uma estrutura monolítica, mas um contíguo de lugares de experiência caracterizado por várias formas de apropriação, uso e significação. Com vistas a suscitar o desenvolvimento narrativo, as entrevistas foram baseadas em roteiros semiestruturados, com perguntas abertas. Isso

parte da premissa de deixar os entrevistados confortáveis ao assumirem a posição de protagonistas de suas próprias histórias, a qual está ligada aos princípios da história oral, que acredita que, ao contar, os entrevistados interpretam, escolhem, moldam e dão significado às suas experiências, convertendo assim, memória em conhecimento.

Constituindo-se como espaço de escuta ampliada, onde não apenas as falas, mas também os silêncios, os gestos, os contextos e as impressões da pesquisadora foram anotados, o caderno de campo assumiu uma função que ultrapassou a do registro técnico, já que várias recordações da autora, registradas nesse caderno, revelaram que a pesquisa é também um encontro, tanto com o outro, quanto consigo mesma, na qualidade de pesquisadora. A dimensão afetiva incrustada nesse percurso, não se dissocia da produção do conhecimento, mas por vezes a constitui.

Com cuidado constante, para não reduzir as falas a categorias rígidas, o tratamento das entrevistas foi guiado por um compromisso duplo: primeiro, o de preservar a integridade das narrativas e segundo, o de construir uma análise interpretativa consistente. Esse movimento permitiu que a complexidade e potência das falas fossem mantidas ao longo do texto.

Possivelmente a expressão mais plena da tese esteja contida no capítulo 5, pois ao construir a história oral do rádio AM a partir das vozes daqueles que o viveram, o texto não apenas analisa, mas narra. A partir de uma estrutura de episódios, que se divide em: Memórias da fundação; Memórias dos momentos marcantes: o auge; Memórias da transição; e, Memórias e afetos: o rádio como elo de pertencimento, a pesquisa organiza as experiências de forma que respeita a temporalidade e a densidade afetiva.

As falas dos entrevistados revelam o rádio como espaço de convivência, como elo de pertencimento e como guardião de memórias, porque são utilizadas como matéria viva da interpretação e aqui reside um dos principais diferenciais desta pesquisa, que é a capacidade de transformar narrativas em análise, sem esvaziá-las de sua potência. Um exemplo é a pergunta “o que perdemos?”, a qual surge como um exercício de reflexão sobre aquilo que, ao se transformar, deixa marcas. Novamente então, as falas dos entrevistados revelam que a perda não se restringe à mudança de frequência ou à substituição de equipamentos. Trata-se, antes, de uma reconfiguração das formas de escuta, de participação e de convivência.

Se ainda restasse algo de medo no desenvolvimento da pesquisa, todo ele foi embora quando da elaboração do subitem “5.4 O que perdemos com o AM? Nostalgia, vivência e escuta como construção de vínculos sociais”, posto que, mais do que uma seção analítica, ele se configura como um ponto de inflexão, no qual as narrativas deixam de apenas rememorar o passado e passam a explicitar, com maior clareza, as consequências da transição vivida. Nesse sentido, o tópico assume um papel central na compreensão dos resultados desta tese, na medida em que, associa a nostalgia e a memória a um tipo de resistência, resistência ao apagamento, à homogeneização e à perda de singularidades. Produzindo consequências nos níveis afetivo, cultural e social.

No rádio AM, a escuta não era passiva, mas relacional, tanto que, nas narrativas ele aparece como um espaço de proximidade, no qual a voz era reconhecida, o ouvinte podia participar ativamente e a programação se construía a partir do diálogo com a comunidade. As transmissões em Amplitude Modulada faziam parte da vida dos entrevistados, acompanhava o trabalho, organizava o tempo, mediava encontros, sustentava vínculos de todos os ouvidos.

O processo de migração para o FM, altera drasticamente essa dinâmica, ao tornar a escuta mais fragmentada e a programação mais padronizada, a relação com o ouvinte fica mais distante. Embora, a qualidade técnica tenha melhorado, algo se desloca no modo como o rádio se insere no cotidiano, portanto, o que se perde, não é apenas uma tecnologia, mas uma forma de estar junto. Nesse sentido, a nostalgia, muito presente nas falas, deve ser vista como uma expressão de uma experiência significativa e não como idealização do passado. Uma vez que, lembra aos sujeitos o valor dessas experiências.

A migração do AM para o FM, embora represente um avanço técnico, implica perdas simbólicas significativas; o rádio AM configura-se como espaço central na construção de vínculos comunitários e a história oral se mostra fundamental para acessar essas dimensões, essas são algumas das hipóteses que direcionaram este trabalho e encontram, ao fim deste trajeto, uma confirmação que se dá pela densidade das experiências narradas e não somente no plano lógico. Nesse sentido, a tese parece vir para contribuir com o reforço da memória como algo central nos estudos da comunicação, sobretudo quando articulada a práticas midiáticas locais, que podem capturar dimensões subjetivas e afetivas, repetidamente descartadas nos métodos convencionais e que colaboram para afirmar a potência da história oral em investigações.

O trabalho baseado na experiência fornece um corpo substancial de memórias do rádio AM, um material significativo de evidências em três comunidades brasileiras que constitui uma coleção além dos contornos desta pesquisa e serve como uma contribuição para pesquisas futuras. Ajudando o desenvolvimento de uma ciência da comunicação que permite às pessoas, cujas histórias são contadas, ter sua própria voz, contribuindo deste modo, para uma ciência da comunicação mais sensível às experiências vividas.

No entanto, várias limitações ainda existem e precisam ser destacadas. Talvez a principal seja a questão geográfica; o que pode ao mesmo tempo permitir profundidade, limita achados generalizáveis. Não obstante a isso, a memória, como um constructo, é seletiva e aberta à reinterpretação e, ao invés de reduzir esses atributos a falhas de pesquisa, eles ressaltam a importância de estudos de acompanhamento. Mas, deste modo abrem-se horizontes para estudos novos, que talvez possam investigar a escala geográfica, por meio de diferentes metodologias ou mesmo a ligação entre rádio e tecnologias digitais. A articulação entre memória, mídia e território é um campo vasto para a produção de conhecimento. Por fim, mas não menos importante esta tese reitera a importância de estudos que abordem políticas públicas que reconheçam o rádio como um bem cultural e social.

Para garantir a diversidade no campo da comunicação há que se incentivar a produção local e valorizar as práticas comunicacionais comunitárias, para tanto, a preservação da memória radiofônica é fundamental.

Mais do que um meio em transformação, o rádio continua sendo um espaço de construção de sentidos e permanece como experiência, feita de vozes, silêncios, lembranças e afetos, nisso reside sua permanência.

Pretende-se encerrar esta construção não com um ponto final, mas de forma ampla e aberta, para que haja continuidade nesse processo investigativo. Continuidade da escuta, da memória e da reflexão sobre aquilo que, mesmo transformado, insiste em permanecer.

Ao final deste percurso, o que se evidencia é que o rádio AM não desaparece com a migração para o FM. Ele permanece, de outra forma, nas lembranças, nos afetos, nas narrativas. Ele se transforma em memória, e é justamente nessa condição que continua a exercer sua força.

Referências bibliográficas

- Acaert - Associação Catarinense de Emissoras de Rádio e Televisão (2016, Junho 21) . *O rádio: migração das AMs para a faixa FM*s. <https://www.acaert.com.br/noticia/29007/o-radio-migracao-das-ams-para-a-faixa-fm#:~:text=AM%20n%C3%A3o%20ser%C3%A1%20extinto,as%20esta%C3%A7%C3%B5es%20de%20baixa%20pot%C3%Aancia>.
- Alberti, V. (2005). Tradição oral e história oral: proximidades e fronteiras. *História Oral*, 8(1), 11-28. <https://doi.org/10.51880/ho.v8i1.113>
- Alberti, V. (2004). *Ouvir contar: textos em história oral*. Ed. FGV.
- Alcar - Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia. (2019. Junho 20). *Carta de Natal*. <https://redealcar.org/carta-de-natal/>
- Alencastro, A. (2003). *Cuyabá: histórias, crônicas e lendas*. Yangraf.
- Almeida, C. D., & Calicchio, S. M. (2011). Panorama do rádio em Cuiabá. In N. Prata (org.), *Panorama do rádio no Brasil* (pp. 149-161). Insular.
- Almeida, M. (2006, Agosto 24). *Projeto educom.radio deve tornar-se política pública no Mato Grosso*. Site da USP. <http://www.usp.br/agen/repgs/2006/pags/161.htm> 24/08/2006.
- Alves, L. (1999). *O rádio no tempo da radionovela*. EdUFMT.
- Anatel - Agência Nacional de Telecomunicações. (2025). *Sistema de Controle de Radiodifusão*. <https://sistemas.anatel.gov.br/srd/Consultas/ConsultaGeral/TelaListagem.asp>
- Antonik, L. R. (2021). Prefácio 2. In N. Prata & N.R. Del Bianco (orgs), *Migração do rádio AM para o FM: Avaliação de impacto e desafios frente à convergência tecnológica*. (pp. 17-19). Insular.
- Bauer, M. W. & Gaskell, G. (2004). *Pesquisa Qualitativa com texto, Imagem e Som*. Vozes.
- Baumworcel, A. (2004). Pensando o rádio nos cinquenta anos da morte de Getúlio Vargas. In A. Baumworcel (org.), *Vargas, agosto de 54: a história contada pelas ondas do rádio* (pp. 19-34). Garamond.
- Beltrão, L. (1980). *Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados*. Cortez.
- Benezath, R., & Reis, R. (2020). A mudança no ecossistema jornalístico e o deserto de notícias no Espírito Santo. 6º *Seminário do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades*. Universidade Federal do Espírito Santo. <https://periodicos.ufes.br/poscomufes/article/view/32168>

Bertolotto, R., & Gerab, M. (2018, Julho 16). *País sem sintonia: depois de integrar o Brasil por décadas, o rádio vive mudanças que podem provocar o efeito contrário*. <https://tab.uol.com.br/radio/#pais-sem-sintonia>

Bosi, E. (1995). *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. Companhia das Letras.

Brasil (2024, Outubro 10). *ZPE de Cáceres (MT) terá fábrica de tábuas, blocos e decks de madeira de teca*. <https://www.gov.br/mdic/pt-br/assuntos/noticias/2024/outubro/zpe-de-caceres-mt-tera-fabrica-de-tabuas-blocos-e-decks-de-madeira-de-teca>.

Brasil (2016). *Resolução nº 510 – 07 de abril de 2016*. <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/atos-normativos/resolucoes/2016/resolucao-no-510.pdf/view>

Brasil (2013). *Decreto nº 8.139 – 7 de novembro de 2013*. <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2013/decreto-8139-7-novembro-2013-777380-publicacaooriginal-141758-pe.html>

Brasil (1998). *Lei nº 9.612, de 20 de fevereiro de 1998*. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9612.htm

Brasil (1979) *Decreto nº 84.134, de 30 de outubro de 1979*. <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1970-1979/decreto-84134-30-outubro-1979-433689-publicacaooriginal-1-pe.html>

Brasil (1978). *Lei nº 6.615 de 16 de dezembro de 1978*. <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-6615-16-dezembro-1978-366553-norma-pl.html>

Brasil (1932). *Decreto nº 21.111, de 1º de março de 1932*. https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-21111-1-marco-1932-498282-publicacaooriginal-81840-pe.html?utm_source=chatgpt.com

Caldas, A. L. (1999). *Oralidade, texto e história: para ler a história oral*. Loyola.

Carmo, A., Fontenele, J., Mouro, M., Fogliatto, M., & López, M. S. (2017). O Radiojornalismo Cuiabano: reconstruindo a década de 1980. *XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro Oeste*, 12 a 14 de junho de 2017. <https://portalintercom.org.br/anais/centrooeste2017/resumos/R56-0012-1.pdf>

Cobo, G. D. (2023). La radio AM: entre la decisión de su permanencia e desaparición definitiva. In N. Prata, N. Del Bianco, & T. Ballesteros (eds.), *La radio AM en el ecosistema mediático de América Latina y el Caribe* (pp. 9-13). Insular. <https://www.repositorio.ufop.br/handle/123456789/18556>.

Conceição, J. F., Siqueira, A. W. N., & Gushiken, Y. (2019). Marginalidades culturais e imaginário midiático sobre a cidade na comédia “As fias de mamãe”. *Revista interdisciplinar em Cultura e Sociedade*, 4(2), 89-105. <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/ricultsociedade/article/view/10489>

Curado, C. C. (2015). *Migração de rádios AM para FM: processos de preparação e perspectivas de mudança frente à convergência tecnológica*. [Trabalho de Conclusão do

Curso – Universidade de Brasília, Faculdade de Comunicação]. Repositório UNB <http://bdm.unb.br/handle/10483/12196>.

Del Bianco, N. R. (2018). Rádio e memória do cotidiano. *Revista Brasileira de História da Mídia*, 7(1), 111-123. <https://doi.org/10.26664/issn.2238-5126.7120187085>

Del Bianco, N. R. (2013). Atuação do Conselho Consultivo do Rádio Digital: em busca de um formato de digitalização adequado à realidade brasileira. *XXXVI Congresso de Ciências da Comunicação*, 4 a 7 set 2013. <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/busca.htm?query=Atua%E7%E3o+do+Conselho+Consultivo+do+R%E1dio+Digital%3A+em+busca+de+um+formato+de+digitaliza%E7%E3o+adequado+%E0+realidade+brasileira>

Del Bianco, N. R., & Prata, N. (2020). Inovação na tradição: a migração do AM para o FM como fator de renovação do rádio brasileiro. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, 17(2), 22-32. [10.5007/1984-6924.2020v17n2p22](https://doi.org/10.5007/1984-6924.2020v17n2p22)

Farias, K. W., & Zuculoto, V. R. M. (2021). O rádio AM trocou o dial: um panorama da migração para o FM nas emissoras catarinenses. *XLIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, 4 a 9 out 2021. <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/dt4-rm/valci-regina-mousquer-zuculoto.pdf>

Farias, K. W., Zuculoto, V. R. M., & Clasen, B. H. (2019). Reflexões sobre o rádio catarinense no processo de migração do AM para o FM. In N. Meireles, P.R.C.Oliveira, & J.B.Ferreira Neto, *Todos os rádios do Brasil: novas frequências, sintonias e conexões* (pp. 15-26). Editora do CCTA.

Federico, M. E. B. (1982). *História da comunicação: rádio e TV no Brasil*. Vozes.

Ferraretto, L. A. (2021). Um século em 21 anos: o rádio brasileiro sob a convergência (ou das fantasias eletrônicas à incerteza gerencial). *Novos Olhares: revista de estudos sobre práticas de recepção a produtos midiáticos*, 10(2), 33-49. <https://revistas.usp.br/novosolhares/article/view/191534/180846>

Ferraretto, L. A. (2012). Uma proposta de periodização para a história do rádio no Brasil. *Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura*, 14 (2). <https://periodicos.ufs.br/eptic/article/view/418/332>

Freitas, S. M., (2002). *História oral: procedimentos e possibilidades*. Humanitas.

Gadini, S. L., Adam, F. & Sansana, N. B. (2021). A contribuição da história oral na investigação e memória do rádio em Ponta Grossa-PR. *Revista Brasileira de História da Mídia*, v. 10(2), 149-163. <https://doi.org/10.26664/issn.2238-5126.102202111298>

Haje, L. (2025, Maio 29). *Comissão aprova projeto que facilita pagamento para migrar rádio AM para FM*. Câmara dos Deputados. Agência Câmara de Notícias. <https://www.camara.leg.br/noticias/1164325-comissao-aprova-projeto-que-facilita-pagamento>

IBGE (2024). *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística Home Page*. <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/21581-informacoes-atualizadas-sobre-tecnologias-da-informacao-e-comunicacao.html>

IBGE (2023). *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística Home Page*. <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mt/historico>.

IBGE (2021). *Estimativas da população residente no Brasil e Unidades da Federação com data de referência em 1º de julho de 2021*. https://ftp.ibge.gov.br/Estimativas_de_Populacao/Estimativas_2021/POP2021_20221212.pdf

Inside Áudio (2024). *Kantar Ibope Mídia*. <https://kantaribopemedia.com/inside-audio-2024/>

Inside Áudio (2023). *Kantar Ibope Mídia*. <https://kantaribopemedia.com/conteudo/estudo/inside-radio-2023/>

Inside Rádio (2022). *Kantar Ibope Mídia*. <https://kantaribopemedia.com/conteudo/estudo/inside-radio-2022/>

Kischinhevsky, M. & Benzedry, L. (2021). Cenários do fazer radiofônico. *Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora*, 13(03), 2-5. <https://periodicos.ufop.br/radiofonias/article/view/6546/5089>

Kischinhevsky, M. (2021). *Rádio e mídia sonora: panorama político e tecnológico do Brasil contemporâneo*. Edições Sesc.

Le Goff, J. (1990). *História e memória* (7ª ed.). Editora da Unicamp.

Leite, L. P. P. (2020). O pioneiro do rádio - amadorismo em Mato Grosso. In N. S. Dourado, E.M.O. Morgado & M.A.A. Rocha, M. A. A., *Suplemento mensal de História, Literatura, Memória e Artes: edição fac-similar (1986-1988)*. EdUFMT.

Haussen, D. F., & Cunha, M. (2003). *Rádio brasileiro: episódios e personagens*. EdiPUCRS/Intercom.

Lago, C., & Alves, P. H. (2005). *Raízes educacionais: do conceito à prática*. Núcleo de Comunicação e Educação da USP. <https://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/16.pdf>

Lopes, V. L. L. (2003). O rádio mato-grossense a contribuição do boateiro. In D.F. Hausen,, & M. Cunha. (2003). *Rádio brasileiro: episódios e personagens* (pp.249-268). EdiPUCRS/Intercom.

Lopes, V. L. L. (2000). *Rádio A Voz d'Oeste: construção e cidadania*. [Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo]. Repositório USP. <https://repositorio.usp.br/item/001086940>

Lopes, M. I. V. (2006). O rádio na era da convergência. In M.I.V.Lopes (org.), *Comunicação e culturas do consumo* (pp.125–141). Atlas.

- López, M. S. (2000). *Com a cara e a coragem: para ouvir as vozes da comunidade Ribeirinha de São Gonçalo, Mato Grosso*. [Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo]. Repositório USP. <https://repositorio.usp.br/item/001086515>
- Maciel, C. S.; Souza, A. C. S.; Silva, A. P. & Souza, A. R. P. (2018). Humor no rádio: Uma análise do discurso publicitário em spots da Tigre. In N. Meireles, E.B. Pinheiro, & L.M. Barroso, *Rádio: Estudos contemporâneos* (pp.386-406). Editora do CCTA.
- Marta, F. E. F. & Mendes, P. O. (2021). A história oral como instrumento de pesquisa em memória coletiva na cena rock de Vitória da Conquista-BA. *XVII Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Universidade Federal da Bahia*. <https://www.cult.ufba.br/enecult/wp-content/uploads/2021/10/V2-ANAI-XVII-ENECULT.pdf>
- MCTIC - Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (2018). *Portaria nº 6, de 28 de fevereiro de 2018*. http://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/4887490
- MCom (2024, Janeiro 10). *Até o final de 2023, 1.185 emissoras de rádio AM já migraram para a faixa FM*. <https://www.gov.br/mcom/pt-br/noticias/2024/janeiro/ate-o-final-de-2023-1-185-emissoras-de-radio-am-ja-migraram-para-a-faixa-fm>
- Meditich, E. (2005). Rudolf Arnheim e o potencial expressivo do rádio. In E. Meditsch (org.), *Teorias do Rádio: textos e contextos - Volume I* (pp 109-122). Insular.
- Meihy, J. C. S. B. (2005). *Manual de história oral - 5 edição*. São Paulo, Loyola.
- Meihy, J. C. S. B., & Holanda, F. (2007). *História oral: como fazer, como pensar*. Contexto.
- Meihy, J. C. S. B., & Ribeiro, S. L. S. (2011). *Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias*. Contexto.
- Meihy, J. C. S. B., & Seawright, L. (2021). *Memórias e narrativas: história oral aplicada*. Contexto.
- Monteiro, J. A. N. G. (1992). *O Boateiro e sua janela mágica*. Academia Matogrossense de Letras.
- Moreira, D. A. J. M. (2010). O começo do rádio no antigo Sul de Mato Grosso: instalação das primeiras empresas e seus objetivos (1930-1970). *Revista Eletrônica História Em Reflexão*, 4(8). <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/944>
- Morgado, F. (2025, Janeiro 09). *Rádio deverá seguir como mídia sonora líder em 2025*. <https://tudoradio.com/colunas/ver/744-radio-devera-seguir-como-midia-sonora-lider-em-2025>
- Neto, E. (2008). *Do rádio ao telejornalismo: a trajetória de um aprendiz*. Carlini & Caniato.

- Oliveira, M. (2024, Abril 19). *Prestes a completar 100 anos, Rádio Clube segue proporcionando o melhor aos associados*. <https://www.topmidianews.com.br/algo-mais/prestes-a-completar-100-anos-radio-club-segue-proporcionando-o/201821/>
- Ortiz, R. (1994). *A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural* – 5 ed. Brasiliense.
- Ortriwano, G. S. (1985). *A Informação no Rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos* – 3 ed.. Summus.
- Prata, N. (2011). *Panorama do rádio no Brasil*. Insular.
- Prata, N., & Del Bianco, N. R. (2021). *Migração do rádio AM para o FM: Avaliação de impacto e desafios frente à convergência tecnológica*. Insular.
- Santhiago, R., & Magalhães, V. B. (2017). *História Oral na sala de aula*. Autêntica.
- Seplag-MT (2024). *Produto Interno Bruto Trimestral do Estado de Mato Grosso*. Secretaria de Planejamento e Gestão do Estado de Mato Grosso. Documento técnico. https://www.seplag.mt.gov.br/images/files/responsive/Planejamento/INFORMACOES_SOCIOECONOMICAS/PIB/PIB_Trimestral_-_1_trim-2024_2.pdf
- Silva, A. C. (2011). Os nacionalismos nas ondas do rádio. *Em Tempo de Histórias*, (06). 10.26512/emtempos.v0i06.20180
- Silva, A. C. (2004). *Vozes do Oeste: a radiodifusão cuiabana entre a antena e a lei (1939-1949)*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Mato Grosso].
- Siqueira, D. (2024, Março 27). *Turismo em MT apresenta crescimento econômico e arrecada mais de R\$ 133,2 milhões*. <https://www.sedec.mt.gov.br/-/turismo-em-mt-apresenta-crescimento-econ%C3%B4mico-e-arrecada-mais-de-r-133-2-milh%C3%B5es>
- Sousa, J. P. (2006). *Elementos de teoria e pesquisa da comunicação e da mídia* - 2 ed. Universidade Fernando Pessoa.
- Starck, D. (2023). *Brasil tem 946 migrantes AM-FM*. <https://www.loucosporradio.com/2023/04/brasil-tem-946-migrantes-am-fm-ativas.html>
- Thompson, P. (1992). *A voz do passado: história oral*. Paz e Terra.

Anexos

Preservação da memória na transição do rádio AM para o FM:
um estudo de história oral em três comunidades brasileiras

Anexo A – Carta de Natal



Quem Somos ▾ | Associação ▾ | Grupos Temáticos ▾ | Anais e Sites ▾ | Publicações ▾ | Notícias | Prêmio JMM | Contato

Manifestos - Carta de Natal

Os pesquisadores do Rádio brasileiro, reunidos no XII Encontro Nacional da História da Mídia, em Natal/RN, referendam o dia 6 de abril de 1919 como a data inicial da radiodifusão no País.

Avalizam essa decisão os dados apresentados há mais de três décadas pelo pesquisador Luiz Maranhão Filho (UFPE) e validados, mais recentemente, pelo pesquisador Pedro Serico Vaz (Anhembi Morumbi), sobre o pioneirismo da então Rádio Club de Pernambuco na transmissão sonora à distância – de um ponto de transmissão para vários pontos.

Os registros históricos que atestam as pesquisas estão disponíveis em jornais como a Imprensa Oficial e o Diário de Pernambuco, além de outras fontes fidedignas.

Natal, Rio Grande do Norte, 20 de junho de 2019.

Subscrevem essa carta:

- Pesquisadores do Grupo Temático História da Mídia Sonora da Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia - ALCAR;
- Participantes da Mesa Temática “Os 100 anos da primeira transmissão radiofônica no Brasil”, doutores Adriano Lopes Gomes (UFRN), Luciano Victor Barros Maluly (USP) e Ciro José Peixoto Pedroza (UFRN), sob a mediação do doutor Helcio Pacheco de Medeiros (UFRN).

Preservação da memória na transição do rádio AM para o FM:
um estudo de história oral em três comunidades brasileiras

Anexo B – Lista das emissoras comerciais de rádio AM e FM com concessão no estado de Mato Grosso

	Município sede	Nome comercial	Modulação
1	Acorizal	Baixada FM	92.3 MHz
2	Água Boa	Interativa FM	99.7 MHz
3	Alta Floresta	Bambina FM	96.9 MHz
4		Gazeta FM	95.5 MHz
5		Massa FM	103.5 MHz
6		Progresso FM	102.1 MHz
7	Alto Araguaia	Aurora FM	99.7 MHz
8		Cidade FM	92.9 MHz
9	Alto Taquari	Gazeta FM	107.7 MHz
10	Apiacás	Selva FM	89.5 MHz
11	Araputanga	Caminho e Luz FM	102.5 MHz
12		Difusora Arco-Íris AM	900 KHz
13	Arenápolis	Clube FM	98.1 MHz
14		Mega 102 FM	102.1 MHz
15	Aripuanã	Alvorada FM	88.5 MHz
16	Barra do Bugres	Ativa FM	99.7 MHz
17	Barra do Garças	Gazeta FM	96.1 MHz
18		Jovem Pan FM	91.1 MHz
19		Aruanã FM	102.1 MHz
20	Brasnorte	Band FM	98.1 MHz
21	Cáceres	Centro América FM Hits	103.1 MHz
22		Difusora Cáceres FM	102.3 MHz
23		Super Jornal FM	107.3 MHz
24		Nova Difusora FM	97.3 MHz
25	Campo Novo do Parecis	Super FM	89.3 MHz
26	Campo Verde	Cidade Bela FM	90.5 MHz
27		Mega 96 FM	96.3 MHz
28	Canarana	Araguaia FM	103.9 MHz
29	Carlinda	Conti FM	94.3 MHz
30	Castanheira	Massa FM	98.7 MHz
31	Chapada dos Guimarães	Jovem Pan FM	94.9 MHz
32	Cláudia	Conti FM	96.3 MHz
33	Colíder	Aliança FM	99.9 MHz
34		Top Norte FM	89.7 MHz

Preservação da memória na transição do rádio AM para o FM:
um estudo de história oral em três comunidades brasileiras

35	Confresa	Terra FM	97.7 MHz
36		Assembleia FM	89.5 MHz
37		Band FM	101.1 MHz
38		Bom Jesus FM	92.7 MHz
39		Capital FM	101.9 MHz
40		CBN Cuiabá FM	95.9 MHz
41		Centro América FM	99.1 MHz
42	Cuiabá	Cidade FM	94.3 MHz
43		Conti FM	103.7 MHz
44		Cultura FM	90.7 MHz
45		Gazeta FM Cuiabá	99.9 MHz
46		Nazareno FM	107.9 MHz
47		TRT FM	104.3 MHz
48		Vila Real FM	98.3 MHz
49		Senado FM	102.5 MHz
50	Denise	Canavial FM	96.9 MHz
51		Conti FM	97.3 MHz
52	Diamantino	Parecis FM	91.7 MHz
53		Meridional FM	96.5 MHz
54	Guarantã do Norte	97 FM	97.9 MHz
55		Jovem Pan FM	105.7 MHz
56	Guiratinga	RGB FM	91.7 MHz
57	Itaúba	Rota FM	91.9 MHz
58	Itiquira	Bambina FM	98.9 MHz
59	Jaciara	Mega 102 FM	102.3 MHz
60		Xavantes FM	101.7 MHz
61	Juara	Amplitude FM	88.7 MHz
62		Tucunaré FM	89.3 MHz
63		Band FM	95.9 MHz
64	Juína	Melodia FM	88.5 MHz
65		Nazaré FM	89.5 MHz
66	Lucas do Rio Verde	Jovem Pan FM	102.3 MHz
67		Regional FM	103.5 MHz
68	Marcelândia	PBC FM	98.1 MHz
69	Matupá	Cidade FM	101.1 MHz
70	Mirassol d'Oeste	Conti Mirassol FM	101.5 MHz
71		Difusora FM	93.7 MHz
72	Nobres	Nobres FM	95.1 MHz

Preservação da memória na transição do rádio AM para o FM:
um estudo de história oral em três comunidades brasileiras

	Município sede	Nome comercial	Modulação
73	Nortelândia	Difusora FM	93.5 MHz
74	Nova Brasilândia	Conti FM	88.5 MHz
75	Nova Canaã do Norte	Band FM	90.5 MHz
76	Nova Mutum	Arinos FM	103.1 MHz
77	Nova Xavantina	Rezende FM	90.7 MHz
78	Paranaíta	Tem FM	98.9 MHz
79	Paranatinga	Tribo FM	105.5 MHz
80	Pedra Preta	Band FM	99.3 MHz
81	Peixoto de Azevedo	Conti FM	94.9 MHz
82		Vale FM	104.1 MHz
83	Pontal do Araguaia	Conti FM	95.3 MHz
84	Pontes e Lacerda	Conti FM	95.9 MHz
85		Jornal FM	105.7 MHz
86	Porto Alegre do Norte	Top FM	90.3 MHz
87	Poxoréu	Gazeta FM Poxoréu	91.5 MHz
88		Jovem Pan FM Sul Mato-grossense	102.9 MHz
89	Primavera do Leste	Band FM	97.5 MHz
90		Primavera FM	93.5 MHz
91	Querência	Interativa FM	97.9 MHz
92	Ribeirão Cascalheira	Interativa FM	103.1 MHz
93	Rondonópolis	104 FM	104.1 MHz
94		105 FM	105.7 MHz
95		Centro América FM	101.5 MHz
96		Deus É Amor	97.7 MHz
97		Massa FM	94.1 MHz
98		Shalom FM	107.5 MHz
99		Câmara	100.1 MHz
100	São Félix do Araguaia	Araguaia FM	98.9 MHz
101	São José do Rio Claro	Bambina FM	99.7 MHz
102		Conti Rio Claro	88.5 MHz
103	São José dos Quatro Marcos	Jornal FM	100.9 MHz
104		Vale FM	90.9 MHz
105	Sapezal	Clube FM	97.3 MHz
106	Sinop	Jovem Pan FM	93.1 MHz
107		Mais AM	550 KHz
108		Meridional FM	98.9 MHz
109	Sorriso	Centro América Hits	89.3 MHz

Preservação da memória na transição do rádio AM para o FM:
um estudo de história oral em três comunidades brasileiras

110		Sorriso FM	99.1 MHz
	Município sede	Nome comercial	Modulação
111		Band FM	92.1 MHz
112	Tangará da Serra	Gazeta FM Tangará	98.9 MHz
113		Tangará FM	104,3 MHz
114	Terra Nova do Norte	Conti FM Terra Nova	97.1 MHz
115		Massa FM	90.1 MHz
116	Várzea Grande	Mix FM	93.3 MHz
117	Vera	Clube FM	90.9 MHz
118	Vila Bela da Santíssima Trindade	Primeira Capital FM	98.1 MHz
119	Vila Rica	Conti FM Terra Nova	88.5 MHz

Fonte: Elaborado pela autora com dados da Anatel (2025). Disponível em <https://sistemas.anatel.gov.br/srd/Consultas/ConsultaGeral/TelaListagem.asp>

Nota: Hoje operam em Mato Grosso 119 rádios comerciais, sendo 2 AM e 117 FM.

Apêndices

Preservação da memória na transição do rádio AM para o FM:
um estudo de história oral em três comunidades brasileiras

Apêndice A – Termo de consentimento livre e esclarecido



Universidade Fernando Pessoa
Doutoramento em Ciências da Comunicação
Praça 9 de abril, Porto - Portugal

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa **“Preservação da memória na transição do Rádio AM para FM: Um estudo de história oral em três comunidades brasileiras”** registrado na Plataforma Brasil sob o número 79992624.9.0000.5165, coordenada por, **Claudia da Consolação Moreira**, no âmbito do doutoramento em Ciências da Comunicação da Universidade Fernando Pessoa, na cidade do Porto, em Portugal e orientado pelo professor doutor Jorge Pedro Almeida Silva e Sousa.

Por favor, **leia este documento com bastante atenção antes de assiná-lo**. Caso haja alguma palavra ou frase que você não consiga entender, pergunte a pesquisadora responsável, ela está pronta para respondê-lo(a).

A proposta deste **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)** é explicar tudo sobre a pesquisa e solicitar a sua permissão para participar da mesma. Sua participação é totalmente voluntária, ou seja, não é obrigatória e o(a) convidado a fornecer informações para a construção desta tese de doutorado. A sua participação consiste em responder perguntas (caso desejar) em dia e hora marcados de acordo com sua melhor disponibilidade, e cujas respostas contribuirá para a preservação da memória na transição do Rádio AM para FM. A seguir elencamos informações importantes que envolvem a sua participação, caso você aceite participar. São elas:

Natureza da pesquisa:

A pesquisa destina-se a investigar e compreender o impacto que a transição do rádio AM para o FM teve no quadro da construção da memória do rádio, por meio da história oral em três comunidades brasileiras, levando em consideração as narrativas dos antigos ouvintes (proprietários, radialistas e público) das emissoras: Difusora, de Cáceres, Regional, de Nortelândia e Amorim Juventude, de Rondonópolis. A metodologia utilizada é de abordagem qualitativa, pelo método da história oral, que possui como ferramenta de coleta de dados a entrevista em profundidade. Complementar a isso será realizado o levantamento bibliográfico.

Objetivos da pesquisa:

Pesquisadora responsável:

*Claudia da Consolação Moreira – Tel.: (65) _____ E-mail: cclaudiamoreira@ufmt.br e cclaudiamoreira@gmail.com
Comitê de Ética - Seres Humanos (CEP) – Universidade de Cuiabá (UNIC) – Unidade Beira Rio.
Endereço: Av. Beira Rio.3100, Bloco Saúde II, Bairro Jardim Europa CEP:78.065-900 Cuiabá/MT
Fone: (65)3363 1271 E-mail: cep_unic@kroton.com.br*



Entender o impacto que a transição do AM para o FM teve nessas comunidades (Cáceres, Nortelândia e Rondonópolis), nos níveis informativo, formativo e de entretenimento; Averiguar como esta transição vem sendo processada pelos antigos ouvintes do rádio AM. E ainda, avaliar o impacto que a transição do AM provocou nas emissoras de rádio.

Riscos:

Os riscos de participação na pesquisa são mínimos. E ainda que os instrumentos/técnicas de pesquisa possam causar cansaço na entrevista: desconforto, a pesquisadora se compromete em adotar medidas mitigadoras, dentre estas: liberdade de não responder as respostas e proporcionar pausas e até mesmo remarcar a entrevista de acordo com a disposição e conveniência do entrevistado. Além de exercer o direito de retirar o consentimento sem justificativa prévia e sem qualquer prejuízo.

Benefícios:

Um dos benefícios diretos é ter sua história e memória preservados numa tese e em um livro a ser publicados. E como benefício indireto colaborar para a preservação da história do rádio em Mato Grosso.

Resultados:

Os resultados da presente pesquisa, bem como a tese, após um período de embargo para permitir a sua publicação, ficará depositada e terá acesso livre e gratuito no repositório institucional da Universidade Fernando Pessoa, o que permitirá ampla divulgação na comunidade científica.

Após o referido período de embargo, uma versão reduzida da tese será publicada em formato de livro, artigos serão publicados em revistas científicas com elevado fator de impacto e indexada, a designar. Previamente à publicação, uma cópia será enviada aos voluntários participantes que aceitaram participar das entrevistas desta pesquisa e sempre que desejarem, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo.

Além disso, buscaremos levar os dados para ampla divulgação acadêmica, dada a relevância e impacto que os resultados poderão exercer na gestão dos grupos de pesquisa da área de conhecimento pesquisada. Ou seja, os dados desta pesquisa serão tornados públicos, por meio de publicação científica especializada com

Pesquisadora responsável:

Claudia da Consolação Moreira – Tel.: (65) _____ – E-mail: cclaudiamoreira@ufmt.br e cclaudiamoreira@gmail.com

Comitê de Ética - Seres Humanos (CEP) – Universidade de Cuiabá (UNIC) - Unidade Beira Rio

Endereço: Av. Beira Rio 3100, Bloco Saúde II, Bairro Jardim Europa CEP: 78.065-900 Cuiabá/MT

Fone: (65) 3363 1271 E-mail: cep.unic@kroton.com.br



Universidade Fernando Pessoa
Doutoramento em Ciências da Comunicação
Praça 9 de abril, Porto - Portugal

bom índice de credibilidade, sejam os dados considerados favoráveis ou não.

Confidencialidade:

Asseguramos ao participante da pesquisa garantia de sigilo de modo a manter a privacidade e seu anonimato **no caso de não permitir sua identificação**, porém, esclarecemos que em caso de tal autorização ser concedida e não houver objeção, que seu nome será citado como uma das pessoas que contribuíram para o levantamento das informações e dados a que busca o objeto desta pesquisa.

Se depois de consentir sua participação você desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes, durante ou depois da entrevista, independente do motivo e sem nenhum prejuízo à sua pessoa. No caso de desistência, as informações fornecidas por você não serão utilizadas.

Pagamento/Ressarcimento:

Não está previsto nenhum tipo de pagamento pela sua participação na pesquisa e você não terá nenhum custo com respeito aos procedimentos envolvidos, porém, poderá ser ressarcido por despesas decorrentes de sua participação, como por exemplo: despesas de transporte (deslocamento até o local da entrevista) e alimentação. No caso de despesas proveniente de transporte, o ressarcimento será realizado imediatamente após a despesa. No caso de despesas de alimentação o procedimento será o mesmo. Essas despesas serão pagas pelo orçamento da pesquisa.

Indenização:

Caso sinta-se prejudicado, você tem o direito de buscar indenização nos termos da lei (conforme artigos 9. e 19º. da Resolução 510/16 do CNS) ou procurar o CEP Universidade de Cuiabá/UNIC para apresentar denúncias sobre a conduta ética da pesquisa, já que esta é a instância responsável por salvaguardar a conduta ética das pesquisas realizadas com seres humanos. Você receberá todo o atendimento necessário, sem nenhum custo pessoal e garantimos indenização diante de eventuais fatos comprovados, com nexo causal com a pesquisa.

Pesquisadora responsável:
Claudia da Consolação Moreira – Tel.: (65) _____ – E-mail: cclaudiamoreira@ufmt.br e cclaudiamoreira@gmail.com
Comitê de Ética - Seres Humanos (CEP) – Universidade de Cuiabá (UNIC) - Unidade Beira Rio.
Endereço: Av. Beira Rio.3100, Bloco Saúde II, Bairro Jardim Europa CEP:78.065-900 Cuiabá/MT
Fone: (65)3363 1271 E-mail: cep.unic@kroton.com.br



Universidade Fernando Pessoa
Doutoramento em Ciências da Comunicação
Praça 9 de abril, Porto - Portugal

Guarda dos dados:

Todos os dados coletados nesta pesquisa ficarão armazenados em arquivo, digital, sob guarda e responsabilidade da pesquisadora, Claudia da Consolação Moreira, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa (Resolução CNS nº 510 de 2016, Art. 28, Inciso IV), para que você participante possa decidir livremente sobre sua participação e sobre o uso de seus dados no momento e no futuro.

Meio de contato com a pesquisadora:

A pesquisadora fica à disposição para mais informações por meio dos contatos: cclaudiamoreira@gmail.com e claudia.moreira@ufmt.br e pelo telefone (65) _____ - _____.

Meio de contato com o Comitê de Ética para esclarecer dúvidas ou fazer denúncias:

Em caso de dúvidas ou denúncia sobre a conduta ética da pesquisa ou da pesquisadora, o(a) participante poderá entrar em contato com o **Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos da Universidade de Cuiabá-UNIC**, coordenado pela **professora doutora Cilene Maria Lima Antunes Maciel**. Endereço: Avenida Beira Rio, 3100, Bloco da Saúde II, Bairro: Jardim Europa, Cuiabá - Mato Grosso. CEP: 78.065-900, telefone: (65) 3363-1271, e-mail: cep.unic@kroton.com.br Horário de funcionamento: das 8h às 12h e das 14h às 18h.

Declaração de Consentimento

Ao assinar o presente **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido** você expressa o seu consentimento para participar voluntariamente desta pesquisa, bem como afirmar que, tendo lido as informações acima e estando suficientemente esclarecido(a), está plenamente de acordo com a realização do estudo e autoriza a utilização das declarações prestadas na entrevista.

Solicitamos também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área das Ciências Sociais (História) e Ciências Sociais Aplicadas e Humanas (Comunicação) e publicar em revista científica nacional e/ou internacional.

Pesquisadora responsável:

*Claudia da Consolação Moreira – Tel.: (65) _____ - E-mail: cclaudiamoreira@ufmt.br e cclaudiamoreira@gmail.com
Comitê de Ética - Seres Humanos (CEP) – Universidade de Cuiabá (UNIC) - Unidade Beira Rio.
Endereço: Av. Beira Rio, 3100, Bloco Saúde II, Bairro Jardim Europa CEP: 78.065-900 Cuiabá/MT
Fone: (65) 3363 1271 E-mail: cep.unic@kroton.com.br*



Universidade Fernando Pessoa
Doutoramento em Ciências da Comunicação
Praça 9 de abril, Porto - Portugal

Eu, _____, declaro que fui esclarecido(a) sobre os objetivos da pesquisa, riscos, benefícios, confidencialidade, pagamento, indenização e minha forma de participação na pesquisa e que me foi dada a oportunidade de tirar minhas dúvidas.

Você receberá uma via deste TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO assinado por todos. É RECOMENDADO GUARDAR ESTE DOCUMENTO, para caso você possa precisar dele no futuro. Este TERMO está em duas vias, uma ficará com o(a) participante e a outra com a pesquisadora. Diante disso:

- ☐ Aceito participar desta pesquisa
- ☐ Não aceito participar desta da pesquisa.

E também:

- ☐ Aceito que meu nome seja divulgado nos resultados publicados da pesquisa.
- ☐ Aceito que meu nome seja divulgado nos resultados publicados da pesquisa, mas que as referências a mim sejam pelo nome de (escrever por extenso):

_____.

- ☐ Não aceito que meu nome seja divulgado.
- ☐ Aceito que minha imagem seja divulgada.
- ☐ Não aceito que minha imagem seja divulgada.

Concordo em participar da pesquisa intitulada: **“Preservação da memória na transição do Rádio AM para FM: um estudo de história oral em três comunidades brasileiras”**.

Nome completo do(a) participante ou responsável

Data: ____/____/____

Assinatura do(a) participante ou responsável

Pesquisadora responsável:
Claudia da Consolação Moreira – Tel.: (65) _____ – E-mail: cclaudiamoreira@ufmt.br e cclaudiamoreira@gmail.com
Comitê de Ética - Seres Humanos (CEP) – Universidade de Cuiabá (UNIC) – Unidade Beira Rio.
Endereço: Av. Beira Rio.3100, Bloco Saúde II, Bairro Jardim Europa CEP:78.065-900 Cuiabá/MT
Fone: (65)3363 1271 E-mail: cep.unic@kroton.com.br

Preservação da memória na transição do rádio AM para o FM:
um estudo de história oral em três comunidades brasileiras



Universidade Fernando Pessoa
Doutoramento em Ciências da Comunicação
Praça 9 de abril, Porto - Portugal

Eu, **Claudia da Consolação Moreira**, declaro cumprir as exigências contidas nos itens IV.3 e IV.4, da Resolução nº 466/2012 MS.

Assinatura da pesquisadora

Data: ____/____/____

Pesquisadora responsável:
Claudia da Consolação Moreira – Tel.: (65) _____ – E-mail: cclaudiamoreira@ufmt.br e cclaudiamoreira@gmail.com
Comitê de Ética - Seres Humanos (CEP) – Universidade de Cuiabá (UNIC) - Unidade Beira Rio.
Endereço: Av. Beira Rio, 3100, Bloco Saúde II, Bairro Jardim Europa CEP: 78.065-900 Cuiabá/MT
Fone: (65) 3363 1271 E-mail: cep.unic@kroton.com.br

Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE)
- Página 6 de 6 -

Apêndice B – Termo de autorização de uso de imagem, som e/ou voz, dados e informações coletadas



Universidade Fernando Pessoa
Doutoramento em Ciências da Comunicação
Praça 9 de abril, Porto - Portugal

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, SOM E/OU VOZ, DADOS E INFORMAÇÕES COLETADAS

Eu, _____ (*nome completo do(a) participante da pesquisa*), de posse do TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO da pesquisa intitulada **“Preservação da memória na transição do Rádio AM para FM: Um estudo de história oral em três comunidades brasileiras”** registrada na Plataforma Brasil sob o número 79992624.9.0000.5165, sob responsabilidade da pesquisadora, Claudia da Consolação Moreira, no âmbito do doutorado em Ciências da Comunicação da Universidade Fernando Pessoa, na cidade do Porto, em Portugal, após ter ciência e entendimento quanto aos riscos e benefícios que essa pesquisa poderá trazer e os métodos que serão usados para a coleta de dados; e por estar ciente da necessidade da gravação e/ou filmagem, **AUTORIZO**, por meio deste termo que a pesquisadora Claudia da Consolação Moreira capture fotografia e/ou filmagem e/ou gravação de voz da minha pessoa para fins exclusivos da referida pesquisa científica e com a condição de que esse material, na sua forma original, não seja divulgado. Nessas condições, apenas o material derivado do original poderá, nos termos desta autorização, ser divulgado em meios científicos, tais como, na tese de doutorado da pesquisadora, em livros de cunho científico editados pela própria pesquisadora e em artigos científicos, no sentido de preservar o meu direito, como definido na regulamentação ética da pesquisa envolvendo seres humanos no Brasil.

Todos os dados coletados (as fotografias, filmagens e gravações de voz) nesta pesquisa ficarão armazenados em arquivo, digital, sob guarda e responsabilidade da pesquisadora, Claudia da Consolação Moreira, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa (Resolução CNS nº 510 de 2016, Art. 28, Inciso IV), para que você participante possa decidir livremente sobre sua participação e sobre o uso de seus dados no momento e no futuro.

Esta AUTORIZAÇÃO foi concedida mediante o compromisso da pesquisadora em garantir-me que:

- transcrição da gravação de minha voz me seja disponibilizada, caso a solicite;
- os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui tratada e outras publicações científicas dela decorrentes;

Pesquisadora responsável:

Claudia da Consolação Moreira – Tel.: (65) _____ - E-mail: cclaudiamoreira@ufmt.br e cclaudiamoreira@gmail.com
Comitê de Ética – Seres Humanos (CEP) – Universidade de Cuiabá (UNIC) – Unidade Beira Rio.
Endereço: Av. Beira Rio 3100, Bloco Saúde II, Bairro Jardim Europa CEP: 78.063-900 Cuiabá/MT
Fone: (65) 3363 1271 E-mail: cep_unic@kroton.com.br



Universidade Fernando Pessoa
Doutoramento em Ciências da Comunicação
Praça 9 de abril, Porto - Portugal

- a utilização das informações geradas pela pesquisa para qualquer outra finalidade não especificada no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido somente poderá ser feita mediante minha autorização;

- os dados coletados serão armazenados por 5 (cinco) anos, sob a responsabilidade da pesquisadora;

- depois de consentir minha participação e desistir de continuar participando, tenho o direito e a liberdade de retirar meu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes, durante ou depois da entrevista, independente do motivo e sem nenhum prejuízo à sua pessoa. No caso de desistência, as informações fornecidas por mim não poderão ser utilizadas. A interrupção de minha participação na pesquisa poderá ser feita a qualquer momento, sem nenhum ônus, mediante mera comunicação à pesquisadora responsável.

- Que não serão abordados temas pessoais que gerem algum tipo de constrangimento, uma vez que a coleta e usos das informações por mim oferecidas respeitam aspectos éticos e morais, limitam-se pura e simplesmente ao objetivo da pesquisa.

- Que poderei consultar a pesquisadora a qualquer momento que julgar necessário.

Minha colaboração com a pesquisa se fará por meio de:

- **Entrevista:** conduzida oralmente pela pesquisadora, com a coleta de dados em gravações de áudio (voz/som), vídeo e registro fotográfico, cujo tempo médio será de aproximadamente uma hora; ou a critério da disponibilidade do participante.

O presente **TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, SOM E/OU VOZ, DADOS E INFORMAÇÕES COLETADAS** está em duas vias, após assinado uma ficará comigo e a outra com a pesquisadora. **É RECOMENDADO GUARDAR ESTE DOCUMENTO**, para caso você possa precisar dele no futuro. Diante disso:

() Aceito participar desta pesquisa

() Não aceito participar desta da pesquisa.

E, também:

() sim, autorizo a gravação e/ou divulgação da minha imagem e/ou voz;

() não, não autorizo a gravação e/ou divulgação da minha imagem e/ou voz;

() autorizo a gravação, mas não a divulgação de minha imagem e/ou voz.

Pesquisadora responsável:

Claudia da Consolação Moreira – Tel.: (65) _____ - E-mail: cclaudiamoreira@ufmt.br e cclaudiamoreira@gmail.com

Comitê de Ética - Seres Humanos (CEP) – Universidade de Cuiabá (UNIC) – Unidade Beira Rio.

Endereço: Av. Beira Rio, 3100, Bloco Saúde II, Bairro Jardim Europa CEP: 78.065-900 Cuiabá/MT

Fone: (65) 3363 1271 E-mail: cep.unic@kroton.com.br



Universidade Fernando Pessoa
Doutoramento em Ciências da Comunicação
Praça 9 de abril, Porto - Portugal

Nome completo (por extenso) do(a) participante ou responsável

Assinatura do(a) participante ou responsável

Assinatura da pesquisadora

Local: _____

Data: ____/____/____

Pesquisadora responsável:

*Claudia da Consolação Moreira – Tel.: (65) _____ – E-mail: cclaudiamoreira@ufmt.br e cclaudiamoreira@gmail.com
Comitê de Ética - Seres Humanos (CEP) – Universidade de Cuiabá (UNIC) - Unidade Beira Rio.
Endereço: Av. Beira Rio 3100, Bloco Saúde II, Bairro Jardim Europa CEP: 78.065-900 Cuiabá/MT
Fone: (65) 3363 1271 E-mail: cep.unic@kroton.com.br*

Termo de autorização de uso de imagem, som e/ou voz, dados e informações coletadas

- Página 3 de 3 -

Preservação da memória na transição do rádio AM para o FM:
um estudo de história oral em três comunidades brasileiras

Apêndice C – Roteiros preliminares para as entrevistas semiestruturadas



Universidade Fernando Pessoa
Doutoramento em Ciências da Comunicação
Praça 9 de abril, Porto - Portugal

Roteiros preliminares para as entrevistas semiestruturadas

1) Para os proprietários(as) das emissoras ou designados:

Nome completo:		
Como prefere ser chamado?		
Onde nasceu?		
Mora aqui desde quando?		
Data:	Dia da semana:	
Local:		
Horário marcado:	Hora de início:	Hora de fim:
Descrição do ambiente:		

1. Você pode contar um pouco sobre a fundação da rádio?
2. Qual foi o momento áureo da emissora? Pode nos contar?



3. A emissora sentiu os efeitos da chegada da FM na cidade?
4. A chegada da internet, dos sites de notícias? Dos sites locais?
5. Você pode contar como foi a tomada de decisão pela migração para o FM? Quais eram as preocupações?
6. Você aponta algum erro por parte do governo na transição?
7. Como o público ficou sabendo da migração do AM para o FM?
8. Como a emissora se preparou com relação aos equipamentos? O investimento foi alto?
9. Na questão técnica, qual o maior benefício que a migração para o FM trouxe até o momento para a emissora?
10. Quantas pessoas atuam na equipe de produção da emissora? E no total quantas são?
11. Qual o diferencial da programação, em relação as outras emissoras da cidade?
12. Qual o programa de maior audiência da rádio hoje?
13. Você tem informações sobre a audiência. Os ouvintes estão em maior quantidade na área urbana ou rural?
14. Qual era o alcance territorial da emissora antes da migração? E agora qual é o alcance?
15. A programação mudou? O que mudou? Porque não mudou?
16. Quantas horas de programação jornalística (boletins, jornais) ?
17. Há equipe de jornalismo para reportagem externa ou entradas ao vivo durante a programação?
18. Qual tipo de prestação de serviço a rádio oferece para os ouvintes? Há promoção de assistência social?
19. Após o processo de migração teve que realizar alguma mudança na programação? Quais?
20. Os principais apresentadores foram mantidos? E como você vê o processo de adaptação deles para o novo formato?
21. Quantas horas a emissora fica no ar por dia com programação local e em rede?
22. A rádio desenvolve alguma programação de eventos na cidade? Promoções de eventos? Shows?
23. Dentro da programação local, houve alguma mudança na linguagem do rádio após a migração?
24. Como você avalia a importância da rádio para os moradores deste município?



Universidade Fernando Pessoa
Doutoramento em Ciências da Comunicação
Praça 9 de abril, Porto - Portugal

25. Como está a programação da rádio na internet? É retransmissão ou tem alguma programação diferenciada?
26. No tempo da AM como era a integração do público? Cartas pelo correio ou entregues pessoalmente?
27. E hoje como se dá a interação dos ouvintes com os programas? Pode falar um pouco sobre o conteúdo destas mensagens?
28. A emissora tem website? O que vocês disponibilizam no site aos ouvintes além do sinal da emissora em tempo real?
29. Como estava o faturamento antes da migração?
30. Como está a audiência da emissora hoje? E o faturamento? O investimento está tendo retorno?
31. Quem são seus ouvintes hoje? Há estratégia para atingir outros públicos, como os mais jovens?
32. Qual é a lembrança pessoal mais antiga que você tem do rádio? Você tem alguma lembrança do rádio na sua infância?
33. Como você imagina o rádio no futuro?



2) Para os radialistas (ex-funcionários) das emissoras

Nome completo:		
Como prefere ser chamado?		
Onde nasceu?		
Mora aqui desde quando?		
Data:	Dia da semana:	
Local:		
Horário marcado:	Hora de início:	Hora de fim:
Descrição do ambiente:		

1. Quanto tempo você trabalhou na rádio? Por que saiu?
2. Qual era sua função? Quais as atividades que você desempenhava?
3. Qual era o seu diferencial como funcionário da rádio (locutor/apresentador)?
4. Qual o programa de maior audiência da rádio na época que trabalhava?



Universidade Fernando Pessoa
Doutoramento em Ciências da Comunicação
Praça 9 de abril, Porto - Portugal

5. A rádio desenvolvia alguma programação de eventos com a cidade?
6. Pensando na programação de hoje da emissora, houve alguma mudança na linguagem do rádio durante os últimos anos?
7. Como você avalia a importância da rádio para os moradores deste município? Como era na sua época? E hoje?
8. Você já escutou rádio pela internet? Qual emissora? Como foi a experiência? Onde você estava? Em outra cidade?
9. Como acontecia a interação dos ouvintes com a rádio na sua época? Cartas? Pelo correio ou deixadas aqui na rádio?
10. Na sua época você tinha ideia da audiência. A maioria dos ouvintes era da zona rural ou urbana?
11. Qual é a lembrança pessoal mais antiga que você tem do rádio? Você lembra do rádio na sua infância?
12. Como você imagina a rádio no futuro?



3) Para o público (ouvintes) das emissoras

Nome completo:		
Como prefere ser chamado?		
Onde nasceu?		
Mora aqui desde quando?		
Data:	Dia da semana:	
Local:		
Horário marcado:	Hora de início:	Hora de fim:
Descrição do ambiente:		

1. Você mora nesta cidade desde quando?
2. Para você qual a diferença entre o rádio AM e o rádio FM?
3. O que você pensa quando ouve a palavra rádio?
4. O que lhe vem à mente quando pensa em ouvir rádio?
5. Imagine se você tivesse que explicar para alguém o que é o rádio. Como você o descreveria?



Universidade Fernando Pessoa
Doutoramento em Ciências da Comunicação
Praça 9 de abril, Porto - Portugal

6. Imagine ainda que você tenha que explicar para alguém como é a programação da rádio. O que diria?
7. Com quem você aprendeu a ouvir rádio? Como era?
8. Qual horário você mais ouve? Fazendo o quê?
9. Para que você ouve rádio? (Se informar, passar o tempo, matar a saudade de alguém)
10. E qual a rádio que você mais ouve aqui?
11. Você já ouviu rádio no computador? E no celular?
12. Se fosse para indicar um programa de rádio, qual você me indicaria? Porque você me indicaria? O que ele tem de bom?
13. Você já participou da programação? Como foi? Por mensagem, por telefone, por carta? Já esteve na emissora?
14. Já pediu música? Foi atendido? E qual a sensação de ter seu pedido atendido?
15. Já fez algum tipo de reclamação? Foi atendido?
16. Já ganhou algum prêmio em sorteio pelo rádio?
17. Você percebeu que em (ano da migração de cada emissora) a rádio mudou de nome? Além desta mudança você percebeu alguma outra? Qual?
18. E sobre histórias que envolvem o rádio, você tem alguma para me contar?
19. Qual é a lembrança pessoal mais antiga que você tem do rádio? Você lembra do rádio na sua infância?
20. Como você imagina o rádio no futuro?

Preservação da memória na transição do rádio AM para o FM:
um estudo de história oral em três comunidades brasileiras

Apêndice D – Entrevista com Maridalva Amaral Vignardi

Entrevista realizada pela pesquisadora Claudia da Consolação Moreira, no contexto da tese de doutoramento intitulada: *Preservação da memória na transição do rádio AM para o FM: um estudo de história oral em três comunidades brasileiras*, desenvolvida na Universidade Fernando Pessoa, entre 2022 e 2025, orientada pelo professor doutor Jorge Pedro Sousa e coorientada pela professora doutora Nair Prata, da Universidade Federal de Ouro Preto.

Dados da entrevista

Entrevistadora: Claudia da Consolação Moreira

Tipo de entrevista: História oral temática

Data e local da entrevista: 01 de novembro de 2024 em Cáceres – Mato Grosso

Período: Matutino e vespertino

Duração da entrevista: 02h26m07s

Dados biográficos da entrevistada

Nome: Maridalva Amaral Vignardi

Tratamento pessoal: Maridalva

Citação bibliográfica: Vignardi

Data e local de nascimento: 22 de novembro de 1949 em Birigui – São Paulo

Atividade: Proprietária da Rádio Nova Difusora de Cáceres

Claudia: Você pode contar um pouco sobre a fundação da rádio?

Maridalva: Meu pai tinha fazenda aqui em Pontes Lacerda. Na época, meu pai e ele (Ivo) vinham para cá, porque meu pai estava desbravando a fazenda ainda. E Cáceres era comarca, então ela atendia toda a região, inclusive as cidades de Mirassol, Pontes e Lacerda, todas as

cidades... Todas as documentações eram resolvidas aqui em Cáceres, inclusive o Incra, era só aqui que tinha na região.

E, em uma das vindas dos dois para cá, que vieram ver documentação das terras no cartório, o meu pai diz para o Ivo: “Quem botar uma rádio aqui, acho que vai dar, vai dar certo porque aqui é uma faixa de fronteira”. Naquela época não existia rádio nesta região e o rádio era muito importante. E aí o Ivo, quando chegou em Santa Fé do Sul, onde nós estávamos morando, já providenciou a papelada para solicitar ao Ministério a concessão de rádio, a abertura da concessão foi aprovada. Depois da concessão, abriu a concorrência. Aí nós entramos na concorrência, claro. E na concorrência entraram cinco grupos. Inclusive uma era do Ayrton dos Reis, que foi deputado estadual e acho que federal também, o doutor Antônio Fontes, que foi prefeito duas vezes aqui em Cáceres e o grupo do Diários Associados, do Assis Chateaubriand, também entrou na concorrência e não lembro qual que era o outro grupo, mas eram cinco grupos que entraram nessa concorrência e daí, não sei se foi a Maçonaria, o que foi, e também eles pediam um documento, na época pediam um documento que era do SNI, que é o Serviço Nacional de Investigação, que vasculhava a vida de todas as pessoas que pretendiam ser da direção da rádio. E aí, não sei por que cargas d'água ganhamos a concorrência. Inclusive foi na época em que o Euclides Quandt de Oliveira era o ministro das comunicações. E ele veio em Cáceres em 1977 para inaugurar o DDD. Para você ver como que Cáceres estava bem atrasada. E aí (o ministro) falou para o Ivo: “Quem ganhou foi o Grupo Difusora”. E aí nós ficamos superfelizes e já arrumamos a mudança do interior do Estado de São Paulo para vir para cá. Meu pai dividiu a sociedade da rádio em quatro partes, 25% ficaram no nome dele, 25% em nome da minha mãe, 26% no nome do Ivo e 24% no meu nome. Em seguida, meu pai e o Ivo compraram esse terreno aqui, é até um terreno bem grande, meu pai falava: “Vocês vão construir a rádio aqui. Mas, do lado, eu vou construir a casa de vocês a hora que der certo”. Só que o Ivo não pensava assim, ele queria fazer outro negócio, uma gráfica, não lembro, alguma coisa relacionada com comunicação, mas eu queria minha casa. Ainda era a época que estavam chegando as pessoas de São Paulo, porque a terra aqui era bem barata e terra boa. E meu pai comprou a fazenda de Pontes e Lacerda por um preço de banana. E hoje essa fazenda é uma das melhores que existem lá na região. E aí começou a construção aqui do prédio. A nossa primeira emissora, então, foi transmitindo em Ondas Tropicais (OT), que, na época, ele (o ministro) só concedeu a OT porque aqui era baixa de fronteira. E a Tropical ia longe, muito longe. Inclusive, como já contei para você, a gente recebia muitas cartas do exterior, Portugal, Noruega, Finlândia, era o lugar que mais vinha

carta para cá, falando que tinha ouvido a rádio. E a gente respondia às cartas. E até do Japão vieram duas cartas, como eu te contei, um japonês passou por aqui e levou os brindes da rádio. Ficou superfeliz de ter conhecido a nossa emissora. Até o Elias Neto tinha uma carta que apareceu a voz dele quando ele fazia o programa *Onda Tropical* na madrugada, que naquela época funcionava 24 horas. Até por conta da distância, porque era madrugada aqui, mas era dia em outros lugares. E depois da Tropical, no outro ano, saiu concorrência para a AM e o Ivo entrou de novo na concorrência, e nós ganhamos a concorrência da AM. Porque eu não sei se foi um jogo dele de falar: “Eu vou pôr a Tropical no ar, mas eu também vou querer a AM”. Era um coronel, acho que era da maçonaria. Então a gente pensa que a maçonaria teve o dedinho nesta história. E aí saiu a concessão da AM, entramos na concorrência e ganhamos. Nós inauguramos a primeira rádio em 1º de maio de 1978, a Onda Tropical e em 1º de maio de 1979 inauguramos a Difusora AM. Construímos o prédio para as duas emissoras, reformamos em 2014, então quando começou, tinha a sala de operação e o estúdio, eram duas pessoas que comandavam o programa. Eu falava para o Ivo, não adianta por programador, porque o ouvinte pede uma música e o locutor às vezes tem que mudar. Houve até briga aqui na rádio porque o programador ouviu que não foi ao ar a programação que ele havia prepara, foi aqui neste corredor, o locutor e programador brigando, o Ivo teve que vir aqui para apaziguar a situação. Eu presenciei esse episódio.

No começo eu não trabalhava aqui, mas eu vim com esse objetivo de São Paulo, de trabalhar junto com ele. Eu era coordenadora da APAE, por causa que eu tinha o curso pelo MEC para crianças especiais, o Ivo fez eu sair da APAE, ciumento que era. Em maio inaugurou a rádio e em setembro eu já vim para cá. Eu vim, mas eu não tinha nada para fazer aqui, eu só chorava, porque eu não fazia nada. Então inventei um programa, um programa que chamava *Manhã Tropical*, esse programa era para dar orientação para as pessoas casadas, orientação para a educação das crianças, orientação de saúde, higiene, mas não era eu que falava, era um locutor, o Jean Neto, que também foi uma pessoa maravilhosa, que nós tivemos que trazer do Estado de São Paulo. Então, todos os locutores eram de fora, não tinha nenhum daqui. A gente já tinha a AM também, inicialmente o programa só era exibido na OT, depois foi feito na AM também. Era um programa que o pessoal gostava de ouvir porque tinha muita orientação para a população. Inclusive recebíamos muitas cartas e eu respondia todas as cartas, foi muito bom esse tempo. Acho que eu fiquei um ano ou um ano e meio escrevendo o programa. Daí a funcionária da contabilidade, que cuidava das receitas e despesas saiu. Quem foi para lá? Maridalva.

Em 1985, eu já estou pulando a história. Em 85, inaugurou uma rádio em Mirassol d'Oeste. Nós entramos também na concorrência, mas não deu certo. Quem ganhou foi o prefeito de lá. E ele carregou os nossos locutores, todos que nós havíamos trazido do interior de São Paulo, então de 1978 até 1985, nós tivemos os melhores locutores. Mas eles foram embora para a rádio de Mirassol, a solução encontrada foi entramos com aquele programa da Rede LC³⁰, que era do Gugu Liberato. E aí, ele mandava as fitas para a gente soltar no ar. Só que o povo aqui não gostava, era uma revista radiofônica do Gugu, tinha horóscopo, tinha um monte atrações, a gente não pagava, eles mandavam as propagandas de São Paulo. No fim, eles ganhavam muito, nossa rádio tinha um longo alcance e a gente quase não ganhava nada, mas tudo bem, deu certo e não deu certo porque o povo começou a reclamar e falar que a programação era enlatada, não era nossa. Daí o Ivo foi para o Nordeste procurar locutor, trouxe mais uns dois, depois trouxe mais outro de Fernandópolis, interior de São Paulo e a gente foi formando também locutor aqui da cidade. Inclusive, um deles é o Elias Neto, o Paulo Rocha veio de Corumbá. O Elias, ele entrou aqui, você deve ter lido o livro dele, ele entrou quando era escoteiro. Então, ele viu a construção da rádio e uma vez ele falou com o Ivo, eu gostaria de trabalhar aqui. Nós fomos na praça um dia e o Elias estava fazendo apresentação das autoridades e eu falei para o Ivo, olha, esse aí tem potencial para ser locutor. Daí nós o chamamos e ele começou a trabalhar com a gente na OT, a voz dele era igual a um besouro, depois ele foi ajustando e ficou o que é hoje, que é uma pessoa de referência na Comunicação em todo o Estado. Ele fez jornal também, fazia o texto na máquina de escrever, essas máquinas de datilografia.

Claudia: Quando a senhora decidiu trazer a FM para Cáceres?

Maridalva: Então, foi em 1988, um grupo pediu a concessão. Daí saiu a concorrência pública e nós entramos na concorrência. Meu marido na época falou: “eu não quero mais saber”. Mas eu disse: “Não. Nós temos que entrar, nós temos que entrar”. Ele mandou a papelada para o Ministério e por incrível que pareça, saiu para nós de novo, terceira concorrência que a gente ganhava. O grupo que havia pedido a concessão entregou a documentação no prazo. Mesmo assim, eles recorreram e ganharam uma concessão de FM. Era o grupo da Rádio Clube, hoje

³⁰ A entrevistada se refere a Gugu Promoções e Merchandising. A GPM comercializava espaços publicitários trocando a produção de programas pelo espaço comercial que utilizava para anunciar seus produtos.

é a Centro América. Resumindo, Cáceres ganhou duas FM de uma vez, isso em 1988. A Rádio Clube era uma concorrente forte nosso.

Passamos por uma outra situação difícil, nosso melhor locutor se desentendeu com meu ex-marido e não quis mais trabalhar conosco, ficamos sem esse locutor e por fim, ele levou todos os nossos clientes que ele fazia contrato direto, levou para outra Rádio Clube. Nessa época o Ivo estava à frente da empresa.

Claudia: Qual foi o momento áureo da emissora? Pode nos contar?

Maridalva: E o pessoal só ouvia a Rádio Difusora, era a única da região. Quando inauguraram outra emissora AM, a Rádio Jornal, deixou a gente lá embaixo. Aí ficamos doidos. Eu dizia para o Ivo: “Chegou a hora, tem que mudar, tem que mudar”. O Ivo vendo a situação veio e falou comigo: “Vamos botar cinco quilos ou dez? Já que estamos no barco, vamos botar dez quilos agora”. Era nossa tentativa de reconquistar nossos ouvintes e clientes. Quando inauguraram a Rádio Jornal fizeram um show nacional na praça central e foi muita gente e eu disse vamos fazer um show também. Fizemos uma pesquisa de opinião para saber quem a gente trazia para fazer nosso show, deu Amado Batista. Ele estava no auge da sua carreira, era muito popular na época. Mas eu decidi que seria cobrado ingresso, de graça ninguém dá valor, cobramos 10 cruzeiros, não lembro a moeda da época, era 1986. Lotamos o ginásio de esportes com o show, foi muito bom, foi um sucesso, sucesso geral e a repercussão na audiência foi incrível, graças a Deus. Mas nós só fomos melhorar a qualidade depois que mudou o transmissor para 10 quilos, porque o som era horrível. O show foi feito quando o som ainda estava ruim, porque a autorização para mudar para os 10 quilos demorou, não sei se foi um ou se foram dois anos. Quando colocamos no ar os 10 quilos, não teve ninguém que segurasse a Rádio Difusora.

Um dos programas mais ouvidos que tivemos foi o *Cantinho do Recado*, era um programa muito simples, que só era possível devido a nossa grande audiência. O programa ia ao ar de meio-dia a uma da tarde, era o meio de comunicação das pessoas que estavam na cidade com as que estavam nas fazendas, lembrando que em época de cheia do Pantanal, algumas regiões ficavam isoladas por três meses. As pessoas passavam na rádio e deixavam os recados escritos à mão e em alguns casos a recepcionista anotava o recado. Era um programa de utilidade pública que fazia muito sucesso, eram de trinta a quarenta recados por dia. Lembrei de um caso: um pai mudou para o sítio e o filho não queria ir porque tinha uma namorada na cidade.

Mas o jovem foi obrigado a ir ajudar o pai no sítio. A namorada que ficou na cidade mandava recados e músicas para o jovem rapaz. Conclusão, estão casados até hoje.

Houve até uma época que a Polícia Federal veio aqui para ver os e recados que eram dados, porque existia um código entre os pescadores para avisar que a Polícia Federal estava indo fiscalizar. Então, eles queriam saber qual era o código que os pescadores usavam, conferiram todo nosso arquivo.

Nós tivemos a nossa radionovela, eu ouvia radionovela na minha cidade, Santa Fé do Sul e um dos roteiristas daquela época estava trabalhando como locutor aqui na Difusora, o Jean Neto. Ele escreveu *Pedaço do Sertão, João de Barros, Teresa Cabocla*, uma mais bonita que a outra. A cidade parava para ouvir, era exibida no sábado, da meio-dia a uma e reexibida no domingo, acho que era oito horas da manhã. Meio-dia no sábado, você não via um mosquito na cidade. Estava todo mundo no pé do rádio e a novela era uma história por semana, era só uma história de uma hora, uma hora e meia, mais ou menos. Cada capítulo tinha um tema, os atores eram os locutores da rádio, a maioria eram homens, mas tinham as namoradas que vinham gravar também. Foi um tempo muito bom.

Nós tivemos também um programa de calouros, chamado *Ranchão*, era toda semana, tinha as fases eliminatórias e a grande final encerrando o ano, vinham cantores de todo Mato Grosso. Lembro também do programa *A Grande Chance*, era uma gincana escola contra escola, a gente fazia o programa em um cinema no domingo de manhã.

Claudia: A expansão dos sites de notícia local provocou algum prejuízo nas finanças da emissora?

Maridalva: Eu penso assim que mais ou menos, no começo até nem tanto, porque aí nós já criamos o nosso site, então a gente já procurou se atualizar. Depois quando migramos a rádio AM já criamos nosso próprio aplicativo para celular. Agora que tem as redes sociais, aí deu uma abaixada, mas aí graças a Deus as agências de Cuiabá mandava sempre publicidade para nós. O governo do Estado na pandemia ajudou muito a gente, quer dizer, nós ajudamos eles. As campanhas de vacinação salvaram muitas rádios pelo Brasil e foi o que nos salvou, porque a maioria dos clientes diziam: “Vou cancelar, não tem freguês na loja, não tenho como pagar”. Acho que na pandemia perdemos 50% dos clientes, foi triste, mas nós aguentamos firmes, nunca atrasei o pagamento de funcionário.

Claudia: Como foi a tomada de decisão para migrar a Difusora AM para o FM:

Maridalva: A gente tinha que ir para a FM, por causa que a AM não dava lucro nenhum. No nosso caso a FM carregava a AM nas costas. E eu tinha que pagar os locutores, porque eram duas programações diferentes. Então, para nós foi um presente, essa migração. Para nós foi muito benéfico. Apesar que a AM, ela chegava bem mais longe. Quanto mais longe você estava, melhor era o som, mas na cidade não era bom. A nossa AM, quando migrou, colocamos 10 quilos.

Então, quando o governo lançou a possibilidade de fazer a migração, eu já comecei a juntar um dinheirinho para pagar a migração. Em 2016 ou 2017, eles chamaram para ir para Brasília para assinar a concessão, a migração. Cheguei aqui, já paguei o boleto da concessão e começamos a ver as aparelhagens, mudança de transmissor e tudo mais que precisava. Começamos a operar em FM e ela ficou com o nome de Nova Difusora. Antes era Difusora AM e Difusora FM, com a migração ficou Nova Difusora FM e Difusora FM.

Em 2014 a Rádio Clube foi comprada pela Rádio Centro América e a Centro América ficou na liderança. Eu falei: “chegou a hora de fazer uma nova mudança. Tudo tem seu o tempo, a hora e a necessidade. Vamos mudar o nosso prédio”. Até não sei se você viu lá no museu, na memória da rádio, um álbum que era o que a rádio era antigamente. E aí eu chamei um rapaz, que quando nós fundamos, começamos a rádio aqui, foi ele que o projeto. Ele veio aqui e falou: “nós vamos mudar essa rádio do começo ao fim”. Eu disse: “virgem santa”. E ele continuou: “Vocês vão ter que mudar daqui para um outro lugar para fazer todo o quebra-quebra aqui”. E eu: “Quanto vai ficar essa reforma?” Ele respondeu: “Uns 150 mil reais”. Por fim, a obra durou um ano e ficou em um milhão de reais. Reformamos tudo e deu outro ar para nós. Outro fôlego, porque aí vinha gente de Cuiabá, as autoridades, os candidatos, que nessa hora parecem todos e diziam assim, um deslumbro a Rádio Difusora, em Mato Grosso não tem nenhuma rádio que seja igual a nossa. E realmente o projeto era bem bonito e funcional e nós tiramos do papel e hoje estamos aqui. Os funcionários quando vinham visitar a reforma falavam assim: “Dona Maridalva nós vamos ter que trabalhar de terno quando a gente voltar para cá”. E eu brincava com eles: “Vocês vão trabalhar de terno e bermuda”.

A reforma foi um sucesso, graças a Deus, nós conseguimos reerguer a AM que quase não tinha propaganda. Lançamos a Dobradinha Difusora, os clientes pagavam para anunciar nas duas rádios por um preço bem menor do que o real e a novidade pegou. Hoje todo mundo só quer a dobradinha, porque anuncia nas duas.

O estilo da Nova FM (97,3) é 80% sertanejo ou outros 20% a gente atende as igrejas, tem uma igreja que compra espaço da gente desde o ano 2000, eles mandam os programas por meio da internet, eles ficam no ar das 5h30 às 6h e a noite das 20h às 20h30, depois voltamos a programação e às 22h encerramos. Enfim, não houve mudança na programação. A FM mais antiga, não migrante, a Difusora FM (102,3) fica no ar 24h, ela vai com o locutor até as 23h e depois entra programação gravada. Se você não quiser ter locutor, não precisa, mas o povo quer um locutor, porque hoje é o locutor que faz a rádio.

Claudia: E como o público da Difusora AM reagiu a mudança?

Maridalva: No começo acho que eles acharam meio estranho, mas as igrejas adoraram, porque mudou completamente o som. O público que estava longe da antena foi se adaptando também ouvindo pelo celular, pelo nosso aplicativo exclusivo. O estilo da Nova Difusora FM, continua o mesmo, 80% da programação sertanejo e os outros 20% é programação religiosa. A minha preocupação são as crianças. Já já vão ser adultos e só tem um celular na mão. Eu estou preocupada é como nós vamos fidelizar essas crianças no rádio. Inclusive, no Dia das Crianças, a gente sorteu duas bicicletas, uma para cada rádio. Só que quem participava e mandava o recado eram os pais. O futuro do rádio me preocupa, porque nós precisamos descobrir como cativar esse ouvinte. Hoje a gente está nos telefones com o aplicativo, no Instagram, Facebook.

Claudia: Qual é a lembrança pessoal mais antiga que a senhora tem do rádio.

Maridalva: Na minha infância, de sete para oito anos. Eu e a minha irmã, nós éramos gêmeos e a gente ficava olhando para o rádio e pensando como é que as pessoas falam dentro desta caixa de marimbondo, a gente virava a caixa e olhava atrás é só via os transistores. Mas como que a voz vem aqui? A gente queria procurar a pessoa que estava dentro do rádio, coisa de criança daquela época.

Uma outra lembrança que eu tenho. Meu pai deu um gravadorzinho para nós e eu era criança. Eu gostava de gravar como se fosse uma transmissão de futebol. E aí a gente fazia aquela locução de futebol. E depois, também, o meu padrinho de casamento era proprietário de uma rádio em Santa Fé do Sul, a única que tinha lá e ele fazia uma programação com show de calouros, iam as pessoas cantar e aí tinha o júri que dava nota e aí eu era também, quando eu terminei a faculdade e voltei pra Santa Fé do Sul e eles me chamaram pra ser jurada. E eu

lembro que foi uma fase muito boa, mas nunca sonhei com rádio, foi o destino que me trouxe até aqui.

Tenho lembrança do meu pai ouvindo rádio, ninguém podia abrir a boca nessa hora. Ele falava: “agora eu vou ouvir o Repórter Esso”.

Preservação da memória na transição do rádio AM para o FM:
um estudo de história oral em três comunidades brasileiras

Apêndice E – Entrevista com Luiz Valdevino dos Santos

Entrevista realizada pela pesquisadora Claudia da Consolação Moreira, no contexto da tese de doutoramento intitulada: *Preservação da memória na transição do rádio AM para o FM: um estudo de história oral em três comunidades brasileiras*, desenvolvida na Universidade Fernando Pessoa, entre 2022 e 2025, orientada pelo professor doutor Jorge Pedro Sousa e coorientada pela professora doutora Nair Prata, da Universidade Federal de Ouro Preto.

Dados da entrevista

Entrevistadora: Claudia da Consolação Moreira

Tipo de entrevista: História oral temática

Data e local da entrevista: 01 de novembro de 2024 em Cáceres – Mato Grosso

Duração da entrevista: 00h56m18s

Dados biográficos do entrevistado

Nome: Luiz Valdevino dos Santos

Tratamento pessoal: Garcia

Citação bibliográfica: Dos Santos

Data e local de nascimento: 08 de julho de 1965 em Cáceres – Mato Grosso

Atividade: Jornalista

Claudia: Você começou a trabalhar na Rádio Difusora com qual idade?

Garcia: Aproximadamente, o que eu me lembro, acho que com 18 anos. Eu queria servir o Exército, mas fui dispensado. Eu queria muito servir o exército. Até porque, na época, o Exército tinha uma equipe de futebol aqui, que era uma das melhores de Mato Grosso. Eu

sempre joguei futebol e eu queria servir ao Exército para compor a seleção do Exército, mas não deu certo. Infelizmente.

Claudia: Como surgiu o nome Garcia na sua vida?

Garcia: Garcia se deu a partir de 1978, quando fui morar no Jardim Padre Paulo. E eu fui jogar bola na rua, não conhecia ninguém naquela época no bairro. E eu tinha uma camiseta de campanha política eleitoral escrito Garcia³¹ nas costas. E todas as vezes que eu pegava na bola, os caras gritavam, vai Garcia, passa Garcia, passa Garcia. E de lá para cá, de 1978, ficou. Esse Garcia, que o meu apelido, a cidade toda me conhece. Na minha família ninguém me chama pelo meu nome. Até minha mãe me chama por Garcia. Desde os 13 anos me chamam de Garcia. Daí quando fui para o rádio colocou o Luiz, que é meu primeiro nome, ficou então Luiz Garcia.

Claudia: O seu primeiro emprego foi na Rádio Difusora?

Garcia: Não. Eu comecei trabalhando no Correio Cacerense fazendo redação. Por lá fiquei pouco tempo. E aí, um dia, eu saí do jornal e passei na Difusora, trocando ideia lá com o finado Ivo Vignardi. Passados uns 15 dias, ele mandou me chamar. Ele estava precisando de um redator. Ele me contratou e eu fui fazer a redação. E nessa função eu fiquei, acho que, um ano e meio. Até que um dia que faltaram os apresentadores do programa de esporte e estava tocando só o fundo musical, não tinha ninguém. O Ivo me chamou, falou, entra aí e faz o programa. Eu nunca tinha falado em um microfone, nada. Ele gostou e eu fiquei. Foram 28 anos no ar. E nesse período, ele me colocou para fazer jornalismo. E aí, nisso, fiquei no esporte, no jornalismo, no esporte, no jornalismo. Eu também nunca tinha entrevistado. Fiquei todo esse período, 28 anos, saí de lá em 2021, no meio da pandemia, eu também estava meio estressado, já tinha muito tempo de casa.

Claudia: Qual era o seu diferencial como funcionário da rádio?

Garcia: Eu acredito que, por ter uma boa relação com a sociedade de cacerense, sempre tinha autoridades por lá, dando entrevistas. Tem um fato que a própria direção não acreditava, que

³¹ José Garcia Neto foi deputado federal no período de 1961-1966 e governador do Estado de 1967 a 1975.

eu propus para a gente fazer um debate entre os candidatos ao governo do Estado. Quando eu coloquei, eles não acreditavam. Eu falei, vamos fazer, porque eu tinha contado de todos os candidatos, Sinval Barbosa, Mauro Mendes, Wilson Santos e Marcos Magno. Todos os candidatos vieram participar do debate ao vivo. A cidade parou para acompanhar. Além disso, que três emissoras da região entraram em cadeia conosco. Então foi um sucesso fantástico. Para mim, o debate, foi o episódio mais marcante na minha vida profissional. Eu lembro que no dia do debate, eu li na capa de algum jornal da capital: “candidatos ao governo do Estado participam de debate em Cáceres”. Então, eu acredito que esse era o diferencial. Durante todo esse período que eu fiquei na Difusora, Maridalva falava: “Garcia nunca trouxe um problema”. Pelo contrário, sempre... Sempre ajudei. Eu acho que esse é o meu diferencial. Sempre com bom relacionamento com a direção da emissora, com as autoridades e com o público.

Claudia: E você está trabalhando onde atualmente?

Garcia: Eu tenho um programa de esportes na Rádio Jornal, que vai ao ar aos sábados. E tem uma novidade, na última sexta-feira a direção da emissora da Rádio Jornal me chamou para apresentar o Jornal de Manhã. Eu não queria mais mexer, mas aí eles me convenceram de voltar e acabei aceitando. Começo segunda-feira, das sete às oito, de segunda à sexta.

Claudia: Qual foi programa de maior audiência da rádio nos 28 anos que você ficou na Difusora?

Garcia: Ah, tiveram muitos. Tinha um amigo meu, o Carlinhos Jesus, ele faleceu, muito meu amigo, ele apresentava o *Conexão Rio-Bahia*. Esse foi um dos programas de maior audiência. Era sábado e domingo que ele apresentava. Tinha também o *Cantinho do recado*, era de meio dia a uma da tarde. E por último, quem apresentou foi o Ed Carlos, já falecido. Tinha recado para o pessoal das fazendas, hoje com o whatsapp não tem mais sentido.

Claudia: Você foi ouvinte da radionovela da Difusora?

Garcia: Eu e minha família, todos os sábados reuníamos assim no fundo da casa para ouvir e no domingo também. Inclusive, eu conheci um dos locutores que escrevia o texto, que é o Jean Neto. Ele era brilhante, um profissional fantástico, profissional. Mas eu lembro que toda

a minha família toda ouvia o programa. A gente ficava expectativa. Até porque o programa tinha um mistério. Sábado tinha uma parte e dava sequência no domingo. Era dividido, sábado e domingo tinha uma continuação. Aí na outra semana era outro episódio. Quando eu fui trabalhar na Difusora, fui conhecer como eles faziam os efeitos. Tipo o cavalo troteando. Eles mostravam que era uma latinha. Eles batiam na mesa. Muito bom. Período muito bom. Foi um sucesso o programa radionovela. Não sei de quem foi a ideia, mas... Foi louvável. Eu lembro que tinha um locutor que também participava da radionovela. Ele tinha um programa, acho que musical, sertanejos, mas ele participava como ator, foi um dos integrantes da radionovela. Porque tinha os personagens, tinha as vozes fixas. E os convidados para participar. Tinham umas mulheres, as funcionárias da rádio e as esposas e amigas dos funcionários, até Maridalva participava. Todo mundo entrava, menos o Ivo.

Claudia: Garcia o que é o rádio para você?

Garcia: O rádio é um instrumento de aproximação, uma forma da população de relacionar com o mundo. Acho que é um instrumento, assim, fantástico. E ainda volto a dizer, o rádio vai perdurar por muito tempo ainda.

Claudia: Como acontecia a interação dos ouvintes com a rádio na sua época? Cartas? Pelo correio ou deixadas aqui na rádio?

Garcia: Ah, de várias formas, pessoalmente, através de contato telefônico. Quando eu trabalhava na Difusora, as pessoas mandavam nota, cartinha, avisando que tinha jogo em determinado local, convocando torcida para comparecer. E pessoalmente, ainda hoje, agora aqui Rádio Jornal, as pessoas vêm no estúdio, pergunta se pode vir e vem pessoalmente. É legal, esse reconhecimento. Muita informação do pessoal do esporte amador da região chega por nota que eles enviam. Mandam nota pelo whatsapp e no papel mesmo, eles escrevem e deixam na portaria da emissora avisando que no final de semana vai ter torneio de futebol em tal lugar. Que vai ter rodada de campeonato no bairro do Junco, Santo Antônio.

Claudia: Você já escutou rádio pela internet? Qual emissora? Como foi a experiência? Onde você estava? Em outra cidade?

Garcia: Escuto pela internet, computador quando estou trabalhando. Quando estou escrevendo alguma coisa ali, eu acabo sintonizando. Há vários anos eu comprei um Motoradio³² e eu durmo com ele ligado nas emissoras de fora, fico ouvindo futebol e programas de esporte. Eu gosto do sonzinho do rádio.

Claudia: Como você avalia a importância da rádio para os moradores de Cáceres?

Garcia: Muito importante, acho que mesmo nessa fase de novas tecnologias, o rádio ainda predomina aqui no nosso município. Eu falo isso porque eu visito meus amigos ou na residência, eu vejo que as pessoas sintonizam e estão ouvindo a programação. Eu ando por aí nos bares, as pessoas, ah, eu ouvi o programa hoje lá e tal, então é fundamental. E o povo ainda continua ouvindo muito rádio com essas.

Claudia: Qual é a lembrança pessoal mais antiga que você tem do rádio? Você lembra do rádio na sua infância?

Garcia: Eu lembro que quando eu era criança nós tínhamos um rádio e ele ficava num armário na cozinha, bem no alto, passava o dia todo ligado, todo mundo ouvia, o rádio fazia parte da casa. Ele era a pilha, duravam poucos dias. Todo a família sempre ouvia o rádio.

Claudia: Como você imagina a rádio no futuro?

Garcia: O rádio ainda vai perdurar aí por vários anos ainda, até porque eu sempre, já há muito tempo eu ouço que o rádio agora vai acabar, o rádio agora vai acabar, mas não é isso que eu vejo, acho que o rádio ainda é o meio de comunicação mais ouvido do que essas novas tecnologias, mas eu acredito que o rádio ainda é fundamental na vida da população.

³² Indústria de rádios automotivos e portáteis (<https://www.motoradio.ind.br/about>).

Preservação da memória na transição do rádio AM para o FM:
um estudo de história oral em três comunidades brasileiras

Apêndice F – Entrevista com Adão Eneas da Silva Jacobina

Entrevista realizada pela pesquisadora Claudia da Consolação Moreira, no contexto da tese de doutoramento intitulada: *Preservação da memória na transição do rádio AM para o FM: um estudo de história oral em três comunidades brasileiras*, desenvolvida na Universidade Fernando Pessoa, entre 2022 e 2025, orientada pelo professor doutor Jorge Pedro Sousa e coorientada pela professora doutora Nair Prata, da Universidade Federal de Ouro Preto.

Dados da entrevista

Entrevistadora: Claudia da Consolação Moreira

Tipo de entrevista: História oral temática

Data e local da entrevista: 29 de outubro de 2024 em Cuiabá – Mato Grosso

Duração da entrevista: 01h32m43s

Dados biográficos do entrevistado

Nome: Adão Eneas da Silva Jacobina

Tratamento pessoal: Eneas

Citação bibliográfica: Jacobina

Data e Local de nascimento: 5 de novembro de 1964 em Cáceres-MT

Atividade: Jornalista e empresário

Claudia: Quando você começou a trabalhar no rádio, com que idade você estava?

Eneas: Eu fui contratado para substituir um colega que estava de aviso prévio. Eu cheguei para fazer o teste, seu Ivo não gostou da minha voz, mas a dona Maridalva ouviu e falou: “Eu quero ele, pode contratar”. A dona Maridalva efetivou a minha contratação. Eu comecei apresentando o *Jornal Falado*, era um jornal de meia hora, depois passou para uma hora, na

época não tínhamos telex, fax, nem internet, fazíamos radioescuta e gravávamos algumas reportagens. Na redação tínhamos cinco aparelhos de rádio com ondas curtas, médias e tropicais cada uma sintonizada numa emissora nacional, Gaúcha, Guaíba, Anhanguera de Goiânia, Globo Rio, Tupi Rio, tínhamos tudo cronometrado, por exemplo a Rádio Gaúcha começava o jornal às onze e cinquenta e cinco, a gente corria lá e disparava o gravador, depois ia transcrever as principais notícias que seriam de interesse na região. Comecei só apresentando o jornal, depois passei a redigir e a tarde gravava matérias. Logo depois assumi a apresentação do *Rota Tropical*, um programa de entretenimento que atendia os pedidos de música dos ouvintes e horóscopo, tinha duas horas de duração. Com o passar do tempo, veio um outro colega para apresentar o jornal junto comigo, Jonas de Souza, um paraibano, aí a gente passou a apresentar o jornal em dupla. Nesta época eu já tinha 25 ou 26 anos.

Eu terminei o serviço militar obrigatório, me alistei em Cuiabá e fui servir em Ladário, Mato Grosso do Sul, no 6º distrito da Marinha do Brasil, lá eu fui taifeiro, que era o garçom do comandante. Entre um serviço e outro eu ia para o portão de entrada da base e lá tinha o serviço de alto-falante, e toda vez que eu estava tirando serviço no portão eu fazia questão de anunciar a chegada de alguma autoridade, fazer o chamamento de algum recruta, enfim, eu criava a oportunidade de falar ao microfone e os colegas falavam: “cara, você tem a voz boa, por que não faz rádio?” E nessa época (1984 / 1985) o FM estava começando a se popularizar no interior do país. Corumbá, cidade vizinha a Ladário, onde eu servi o Exército, tinha duas rádios AM e uma FM operando em caráter experimental, fiz o teste e passei, mas eu dei baixa no serviço militar, eu não quis entrar para o rádio, falei: “Quero voltar para minha mãe, voltei para cá, minha mãe morava nesta casa”. Chegando de volta de Ladário fui passar uma semana de férias em Cáceres, na casa do meu irmão, até para decidir o que eu ia fazer da vida. Lá, eu fiquei sabendo que a Difusora estava repetindo muito os locutores. O meu irmão falou: “Cara, por que você não vai na rádio fazer um teste? Você fala aqui, você lê bem, conversa bem”. Fui lá, fiz o teste, lembro-me que li um texto comercial e um texto jornalístico. Eu contratado como locutor, mas a gente fazia de tudo um pouco e eu, curioso para aprender, toda oportunidade que tinha, eu me candidatava, me voluntariava. Eu vou, eu faço, eu quero e fiz alguns eventos interessantes, transmissão de desfile cívico-militar, apuração de votos nas eleições, quando as cédulas ainda eram de papel e os votos contados manualmente um a um.

Claudia: Você tem lembrança interessante desta época?

Eneas: Tem uma passagem interessante, fui destacado para cobrir a apuração das eleições em Mirassol d'Oeste, o sistema de apuração atrasou, a previsão era ficar na cidade por dois dias, ficamos quatro dias. E nisso, o equipamento sem carga. A solução foi transmitir a apuração direto no telefone, tiramos a cápsula do microfone do telefone, usávamos o microfone da maleta e escutávamos com o fone. Em determinados momentos, a garrinha que segurava a cápsula do microfone encostava no queixo e fechava curto e queimava. Eu terminei o serviço com o queixo todo pipocado, dos choques que levei, os microfones eram todo de metal, não tinham partes de plástico como os que a gente usa hoje.

Outra lembrança, estávamos fazendo a transmissão da festa de aniversário de Cáceres, começou a garoar, o equipamento molhou. Como eu já sabia que o equipamento dava choque se molhado, eu me precavia. Mas fui entrevistar o cantor Jair Rodrigues, atração da festa e ele pegou no microfone, não sabia do esquema. Na hora que ele falou, excitou a célula do microfone e disparou o choque nele. Ele jogou o microfone e gritou: “tá dando choque!” E ele, com seu jeito brincalhão continuou: “Cara, como é que você me dá um choque desse jeito?” Daí eu fui explicar para ele e da rimos da situação.

Uma outra memória marcante do tempo que trabalhei em Cáceres foi a seguinte: deu um vendaval na cidade que desmontou o telhado da rádio que foi parar em um quintal vizinho. Foi como se pegasse o telhado daqui e colocasse para cá. Eu havia terminado de organizar a edição do *Jornal Falado* para o dia seguinte, tudo tranquilo, céu claro, limpo, tudo normal. Fui para casa por volta das onze e meia, meia-noite, no dia seguinte eu voltaria às cinco e meia para e fechar a redação e colocar o jornal no ar. Acordei com meu irmão me chamando e falando: “Mano, você não vai ajudar o pessoal?” Falei: “Ajudar o quê?” Ele apavorado responde: “A Difusora foi atingida pelo vendaval e eles estão improvisando a transmissão, o locutor acabou de falar”. Eu falei para o meu irmão: “Eu saí de lá, estava tudo normal, que chuva foi essa?”. Rapidamente me levantei e fui para a rádio, o vento havia deixado um rastro de destruição, foi um pé de vento, ele entrou num túnel de vento, que ele levou tudo naquela faixa, arrancou árvores, arrancou telhados, derrubou casas. Por onde o vento passou levou tudo. Chegando na rádio vejo o telhado do prédio no quintal vizinho, os colegas enxugando os equipamentos, realocamos a mesa para um local seco e seguimos a transmissão normal. Esse acontecimento foi no finalzinho de 1986.

Claudia: Qual era o programa de maior audiência no tempo que você passou na Difusora?

Eneas: Vou puxar a sardinha para o meu programa, pelo fato, de que o programa sertanejo era muito ouvido, o AM tinha essa particularidade. O jornalismo, com toda a deficiência que a gente tinha para coletar os principais fatos, também tinha grande audiência.

O melhor, se bem que eram duas emissoras só na época, era a Difusora e a Rádio Jornal. Só que a Rádio Jornal, ela pautava com o Ildefonso Rosa, que era o meu oponente, que era um baita profissional, deve estar aposentado já. O Ildefonso Rosa é pai da Judite Rosa. E ele fazia o programa ao vivo.

Claudia: Você lembra das radionovelas?

Eneas: A Difusora tinha sua radionovela. Eu participei de duas gravações, se não me engano foi nos episódios: *Pai Tomás* e *O Menino da Porteira*. Todo final de semana entrava um episódio, era gravado antecipadamente e depois editado. Era uma história por semana, alguns episódios continuavam na semana seguinte, mas a maioria fechava numa só apresentação. Além da radionovela a Difusora tinha um programa de auditório aos finais de semana, era um programa sertanejo, que eu não lembro no nome. A gente gravava a radionovela neste mesmo auditório, ficava nos fundos da rádio, tinha capacidade para umas cem pessoas. A Difusora foi a pioneira em Cáceres, nem mesmo com a chegada da Rádio Jornal a Difusora não perdeu a liderança. O público da Difusora era fiel, cativo.

Nós tínhamos a programação de final de semana que, apesar de ser gravada era muito ouvida, tinha lá o *Clube do Rei*, com música de Roberto Carlos e o programa *Eu, ela e você*, que tocava os clássicos internacionais românticos.

Eu lembro que durante a semana, de segunda a sexta-feira, tinha o programa esportivo de onze ao meio-dia e logo depois começava um programa voltado para o meio rural. A partir de uma da tarde começava um programa popular. Das quatro até às seis era música sertaneja, depois *A Voz do Brasil*, das seis às sete, em seguida vinha o programa *Projeto Minerva*, um programa educacional produzido pelo governo federal.

Claudia: Você escuta rádio pela internet?

Eneas: Eu escuto, a partir do momento que eu identifiquei o rádio pela internet, eu passei a ouvir. Com o advento da chegada do FM, o AM foi perdendo espaço. O AM foi reduzindo a

potência, veja a gente não consegue mais ouvir aqui, o AM. Eles reduziram a potência de transmissão e ficou praticamente localizada, não está mais nacional, tipo a Rádio Guaíba, tipo a Anhanguera, que entrava aqui em Cuiabá com a qualidade de áudio fantástica. A Gaúcha, eu ouvia também, era muito boa aqui em Cuiabá, mas o AM eu não tenho ouvido nem pela internet mais. Eu tenho uma rádio web, a Integração Morada da Serra³³, graças ao Jurandir Antônio. Eu estou à frente do projeto, durante o dia tem uma programação que eu faço, entra comercial, boletins de notícias de hora em hora. Eu faço tudo aqui de casa sozinho, tenho os equipamentos. Ela tem uma média semanal de trezentos ouvintes, que escutam de quinze a vinte e cinco minutos, para quem não impulsiona e não faz nada de extraordinário é excelente. O pouco que eu aprendi de rádio na web foi de curioso, para dizer a verdade estou aprendendo todo dia. A Rádio web Integração é meu segundo projeto na internet, o primeiro projeto foi um site de notícias, www.cotidianomt.com.br mas está desativado, fiquei com esse site dez anos, mas só me rendeu um contrato. Para que ele desse certo, eu teria que dedicar mais tempo e na ocasião eu não consegui conciliar com outras atividades. Um tempo depois, o Jurandir me sugeriu reativar o sistema de som do terminal, foi daí que eu criei a rádio web para me dar autonomia, daqui de casa administro tudo, no Terminal a rádio é retransmita pelas caixas som.

Claudia: E sobre a migração da rádio AM para o FM o que você achou?

Eneas: A falha que o pessoal cometeu, principalmente aqui em Cuiabá é a seguinte: Eles migraram do AM para o FM, mas mudou a grade de programação também, mudaram e passou a ser uma grade jovem, não tem mais aquela pegada popular. A Rádio Cultura, quando era AM, era líder de audiência, hoje, apesar de ela ter migrado, com essas mudanças na grade como a gente ouve agora, ela não consegue o índice de audiência que ela tinha quando era AM. O grande problema do antigo AM era a qualidade de áudio somente, público nunca faltou. Muita gente não migrou junto, se perdeu pelo meio do caminho. Hoje, quem ouve rádio FM? Eu diria que o público de 50 anos ou mais não ouve rádio. É muito difícil você encontrar uma pessoa com cinquenta anos ou mais ouvindo FM. Por quê? Música de baixa qualidade, não tem a informação que esse público quer, não transmite aquilo que ele quer. A programação do rádio hoje, principalmente aqui em Cuiabá. Eu costumo brincar que é uma caixa de música, você chega no balcão, compra uma ficha, deposita na caixa de música e

³³ Pode ser acessada pelo endereço: <https://www.integracaomoradadaserra.com.br/>

escolhe a música que você quer, aperta, dá o play e toca. Infelizmente, você não tem uma programação de informação voltada para a comunidade. Aquele público que acompanhava o sertanejo, que vinha na sequência com jornalismo, que vinha na sequência com programa matinal, com receita, com dicas de saúde, com bate-papo com a comunidade, com as autoridades, não se produz mais. Nós temos, de manhã cedo, o jornal da Rádio Cultura e da Centro América que briga com a programação de jornalismo. Mas, para mim, que eu fiz o jornalismo comunitário, o que esse pessoal faz aí não é jornalismo. Eles tentam fazer um programa comunitário, mas não dá. O advento da facilidade da internet acabou com a magia do rádio. Por isso que eu te perguntei se iríamos fazer online ou pessoalmente essa entrevista. Hoje um jornalista quer fazer uma entrevista ele manda um áudio pelo whatsapp e pede para você gravar as respostas e enviar para ele. Onde está a qualidade, como ele consegue extrair o melhor do entrevistado? Quando eu trabalhei pautado pela Industrial, eu lia as perguntas, mas eu não me prendia naquelas perguntas que o redator pautava. Em cima de cada pergunta que eu fazia, ele me respondia, e em cima daquela resposta eu criava perguntas. O whatsapp matou a entrevista, matou o bate-papo. Eu tenho visto na Rádio Centro América, na Cultura, a própria CBN, está trabalhando nesse sistema. E acabou o jornalismo investigativo, não existe mais no rádio. Os sites não fazem um trabalho de investigação. Eles vão muito pelas redes sociais. Você o que acha? Ah, eu acho isso. Ah, você o que acha? O repórter vai lá e tira a conclusão.

Claudia: Qual é a lembrança pessoal mais antiga que você tem do rádio?

Eneas: A minha mãe era cacerense, terminava o almoço, ela colocava a gente para dormir, eu e meu irmão, somos dois irmãos. Porque ela tirava a soneca dela e se a gente estivesse dormindo, ela dormiria tranquila. E nisso, nós tínhamos um rádio, um ABC Canarinho, nele eu ouvia a Rádio Record chiando, ouvia mal, eu ouvia os programas do *Altieres Barbiero*, *Eli Correa*, *Barros de Alencar*. Bom, depois ganhei um rádio mais moderno, nove faixas, um Sanyo, esse já tinha qualidade melhor, era portátil. Eu colocava o rádio embaixo da cama para melhorar a recepção. Quando começava o programa *Eli Correa*, o *Homem Sorriso do Rádio*, a gente já sabia que estava próximo de mamãe se levantar, era perto de duas da tarde. E eu com o volume do rádio alto, o Eli Correa, na hora que começava, ele começava com aquele grito tradicional dele, abertura tradicional: “Oi, gente!” Desculpa professora, entrou um cisco aqui no meu olho [pausa reflexiva]. Na ocasião, eu tinha 13 para 14 anos, eu ouvia a magia do rádio e imaginava poder estar ali. Logo caia na realidade, apesar de desejar eu sabia que

era algo muito difícil, quase impossível, mesmo assim, eu sonhava. Nos meus momentos de brincadeira, eu e meu irmão criamos um circo. Eu apresentava as atrações, eu era o locutor do circo. A minha infância não foi fácil, mamãe fazia salgados para vender, a gente levantava às quatro horas da madrugada e o rádio já estava ligado no programa *Balança, Mas Não Cai*, na Rádio Tupi, era um programa humorístico, a gente se divertia trabalhando. E no começo da noite a gente ouvia outro programa de humor, o *Turma da Maré Mansa*, a gente fechava a noite preparando os salgados para o dia seguinte, de madrugada a gente só assava e fritava. A gente dormia e acordava com o rádio ligado, eu vivia no meu mundinho pantaneiro, desejando ser profissional do rádio, mas ao mesmo tempo eu imaginava, caramba, como que eu vou chegar até lá? E ainda, antes de ir para a Marinha, eu fiquei sabendo que para ser radialista tinha que fazer faculdade, tinha que ter nível superior. O meu estudo foi permutado em salgados com o Instituto Educacional Santa Maria lá de Cáceres, fazia o fechamento no final do mês, da quantidade de salgados entregue abatia o valor da mensalidade. Nas férias escolares eu vendia na rua salgados e doces que a minha mãe fabricava. Eu estudei no Santa Maria até a sétima série, a oitava eu já fiz no Cesário Neto em Cuiabá.

Preservação da memória na transição do rádio AM para o FM:
um estudo de história oral em três comunidades brasileiras

Apêndice G – Entrevista com José Elias Antunes Neto

Entrevista realizada pela pesquisadora Claudia da Consolação Moreira, no contexto da tese de doutoramento intitulada: *Preservação da memória na transição do rádio AM para o FM: um estudo de história oral em três comunidades brasileiras*, desenvolvida na Universidade Fernando Pessoa, entre 2022 e 2025, orientada pelo professor doutor Jorge Pedro Sousa e coorientada pela professora doutora Nair Prata, da Universidade Federal de Ouro Preto.

Dados da entrevista

Entrevistadora: Claudia da Consolação Moreira

Tipo de entrevista: História oral temática

Data e local da entrevista: 18 de dezembro de 2024 em Cuiabá – Mato Grosso

Período: Noturno

Duração da entrevista: 01h23m26s

Dados biográficos do entrevistado

Nome: José Elias Antunes Neto

Tratamento pessoal: Elias

Citação bibliográfica: Antunes Neto

Data e local de nascimento: 11 de agosto de 1959 em Cáceres – Mato Grosso

Atividade: Jornalista e empresário

Claudia: Quando você começou a trabalhar no rádio, com que idade você estava?

Elias: Eu tinha 19 anos de idade, em 1979.

Claudia: Como foi a sua chegada na Rádio Difusora

Elias: Eu fui descoberto pelo proprietário da Rádio Difusora de Cáceres, Ivo Vignardi. Antes disso, eu já fazia serviço de alto-falante e teatro. Aí um dia o Ivo me viu falando no coreto da Praça Barão do Rio Branco em Cáceres e me chamou para fazer um teste, fui lá e fiz um teste e passei no teste, mas não comecei trabalhando imediatamente. Fiquei dois meses ensaiando para conseguir entrar no ar. Então inicialmente foi dessa forma, porém tem um detalhe muito interessante quando a Rádio Difusora seria inaugurada eu fui lá pedir emprego, mas aí o Ivo, que foi quem recebeu, ele conversou comigo, ele estava na porta da construção estava encerrando a obra, já nos finalmentes e ele me perguntou: “Você já fez rádio?” Não, nunca fiz rádio. Então você volta no dia primeiro, Dia do Trabalhador, primeiro de maio, você volta depois desse dia, será a inauguração, e eu vejo onde eu posso te aproveitar. Porém, eu não gostei do termo “te aproveitar”, porque eu queria ser noticiarista. Eu disse não vou voltar, mas ele vai me ver falando. Como eu já fazia cerimonial, animava quermesse e tudo isso, tudo de graça, mas eu já com a intenção de partir para a Comunicação e foi o que aconteceu. Aí um dia estava acontecendo um evento chamado *24 Horas Por Uma Criança*, que era da Rede Globo, foi realizado em todo o país, mas não transmitido em todo o país, as prefeituras fizeram. E aí esse evento foi realizado lá na praça, em Cáceres, eu era chefe escoteiro, aí eu levava os escoteiros para fazer, para trabalhar, para fazer aquele trabalho de escotismo. E eu pegava o microfone e começava a trabalhar o som local, sete horas da noite o Ivo apareceu, me viu falando, não se lembrava de que eu já havia falado com ele, aí ele fez várias perguntas: “Você é de onde? Você aprendeu escotismo onde?”. Eu dizia que tudo isso eu aprendi em Cáceres mesmo e aí ele falou: “Vá lá na rádio segunda-feira, eu quero conversar com você”. Fui lá e aí ele perguntou: “se eu gostaria de fazer um teste. Eu disse sim, gostaria”. Aí ele pediu para eu voltar à noite, a noite ocorreu o teste, fiquei muito nervoso porque a Rádio Difusora acho que foi a primeira de Mato Grosso que surgiu com arquitetura, com engenharia para rádio, tudo cheirava novo, então eu fiquei muito assustado com aquilo pela primeira vez eu entrei numa emissora de rádio e aí eu gravei. Mas eu gravava assim, sete palavras, errava quatro. E a leitura era muito diferente, porque as notícias eram a tempo de ditadura militar, então as emissoras locais não falavam quase nada dos problemas locais, só assuntos do exterior. Então as notícias eram sobre o Xá Reza Parlevi, o xá do Irã, que estava caindo, sobre o Aiatolá Khomeini, líder supremo do Irã. Sobre os Estados Unidos, o presidente dos Estados Unidos, se não me engano, era Jimmy Carter. O presidente do Brasil era João Batista Figueiredo. E nós falávamos essas notícias, notícias dos ministros. Me lembro que o ministro,

se não me engano, o ministro de Minas e Energia era Shigeaki Ueki. Aí tinha lá o primeiro-ministro de Israel, se não me engano, que sucedeu Golda Meir, era Menachem Begin. Enfim, a leitura era essa, então era muito complicada. Mas, mesmo assim, eles gostaram, eles acharam que eu tinha talento e podia prosseguir em frente e prossegui. Então, eu fiquei dois meses fazendo treinamento e me preparando.

Claudia: Você já não estava no nível de “vou te aproveitar em algum lugar”?

Elias: Não, não, não. Justamente foi isso. Como ele me viu falando, eu fiz, eu usei essa técnica, vamos dizer assim: “De me mostrar”. Eu estava projetando o futuro, eu já estava no nível justamente de ser um locutor, eu queria ser um locutor noticiarista, queria trabalhar com notícia. Enfim, mas eu percebi que não seria possível, inicialmente, porque falar notícia é mais difícil do que falar. Porque para você ser noticiarista, você tem que ter uma técnica, ainda mais naquela época. Hoje não se faz, não se trabalha, não se cobra tanto. Você tinha que ter uma dicção muito boa, uma entonação legal, pontuação, enfim a gente não comentava. A respiração era muito bem trabalhada e naquela época é quando a gente dizia, a procedência da notícia, Brasília. Aí tinha uma notícia que vinha, eu não me lembro, eu sei que era Castel Gandolfo, de vez em quando a gente dava uma notícia assim. Muito bem, mas aí, o espaço que me surgiu foi na madrugada, das duas às cinco da manhã, num programa chamado *Brasil Caboclo* ao vivo. Então, eu comecei a fazer ao vivo o programa *Brasil Caboclo*, que era um programa sertanejo, como jovem, garoto praticamente e eu vinha de uma turma que fazia teatro, essa coisa toda, tinha uma cabeça diferente, então eu não gostava do sertanejo, mas eu fui fazer, porque era a chance que eu teria, então eu disse, eu não vou perder essa chance, vou trabalhar de madrugada. Eu fazia o curso técnico em contabilidade, saia quase onze horas da noite da escola e já ia embora para a rádio, lá já tinha quartos, apartamentos nos fundos da rádio, um hotelzinho, um hotel de trânsito e eu ficava por ali e aí às duas horas da manhã eu entrava no ar, trabalhava até às cinco, depois esse horário se estendeu, foi de cinco às sete mas aí já estava ficando muito complicado, eu pedi para gravar de duas às cinco e entrava ao vivo de cinco às sete, eu não tinha ideia de que de cinco às sete era o horário nobre do rádio, as pessoas ouviam, mas ouviam muito. Já existia a televisão naquela época, a noite ficava mais para a televisão, mas o rádio era ouvido em toda a região. Foi uma experiência muito legal.

Claudia: Você tem lembranças de interação com os ouvintes daquela época?

Elias: Tenho lembrança dos pedidos, tinha uma ouvinte, o nome dela eu não guardei, mas eu me lembro que ela pedia música todos os dias, uma moça, e ela terminou brigando com o namorado e ela ofereceu uma música que era: *Vá para o Inferno com o Seu Amor*. E as pessoas protestavam, protestavam dessa forma por meio da música. Eu recebia muitas cartas, talvez por isso eu não me lembre assim dos nomes, porque eu recebia muitas cartas, muitas, muitas cartas.

Claudia: E essa que você me mostrou aqui? Você pode falar dela?

Elias: Essa carta é de 29 de junho de 1980. Interessante essa fase aí, porque eu fui em 1979 para o rádio e fui para o Exército com 20 anos. Eu fui com 20 anos, com dois anos de atraso, porque eu queria terminar o ensino médio e eu não queria parar os estudos, mas eu pensava que eu não entraria no Exército, ia conseguir escapar, porém o comandante e toda a equipe lá já sabiam mais ou menos o meu histórico e não me dispensou porque eu havia sido escoteiro, essa coisa toda eu já fazia artes marciais, já fazia karatê. Eu faço karatê desde 1976, faço karatê há 49 anos. Aí, eu fui, e aí eu tive que dar uma pausa no rádio, mas essa pausa não demorou muito, porque eu fiquei os três meses internado lá praticamente. Aquela época era muito complicada, tinha acampamento, um mês inteiro sem sair do quartel. No terceiro mês, um colega saiu da rádio, teve um problema, que era o José Pedro dos Santos, saiu e o Ivo me chamou para conversar novamente. A minha carteira (de trabalho), não havia sido baixada, porque eu acho que não podia. E eu fui para atender ao Ivo e ele falou assim: “tem como você voltar mesmo estando no Exército tem como você fazer o programa da noite de sete e meia às nove horas?” Falei: “tem”. Algumas vezes fui trabalhar na rádio com a farda do Exército. Era muito engraçado, um soldado fazendo o programa sertanejo. Eu virei mestre de cerimônia do segundo batalhão. Acho que foi pela primeira vez um soldado ocupou esse cargo. E aí os colegas estavam ali marchando e eu estava no microfone narrando o desfile para o Exército. Ao mesmo tempo que eu falava, narrava o desfile, a rádio também me ouvia. Eu era soldado e funcionário da rádio. E aí terminou meu período no quartel e eu continuei na rádio. Isso foi em 1980, continuei mais um ano de 1981.

Claudia: Quanto tempo você ficou na Rádio Difusora?

Elias: Não chegou a três anos. Fiquei lá dois anos e quatro meses com carteira assinada. A minha intenção, eu comecei a me apaixonar pelo rádio com cinco anos de idade. A minha casa não tinha energia elétrica, ainda que fosse uma casa, hoje está no centro, mas era praticamente no centro na época e com cinco anos nós não tínhamos energia ainda. Aí meu pai trabalhava na oficina de marcenaria, onde depois eu trabalhei com ele. Chegava à noite, seis horas da tarde, quando caía a luz do sol, nós entrávamos para a luz de lamparina e lampião e nós tínhamos um rádio, a pilha, um rádio Philips, enorme, meu pai sintonizava Rádio Globo, Rádio Tupi, Rádio Bandeirantes, todas as emissoras do eixo Rio-São Paulo, Minas Gerais. não conseguia pegar quase nada de emissoras de Cuiabá, mas nós ouvíamos a Rádio Globo, os programas da noite, os programas musicais.

Claudia: Essa é a sua lembrança a partir de 5 anos de idade?

Elias: Eu sou muito apaixonado pelo rádio desde os cinco anos de idade, eu tinha aquela paixão por ouvir rádio e eu achava que, na minha inocência de criança, que existia alguém dentro daquele aparelho. Daí um dia aquele aparelho teve um problema, e aí foi um técnico, o único técnico de rádio que existia lá na época, ele foi lá e virou o aparelho, virou e abriu o aparelho, e eu vi só válvulas. Aí eu comecei a perguntar, mas e aí, cadê, cadê, cadê essa pessoa aí, coisa e tal. Naquela época não se dava muita atenção para criança, não falaram grande coisa. Depois, quando o técnico voltou, ele explicou que não, que essa é uma transmissão que vem de longe. Por isso que tem aqueles dois bambus altos lá com aquela antena, que é para receber, vem de um estúdio, não sabia o que era estúdio, lá de São Paulo, Rio, e chega aqui, que é sintonizado, vem pelas ondas, vem pelo ar. Ah, aí que eu comecei a entender, mas eu era apaixonado. E aí, eu fui crescendo e ouvindo rádio. Depois que chegou energia na minha casa, aí nós ouvíamos... A energia elétrica chegou na minha casa eu tinha... Aí já foi um ano e meio depois, eu tinha ali sete anos de idade. Já foi em... Sessenta e cinco. Sessenta e seis. Porque eu sou de 1959.

Claudia: Você trabalhou em quais funções na Rádio Difusora? E quais as atividades que você desempenhava? Você começou com aprendiz?

Elias: Eu trabalhei nas duas AM, uma era ondas médias e a outra ondas tropicais. Eu fiz locução sertaneja, mas fiz locução no que chamavam de “programa jovem”, que eram outras músicas. Então, eu fui titular de um programa chamado *As Dez Mais dos Estudantes*. Os

estudantes mandavam cartas com uma seleção de dez músicas de meio-dia a uma da tarde. E nós íamos selecionando e atendendo, selecionando. Iam muitas cartas. E aquela sala de aula parava para ouvir a gente. Foi uma experiência sensacional. Era justamente o horário em que o estudante estava em casa, que ele tinha tempo para ouvir e sair para a escola. Então a audiência era simplesmente, era a única emissora inclusive, então era 100% audiência. E aí eu apresentei de madrugada, de manhã, apresentei esse programa de meio-dia a uma da tarde, apresentei por um tempo o programa de quatro e meia da tarde às seis, que era o programa sertanejo. Nesse período do Exército, eu apresentei de sete e meia às nove da noite. Existiam três programações sertanejas. Das duas da manhã às sete. O segundo de quatro e meia da tarde às seis, quando entrava *A Voz do Brasil*. Aí depois, terminava *A Voz do Brasil*, entrava um outro programa sertanejo. Até às nove. Eu passei por tudo isso. Mas eu era também um coringa, porque às vezes eu chegava na rádio às cinco horas da manhã e saía às dez da noite, porque faltava um locutor, por exemplo, eu substituí esse locutor. Eu gravava comerciais para rádio e eu também redigia, eu passei também a redigir notícias, fazia radioescuta. Para fazer radioescuta tinha de ser bom em datilografia e eu sofria muito, porque não era muito bom. Eu fazia rádio escuta, redigia, eu redigia as notícias que ia ao ar de uma em uma hora, eram os boletins de notícias da Difusora. E às onze horas da manhã entrava no ar o *Jornal Falado*, que era a hora da notícia, o show da informação. Eu cheguei a apresentar por um tempo esse jornal também. Já em 1981, o ano todo eu apresentei esse *Jornal Falado* ao lado de um colega chamado Jean Alves Neto, o Jean Neto. Então, eu tive essa rotina na Rádio Difusora. Mas tem um lado interessante também que nós ainda pegamos a fase da radionovela. Então eu fui ator de radionovela.

Claudia: Elias me conta mais sobre as radionovelas

Elias: O Jean Neto e o José Pedro dos Santos, eles escreviam as histórias e aí nós íamos gravar na quinta-feira, se não me engano, assim que terminava *A Voz do Brasil*, a Difusora tinha três estúdios, o estúdio ondas médias, ondas tropicais e o estúdio de gravação. Até hoje ela é assim, três estúdios. Nós íamos para o estúdio de gravação, entrávamos às seis da tarde e saíamos às vezes às seis da manhã do outro dia. E a equipe era formada por todos os funcionários da Difusora, eram todos os locutores, não tínhamos locutora na época, mas aí entrava a namorada do locutor, a dona Maridalva entrava, dona da rádio, só o Ivo é que não entrava para gravar. E aí nós desenvolvemos as histórias lá. Eu não me lembro os títulos, eu acho que tinha a história de uma mãe. As histórias eram por episódios. Ela começava e

terminava, se eu não me engano, ela ia no sábado, às duas horas da tarde. A cidade simplesmente parava. A cidade parava para ouvir as radionovelas. E era assim, audiência absoluta e era muito legal. Então foi uma experiência muito boa que eu tive a oportunidade de aplicar o meu aprendizado no teatro. Mas eles não me levaram para a radionovela por causa do teatro. E sim porque todo mundo teria que estar ali, teria que se virar e ser um ator ali. Quem não era, virou. E como eu já havia sido ator e trabalhado em teatro por uns três anos. As minhas últimas peças eu apresentei já estando na rádio. Nossas apresentações eram num cinema chamado Cine Copacabana, que era um tipo de cineteatro. Os proprietários eram João Deluque e de dona Tereza Castrillon. Cáceres era uma cidade efervescente.

Claudia: Então Elias, você viveu numa Cáceres altamente cultural, uma cidade próspera, mas o seu sonho era sair de lá?

Elias: O meu sonho era deixar Cáceres, porque ainda que ela fosse para época uma cidade próspera, mas ela ainda estava fora dos meus desejos. Então, é o meu sonho, porque o meu sonho, depois que eu conheci televisão, aos 13 para 14 anos de idade, quando chegou a TV Centro América lá, quando eu vi televisão, eu falei, eu quero fazer isso, quero fazer televisão, eu queria fazer telejornalismo. Só que eu sabia que era muito difícil. Eu sempre imaginei estratégias para chegar aonde eu queria chegar. Então eu sabia que era muito difícil vir embora para Cuiabá. Eu tinha 14 anos, não teria jeito de vir embora. Quando chegou a Rádio Difusora em Cáceres, eu já montei uma estratégia na cabeça, falei, eu vou para a rádio e no primeiro momento, quando tiver a chance de ir pra Cuiabá, eu vou pra Cuiabá, tento entrar em rádio lá e do rádio faço trampolim para ir para a televisão. Foi essa estratégia que eu usei. E foi assim que aconteceu. Em 1981 eu vim embora para Cuiabá, não vim embora não. Eu vim a Cuiabá para procurar emprego. Eu tinha uma irmã que morava aqui e fui casa dela, minha irmã mais velha, a Maria Ladice. Todos os dias, eu fiquei aqui uns 15 dias, todos os dias, 5 horas da manhã, eu saía a pé e ia para uma emissora de rádio para pedir emprego. A primeira emissora era no centro de Cuiabá, que era a Rádio A Voz d'Oeste. Quem estava lá era o ícone da comunicação de Mato Grosso, compadre Crispim, com o programa *Chora Viola*. E eu conversei com ele, inclusive ele elogiou a minha voz, mas não prosseguiu. Daí fui levado por alguém que eu não me lembro o nome até a Rádio Industrial de Várzea Grande, que era uma emissora que estava começando, eu também pedi emprego lá, as pessoas me ouviram, gostaram, mas também nunca obtive resposta.

Também fui à Rádio Difusora, mas nenhuma resposta. Coincidiu, num sábado, o Roberto França, que era amicíssimo do dono da rádio, Fauser Antônio dos Santos, da Rádio Cultura, foi até uma fábrica de gelo ao lado da casa da minha irmã. Eles compravam gelo todos os sábados ali para fazer um movimento que eles chamavam de *retreta*. Eles chegavam ali e se sentavam no saguão da Rádio Cultura, na rua Joaquim Murtinho, perto do estádio Presidente Dutra. E por ali passavam celebridades para conversar com eles, conversavam, faziam churrasquinho, essa coisa toda. Retreta era aquele movimento cultural que as bandas faziam retreta nas praças. E a retreta compreende muito, tem muito o instrumento corneta. Então, eles falavam que eles ficavam ali corneteando as vidas das pessoas. Falando mal, assim, num bom sentido. Eles faziam, então, a retreta. Então, o que ocorria é que aí as pessoas já sabiam dessa retreta. E passavam lá. Uma das pessoas que, de vez em quando, estava por ali era o então reitor da Universidade Federal de Mato Grosso, Gabriel Novis Neves. Os presidentes dos clubes de futebol que iam ali no estádio de Dutrinha passavam por ali e conversavam diversos políticos. E a gente sabia que eles compravam gelo no sábado de manhã para fazer a retreta. O meu cunhado, o advogado Alan Kardec, que conhecia todo mundo e já é falecido. Nós estávamos tomando café da manhã e da sala de jantar era próximo da rua. Meu cunhado viu o Roberto França e disse: “Neto, ali tem um cara que é da rádio, deixa eu falar com ele e te apresentar. Saiu na rua e falou: “Roberto tenho um cunhado meu que é de Cáceres e ele trabalha em rádio, ele quer, está procurando um emprego” e de pronto Roberto pergunta: “Cadê ele?”. Aí eu saí e apertei a mão do Roberto França, o Roberto falou assim: “Aqui ó, esse é o dono da rádio, Fauser”. O Fauser me perguntou: “Você faz o quê?”. E eu era jovem e sabendo que tinha voz grave, deixava a voz mais grave ainda. Respondi: Eu faço notícias, eu redijo, faço sertanejo, programas musicais, faço tudo em rádio. O que vier eu faço. Aí ele disse assim: “Vai lá segunda-feira, faz um teste, a gente apresenta para o gerente Manoel Garcia. Você faz um teste, e aí a gente vê”. Fui lá, deu frio na barriga quando cheguei na rádio, era o Palácio do Rádio, tinha três andares, um prédio potente, lindo na época, todo acarpetado, era o que existia de melhor na época. Mas aí a hora que eu gravei, foi supertranquilo, sem problema. Daí o Fauser falou: “volta à tarde aqui” e eu voltei. Duas horas da tarde eu estava lá e o gerente perguntou: “Quanto você quer ganhar?” Aí eu falei o meu salário. E disse: mas eu tenho que voltar para pegar minhas coisas em Cáceres. E o gerente: “Não tem problema. Você pode chegar aqui no dia 7 de janeiro?”. Sim, dia 7 estarei aqui. Fui para Cáceres e dia 7 vim embora. Era 7 de janeiro de 1982. Fiz o teste foi no dia 14 de dezembro de 1981 e fui embora para Cáceres, busquei a malinha, o pouco que eu tinha e vim embora. Só que eu faltei o primeiro dia porque a minha viagem durou 24 horas, o asfalto para Cáceres tinha só 60

quilômetros de asfalto, o resto era estrada de terra e era um tempo que chovia muito mais do que hoje, chuvoso, muito chuvoso. A ponte do córrego Sangradouro caiu e eu saí de duas da tarde e cheguei aqui às três horas da tarde do dia seguinte. Minha mãe chorou muito, a família chorou porque eu estava indo embora. Eu tinha uma namorada, ela chorou muito também. Às seis horas da tarde o ônibus parou e eu fiquei ali dentro do ônibus. Não demorou muito escurecer e eu dormi. No outro dia, acordei cinco horas da manhã, estávamos no mesmo lugar, aí eu perguntei o que aconteceu, o ônibus quebrou, a ponte caiu, não tem como a gente prosseguir. Eu sei que o ônibus nós fizemos uma baldeação quando chegou um outro ônibus, aí nós atravessamos o córrego, a água já tinha baixado, entramos no outro ônibus e chegamos em Cuiabá às três horas da tarde. E eu faltei no meu primeiro dia de trabalho. Cheguei no outro dia e expliquei para o gerente. Ele entendeu perfeitamente, mas eu achei que já havia perdido o emprego. Eu passei a morar quartinho da rádio. Eu fiquei um ano e meio na Rádio Cultura, morando nos fundos porque eu não tinha dinheiro nem para pagar aluguel e não quis morar na casa da minha irmã. A maioria dos locutores vinham de fora e ficavam por ali até se organizarem. Na Rádio Difusora, eu também dormia muitas vezes no alojamento. Porque eu tinha que fazer o programa às cinco horas da manhã. Eu trabalhava de domingo a domingo, às cinco horas da manhã. No domingo, eu apresentava um programa chamado *Grande Parada Sertaneja Difusora*. Era uma parada musical sertaneja, as mais tocadas da semana, eram 24 músicas. Eu apresentava ao vivo, certa vez eu gravei, mas o Ivo detestou a gravação. Ele disse: “ficou morto, eu não quero que você grave, tem que ser ao vivo”. E então eu trabalhei de domingo a domingo às cinco da manhã e trabalhava no domingo à tarde, que foi onde eu comecei o meu primeiro teste ao vivo que era o *Grande Parada Difusora*, eram às 25 músicas mais tocadas, já era música jovem. Então, eu também que apresentava esse *Grande Parada Difusora*.

Claudia: Qual o programa de maior audiência no período que você ficou na Difusora?

Elias: O de maior audiência era o programa sertanejo, eu não me lembro o nome, era apresentado das cinco às sete da manhã. Quando a cidade começava a acordar, já acordava comigo. Por um bom tempo eu fiz esse horário. E o programa *As Dez Mais dos Estudantes* também tinha muita audiência. Só que a radiodifusora, ela tinha uma audiência meio que linear, porque era a única emissora. E o veículo de comunicação da cidade era a rádio. Então as pessoas ouviam muito. E tinha um programa lá que eu apresentei esporadicamente, substituindo, que aliás esse programa foi apresentado também, eu acho que ainda, não sei se

ainda existe, mas ele foi apresentado no Fantástico, que era o *Amigos do Rei*, só música de Roberto Carlos, no sábado das seis às sete e meia da noite. Eu cheguei a apresentar algumas vezes, tinha muitas cartas, muitos pedidos, era só música do Roberto Carlos. Quando o Roberto Carlos ficou viúvo da Maria Rita, ele entrou em depressão e ele não queria mais seguir a carreira, ele queria aposentar e a Rede Globo fez uma campanha para que ele voltasse. Então ela fez uma série no Fantástico mostrando as emissoras de rádio que mantinham programas somente com o Roberto Carlos. E aí a TV Centro América me pediu uma sugestão e eu dei justamente a sugestão da Rádio Difusora de Cáceres, a repórter Eunice Ramos foi lá e fez essa reportagem, isso na década de 90.

Claudia: Você lembra de algum evento marcante que a rádio realizava?

Elias: Sim, o *Galpão Difusora*. Eles levavam cantores ao vivo, violeiros. Era um programa de auditório que reunia umas quinze duplas, eles vinham de toda a região para cantar, Mirassol d'Oeste, São José dos Quatro Marcos, Araputanga. Era exibido apenas na Difusora AM, terminava a apresentação no *Galpão* e iam cantar lá no estúdio, onde eu estava, no sábado eu fazia o *Tropical 90 Metros*. E era uma coisa muito louca, porque eles chegavam, viajavam de ônibus, chegavam assim, super suados. Então, eram cenas assim que eu sentia um certo desconforto... Porque eu estava ali sentado no estúdio falando e a pessoa chegava para cantar e ela estava muito suada. O estúdio era fechado, esquentava muito. E eu sentado e a pessoa de pé cantando e o suor da pessoa caía na minha cabeça. Era uma coisa muito louca, quem ouvia adorava. Uma vez a dupla Milionário e José Rico se apresentou em Cáceres e quem compareceu na rádio foi José Rico, que era o cara engraçado, superengraçado. Eu queria entrevistá-lo, ele era uma estrela. O Reinaldo Rodrigues que estava no ar nas ondas médias pegou o José Rico para falar. E, nesse dia, eu estava nas ondas tropicais. Aí eu falei, manda ele, manda ele, quero conversar com ele. Só que o Reinaldo, claro, era muito mais antigo, muito mais experiente, queria para ele e segurou, só liberou o José Rico cinco minutos antes de encerrar meu programa. Eu entrevistei por quatro minutos apenas. Ele nem cantou. E aí entrou a *Voz do Brasil*. Mas eu fiquei tão magoado, tão magoado com essa história. Desprestigiado, sabe? Mas passou. Foi só um episódio.

Claudia: Pensando na programação de hoje, você sente alguma diferença, alguma mudança na linguagem nos últimos anos?

Elias: A linguagem mudou completamente. A nossa linguagem, na época, era mais rebuscada. A forma de falar, você trabalhava com palavras mais difíceis, não era coloquial como é hoje. E a televisão também está medonha. Ela evoluiu para uma linguagem como se estivesse conversando com a pessoa que está ouvindo, um bate-papo descontraído. Entretanto, de certa forma, eu acho que ela perdeu muito por uma linguagem às vezes mais chula, uma linguagem pobre, e não contribui muito para a formação das pessoas. Ele não é mais um veículo, ele traz informações, mas ele também não trabalha muito com a formação do ser humano. Porque o rádio era educativo, não precisava ter um programa educativo, ele era educativo na sua essência. Ele era super educativo e ele era muito prestação de serviço. Hoje não, ele é menos prestação de serviço. Ele é mais entretenimento e... ele termina com as novas mídias, ele termina partindo para uma linguagem, tentando falar exatamente a linguagem da internet, a linguagem do Instagram. E essa coisa toda, justamente para não perder a audiência. Mas isso, no meu entendimento, acho que empobreceu um pouquinho. Não daria para ficar daquela forma? Poderia ter modernizado, mas não estragado. Mas as pessoas, muitos gostam dessa coisa aí.

Claudia: Como você avalia a importância do rádio para os moradores de Cáceres, na época que você estava lá?

Elias: Fundamental. O rádio em Cáceres foi, além de ser um companheiro o dia inteiro, como diz a música do Tim Maia³⁴, “foi bom estar com você o ano inteiro”, que ele fez para o rádio,

³⁴ A música que o entrevistado se refere é *Leva*, uma composição de Michael Sullivan e Paulo Massadas, ficou conhecida no Brasil na voz de Tim Maia.

Foi bom eu ficar com você o ano inteiro

Pode crer, foi legal te encontrar

Foi amor verdadeiro

É bom acordar com você quando amanhece o dia

Dá vontade de te agradecer, te trazer alegria

Tão bom encontrar com você sem ter hora marcada

Te falar de amor bem baixinho quando é madrugada

Tão bom é poder despertar em você fantasias

Te envolver, te acender, te ligar

Te fazer companhia

Leva o meu som contigo

Leva

E me faz a tua festa

Quero ver você feliz

para a Rádio Bandeirantes, e terminou virando uma música de trabalho dele. Muito bem, mas ela foi de fundamental importância, a rádio foi, porque ali começa a dar uma nova cara inclusive para a cidade, porque por ali chegam as comunicações, chegam as novas, os novos meios de vida, falava-se mais das coisas que estavam acontecendo fora de Cáceres, como se tirasse um pouquinho as pessoas do isolamento. E como eu disse, era um trabalho que era muito prestação de serviço. As pessoas tinham a rádio para mandar recados. Então, quando alguém saía da cidade para ir para o sítio ou para ir para a fazenda, passava na rádio e deixava um recado ou avisava também que estava indo para a cidade. Passava na rádio quer dizer que estava voltando para o sítio, estava indo para casa. Os avisos eram muito interessantes.

Claudia: Você lembra de algum recado?

Elias: Eu me lembro de um, de vários, um era mais ou menos assim: “Atenção Fazenda Laje, atenção seu Manuel, a Maria está mandando avisar que ela sai daqui de Cáceres às 10 horas da manhã, deve chegar lá pelas 3 horas da tarde, por favor, ela pede para ir para a estrada com

Leva o meu som contigo
Leva
E me faz a tua festa
Quero ver você feliz
É bom quando estou com você numa turma de amigos
E depois da canção você fica escutando o que eu digo
No carro, na rua, no bar
Estou sempre contigo
Toda vez que você precisar, você tem um amigo
Estou pro que der e vier, conte sempre comigo
Pela estrada buscando emoções
Despertando os sentidos
Com você, primavera, verão
No outono ou no inverno
Nosso caso de amor tem sabor de um sonho eterno
Leva o meu som contigo
Leva
E me faz a tua festa
Quero ver você feliz
Leva o meu som contigo
Leva
E me faz a tua festa
Quero ver você feliz
Leva o meu som contigo
Leva
E me faz a tua festa
Quero ver você feliz
Leva o meu som contigo
Leva
E me faz a tua festa
Quero ver você feliz

o burro arriado”. A pessoa deveria ir para a estrada, pois, a fazenda, o sítio era um afastado, aí ele ia até a estrada, montado em seu cavalo e puxando um burro, uma mula ou coisa parecida já pronta para ser montada e voltar para a fazenda. Imagina fazer isso tudo sem rádio. Então tinha esses tipos de avisos, notas de falecimento, promoções no comércio. As gravações, os spots eram montados em cartuchos, as cartucheiras. O comerciante, o empresário que pagava por aquele trabalho. Existiam aqueles que ou não queriam pagar ou não tinham como pagar. Bom, achavam que podia ser o testemunhal. Tinha uma caixinha com o texto e os horários, chegava no horário do comercial da loja Lima, por exemplo, digamos, aí você pegava aquele texto, uma ficha e começava: “Atenção, a loja Lima, a loja tal, a loja São José, está com uma promoção de calçadinhos assim, assim, assim, tal, tal, tal, preço tal, tal, tal, procure na loja São José, procure fulano de tal e fulana de tal, e você vai conseguir um bom desconto se comprar mais de uma peça. A loja São José fica na Coronel José Dulce, número 545”. E outro aviso, outro anúncio era de morte, era a nota de falecimento. Então, chegava assim, todos os dias morria alguém. Então, que uma nota avulsa, tanto nota de falecimento como de alguns comerciais também. A pessoa comprava avulso, aí comprava cinco dias em determinado horário. O testemunhal era fixo, o empresário comprava dois, três meses e ficava ali na caixa, a pessoa que contratava para cinco dias em determinados horários, isso não ficava na caixinha, ficava na sequência ali, era redigido todos os dias. As notas de falecimento, então elas ficavam uma em cima da outra de acordo com o horário, dez e vinte horas, se olhava dava dez e vinte, puxava a nota, lia a nota. Essa história que me marcou muito. Eu puxei uma nota de falecimento. Eu já sabia que um amigo meu estava já praticamente no leito de morte, porque ele estava com câncer na garganta. E com essa mania de não ler antes, eu puxei a nota de falecimento. A família de Alexandre Antônio Aniceto comunica o seu falecimento. Eu desabei, porque ele era meu amicíssimo, em sala de aula, no colégio. Era jovem ainda, super jovem, 19 anos. Para eu terminar essa nota foi um desespero, eu chorava. Foi o primeiro drama que eu vivenciei na Rádio Difusora, foi a primeira lágrima que eu derramei enquanto comunicador. Depois eu tive muitos dramas no rádio, justamente com morte de amigos ou com outras mortes de criança e tudo isso é sempre um pouco dramático. Mas essa foi uma experiência bem dramática que foi a morte de Alexandre Antônio Aniceto, em 1979. Bem no comecinho.

Claudia: Você escuta rádio pela internet?

Elias: Atualmente eu ouço, mas muito pouco rádio pela internet, porque eu não ouço em casa. Mas já ouvi emissoras, como Rádio Globo, dá daquela nostalgia.

Claudia: Como acontecia a interação dos ouvintes com a rádio na sua época?

Elias: As pessoas passavam lá e deixavam na recepção e chegavam pelo correio também. Essa carta aqui foi em junho, se não me engano, o remetente é Antônio Perdigão. Essa carta chegou, eu estava fazendo ondas tropicais e médias, foi uma fase que a rádio estava com poucos apresentadores. Ele ouviu nas ondas tropicais, 90 metros, e aí ele mandou essa carta, nós recebemos essa carta, eu mandei alô para ele, e ela foi muito significativa e na época nós tínhamos uma dúvida, será que essa carta é de um espião? O que esse homem faz? Porque ele faz a carta dele, não é uma carta, você vê que tem todo um processo, tem um método para ele escrever e para ele justificar que ele ouvia, tem trechos dos comerciais que eu fazia ao vivo: *Comercial Martins, Escritório Real Móveis em Pontes de Lacerda, Comercial Martins e o Viola Cabocla da Rádio Difusora*. Essa carta ficou, inclusive, como símbolo, por muito tempo, na mesa do dono da rádio, do Ivo Vignardi. Quando eu fui escrever o meu livro, eu busquei essa cópia para colocar no meu livro.

Claudia: Você tinha ideia da audiência?

Elias: Não, não tinha. Você não tinha toda essa interação com outras mídias, não existiam outras mídias. Só existia uma mídia. Então, eu era... eu tinha um nome artístico, que era Jota Júnior. Então, esse Jota Júnior, ele não era conhecido na rua, praticamente.

Claudia: Quem deu o seu nome artístico?

Elias: Foi um locutor que era sargento do Exército, que fazia um programa chamado *Atualidades de Verde e Oliva*, que falava sobre o Exército, no sábado à tarde, na Rádio Difusora. E aí o Clayton, as pessoas não usavam o próprio nome, era uma febre, aquela coisa de Jota. Aqui em Cuiabá tinha Jota Gomes, Jota Gonçalves, Rondonópolis, Jota Barreto. E aí ele me perguntou, mas então, você vai usar seu nome, como que vai ser? Chegou um momento que o José Pedro Luiz Santos, o outro produtor, anunciou o meu nome completo, você fica agora com José Elias Antunes Neto. Aí disseram, é muito longo, o seu nome não dá. Aí o Clayton falou assim, ô cara, como é o seu nome? José Elias Antunes Neto. E o nome

do seu pai? José Elias Antunes Filho. Falei, então usa a abreviatura do nome do seu pai. Eu falei, que abreviatura? Jota de José e Filho é Júnior. Pronto, Jota Júnior. Eu achei lindo Jota Júnior e ficou Jota Júnior. E para mudança para Elias Neto foi em 2003, quem trocou foi o jornalista Pedro Pinto, quando eu fui pra Rádio Vila Real, nós íamos lançar o *Jornal da Manhã*, daí o Pedro falou: “Jota é o seguinte vamos lançar o jornal. Eu acho que o seu nome José Elias Antunes Neto, então Jota Júnior fica parecendo o nome de jóquei. Para jornalismo, eu acho que não vai ser legal. Vamos pensar”. Estava eu, ele e hoje o presidente do TCE³⁵, Sérgio Ricardo. Ele me disse: “Pois é, que tal a gente colocar o seu nome mesmo? Não colocar o seu nome inteiro, porque é longo, mas é, que tal Elias Neto?” Eu falei, beleza, vamos, Elias Neto. No dia seguinte, quando fomos lançar o jornal, lançamos o jornal com Elias Neto. As pessoas estavam acostumadas com o Jota Júnior, mas eles perceberam que o Elias Neto era eu. Algumas pessoas, inclusive colegas da Rádio Cultura, criticaram. “O que é isso? O que você está fazendo? Coisa mais ridícula isso aí, Elias Neto”. Não, Elias Neto é o meu nome. Mas as pessoas foram se acostumando imediatamente com o Elias Neto. Cheguei na televisão em 1984 com o Elias Neto e pronto. E aí ficou consagrado como Elias Neto.

Claudia: Elias qual a lembrança pessoal mais antiga que você tem do rádio?

Elias: Uma das lembranças antiguíssimas, foi quando eu fui repórter-musical da Difusora. Essa lembrança foi muito forte, porque eu pegava um gravador, era um projeto do Ivo, Eu pegava um gravador e saía de bicicleta. Eu entrevistava as pessoas e as pessoas pediam música, porque na época não se usava muito o telefone. O Ivo tinha medo de colocar as pessoas ao vivo no ar e as pessoas falarem algo que pudesse mexer com a concessão. E até porque ali tinha um batalhão do Exército em pleno regime militar. Ali eu fiquei bastante conhecido, super conhecido. Os pedidos de música eram para o programa *Show da Manhã*, inicialmente apresentado pelo Arlindo Rossi, depois ele foi embora, ficou com o Paulo Rocha, popularmente conhecido como PR.

Claudia: E sobre as lembranças do rádio na sua infância, você já me falou bonequinhos dentro da caixa. Tem mais alguma?

³⁵ Tribunal de Contas do Estado de Mato Grosso.

Elias: Talvez não seja na infância, mas eu tenho lembrança muito forte do programa *Odair Mazano Show*, eu não me lembro a emissora. Eu acho que era Rádio Tupi. E era um programa que tinha músicas românticas e tocava Cauby Peixoto, Nelson Gonçalves, Ângela Maria, Elis Regina, Tom Jobim e o locutor falava alguns poemas. Então, encerrava com um pensamento. Me lembro que teve um pensamento dele que era assim: “Cuidado, as pedras que você atira servirão para construir o castelo da sua ignorância. Boa noite”. Então, ele me marcou muito e as notícias me marcavam. O *Notícias do Mundo* pela Tupi, o *Globo no Ar*, *Sentinelas da Bandeirantes*, essas vinhetas e aí depois as notícias que vinham me marcavam. E na manhã, na Rádio Record, não me lembro se era Record, mas era uma dessas emissoras grandes, o programa *Barros de Alencar*. Então ele começava oito horas da manhã lá em São Paulo e em Cáceres, a diferença, o fuso horário, nove horas e ele também falava poemas, essas coisas todas e músicas, de hora em hora tinha notícias. Eram músicas mais românticas. As pessoas mandavam mensagens por cartas, que eram lidas no programa. A abertura era a música dele, o Barros de Alencar também era cantor. E ele começava: “Bom dia, bom dia, bom dia. Hoje estou tão feliz. Bom dia, bom dia, bom dia. Meu coração é quem quis. Bom dia, amigos. Estamos começando o programa Barros de Alencar”.

Claudia: Com quem você aprendeu a ouvir rádio?

Elias: Com meus pais. Porque eram os meus pais que ligavam o rádio e ficavam ouvindo. Então, eu ficava ali junto deles. E eles faleceram e eu não falei isso para eles até porque depois que eles faleceram que eu percebi, eles faleceram recentemente minha mãe em 2017 e meu pai em 2022, que eu percebi, rememorando aquelas coisas vividas com eles e eu falei meu Deus do céu eu estou nessa profissão porque na verdade eles me incentivaram, eles me ensinaram, pelo exemplo, ouvir rádio.

Claudia: Como você imagina o rádio no futuro?

Elias: O rádio, no futuro, ele vai ser, acho que, muito presente para as pessoas, como já está ocorrendo, porque a gente vive de acordo com o calendário da internet. Acho que o rádio vai ser por aí.

Claudia: Você acha que no futuro nós vamos ter ouvintes, como existem hoje?

Elias: Eu acredito que não teremos o fim do ouvinte. Mas ele nunca mais estará no aparelho rádio. Ele estará sempre no *streaming*. Ele também vai passar por uma transformação, que é ter programas, algumas emissoras já estão nessa linha, se você ouvir a Rádio Band de madrugada já é por aí, contando histórias, aquelas histórias engraçadas, justamente para a pessoa se identificar com aquilo, coisas dessa natureza. E muitas estações, eu acredito, que elas vão ser muito voltadas para os veículos, para o carro, para a pessoa que está lá no carro. Ela vai trabalhar muito, como já se trabalha, mas vai intensificar. Informações do trânsito, as pessoas querem saber por onde vão, como elas vão, como elas não vão. A Jovem Pan começou isso no Brasil há muitos anos, mas isso se intensificou nos últimos tempos e era só em São Paulo. Nos últimos tempos, em todas as cidades, isso é algo muito necessário. Então, acho que ela vai ser, assim, um veículo de muito serviço, de prestação de serviço, entretenimento.

Claudia: Você gostaria de falar alguma outra coisa ou tem mais alguma lembrança que gostaria de compartilhar conosco?

Elias: Eu tenho uma lembrança muito forte, aí totalmente pessoal. Foi lá em 81, chegou um senhor, a pessoa com 50 anos naquela idade era uma pessoa acabada mudou muito e chegou um senhor chamado Áureo Andrade ele era químico. Ele trabalhava numa farmácia, porém, ele era apaixonado pelo rádio, queria fazer rádio, mas ele não tinha o traquejo do rádio. Então aos domingos à noite ele tinha um programa de nostalgia. Inclusive, na época era long play, LP. Ele levava os LPs dele para rodar as músicas, ele fazia aquele programa. E eu achava que ele, enquanto apresentador, era péssimo. Na minha visão, ele era um invasor. Então, eu, um guri de 20 anos, batia muito de frente com ele, eu não gostava da presença dele ali. Achava que não tinha nada a ver, mas aí, e aí teve um dia que nós estávamos no Cais, na beira lá da baía, conversando sentados na verdade num bar que era bar Society, era o fim de tarde, por coincidência aquele dia eu não estava trabalhando nesse fim de tarde. Era um domingo, eu tinha acabado de sair da rádio, nós saímos e nos encontramos lá com os colegas, estávamos ali tomando refrigerante, caipirinha. E o Áureo olhou para aquele crepúsculo sobre o Pantanal de Mato Grosso e falou: “Meu Deus, que coisa linda isso aqui”. E eu olhei, mas eu queria mais implicar com ele. Eu olhei e falei, que coisa linda nada. Que que tem de beleza aí? Ele falou: “o dia que vocês não tiverem mais isso, aí vocês vão sentir o que é beleza, como a natureza é bela”. Eu ainda retruquei ele, aí terminou o papo, fui embora. Eu vim embora para Cuiabá, logo depois. Aí um dia eu voltei no mesmo lugar e presenciei o mesmo crepúsculo,

praticamente, não é o mesmo, mas muito parecido. Aí eu senti a mensagem daquele homem, foi quando eu chorei também. Porque, assim, eu percebi como um jovem é impetuoso, ele não pensa, ele não sente, o sentimento dele é muito diferente, pelo menos naquela época. Eu encontrei com ele (o Áureo) mais uma vez. Essa história me marcou muito, tanto que está no livro. Acho que o título é *O Homem e o Crepúsculo*. É uma história super verdadeira. Demorou um certo tempo eu avistei esse crepúsculo, eu fui procurá-lo para dar um abraço nele, mas eu não encontrei mais. Tempos depois eu conheci uma filha dele e ele já havia morrido. Ele morreu com 60 e poucos anos.

Apêndice H – Entrevista com Roberto Carlos Bassan Antelo

Entrevista realizada pela pesquisadora Claudia da Consolação Moreira, no contexto da tese de doutoramento intitulada: *Preservação da memória na transição do rádio AM para o FM: um estudo de história oral em três comunidades brasileiras*, desenvolvida na Universidade Fernando Pessoa, entre 2022 e 2025, orientada pelo professor doutor Jorge Pedro Sousa e coorientada pela professora doutora Nair Prata, da Universidade Federal de Ouro Preto.

Dados da entrevista

Entrevistadora: Claudia da Consolação Moreira

Tipo de entrevista: História oral temática

Data e local da entrevista: 01 de novembro de 2024 em Cáceres – Mato Grosso

Período: Vespertino

Duração da entrevista: 00h50m18s

Dados biográficos do entrevistado

Nome: Roberto Carlos Bassan Antelo

Tratamento pessoal: Bassan

Citação bibliográfica: Antelo

Data e local de nascimento: 03 de junho de 1966 em Cáceres – Mato Grosso

Atividade: Vigilante

Claudia: Para você qual a diferença entre o rádio AM e o rádio FM?

Bassan: Eu sempre ouvi o rádio AM. A FM veio depois, na década de 90. E a gente foi acostumado com a mudança e hoje, agora já não tem mais a rádio AM. É só a FM.

Claudia: Quando o senhor começou ouvir rádio?

Bassan: Eu comecei a escutar o rádio acho que tinha uns 13 anos, naquela época a televisão era só para quem tinha dinheiro para comprar e o rádio foi o nosso companheiro. Então a gente ouvia as notícias, ouvia as músicas sertanejas. Naquela época a gente não ouvia a Rádio Difusora, o que chegava aqui vinha de São Paulo, do programa do *Zé Bettio* e depois, em 1º de maio de 1978, foi inaugurada a Rádio Difusora aqui em Cáceres.

Claudia: E o senhor lembra desse dia?

Bassan: Ah, lembro. Eu até estive na inauguração. Foi um marco na história de Cáceres. A primeira rádio a ser implantada na cidade. Dona Maridalva foi uma pioneira, naquela época Cáceres estava ainda se desenvolvendo. Lá no meu bairro mesmo nem luz não tinha naquela época. Era o rádio de pilha.

Claudia: E o senhor lembra da programação daquele dia, 1º de maio?

Bassan: Eu não lembro das programações, mas eu lembro de alguns locutores que estavam lá, José Pedro Santos foi o primeiro, até esse que trabalhou na TV Centro-América, Elias Neto. Elias Neto também começou na Rádio Difusora. E hoje ele é um grande jornalista em Cuiabá.

Claudia: O senhor chegou a ir ao programa ao vivo que acontecia aos sábados?

Bassan: Sim. O *Ranchão Sertanejo*, do Reinaldo Rodrigues. Era muito bom. O pessoal cantava ao vivo, aparecia um monte de talento ali, ele dava muita força para essas pessoas. As pessoas mostravam o seu talento ali no *Ranchão*, era muito bonito lá. Eu gostava de assistir.

Claudia: Você já participou da programação? Como foi? Por mensagem, por telefone, por carta?

Bassan: Na hora do almoço a gente escutava, porque naquela época não tinha internet, nem celular. Então o pessoal ia mandar recado no *Cantinho do Recado*, com o Ed Carlos. Aí o

peçoal já ficava escutando, o peçoal da fazenda, o peçoal da cidade, eu gostava de falar... Eu gostava de falar, de escutar, quando falava assim: “*Atenção, fazenda e tal, avisa fulano, espera na régua que nós estamos chegando aí três horas da tarde*”. Então aquilo era engraçado. Hoje mudou tudo. Ah, a gente mandava muitos recados. Eu mandava, por exemplo: “*Atenção, fazenda Primavera, comunica meus pais que o moçoado tá saindo aqui no ônibus às três horas, estamos chegando às cinco horas da tarde*”. Aí a família estava lá na hora certa, a gente tinha certeza de que estavam ouvindo. Ninguém, naquela época nem esperava ter celular.

Claudia: O senhor lembra da radionovela?

Bassan: Eu lembro pouquíssimo, sei que tinha uma novela lá que passava que eu lembro mais ou menos o nome, que naquela época eu tinha 12 anos, era, *Tereza Cabocla*.

Claudia: O senhor tem lembrança dos programas da Difusora AM?

Bassan: Tinha um programa, inclusive, na Rádio Difusora, que era muito famoso, é o *Mamão com Açúcar*. Que a turma mandava cartinha para a namorada, igual, por exemplo: “Você é o amor da minha vida, Ana Luísa”. Ficou muito tempo no ar, mais de 20 anos, parece. O apresentador era Julinho Vidal. Eu mandava muitos recados, eu mandava até depois que terminou, acabou. Aí veio por torpedo. Mas quando eu passava lá no centro da cidade, já deixava as cartinhas na rádio, três, quatro cartinhas para ficar escutando. Deixava lá, já corria para cá para ouvir. A gente pedia uma música, a gente pedia, o anúncio não saía hoje, porque era muita cartinha, saía amanhã, depois da manhã, mas a gente ouvia, não deixava de atender os ouvintes.

Eu lembro da enchente de 1981 e da de 2007, nós fazíamos parte da Cruz Vermelha. Que foi implantada aqui, eu e minha esposa, a gente ajudou muito. Foi uma enchente que muita gente perdeu bens materiais. Tudo, então foi muito terrível essa enchente aqui em casa. E o rádio foi muito importante pois transmitia o que acontecia em toda a região, onde tinha ajuda, como estava o nível das águas. E hoje eu falo para minha esposa, por mais que venha tecnologia, mas lá na pontinha do morro, lá no canteirinho ainda tem pessoas que têm rádio. Nós andamos por aí, o peçoal fala, a gente escutou vocês mandando alô para fulano de tal, você manda para nós, nós estamos ouvindo rádio aqui no assentamento, aqui na comunidade.

Claudia: Sabe me dizer como as pessoas estão ouvindo rádio nestas comunidades? É no celular?

Bassan: Hoje é só FM. Não tem mais AM. Hoje a internet está expandida em tudo. Tem, a gente escuta que eles falam, ah, nós estamos aqui ouvindo da fazenda tal, hoje está tudo interligado, conectado, coisa que a gente nunca esperava. Os donos das fazendas colocam internet e acaba que a comunidade em volta escuta. Já nas comunidades menores, eu não sei como eles estão ouvindo. Hoje mudou muito, por exemplo, a AM de primeiro pegava mais longe do que a FM, mas como acabou a AM, eles fizeram com que a FM fosse mais longe também, hoje pega no mundo inteiro pela internet.

Claudia: O senhor escuta rádio pelo celular?

Bassan: No celular, eu ouço também. Eu escuto as rádios de fora, tem um colega meu que trabalha no Paraná, ele pediu para eu ouvir a rádio. Eu baixei o aplicativo, sempre ouço ele. Eu mando alô para ele, manda alô para mim.

Claudia: O que você pensa quando ouve a palavra rádio?

Bassan: Eu acho assim, para mim eu... Até hoje eu tenho três rádios ali, tenho guardado. Para mim o rádio vai ser sempre meu companheiro. Eu trabalho à noite na escola de vigia, levo o rádio para ouvir de manhã cedo, dia domingo o rádio está lá. Largo do celular para ouvir o rádio, a música sertaneja-raiz. De madrugada eu escuto o programa *FM Fazenda*, que é da Difusora. Aí eu deixo e já passo para outro, aí vem o Faquini, minha mulher também não gostava de rádio, não ouvia muito, ela começou ouvindo junto comigo e ela passou a gostar de rádio. Ela mesmo falou assim: “Bassan, sábado, domingo você não estava aqui, mas bastante pessoas mandaram alô para nós. Vamos retornar estes alôs?” Porque eu afastei uns dias do rádio com a morte da minha mãe. Eu abalei e fiquei meio isolado do rádio, mas tem que voltar, é a vida que segue. A gente não pode parar. A gente tem que fazer o luto, mas a gente tem que recomeçar. Senão fica perigoso entrar em depressão. Ela está num lugar melhor que o nosso. Graças a Deus.

Claudia: Imagine se você tivesse que explicar para uma criança o que é o rádio. Como você o descreveria?

Bassan: Ah, eu falaria para as crianças que o rádio é muito importante. Eu vejo as crianças hoje mais conectadas no celular que em outras coisas. Que não tem nada a ver. E o rádio hoje, ele é tudo na vida. Você escuta a missa, você escuta a igreja evangélica, você escuta a notícia. E hoje as crianças que já nascem sabendo manusear o celular, mas tem certeza de que não sabem o que é o rádio. Porque o rádio, ele faz a gente criar na cabeça da gente imagens. E essas crianças, elas já vêm com tudo pronto. O rádio, ele me deixa meio curioso. Por exemplo, eu mando alô para você e você manda alô para mim, mas eu não conheço você e você não me conhece. Eu fico naquela expectativa, como que é ela? Será que ela é morena? Será que ela é nova? E quando a gente passa a conhecer, a gente fica surpreso. Nossa, eu achava que ela era alta, magra. E aí fica aquilo. Quando eles me veem, falam. Eu achava que o senhor tinha uns 30 anos, 25 anos. O senhor é brincalhão e tal. Hoje eu vou fazer 59. Nossa, é curioso, as pessoas falam. Eu queria saber como que era esse Bassan. Porque fala tanto. A gente tem aquela curiosidade. Porque não conhece pessoalmente. O rádio faz a gente criar imagens.

Claudia: Com quem o senhor aprendeu a ouvir rádio?

Bassan: Eu aprendi a ouvir rádio com meu pai, ele sempre gostou de rádio, ele comprou nosso primeiro rádio e naquela época não tinha energia, era a pilha, às vezes a pilha acabava e a gente morava na fazenda, aí a gente ia ferver a pilha para pôr no rádio para ele funcionar de novo. Porque para vir na cidade era difícil, estrada tudo sem asfalto. Principalmente na época de chuva. Ficava dois meses, três meses sem poder sair da fazenda. Aí tinha que se virar nos 30.

E eu fiz muita amizade, professora, pelo rádio. São pessoas que eu não conhecia, depois passamos a me conhecer e passamos a ter aquele vínculo. Daqui do Caramujo³⁶, desse lugar, aquela Vila Aparecida. E eles pedem e a gente manda alô para eles. Ele chega aí com um litro de leite, um litro de banha de porco, um queijo. Esses amigos que a gente fez pelo rádio traz para nós aqui. E passou aquela amizade verdadeira, que a gente já conhecia há muito tempo. E eu tinha até um caderno aí em casa, uma lista assim, cada dia eu mandava por um pouco, um dia mandava por muito, aí ia mandando. Aí quando terminava, eu voltava lá de novo e

³⁶ Cáceres é dividida em quatro distritos, são eles: Cáceres/sede, Santo Antônio do Caramujo, Horizonte D'Oeste e Vila Aparecida.

mandava. Eu andava com o caderninho na bolsa. Depois ele me perguntava, você que é o Bassan, eu escuto na rádio, eu moro lá em tal lugar, manda um alô para mim. Eu perguntava: “Como que é o seu nome? Qual programa que o senhor escuta?” Já marcava ali, anotava. No dia seguinte eu já mandava recado.

Claudia: E quais são os programas que o senhor mais gostava na Difusora?

Bassan: Hoje da Difusora eu ouço o programa *FM Fazenda*, que é da madrugada. Daí eu escuto o Roney Santana, que é 10 horas da manhã. Daí eu pulo para a 102 para escutar o *Bairrão 102*, que é só lambada, rasqueada, a cultura mato-grossense. E eu escuto também, no domingo quando eu estou de serviço, o programa *Tendência* da Meire Maciel, que são músicas flashbacks, que eu sou apaixonado, os anos 70, 80, 90.

Claudia: O senhor já fez algum tipo de reclamação no rádio?

Bassan: Já, sem dúvida, a gente faz reclamação, faz sugestão. O programa do Fachini é muito ouvido aqui em casa. A minha esposa reclama muito da saúde, porque como a mãe dela está acamada, depende da saúde pública. A gente liga agradecendo. Não é só reclamar e não...tem que agradecer, fica chato, mas a gente não é daqueles que só joga pedra e fica falando mal, a gente tem que ajudar também. Até esses dias eu fui com a minha mulher lá até agradecer a dona Maridalva que no dia que a minha mãe faleceu a gente foi lá e ela não cobrou nada do anúncio do funeral. Então isso para mim vai ficar marcado para o resto da minha vida. Porque ela entendeu que a gente é ouvinte do rádio e a gente leva o nome da rádio. Então ela falou: “pode anunciar e não cobra nem um centavo dele”.

Claudia: O senhor já ganhou algum prêmio da Rádio Difusora?

Bassan: Eu ganhei uma camiseta da Rádio Difusora. A gente fica feliz da vida quando ganha, né? E premiação que a gente ganha vindo de bom coração, a gente fica feliz. Já ganhei caneca também.

Claudia: Como o senhor soube que a Difusora AM passaria a ser FM?

Bassan: Eu vi através das mídias sociais que ia ter um tempo que não ia mais ter a rádio AM, ia ser só a FM. Eles iam falando que ia ter uma determinada época que a rádio AM ia ser desligada. E a gente ia acompanhar.

Claudia: O senhor acha que todo mundo ficou sabendo da mudança do AM para o FM?

Bassan: Acho que não. Porque tem gente, eu acho que ainda tem gente que fica procurando o sinalzinho da Difusora AM. Não, agora acho que não mais. Agora já faz tempo que ela passou para FM. Quase dois anos que passou.

Claudia: Qual é a lembrança pessoal mais antiga que você tem do rádio? Você lembra do rádio na sua infância?

Bassan: Eu sempre fui esportista. Eu jogava bola, dava entrevista para a rádio naqueles gravadores antigos, aí levava lá no estúdio para passar. Então eu ficava escutando a minha gravação. Eu falava: “Pô, fulano, eu dei entrevista na rádio. Escuta aí, viu?” A gente ficava tudo alegre. São coisas que ficam marcadas na vida da gente. E hoje quando eu escuto o rádio me dá aquela tristeza, vem aquela lembrança do passado. Você escuta uma música e fala, poxa vida, eu estava lá na fazenda e escutei essa música nesse rádio, nessa época. E fica marcado na memória da gente.

Claudia: E como o senhor imagina o rádio no futuro?

Bassan: O rádio, igual esse dia eu estava escutando uma entrevista de um homem, ele falou e eu também concordo com ele, o rádio não vai sair tão fácil da memória das pessoas. Com toda a evolução da tecnologia, mas ela vai continuar. Sempre vai ter um rádio em casa para as pessoas ouvirem. Agora não sei se eu estou certo nisso.

Preservação da memória na transição do rádio AM para o FM:
um estudo de história oral em três comunidades brasileiras

Apêndice I – Entrevista com Adilson Domingos dos Reis

Entrevista realizada pela pesquisadora Claudia da Consolação Moreira, no contexto da tese de doutoramento intitulada: *Preservação da memória na transição do rádio AM para o FM: um estudo de história oral em três comunidades brasileiras*, desenvolvida na Universidade Fernando Pessoa, entre 2022 e 2025, orientada pelo professor doutor Jorge Pedro Sousa e coorientada pela professora doutora Nair Prata, da Universidade Federal de Ouro Preto.

Dados da entrevista

Entrevistadora: Claudia da Consolação Moreira

Tipo de entrevista: História oral temática

Data e local da entrevista: 20 de janeiro de 2025 em Cáceres – Mato Grosso

Período: Matutino e vespertino

Duração da entrevista: 01h11m56s

Dados biográficos do entrevistado

Nome: Adilson Domingos dos Reis

Tratamento pessoal: Adilson

Citação bibliográfica: Reis

Data e local de nascimento: 05 de setembro de 1948 em Cáceres – Mato Grosso

Atividade: Engenheiro Civil

Claudia: O senhor mora nesta cidade desde quando?

Adilson: Nasci aqui em Cáceres em 5 de setembro de 1948, morei 10 anos em Cuiabá. Fui fazer pré-vestibular e só voltei depois de pós-graduado, fui da primeira turma de Engenharia Civil da Universidade Federal de Mato Grosso.

Claudia: Qual é o envolvimento do senhor com a fundação da Rádio Difusora?

Adilson: A Rádio Difusora, era de um falecido amigo, Ivo Vignardi. Depois, vim a ser o engenheiro responsável pela obra do prédio da rádio, substituindo um colega. Essa obra foi logo no meu primeiro ano de formado.

Claudia: Na sua visão, qual a importância da Rádio Difusora para o desenvolvimento de Cáceres?

Adilson: A construção do prédio da rádio foi um marco, um prédio com um fim específico, funcionamento de uma rádio. E foi o primeiro prédio com essas características de rádio, foi o primeiro, o pioneiro.

Então, inclusive, na parte do fundo do terreno, tinha o famoso barracão da Difusora, que era uma cobertura, onde se faziam muitas reuniões da sociedade, muitas reuniões foram feitas ali. No momento começavam as discussões sobre a integração Sul-americana, essas ligações com a Bolívia, com a fronteira. Essas reuniões eram feitas lá. Tinha os espaços, os bancos mesmo, enfim, uma estruturazinha. E a comunidade organizada podia utilizar o espaço. O Ivo estava sempre participando dessas frentes. Ele sempre colocava suas posições.

Tenho a minha lembrança muito forte, o primeiro desenho em papel com essa ligação aqui, buscando a integração Sul-americana Cáceres-San Matias, na Bolívia. Nós apresentamos nas reuniões do Barracão, desenhando em papel vegetal e a tinta nanquim. Então, teve essa participação marcante naquele ambiente da Rádio Difusora. Até houve uma época que foi apresentado isso, a gente foi chamado... Você está delirando, você está sonhando alto, isso nunca vai acontecer. Entretanto, hoje está aí, a ZPE³⁷ de Cáceres é uma realidade. Um embrião discutido dentro do espaço físico da Difusora com o apoio do Ivo e da Maridalva.

³⁷ As ZPE são áreas criadas com a finalidade de aumentar a competitividade das exportações de um país. Elas são áreas de livre comércio, onde as empresas podem importar, armazenar, fabricar ou reconfigurar mercadorias para exportação. Além da difusão tecnológica e redução dos desequilíbrios regionais. As empresas que se instalam nas ZPE têm acesso a tratamento tributário, cambial e administrativo específicos para promover a maior competitividade de seus produtos no mercado internacional.

Claudia: Para o senhor qual a diferença entre o rádio AM e o rádio FM?

Adilson: Não conheço a diferença com detalhes.

Claudia: O que senhor pensa quando ouve a palavra rádio?

Adilson: Rádio para mim sempre foi notícia, é a primeira coisa que vem à cabeça. Depois de notícias, vem esportes, as narrações esportivas, focando mais nisso. Na estrada eu ouvia até onde a transmissão alcançava e a Difusora preferencialmente.

Claudia: O que lhe vem à mente quando pensa em ouvir rádio?

Adilson: Nos noticiários, a gente ouvia muito “radio-utilidade”, a comunicação com as fazendas, os recados da comunidade. Daqui para a fazenda e da fazenda para cá. De alguma forma, chegavam os bilhetinhos. Eram lidos aí no rádio. Essa programação marcou muito. É uma coisa específica que só o rádio podia fazer.

Claudia: Com quem o senhor aprendeu a ouvir rádio? Como era?

Adilson: Olha, o meu pai, que foi da rádio, Raimundo Cândido dos Reis. Em 2013, completaria 100 anos. Ele foi radiotelegrafista³⁸ do Exército, foi da comunicação do Exército. E ele era radioamador. PY9GG era o prefixo dele no radioamadorismo. Ele era radioamador, registrado, oficializado, aquela obrigação toda. E tinha também a Rádio Sentinela de Cáceres. Então, eu ficava no colo do meu pai e ele se comunicando aí com o mundo, digamos assim, na radiotelegrafia, com o mundo todo aí. E o áudio, que o rádio não tinha tanta potência, o rádio, o telégrafo, penetrava as ondas pelo mundo afora. E aí tinha muitos recados das fazendas aqui. Que chegaram para ele (para o pai). E ele também tinha pra lá, pra cá... mandava, recebia como radioamador. Ele tinha dois prefixos, o GG e o Rádio Sentinela, que também era radioamador, não tinha programação, nada, era uma atividade bem animada. Era uma rádio de domínio público mesmo, muito utilizada nas fazendas, como tem ainda hoje. Ele conversava mesmo com outras rádios similares que eram nas fazendas.

³⁸ Telegrafista era o profissional que enviava e recebia mensagens através do telégrafo, o primeiro equipamento de comunicação a distância. O telegrafista precisava conhecer o código Morse para decodificar as mensagens.

Claudia: O senhor lembra de algum fato importante que o senhor tenha vivenciado junto com seu pai?

Adilson: Eu era criança, mesmo assim, tenho uma vaga lembrança de gente pedindo avião para socorrer pessoas que estavam ofendidas por cobra, principalmente. Ou alguém que estava doente, que precisava de um avião lá para ir buscar. Enfim, esse era o tipo de trabalho que ele fazia, também, de forma amadora, para estar no serviço. E só quem tinha radioamador é que conseguia receber esses sinais.

Claudia: Então o senhor aprendeu a ouvir rádio com seu pai, nessa época ele trabalhava com radioamador. E a ouvir o rádio comercial também foi com seu pai também?

Adilson: Bom, as rádios de fora, Globo, Nacional, nessas emissoras, havia muito futebol. Eu sou santista, eu lembro da transmissão do Campeonato Mundial conquistado pelo Santos, Santos e Milan, da Itália era sempre no radinho. Nessa altura, eu já tinha o meu rádio, o Mitsubishi, aquele pequenininho, portátil, com antena comprida. Então, eu usei muito esse equipamento.

Claudia: E o senhor adquiriu esse rádio portátil, esse Mitsubishi, quando?

Adilson: Ah, isso... eu era adolescente. O hábito de ouvir rádio... Os rádios em casa, o rádio para a gente ficar ouvindo, era um Philips holandês já era elétrico, claro. Era o rádio da casa, era o que a minha mãe ouvia... Era o que todo mundo ouvia.

Claudia: O que tocava nesse rádio, o senhor lembra?

Adilson: Não, eu lembro bem. O que eu me lembro bem era *Gerônimo e o Herói do Sertão*, as novelas. Os capítulos de novela que a minha mãe ouvia direto e a gente também. E aí eu queria ter o meu rádio. Quando começaram a surgir os primeiros rádios portáteis. E aí o Mitsubishi foi um deles. Então, ganhei esse rádio do meu pai. E assim, rádio ouvinte desde pequeno.

Claudia: E ouvia principalmente futebol?

Adilson: É, principalmente futebol, na época mais futebol e depois noticiários, isso era uma constante.

Claudia: E dessa época o senhor lembra de alguma rádio que ouvia notícias?

Adilson: A Rádio Nacional e a própria Rádio Globo também, essas duas mais especificamente, os noticiários dali.

Era interessante, a gente se reunia, a molecada nessa rua aqui. Era uma rua cheio de famílias, muita criançada. Então a gente ficava na porta de casa, com esse radinho, para escutar jogos. Juntava a molecada ali, a gente brincava direto nessa rua aqui, que nem era calçada, tinha um rio a céu aberto, de água fluvial, passava aí em frente. Aí nessa rua. Ali passava um rio que caía na baía do Rio Paraguai, aqui em frente. E a gente, depois de cada chuva, era aquela enxurrada. Então, eu ia com o meu barquinho de madeira brincar aí. Subia puxando e depois soltava, ele ia descendo. Aí ia sair cá aqui embaixo, pegava de novo, ia lá e vinha. Então, eu tinha uns 10 para 12 anos, por aí.

E aí, o único rádio que tinha, ainda mais portátil, era nosso. E a gente socializava com a molecada toda. Hoje tem jogo do Santos ou do Fluminense, ou sei lá, um campeonato carioca. Mas mais votado que o campeonato mundial da época. E aí só dava Santos, o Santos de Pelé, no auge e tudo mais e tudo era via rádio, não tinha outro meio. Já na televisão, foi só a partir dos anos 1970. A televisão em branco e preto ainda, Copa do Mundo, do México. Então, são estas minhas lembranças mais antigas, mais marcantes, são essas.

Claudia: E hoje o senhor escuta rádio? O que o senhor escuta?

Adilson: Agora, mais especificamente, música. Eu gosto muito de trabalhar ouvindo música. Então, ou sintonizo uma rádio dessas aqui ou coloco aqui no Spotify. Escuto alguns programas, da Difusora em especial e dos noticiários aí. O Faquini³⁹, que é jornalista e o programa do Pedro Miguel, que é Banzé da Gatunada⁴⁰. Às vezes o Edmilson Tavares também, que é amigo nosso de longa data. Tem hoje o Kiko Padovani, que também tem um programa interessante de entrevistas nas notícias e tal, hoje em dia.

Claudia: O senhor escuta habitualmente rádio?

³⁹ Programa *Espaço Livre*, vai ao ar das 07h30 às 8h20 de segunda a sexta-feira, veiculado na Difusora FM primeira rádio FM do grupo. É apresentado pelos jornalistas Luizmar Faquini e Kiko Padovani.

⁴⁰ É um programa policial, apresentado pelo jornalista Pedro Miguel, vai ao ar das 6h40 às 7h30, de segunda a sexta, veiculado na Difusora FM primeira rádio FM do grupo.

Adilson: Se tem algum fato novo, alguma coisa na cidade, daí eu ligo. Não é uma constante, mas, assim, por algum fato que esteja acontecendo. Ah, o Festival Internacional de Pesca está acontecendo nesse período tal. O que está rolando na cidade. Então, na rádio é mais prático para você ouvir. Não pega no noticiário. Ah, vai ser entrevistado aqui um secretário da prefeitura ou a própria prefeita. Quando tem essas entrevistas, programada. Aí eu vou ver o que o fulano está fazendo, pensando. O que está acontecendo nessa área aqui. Aí a gente liga, escolhe...

Claudia: Quando o senhor quer saber uma notícia de Cáceres, o senhor procura na internet? Procura os blogs? Sites de notícias ou rádio?

Adilson: Hoje em dia, mais pelo whatsapp, ficou mais prático. Muito mais prático. Até para acessar o noticiário de rádio. Aqui tem os blogs, tem o noticiário, tem as notícias que são gravadas. Hoje vai tudo por YouTube⁴¹. As notícias que você não ouviu, você pega pelo canal da rádio que está gravada lá nas datas específicas. Se não deu para acompanhar, a cara de que fulano falou naquela entrevista. E tem os podcasts aí, que tem hoje, isso espalhou.

Alguns mais focados em acontecimentos sociais, outros mais políticos. Outro mais focado na parte de esportes, tem vários aí. Eu mesmo já tive umas quatro entrevistas, quatro podcasts.

Claudia: E quando o senhor quer ouvir rádio? O senhor ouve qual emissora?

Adilson: Escuto mais no meu carro, já fica praticamente o tempo todo na Difusora.

Claudia: Se fosse para indicar um programa de rádio, qual o senhor me indicaria? Porque o senhor me indicaria?

Adilson: O do Faquini, ele tem credibilidade, é um programa jornalístico.

Claudia: O senhor já participou da programação? Como foi? Por mensagem, por telefone, por carta? Já estive na emissora?

Adilson: Participei muitas vezes, nem sei dizer quantas, dando entrevista.

⁴¹ Assunta aí, de Pedro Miguel, do *Banzé da gatunada* e *Qué vê, escuta!*, de Roger Max e Kelly Paula (@queveescutapodcast)

Claudia: E qual principal motivo destas entrevistas?

Adilson: Todas voltadas às questões do desenvolvimento regional, tanto na área regional, propriamente, mas envolvendo a logística, a zona do processamento de exportação. O plano diretor de Cáceres, em qual eu conduzi uma atualização, isso nos anos de 2010, por aí. Então, tem muitas entrevistas nesse sentido.

E hoje em dia tem buscado muito essa memória nas rádios, na verdade. Estou atualizando meu currículo Lattes. Tem muita coisa que está solta por aí. Tem até um estagiário, um estudante de geografia para cuidar disso. Fiz um curso de atualização de currículo, então vi que muita coisa não estava lançada, estava oficializado, mas não estava lançado, sempre deixando para depois. Vocês sabem bem o que é isso? E agora... Acabou que o estagiário está cuidando do meu Lattes.

Claudia: Então estas entrevistas eram sempre para ajudar na divulgação e no esclarecimento da população sobre o zoneamento, sobre a ZPE?

Adilson: Sim, explicando o que é, por que é assim e sempre decodificando para o leigo, para o ouvinte. Então, fui sempre nessa direção e porque sempre os jornalistas, os entrevistadores sempre pediam: “Dá para traduzir isso para o povão?” Tudo bem, é assim, é assim assado, é isso. Traduzindo... se assim pode ser entendido. Agora, recente, na semana passada, dei uma entrevista no programa do Fachini explicando a situação da ZPE e disse: “que a situação da ZPE de Cáceres, neste momento, é a seguinte: Um navio que está ancorado no porto, abastecido. O comandante-chefe está lá no timão. A ZPE é um navio que está pronto para zarpar”. E já tem um tripulante importante aí, que é a empresa TRC⁴². Já está homologada, reconhecida como empresa que atua em zona de processamento de exportação. Hoje estamos em estado pré-operacional. Estamos com toda a estrutura pronta. Então está prontinho, está redondinho, testado, aprovado, homologado, temos o Ato Declaratório Executivo da Receita Federal e o atesto final do Conselho Nacional de ZPE. O Brasil entendeu o que é uma ZPE e seus benefícios, seus desdobramentos. Então o Brasil levou muito tempo, 35 anos, até vingar a ZPE do Ceará. Então, foi um processo de longa maturação e atravessou diversas crises

⁴² Teak Resources Company, a empresa produz e comercializa produtos de madeira de teca para o mercado internacional. (<https://www.teakrc.com/pb/company/>)

Preservação da memória na transição do rádio AM para o FM:
um estudo de história oral em três comunidades brasileiras

políticas, cruzamos a turbulência de 17 eleições no processo no âmbito federal, estadual e municipal.

Claudia: Como o senhor imagina o rádio no futuro?

Adilson: Acho que o futuro da rádio é o que está acontecendo hoje, via internet. Hoje todo mundo tem celular, todo mundo tem aplicativo, todo mundo ouve tudo no celular. Então, cada vez mais, esse é o espaço. E como, infelizmente, essa juventude não lê nada, tem que ouvir, ou ver na televisão. É o que se discute. O que a gente vê hoje é diferente da nossa época, da minha época lá atrás. com a de hoje, completamente diferente. Agora, sei lá, mudou para melhor num sentido, mas para pior em outro. A pessoa ficou refém só de ouvir, não lê mais. Praticamente ninguém lê.

Claudia: Qual é a lembrança pessoal mais antiga que o senhor tem do rádio?

São aquelas que te contei com meu pai e com meu radinho Mitsubishi.

Apêndice J – Entrevista com Antônio João de Barros Neto

Entrevista realizada pela pesquisadora Claudia da Consolação Moreira, no contexto da tese de doutoramento intitulada: *Preservação da memória na transição do rádio AM para o FM: um estudo de história oral em três comunidades brasileiras*, desenvolvida na Universidade Fernando Pessoa, entre 2022 e 2025, orientada pelo professor doutor Jorge Pedro Sousa e coorientada pela professora doutora Nair Prata, da Universidade Federal de Ouro Preto.

Dados da entrevista

Entrevistadora: Claudia da Consolação Moreira

Tipo de entrevista: História oral temática

Data e local da entrevista: 24 de outubro de 2024 em Cuiabá – Mato Grosso

Período: Vespertino

Duração da entrevista: 01h26m14s

Dados biográficos do entrevistado

Nome: Antônio João de Barros Neto

Tratamento pessoal: Antônio João

Citação bibliográfica: Barros Neto

Data e local de nascimento: 9 de junho de 1958, em Cuiabá – Mato Grosso

Atividade: empresário

Claudia: O senhor nasceu em Cuiabá, mas sua família já vivia em Nortelândia?

Antônio João: Quer dizer, nasci em Cuiabá por um acidente. Já morava lá em Nortelândia. Fui feito lá, mas devido à época, 66 anos atrás, a região tinha muita malária. Então, a minha

mãe foi acometida de uma malária e o médico, só tinha um médico na região, que era Alto Paraguai, uma cidade vizinha, ele aconselhou que viesse fazer esse parto aqui em Cuiabá. Muito complicado. No nono mês de gravidez e ela com malária. Éramos cinco filhos. Todos se foram, só eu e meu pai continuamos aqui.

Claudia: Seu pai fundou a rádio?

Antônio João: Meu pai fundou e hoje a rádio pertence praticamente a mim. No princípio, na montagem da empresa, tinha um sócio, depois saiu da sociedade, depois que a rádio foi instalada entraram os filhos. Os três filhos que eram maiores de idade entraram na sociedade com meu pai.

Claudia: O senhor pode me contar como foi a fundação da rádio?

Antônio João: A concessão foi assinada em 17 de dezembro de 1984. E foi ao ar em 1989, cinco anos depois. A rádio era desejo dos filhos. Um dos meus irmãos gostava muito disso. Naquela época, para você ter uma concessão, você tinha que ter um político por detrás para poder movimentar, dentro do Ministério das Comunicações, com quem iria ficar aquela concessão. Era desse jeito. Aí nós entramos com o pedido, foi até o falecido senador Jonas Pinheiro, que foi, vamos dizer o seguinte, o padrinho da rádio. Então quem fazia toda a correria lá em Brasília com documentação era ele e a assessoria dele. Então chegou um momento até engraçado. Quando o ministro Antônio Carlos Magalhães começou a fazer essas concessões, surgiu até um problema, um cantor de Brasília, que era locutor da Rádio Nacional, ele fazia shows gratuitamente para a esposa do Rômulo Vilar Furtado, que era o secretário de Comunicação do Ministério, ele que controlava. A esposa dele saiu de Brasília e foi para Rondônia. Primeira eleição em Rondônia. Ela foi candidata a deputada federal pelo partido do governo, do regime, na época e foi eleita. E esse Rômulo Vilar, que era o secretário nacional de outorgas, das concessões públicas. Fomos chamados na sala do ministro Antônio Carlos Magalhães e falaram: “vamos ver lá a concessão Nortelândia, como é que tá?” Nós sentimos que ele estava meio assim, falou Nortelândia e ele assustou o Rômulo. Aí falaram, mas quem que foi o ministro lá, o Jonas Pinheiro do lado? Ah, é o seguinte que... “Essa concessão, a minha mulher foi candidata a deputada federal em Rondônia e tal, fez alguns shows pra ela lá e eu tinha... Eu tinha um compromisso de dar essa concessão para esse cantor, que além de cantor é locutor da Rádio Nacional de Brasília, é Edécio Moura”. Aí o ministro

falou: “não, eu tenho compromisso aqui com o deputado Jonas Pinheiro, vamos abrir outra concessão para ele (para o cantor) em outro lugar, vê onde ele quer, ligue pra ele”. Eu lembro que o Rômulo falou: “vamos dar uma concessão pra ele em Lagarto, Sergipe, a terra onde ele nasceu”. E assim foi, em 17 de dezembro de 1984 saiu a publicação no Diário Oficial da União a concessão e começamos a montagem da rádio.

Claudia: Ele era político de profissão?

Antônio João: Era político, havia sido prefeito de Nortelândia duas vezes. Ele era conhecido como o médico da cidade, ele era dono de farmácias na região, tinha uma farmácia em Alto Paraguai, uma em Nortelândia e outra em Arenópolis. Então, devido ao envolvimento dele, na época não tinha médico, o médico da região era ele. Então passou, foi prefeito duas vezes na cidade. Meus irmãos tinham interesse na carreira política na época. Eu nunca tive.

Claudia: A rádio ajudou na carreira política do seu pai?

Antônio João: Não, a rádio só veio depois dois mandatos de prefeito do meu pai, ele já não mexia mais com política. Um dos meus irmãos foi vereador e vice-prefeito, tentou a prefeitura, não ganhou, perdeu. Tentou ser deputado estadual, também não conseguiu, Ele era do Partido dos Trabalhadores.

Claudia: Seu pai chegou a cuidar diretamente da rádio?

Antônio João: Diretamente não, porque ele tinha as farmácias dele para cuidar, mas ele estava lá todo dia, toda hora, dando os palpites dele.

Claudia: O senhor lembra dos momentos mais importantes da rádio Antônio João: Sim, lembro. A rádio entrou em operação em agosto de 1989. Era a eleição, a primeira eleição⁴³

43 No centenário da Proclamação da República, dia 15 de novembro de 1989, foi realizado o primeiro turno das eleições presidenciais. Foi a primeira vez que o Brasil escolheu um presidente após a promulgação da Constituição Federal de 1988. As eleições de 1989 foram um marco importante no processo que pôs fim à ditadura. Após a frustração da Campanha pelas Diretas em 1984, em 1985 o general João Figueiredo passou o poder para José Sarney após a morte de Tancredo Neves, eleito indiretamente pelo Colégio Eleitoral. (<https://www.gov.br/memoriasreveladas/pt-br/centrais-de-conteudo/destaques/centenario-da-proclamacao/eleicoes-diretas>)

para presidente de República, Collor foi eleito⁴⁴. Então, a gente estava no auge. A gente fez, na época, entrevista com os candidatos à presidência, Fernando Collor, Ulisses Guimarães, Luiz Inácio Lula da Silva, Leonel Brizola, Mário Covas. Nesse período, a região toda não se tinha rádio, a primeira rádio que entrou na região foi a nossa rádio, a Regional de Nortelândia. A rádio virou a referência, nós tínhamos muita influência na região.

Claudia: E quem fazia essas entrevistas?

Antônio João: Quando nós inauguramos a rádio, nessas andanças para Brasília, a gente conheceu um rapaz lá que também trabalhou na Rádio Nacional de Brasília. E ele era militar, sargento da polícia e tinha se aposentado. E ele ligou perguntando: “Quando que vocês vão inaugurar?” Nós não tínhamos data prevista. E ele disse: “Estou querendo sair de Brasília, separei da família. Quero trabalhar aí com vocês. Então, quando for entrar no ar, me avisa”. Liguei para ele, vamos inaugurar. Você topa vir para Nortelândia? Ele topou e veio. Barbosa Neto era o nome dele. Ele tinha muitos contatos em Brasília, na Rádio Nacional, tanto com o Edécio Moura, com a Márcia Ferreira, com a direção da Rádio Nacional, com os militares. Ele tinha toda essa influência e assim tínhamos passe-livre em Brasília. Eu acho que a nossa primeira grande... A grande repercussão da rádio foi na posse do Presidente da República. Nós tivemos presente, fazendo ao vivo de Brasília. A única rádio de Mato Grosso que estava ao vivo de Brasília fazendo a cobertura da posse do Collor. Era a única rádio. Usamos uma linha telemática para transmissão. O Barbosa Neto ficou cinco anos com a gente, saiu em 1994. Ele tinha um programa diário das 8h às 11h. O horário nobre era dele.

Claudia: E quando vocês começaram, como era a programação?

Antônio João: A programação começava às 4h da manhã com sertanejo. Às 8h entrava o Barbosa até às onze que era uma mistura de notícia, brincadeiras, participação do ouvinte, o telefone, cartas.

⁴⁴ Luiz Inácio Lula da Silva, do PT, e Fernando Collor de Mello, do PRN, foram os mais votados, mas nenhum dos dois obteve a maioria absoluta e o segundo turno foi marcado para o dia 17 de dezembro. Fernando Collor de Mello venceu Lula por uma diferença de 35,5 milhões de votos contra 30,5 milhões. O primeiro presidente eleito pela via direta também mantinha vínculos estreitos com a ditadura, tendo sido nomeado prefeito biônico de Maceió pela Arena em 1979. Se é certo dizer que 1989 encerrava o ciclo de governos militares iniciado em 1964, também é preciso lembrar que o fim da ditadura foi um processo contraditório, lento e marcado por retrocessos.

As rádios do interior são malvistas na capital. Aqui em Cuiabá, por exemplo, Secretaria de Comunicação da Assembleia, do Governo do Estado, da Prefeitura. Eles têm um negócio assim que quem é do rádio é pedinte, pede isso, pede aquilo, pede aquilo. A gente não é valorizado. Mas eu tive a oportunidade de mostrar uma pesquisa, que a gente trabalha sempre com pesquisa, para a nova Secretária de Comunicação do Governo do Estado, a Laice Souza. Ela não acreditou que tinha aquela... A rádio era bem ouvida, assim, desse jeito. Aí nós contratamos também o Edivaldo de Sá, que é o nosso diretor.

Claudia: E os programas de auditório?

Antônio João: Os programas de auditório já vieram nos anos 90. Primeiro começou com um programa de gauchesco no domingo. Daí chegamos à conclusão que não representava a população de Nortelândia, que é predominante de descendentes de mineiros, capixabas, paulista e baianos. Lá não foi uma região colonizada pelos sulistas, como Tangará, Diamantino, Lucas. Então, decidimos criar um outro programa aqui, o *Nossa Terra, Nossa Gente*. E ficamos pensando quem pode apresentar, já que seria um programa típico da região. Alguém deu a ideia do Pedro de Assis, que é esse de terno branco (apontando para a foto). Mas ele falava muito errado, mas teve que ser assim mesmo, nós não temos de mudar a essência da pessoa.

O primeiro programa foi uma lástima. O segundo outra lástima. O terceiro, melhorzinho e assim foi melhorando, melhorando, até que ficou no ar por há cinco anos, todos os domingos, sem interrupções, ficou no ar de 1995 ao ano 2000. Vocês⁴⁵ foram lá em 1998 quando o programa já estava consolidado. Eu não estava lá no dia que esses alunos foram, meu irmão Juarez, que era professor de Psicologia da UFMT, recebeu os alunos e você, professora.

Tudo era mais complicado naquela época. Não tinha gente para instalar a rede telemática, chovia a rádio saía do ar, foi indo e os equipamentos foram deteriorando com o tempo. Nós usávamos o salão que era da farmácia do meu pai, a esta altura ele já estava aposentado. A rádio funciona no mesmo prédio até hoje. Encerramos o *Nossa terra, nossa gente* há 25 anos e ainda tem gente saudosa pelo programa. O *Nossa terra, nossa gente* era um programa de calouros. Nas três primeiras semanas do mês havia as etapas classificatórias e no último

⁴⁵ Duas turmas do curso de Radialismo da Universidade Federal de Mato Grosso, coordenados pela professora Claudia da Consolação Moreira, autora desta tese.

domingo do mês a final, entre os prêmios tínhamos fogão, panela de pressão, liquidificador, diária em hotel, viagem para o Pantanal. Sorteávamos brindes para o público participante.

Claudia: E como foi a decisão de mudar para o FM?

Antônio João: A decisão não foi nossa, foi do governo. Por mim continuaria até hoje com a AM. Sou apaixonado pela AM. O rádio AM parecia mais interativo. Mas o governo precisava do espaço da banda. Eles nos tomaram essa banda e venderam por milhões para as empresas de telecomunicações. E nós ainda tivemos que pagar a concessão da nova FM.

Claudia: Quais eram as preocupações com a migração?

Antônio João: Tiramos dinheiro do bolso e é um dinheiro que não volta, compramos novos equipamentos, nada da AM serviu, a não ser a torre. Pagamos 200 mil da concessão, mais 200 mil de investimento para manter a rádio.

Claudia: E mantem a rádio por quê, então?

Antônio João: Por quê? Porque não acho para quem vender, senão eu teria vendido.

Claudia: Você aponta algum erro com parte do governo federal no processo de migração?

Antônio João: E agora com essas novas estações... Eu não sei por que o governo tomou essa decisão. E as rádios de capitais, onde não tem rádio no interior, eles podem levar, por exemplo, a Gazeta, por exemplo. Nova Marilândia não tem rádio. Ele pode abrir uma subsidiária lá entre rádios. Pode abrir em Santo Afonso, que não tem. Pode abrir em Alto Paraguai, que não tem. Não precisa de fazer nada. Isso vai acabar mais com as rádios. Isso vai acabar com os donos de rádio. Você paga numa concessão, aí você tem uma lei que... as rádios da capital podem entrar no interior do Estado, onde não tenha emissoras de rádio. Nós estamos há 18 quilômetros de Marilândia, a Centro América, que tem rádio aqui em Cuiabá, a Gazeta, que tem rádio aqui, a Band, que tem rádio aqui, vai poder abrir lá em Nova Marilândia, 18 quilômetros da gente. Ainda não tem nenhuma rádio funcionamento em Mato Grosso, mas estava lendo hoje que abriram oito cidades para Mato Grosso. Vai ser difícil. Quer dizer, para os grandes vai ser bom. Para as grandes redes vai ser bom.

Claudia: O senhor acha que a migração trouxe algum benefício?

Não, nenhum. Não sei nos grandes centros, deve ter tido. O pessoal de Tangará (da Serra) reclama, os donos de rádio. Por exemplo, em Tangará tinham duas emissoras de rádio. Já venderam faz tempo, já saíram. A de Diamantino já foi vendida.

Claudia: O alcance da rádio aumentou?

Antônio João: Aumentou, hoje o raio é de 100 quilômetros, antes da migração nosso alcance era de 30 quilômetros. Nortelândia, Arenápolis, Santo Afonso, Marilândia e Alto Paraguai. A FM de Arenápolis vai mais longe. Porque a de Nortelândia, eu botei a antena dela onde era a torre da rádio AM. E antigamente, torre de rádio AM era um lugar mais baixo. A torre de Nortelândia ficou muito no baixo. E a Arenápolis já tá na Serra. As duas são um quilo. A antena da Difusora está a 380 metros do nível do mar, já a Clube está a quase 600 metros do nível do mar. Nós aumentamos e ganhamos ouvintes que estão acessando pela internet. Perdemos o ouvinte sitiante que não tem acesso ao aplicativo e à internet. Perdemos de um lado e ganhamos do outro. Essas grandes empresas, tipo Grupo Maggi, esses grandes do agronegócio, eles têm fazenda ao redor de Nortelândia. Eles têm sistema próprio de internet gratuita para os funcionários, nós recebemos muitas mensagens desse pessoal, uma fazenda dessa aí tem 200 funcionários. E outra coisa, nós perdemos muitos moradores. Quando inauguramos a rádio em 1989, o município de Nortelândia tinha quase 14 mil habitantes e hoje não chega a 6 mil. Por isso que eu falo, nós ficamos num bolsão de miséria, Nortelândia, Arenápolis. A única que foi pra frente foi Marilândia, por causa do Cidinho, por causa dos empreendimentos que ele levou pra lá.

Claudia: O que você acredita que precisa acontecer para Nortelândia sair deste bolsão de miséria?

Antônio João: Eu continuo com a ideia do meu irmão Juarez, desapropriação das grandes áreas. Colocar o pequeno para trabalhar num cinturão verde, por exemplo. Essas grandes empresas que vão pra lá, eles sabem que o povo é carente. Suponhamos, um descarnador de carne do frango, ele ganha 3 mil, 4 mil, em Nortelândia a mesma empresa paga um salário-mínimo.

Claudia: Como o público ficou sabendo da migração para o FM?

Antônio João: Até hoje tem gente do interior, da roça que fala, que não consegue mais pegar, que continua tentando lá no 790, não pega nada. Isso vai explicar, não é 790 agora, é 93.5... “mas meu rádio não tem FM”. Nós fizemos até uma campanha, Edivaldo comprou alguns aparelhos de rádio em São Paulo, 50 rádios e distribuiu nesses locais que ele sabia onde não tinha rádio.

Claudia: E vocês fizeram muitas mudanças na programação?

Antônio João: Não, nós tentamos colocar o AM dentro da programação do FM. Tanto é que hoje nós continuamos com sertanejo na madrugada até às oito, quando entra o Edivaldo de Sá, com um programa de notícias, entrevistas ao vivo. Às dez entra um programa da Igreja Católica. Depois volta a programação de música regional e boletins de notícias de hora em hora... Ficamos no ar ao vivo com programação local das quatro da manhã às seis da tarde. Depois entra no piloto automático, dezoito as quatro da manhã, com programação comprada de uma empresa de São Paulo.

Claudia: Hoje quais são os veículos de comunicação de Nortelândia?

Antônio João: Só a rádio. Toda a vida foi só a rádio. Esporadicamente, na época da eleição aparece um jornalzinho, mas é passageiro.

Claudia: Como estava o faturamento antes da migração e hoje melhorou?

Antônio João: Caiu. Nós vimos à concorrência dos sites de notícias, do próprio TikTok, do Instagram, próprio celular, a internet expandiu. Então é uma concorrência brava. Hoje qualquer ponto de rua tem um blogueiro e eles chegam a vender para o comércio local. Por exemplo, eles cobram 50 reais por mês para fazer anúncio nos blogs, no TikTok. O povo anuncia mesmo. Vou falar a verdade aqui para você. Se fosse por mim, eu tinha fechado a rádio, parado com isso. Você sabe por que a rádio lá funciona ainda? Por causa do governo. As mídias do governo, da assembleia. Se não fosse isso... Não se pagava. Ela não dá lucro de

jeito nenhum. Apenas se paga. Isso porque ela funciona com uma equipe reduzida. Mesmo assim conseguimos manter, bons profissionais, ela tem qualidade, ela tem um site bom, tem um bom aplicativo próprio.

Claudia: E vocês fazem acompanhamento da audiência? Com empresas de pesquisa?

Antônio João: Sim. Nós fizemos a última com a MT Dados. É o Edivaldo que cuida destas coisas. A gente tem 90% de audiência. Em Arenápolis⁴⁶ nós temos outra rádio FM. Em Arenápolis tem mais duas rádios. Uma é nossa e a outra é do deputado e presidente da Assembleia Legislativa Max Russi. Os políticos que têm rádio, tudo tem rede de rádio, então a maioria da verba vai para eles. E eles não ligam, não tem publicidade local, não tem nada, os nossos concorrentes. A concorrente não liga e nem vai atrás de anunciantes. A programação deles é engessada, porque eles têm rádio em rede. Parece que o locutor não pode nem trocar a música. É só da play. Em Arenápolis nós somos concorrentes de nós mesmos, o programa é gerado para as duas emissoras. Eu montei a Rádio Clube de Arenápolis e a ideia era gerar tudo de Nortelândia. Aproveitar os mesmos locutores, a mesma programação. Mas o Edivaldo foi contra. Não, isso não pega bem, isso não sei o quê, isso não sei o quê. Mas por mim eu botava uma programação só nas duas. Na rádio de Arenápolis toca mais música brega, mais sertanejo. No fundo as duas tem públicos diferentes.

Claudia: Quantos funcionários você tem na Rádio Difusora hoje?

Antônio João: Sete, antigamente era o dobro. Hoje com internet você coloca a rádio no ar a distância.

Claudia: Qual é o diferencial da programação da Difusora FM em relação às outras emissoras?

Antônio João: Nós temos audiência total nas classes A e B em Arenápolis, Nova Marilândia, Nortelândia e Santo Afonso com a Difusora. O restante da população a gente atinge com a Clube FM, de Arenápolis. Então a gente não perde nenhum ouvinte. Seguramos todo mundo com as duas rádios.

⁴⁶ Cidade vizinha, cerca de 6 quilômetros.

Claudia: Qual é a lembrança pessoal mais antiga que você tem do rádio? Você tem alguma lembrança do rádio na sua infância?

Antônio João: A mais antiga era quando a gente se sentava ao pé do rádio. Sempre gostamos de futebol, essas coisas, de ouvir a rádio Bandeirantes, Rádio Globo, transmissão de futebol, campeonato carioca, campeonato paulista, essa é a minha maior lembrança. Estava ali no pé do rádio ouvindo... meus irmãos, meu pai, os amigos. Meu pai tinha um Transglobe e geralmente ficava ligado na porta da farmácia. Então, domingo, por exemplo, não tinha descanso, a farmácia aberta. Os garimpeiros vinham, sentavam 15, 20 pessoas em volta ali dos bancos que o meu pai colocava pra ficar ouvindo rádio ali. Essa era a minha maior lembrança. Isso era em 66, 67, 68, 69, 70. Eu ouvi a Copa de 66, meu pai era prefeito da cidade, a prefeitura estava colocando rede de água na cidade, e a gente estava ouvindo Brasil e Portugal, meu pai ajudando nas escavações para a rede de distribuição de água de uma rua, para outra, um monte de gente, o rádio ali para todo mundo ouvir o jogo do Brasil ali na obra. Ele era farmacêutico e era prefeito e colocava a mão na massa. Ele levava o rádio junto e todo mundo escutava. Eu tinha oito anos.

Claudia: E como você imagina o rádio no futuro?

Antônio João: Eu acho que o rádio nunca vai acabar. Vai continuar. E quem é dono de rádio, quem é de rádio, vai ter que se adaptar a isso. Mas eu não acredito, não, que o rádio vai acabar, que o rádio vai acabar com audiência. Eu não acredito nisso, não. Mesmo tendo internet, mesmo tendo no interior, por exemplo, eu acho que o povo acredita mais no que o locutor, o apresentador está falando ali do que tu tá vendo aí no site da Globo, no site da... E lá eles falam, não, o locutor falou, o radialista que falou. Mesmo que ele esteja lendo alguma notícia na internet. Então essa é a credibilidade do rádio. Principalmente no interior.

Apêndice K – Entrevista com Edivaldo de Sá Teixeira

Entrevista realizada pela pesquisadora Claudia da Consolação Moreira, no contexto da tese de doutoramento intitulada: *Preservação da memória na transição do rádio AM para o FM: um estudo de história oral em três comunidades brasileiras*, desenvolvida na Universidade Fernando Pessoa, entre 2022 e 2025, orientada pelo professor doutor Jorge Pedro Sousa e coorientada pela professora doutora Nair Prata, da Universidade Federal de Ouro Preto.

Dados da entrevista

Entrevistadora: Claudia da Consolação Moreira

Tipo de entrevista: História oral temática

Data e local da entrevista: 03 de dezembro de 2024 em Nortelândia – Mato Grosso

Período: Matutino

Duração da entrevista: 01h14m26s

Dados biográficos do entrevistado

Nome: Edivaldo de Sá Teixeira

Tratamento pessoal: Edivaldo

Citação bibliográfica: Teixeira

Data e local de nascimento: 11 de agosto de 1959 em Diamantino – Mato Grosso

Atividade: Jornalista e advogado

Claudia: Quando você começou a trabalhar no rádio, com que idade você estava?

Edivaldo: Eu tenho uma história com rádio bem interessante. Eu era garimpeiro nessa época. Eu, garoto, eu ouvia muito a Rádio Nacional de Brasília, programas com Edelson Moura, Tia

Leninha, Márcia Ferreira. E volta e meia eu ouvia a Rádio Globo, a Rádio América do Rio de Janeiro, que tinha o Eli Corrêa, que era locutor na época, se não me fala a memória. Eu, desde guri, gostei muito de rádio. E aí, tem uma passagem da minha infância, que eu tinha um aparelho de som com fone de ouvido no meu quarto e ouvia muito toca-fitas. E como eu gostava de ouvir rádio, eu brincava de fazer rádio na minha casa. Eu invertia o fone de ouvido, tinha uma parte que você falava nele e sai no áudio. Eu fazia como se eu estivesse fazendo um programa de rádio. Aí eu falava ali e soltava a música. E eu me lembro que tinha uma vizinha que morava do lado, e quando eu ficava fazendo isso, era quase parede e meia, casas antigas assim, meio tudo próximo um do outro. E eu me lembro dessa vizinha comentando com alguém que estava lá assim, nossa, mas essa voz desse locutor é boa, essa rádio é boa, toca umas músicas boas. E aquilo me chamou atenção. Mas aí tudo bem, eu segui minha vida no garimpo, eu tinha aí mais ou menos uns 15 anos. E aí eu trabalhando no garimpo, em 1988, começou a montar a torre da Rádio Regional AM, aqui em Nortelândia. Eu trabalhava no garimpo do Arranha-Céu e de lá dava para ver, pela distância, os caras subindo, arrumando a torre. E eu ali com os garimpeiros, eles sabiam que eu gostava, porque às vezes lá no garimpo eu ficava imitando locutor de rádio. E aí um dia eu falei para eles: “Rapaz, eu vou trabalhar nessa rádio aí”. E aí eles começaram com gozação comigo. E aí um dia eu falei: “essa é a última semana que eu vou trabalhar no garimpo. E eu vou trabalhar nessa rádio”. Porque eu imaginava que era fácil. Eu lembrava o que a vizinha falou, que a minha voz era bonita e não sei o que, falei: “vou chegar lá, vou arrumar um emprego”. No sábado, quando fechou o expediente no garimpo, eu fui e falei para o gerente: “eu não vou voltar mais a partir de segunda”. E ele: “Mas por quê?” Eu vou trabalhar na rádio de Nortelândia e aí ele ficou de gozação comigo. Na segunda-feira, eu vim aqui na rádio. Conversei com o diretor e disse que eu queria trabalhar em rádio. Ele falou: “ah, mas aqui a gente só pega quem sabe, se você não sabe, então a gente não vai contratar, porque não dá, você não entende nada de rádio”. Mas eu disse: “Ah, mas deixa eu fazer um teste?” E ele: “Eu já tenho a equipe aqui, já é todo mundo que tem experiência no rádio”. Esse dia me marcou tanto que eu nunca digo um não sem antes dar uma oportunidade para pessoa. Na minha vida, já treinei, já ensinei muitos locutores por conta disso. Com a negativa do diretor da rádio. Eu falei, não vou voltar mais para o garimpo. Os caras ficaram com gozação comigo. E em Diamantino já tinha a Rádio Parecis. Eu era ouvinte e participava também dos programas, os locutores eram: Aston Ramos, Eliane Silva, Gilberto Sorriso. E eu ouvia e participava, pedia música, eu mandava fita para sortear lá. porque eu trabalhava com um amigo no final de semana que vendia fita. Então eu fazia umas charadinhas, mandava para eles e mandava a fita pelo ônibus para eles

sortearem lá. E aí, então, eu tinha uma certa amizade com eles, uma certa amizade entre aspas. Nesse dia, quando eu tive a negativa aqui, eu fui para Diamantino, isso foi início de 1989. E eu fui lá na Rádio Parecis. Fiquei lá com eles conversando, assisti os programas, ouvi lá, tal. Aí no meia da tarde eu falei com o Gilberto Sorriso, que era o locutor da tarde. Eu tinha estado com o Aston Ramos, que era o locutor da manhã, e aí eu estava lá com o locutor da tarde, que era o Gilberto Sorriso. E disparei: “Cara, eu tinha vontade de trabalhar em rádio. É meu sonho e eu queria uma oportunidade”. Ele olhou para mim e falou assim: “Mas cara, você não sabe fazer nada”. Falei: “Caramba, me dá uma chance”. Ele virou para mim e disse: “O negócio é o seguinte, eu tenho uma vaga para operador de áudio, é das seis da tarde às onze da noite”. Eu falei, mas eu não sei nada. Ele falou: “Pois é para hoje. Eu vou te mostrar aqui como é que funciona”. Foi bem assim, minha vida. “O programa vai estar gravado, eu vou te mostrar como é que é. Então, você vai soltar a voz, para e solta a música. E aí eu falei: “Tudo bem eu vou fazer”. Eu queria essa oportunidade. Eu tinha duas escolhas: eu topo ou volto para o garimpo. Ele voltou para casa ouvindo. As seis horas eu peguei a programação. Foi um desastre. Eu não consegui parar o gravador. A voz do locutor estava gravada como se o programa tivesse ao vivo. Eu passava e soltava a música errada, um desastre, um dos funcionários que estava ouvindo a rádio, correu lá e me ensinou. Até então não tinha ninguém me ensinando. Aí beleza, eu peguei o ritmo. Bom, então eu fiquei nesse horário. O programa encerrava às onze horas da noite e o ônibus para Nortelândia passava onze e meia na rodoviária. Da rádio na rodoviária tinha uma distância considerável. Mas o ônibus podia passar mais cedo. E nesse dia o ônibus passou mais cedo, no meu primeiro dia. Eu não tive como ir embora. Eu dormi no chão da rodoviária. Tinha um cantinho que era de um restaurante. E eu peguei, deitei-me e dormi. E me lembro de que tinha passageiros à noite para pegar ônibus, tinha uma criança que estava passando com a mãe. A criança disse: “mãe, mãe tem um bêbado aqui” e a mãe falou: “não mexe não, deixei ele quieto”. E eu fiquei quietinho, dormi, no outro dia cedo peguei o ônibus e voltei para Nortelândia. Vim pegar roupa, para voltar para lá. E detalhe, eu não tinha onde dormir em Diamantino. Eu não conhecia ninguém, só conhecia os locutores. Aí eu fiquei dormindo na rádio, porque eu falei para o guarda da emissora que eu não tinha onde ficar. Ele falou assim: “olha, é o seguinte, eu deixo você ficar aqui no estúdio aqui. Você fica, mas 5 horas da manhã o pessoal chega para trabalhar, você tem que ir embora antes deles chegarem, senão o dono vai me demitir. E cinco da manhã eu pagava o ônibus de volta para Nortelândia. E de tardezinha voltava para Diamantino. Eu fiquei nessa função mais ou menos um ano, sem receber salário. Não tinha salário porque eu estava aprendendo. Algumas pessoas que me conheciam daqui de

Nortelândia, tipo Wilson Falcão e dona Leila Falcão, Wilson Falcão foi prefeito de Diamantino, eles me ajudavam, eles me davam dinheiro, que era para o ônibus. Porque eu falei que eu estava lá aprendendo e eu era uma pessoa que todo mundo conhecia. E aí eles acabavam me ajudando. E eu fiquei nesse tempo um ano lá. Aí no final de um ano chegou um diretor da rádio. E aí eu conversando com ele contei minha história. Então ele disse: “a partir de agora você vai receber o salário aqui”. Combinamos o salário. Passei a receber. Enquanto isso, a Rádio Regional crescia e eu sabia que precisava aprender mais. A Rádio Regional trouxe gente de Brasília, na verdade, trouxe gente de tudo quanto é lugar. Tinha mais de 20 funcionários aqui, departamento de jornalismo, de esporte, repórteres, operadores de áudio, programador. Então recebi o primeiro salário, consegui morar numa kitnet junto com os outros locutores, porque aí eu tinha o salário para pagar a moradia. E aí no final do mês eu realmente recebi o meu primeiro pagamento. E aí esse diretor chegou para mim e disse precisava pagar uma conta e me pediu o dinheiro do meu salário emprestado e prometeu que pagaria em três dias. E eu pensei: “vou emprestar para o cara que me pagou, nunca ninguém me pagou”. Emprestei o dinheiro. Ele foi embora da cidade e eu fiquei sem o salário. Continuei lá aprendendo e as pessoas me ajudando. No mês seguinte eu não recebi porque mudou o diretor. Era para desistir, mas eu continuei lá. Eu pedi para o operador do estúdio de gravação, ele era o responsável por gravar as propagandas, eu pedia para ele deixar eu gravar. Ele me disse: “só se você me pagar, eu deixo você gravar os comerciais”. Eu tive que pedir para as pessoas que me ajudava mais algum dinheiro, então passei a pagar o operador do estúdio para ele deixar os comerciais com a minha voz, para eu ir aprendendo locução. Eu era operador de áudio, sonoplasta e passei a gravar comerciais. Na rádio todo mundo queria fazer um dinheiro extra. Daí o que eu passei a fazer? Como eu não tinha nada o que fazer, eu só estava lá para isso mesmo, eu comecei a trabalhar para os próprios operadores de áudio, que não queriam trabalhar à noite, nem sábado, nem domingo. Eles me pagavam para eu ficar para eles. Eu aprendi a lógica, a dinâmica da casa. Chegava domingo que eu passava o dia inteiro na rádio, das cinco da manhã, às onze da noite, cobrindo para operador, eles me pagavam. Sábado, eu não tinha nada para fazer, não conhecia ninguém, eles queriam ir para as festas, queriam viajar, eles me pagavam. Fiquei e aprendi a ser operador de áudio. Voltei aqui na Rádio Regional e falei: “olha eu sou operador de áudio”. O diretor falou: “rapaz, eu estou precisando de um. Vamos fazer um teste?”. Passei e foi assim que eu voltei para Nortelândia, mais ou menos um ano e meio depois. Fui contratado para fazer a técnica das cinco às sete da manhã e das seis às onze da noite. Só como operador, que eu não sabia fazer locução. Eu me lembro do dia que o Durval Reis me chamou lá no ar e falou: “Vem aqui, de

a volta, vem cá, dá a volta aí. Ouçam a voz desse menino aqui, que esse menino vai ser um grande locutor. Vocês podem escrever aí que eu estou falando. E eu aproveitava a oportunidade e cumprimentava o público. E assim fui começando na locução. Logo depois, fui fazer o plantão esportivo, quando eu ainda era operador de áudio das transmissões esportivas, aí eu fazia o plantão, porque eu dava o resultado do jogo, eu só falava: “Flamengo três, Vasco dois, no Rio de Janeiro”, só isso que eu falava, só o resultado do jogo.

Claudia: E quando finalmente você começou na locução?

Edivaldo: Eu comecei no “*A Noite é Nossa*”, era um programa sobre Roberto Carlos, das nove às onze da noite. O pai do apresentador faleceu, ele faltou três ou quatro dias. Eu estava subindo a escada no sábado, um pouco antes das 6 da tarde. Nós tínhamos um diretor chamado Barbosa Neto, que veio da Rádio Nacional de Brasília, Ele estava descendo, indo embora, e eu estava chegando para assumir o meu horário. Aí ele falou assim, na escada, mesmo: “o Branco (apelido do locutor) não tá vindo, porque ele tá de luto, e você vai fazer o programa dele hoje”. Eu falei, mas já sou eu que faz mesmo. Só que eu estava achando que era técnica. Ele falou: “Você vai fazer a locução”. E ele não parou na escada. Ele estava no final quando ele me viu, eu subindo e ele descendo. Ele também sabia do meu sonho de ser locutor e eu já estava por ali gravando comerciais. Eu falei para ele: “Eu não sei como é que é”. Ele: “Se vira, você não o ouve todo dia. Se você fizer alguma lambança segunda-feira nós conversamos”. E foi embora. Foi assim. E falei comigo mesmo: “O que eu vou fazer? Aí eu fiquei apavorado”. O programa do Branco era muito bom, o cara fazia as mensagens, ele fazia um negócio bem legal. Quando deu 21 horas, eu entrei no ar. Eu me lembro como hoje. Como eu não sabia fazer as poesias que o Branco, eu peguei uma capa do disco do Roberto Carlos. Naquela época os discos vinham com um encarte com todas as letras. Eu li uma das letras do disco e abri o programa. O encarte salvou minha vida. Eu fiquei fazendo isso um bom tempo. Eu lembro que no início, o pessoal ligando aqui, gente que vinha aqui na rádio e queria saber quem que era o locutor, a voz nova e não sei o quê, que a voz era bonita. E foi assim que eu comecei na locução. Depois eu fui para o jornalismo e foi onde que eu fiquei, eu me firmei. Eu fiquei no *A Noite é Nossa*. Depois do luto ele não voltou mais. Eu não me lembro se ele não quis mais, eu não me lembro o que foi na época, mas ele não voltou. E eu fiquei na *Noite é Nossa* por um bom tempo. Depois comecei a fazer o programa em dupla com a Leliana Hernandez, que era programadora musical, ela tinha uma voz bonita, e aí a gente fazia o programa como se a gente fosse namorado: “Oi, meu amor, boa noite, tudo bem? Tudo bem,

meu amor”. A gente ficou fazendo isso e foi um sucesso. Ficamos um tempão, eu e ela, fazendo esse programa romântico a noite. Passei para o jornalismo, também numa situação parecida, tínhamos um jornal na Regional, acho que o locutor não pôde vir. Era do meio-dia à uma da tarde. E aí, pediram para eu fazer, eu só tinha que ler as laudas que o pessoal do departamento de jornalismo escrevia. Era só fazer a locução. Fiquei um bom tempo fazendo sempre que precisavam. Depois fui fazer reportagem, gravar entrevista na rua. Mas continuei também fazendo os programas musicais. Eu demorei sair só do musical e ficar só no jornalismo. Muito tempo depois eu assumi o programa *Médio Norte Debate*. Eu fiz tudo isso e eu só tinha estudado até a sexta série. Eu só tinha a sexta série até 2008.

Claudia: E como foi a sua volta aos estudos?

Edivaldo: Eu fui terminar o primeiro e o segundo grau. Eu fiquei fora da escola, porque tinha que trabalhar para ajudar minha família, meu pai garimpeiro e minha mãe lavadeira. Não parei de estudar pelo encantamento com o rádio, foi por necessidade. Eu trabalhava aqui na rádio à noite e durante o dia eu engraxava sapatos e fazia outros bicos. Ingressei na faculdade em Diamantino, fui fazer Direito. Logo depois fui convidado a trabalhar numa rádio em Tangará da Serra, transferei o curso lá. Daí voltei pra Nortelândia de novo, fiquei um tempo parado, mas eu queria terminar, eu sentia que eu precisava terminar, porque no rádio eu ganhava pouco.

Claudia: Há quantos anos você trabalha no rádio?

Edivaldo: Eu saí do garimpo em 1989 e fui aprender sonoplastia na Rádio Parecis, de Diamantino. Fiquei aprendendo por um ano e meio, até que consegui uma vaga aqui, na época, Rádio Regional AM, fiquei até 2008, quando eu saí para estudar. Trabalhei como radialista em Diamantino e Tangará da Serra. Voltei em 2019, já na implantação da Rádio Difusora FM, após a migração. Eu já tinha terminado a faculdade, tinha aberto o meu escritório. E eu não imaginava que eu jamais voltaria para o rádio de novo.

Claudia: Você acompanhou a migração?

Edivaldo: Eu participei de certa forma. Foi o seguinte, o Juarez fechou a Regional para reforma em 2009 fechou e nessa reforma eles não voltaram, a Difusora ficou desligada 10

anos. Eles abriram uma rádio FM em Arenápolis, o Juarez preferiu investir lá e deixou aqui fechado. Em 2019 saiu a migração da Difusora. Daí o Antônio João me chamou. Ele veio com o pai dele, o seu Zezinho, falar comigo, perguntou se eu não queria voltar para a rádio. Eu disse: “eu estou há 11 anos fora, não dá, eu acho que não dá, pelo amor de Deus”. E eles disseram: “nós queremos que você que toque a rádio, nós não vamos botar na mão de outro”. E assim, a Rádio Difusora FM está no ar há 5 anos.

Claudia: E por que mudaram o nome da rádio?

Edivaldo: A mudança do nome foi uma sugestão minha. Porque era um formato novo. Eu falei: “já que é uma novidade, vamos mudar o nome, vamos começar tudo de novo, uma nova roupagem, tudo diferente”. Eles resistiram no início, eles não queriam. Até hoje, eles voltam e meia tocam no assunto. Alguns ouvintes têm dificuldade de acostumar-se com o novo. Difusora é mais sonoro, eu acho Regional muito fraco. As vinhetas ficam mais fáceis de produzir, elas ficam muito mais gostosas sabe?

Claudia: E como foi a campanha de divulgação da Difusora FM?

Edivaldo: Então a rádio voltou como FM em 2019. Nós só colocamos a rádio no ar um período, tocando música. E falando para as pessoas. E rapidamente, acho que pelo tempo que a gente ficou sem rádio, rapidamente estava a cidade inteira ouvindo a rádio só tocando música. Enquanto a gente reformava o prédio, comprava e instalava equipamentos, contratava funcionários e elaborava a programação. A rádio estava fechada há 10 anos. Depois que eu tomei a decisão de voltar eu vim aqui no prédio, porque eu não queria voltar, Antônio João insistiu, acabei e falei, ah, tudo bem, vou voltar. Aí eu vim aqui, quando eu cheguei aqui, o Antônio João falou: “está pintada, pronta pra funcionar”. Eu falei, não, pelo amor de Deus, o sistema elétrico defasado. Não dá para funcionar aí, não. Tem que arrumar tudo de novo aí”. Antônio João disse: “Você está doido?” Falei: “Tem que trocar. Porque não dá para colocar esse equipamento novo que você comprou aí nessa instalação elétrica antiga. O quadro de distribuição de energia, não tinha nenhuma condição”. Ele olhou para mim e falou: “Então tá bom, vem ver o que precisa fazer”. Trocamos toda a instalação elétrica, não ficou um cabo de energia antigo aqui. Aproveitamos e ampliamos o estúdio que era dividido, fizemos um só, amplo. Reformulamos tudo, compramos novos equipamentos e implantamos uma rádio novinha. Do jeito que eu achava que teria que ser. Já que eles disseram para mim

que eu ia tomar conta. Falei, bom, então quero montar do meu jeito. Enquanto acontecia a reforma, o público ia sendo atraído pelas músicas.

Claudia: Quantos funcionários a rádio tem hoje?

Edivaldo: São três locutores, comigo quatro e a secretária, que também atua na produção.

Claudia: Enquanto a Rádio Regional estava fechada, qual emissora atendia a população de Nortelândia?

Edivaldo: A Regional FM, de Arenápolis, que também era da família Barros. Na época o Juarez era o diretor, quando ele ganhou a concessão da FM, eu falei: “coloca lá Regional FM, é do mesmo grupo, então fica Regional AM e Regional FM, aí ele colocou Regional FM”. Depois eu acabei trocando lá para Clube FM. Eu sou diretor das duas

Claudia: E depois da implantação da Difusora FM, há concorrência?

Edivaldo: Em Arenápolis tem a Mega e a Clube. Na rádio de Arenápolis a gente só toca sertanejo, aliás, eu fiz uma inovação, lá não toca só sertanejo, toca também, Roberto Carlos e Amado Batista. Só, mais nada. Roberto Carlos e Amado Batista são os dois cantores mais populares no Brasil. A Difusora tem grande penetração nas fazendas, sítios, além do meio urbano. Então eu tento com isso fidelizar o público com essa programação. Na Difusora a gente toco tudo, internacional, nacional, gospel. Melhor, toca tudo, menos funk. Tem uma outra coisa também, que quem faz a programação é o ouvinte. Tanto que o locutor só toca a primeira música dele, depois é só atendendo o ouvinte.

Claudia: Qual é o programa de maior audiência na Difusora?

Edivaldo: É o *De Olho na Cidade*. Ele é transmitido simultaneamente nas duas emissoras. Quem faz o programa é o povo que participa pelo whatsapp, que dá opinião, que reclama, que critica, inclusive a mim mesmo, às vezes com os meus posicionamentos que eu tenho. Eu recebo convidados, temos uma conversa inicial e em seguida começam a chegar as mensagens dos ouvintes. Quando precisamos de uma resposta a secretária entra em contato com a autoridade e já colocamos no ar a resposta. Meu programa é das 7h às 10h, precisei

impor um limite, porque na Clube de Arenópolis, às 10h tem o programa do padre Arlindo e se eu atraso aqui, o padre fica esperando lá. Se não fosse assim, o programa ia longe, são muitas participações do público e eu faço de tudo para colocar todas as mensagens no ar. A audiência é fiel. Aqui a gente tem participação do público das cinco da manhã a seis da tarde sem parar, tudo pelo whatsapp. Já a maioria das entrevistas são por telefone. A gente mede quando a gente sai na rua, que a gente vê os rádios ligados, pelas participações, os nossos convidados, principalmente os médicos, não conseguem atender todo mundo. Além do *De Olho na Cidade* eu tenho um outro programa no sábado de bastante audiência, é o Rota 93, é um programa de brincadeiras, eu coloco uma charada no ar e vou interagindo com o público, o whatsapp não para, parece que não vou dar conta de colocar todo mundo no ar. É muito gostoso, a gente brinca, eles sacaneiam comigo. São três horas de programa, a cada uma hora eu toco duas músicas para tomar uma água e ir ao banheiro.

Claudia: A rádio oferece algum tipo de prestação de serviço para a população?

Edivaldo: Olha, a gente atende reclamações das mais variadas, além de apoiar a população na cobrança por uma prestação de serviço efetivo dos poderes públicos. A gente recebe reclamações de buraco na rua, falta de água, falta de energia, pedindo melhoria no atendimento à saúde, de tudo. Eu aprendi esse formato quando eu fui trabalhar em Tangará da Serra, na Rádio Tangará AM e eu trouxe para cá, para o jornalismo, porque não era assim antes. Eu era repórter aqui no tempo da AM, mas não tinha esse formato de abrir o programa para o povo. Ainda falando de prestação de serviço, nós estamos com uma campanha no ar, que é para arrecadar dinheiro para uma pessoa que está fazendo tratamento contra o câncer. Muita gente está doando prêmios para serem rifados. Aqui o que funciona também é leilão, as pessoas doam, gado, porcos, carneiros, acaba que vira uma festa porque todo mundo vai no leilão. A rádio anuncia essas rifas, leilões e não cobra absolutamente nada e todos os locutores anunciam em seus programas.

Claudia: Como você avalia a importância da rádio para os moradores de Nortelândia e da região?

Edivaldo: Importante. Nestes cinco anos no ar temos ajudado a população resolver os problemas aqui e nas cidades vizinhas. Os problemas são dos mais diversos, seja com a Energisa (empresa de energia elétrica), que a gente consegue resolver muita coisa que eles

Preservação da memória na transição do rádio AM para o FM:
um estudo de história oral em três comunidades brasileiras

não conseguem via os canais de comunicação da Energisa, a empresa de águas, as prefeituras, entre tantos outros problemas. E a gente percebe que eles falam o quanto a rádio é importante para a comunidade, quanto que a rádio tem ajudado.

Claudia: Como está a programação da rádio na internet?

Edivaldo: Temos um site e um aplicativo exclusivo para celular. No site o usuário pode ver e ouvir a programação ao vivo, disponibilizamos as principais entrevistas do meu programa no formato de podcast. Além de outras informações sobre a rádio.

Claudia: Como quem você aprendeu a ouvir rádio?

Edivaldo: Com minha mãe e meu pai. Meu pai tinha um rádio, um Motoradio, que depois da morte dele está com minha irmã. Era um Motoradio grande. E a gente ouvia, meu pai ouvia, minha mãe ouvia em casa. E eu aprendi a ouvir em casa. Com eles, rádio. Meu pai acordava cedo, ele já ligava o radinho lá, ele ficava na janela com o rádio ligado, ouvindo, ouvindo transmissão de jogo. Ele ouvia muito rádio, a gente não tinha televisão ainda. Eu aprendi a ouvir com ele.

Claudia: Como você imagina o rádio no futuro?

Edivaldo: Eu acho que o rádio nunca vai perder os ouvintes. Tanto que ele não perdeu com a chegada de ferramentas como o Spotify. E o grande achado para mim são os aplicativos das rádios. Alguns acham que o rádio teve que acompanhar as evoluções provocadas pela internet, na verdade, ele passou na frente, hoje as rádios podem ter aplicativos, redes sociais, os próprios sites, além disso o uso do whatsapp deu agilidade na interação com os ouvintes.

Apêndice L – Entrevista com Luiz Garcia Taborda

Entrevista realizada pela pesquisadora Claudia da Consolação Moreira, no contexto da tese de doutoramento intitulada: *Preservação da memória na transição do rádio AM para o FM: um estudo de história oral em três comunidades brasileiras*, desenvolvida na Universidade Fernando Pessoa, entre 2022 e 2025, orientada pelo professor doutor Jorge Pedro Sousa e coorientada pela professora doutora Nair Prata, da Universidade Federal de Ouro Preto.

Dados da entrevista

Entrevistadora: Claudia da Consolação Moreira

Tipo de entrevista: História oral temática

Data e local da entrevista: 03 de dezembro de 2024 em Nortelândia – Mato Grosso

Período: Matutino

Duração da entrevista: 01h03m00s

Dados biográficos do entrevistado

Nome: Luiz Garcia Taborda

Tratamento pessoal: Garcia

Citação bibliográfica: Taborda

Data e local de nascimento: 20 de abril de 1963 em Porto Estrela – Mato Grosso

Atividade: Barbeiro, radialista e vereador.

Claudia: Como você começou a trabalhar no rádio?

Garcia: Eu nem pensava em trabalhar em rádio. Nem sonhava. Não conhecia, nunca tinha entrado numa rádio. E num bate-papo um dia com o Edivaldo de Sá. Nós somos bons amigos

de muito tempo. Naquele período, a Rádio Regional estava sem programa esportivo. Em tom de brincadeira eu falei para o Edivaldo. Tem como voltar com o horário esportivo. Ele falou: “não, o programa esportivo, não é viável, porque tem televisão e mostra tudo que está acontecendo e o nosso esporte é muito fraco, dá muito trabalho, tem que ir atrás”. Em seguida ele pergunta: “Por que você não faz um programa musical?” E continuou: “Vamos começar com um programa gravado, se errar a gente conserta”. Isso foi no domingo, na segunda-feira eu estava na rádio. E na segunda eu estava aqui para gravar o programa. Era um programa das sete até às onze da noite, me parece. No dia seguinte eu voltei para gravar de novo. Daí o Edivaldo chegou para me dizer que o equipamento do estúdio havia estragado. Tem que fazer ao vivo. Isso já no segundo dia. Eu falei, não, não vou mexer com isso não, ao vivo não. E o Edivaldo disse: “O programa já começou, já está tudo anunciado, não tem como desistir e tal. Tem que fazer ao vivo”. E eu, lá fui, eu para o estúdio fazer esse programa ao vivo. Eu não sei como que saiu... isso foi em 1995. Depois eu ganhei um programa da madrugada, sertanejo, que eu estou até hoje, eu sou apaixonado por esse programa. Música sertaneja, raiz, música que eu gosto. Eu estou até hoje fazendo o programa sertanejo. Depois veio a mudança das rádios AM para FM. A rádio que ficou um período desativada. E aí quando voltou, voltou com FM. Voltou com uma estrutura que poucas rádios no Brasil têm. O investimento foi pesado. E aí eles montaram um projeto novo a Regional passou a ser a Rádio Difusora FM e me convidaram para participar desse projeto. E a gente está aí para mais de quatro anos com o *Brasil Caboclo*. Na época da AM eu fazia o programa sertanejo durante a semana e aos domingos o programa *Clássicos Inesquecíveis*. O *Clássicos Inesquecíveis* era um programa que tocava Reginaldo Rossi, Fernando Mendes, Diana, Barros de Alencar, José Augusto essa turma que fazia muito sucesso no passado. Então, era um programa de muito sucesso, muita participação popular, o povo gosta muito desse programa. Mas chegou um dia que eu falei: “Cansei domingo a domingo”. O programa continua no ar com um outro apresentador, mas com a mesma dinâmica, o mesmo sucesso que tinha quando eu apresentava. Eu fazia o programa na madrugada e eu falei com o doutor Juarez, que era o dono da emissora, o chefe maior. Eu falei: “Juarez, eu posso tocar umas duas músicas, só aos sábados e tal”. E ele respondeu: “Não, ninguém quer ouvir mais isso, não. Passou, acabou. Ninguém quer, o povo não quer ouvir. Mas tudo bom, toca uma música”. Falei, duas. E assim eu criei no meu programa um quadro para voltar ao passado, comecei uma música da Diana e outra Fernando Mendes, *Cadeira de Rodas*. E veja o que aconteceu:

Tinha um rapaz que vendia CD gravados por ele mesmo. CD era o máximo. O cara falou... Encontrei com o cara na outra semana. O rapaz falou: “Você quer me endoidar? O que tem de gente pedindo CD desse povo que você está tocando na rádio, não sei onde eu arrumo e estou para ficar doido?” Isso foi entre 97, 98, por aí, não tínhamos internet aqui em Nortelândia. E esse povo aflorou, tinha público reprimido. Foi um sucesso danado, esse programa. Aí na outra semana já foram quatro músicas e tal, e depois até aqui criamos um programa exclusivo, se não me falha a memória, era: *Recordar é viver*. De um quadro se transformou num programa de sucesso. Eu criei vários outros quadros no programa, *Momento do Nordeste*, tocando duas músicas nordestinas. *Momento do Rasqueado*. Nossa região aqui é formada de pessoas de várias culturas do país. Aqui nós temos o baiano e o mineiro, o gaúcho. Mais baianos que vieram naquela época do sonho dourado, queriam ficar ricos com ouro e pedras preciosas. O pessoal daqui fala tanto de Oliveira dos Brejinhos, na Bahia, parece que eu vivi lá, mas eu nunca fui. Mas eu fico vivendo esses momentos quando falam para a gente. Ah, lá no Riacho Frio, lá no Ribeirão, no Brejinho, são tantas outras cidadezinhas que eles falam. Então por isso a gente recria essa musicalidade, voltada para esse público. O rádio é fantástico. Infelizmente, hoje, eu preferia aquele rádio antigo.

Claudia: Você ficou quanto tempo na AM:

Garcia: Eu fui de 1995 a 2007 direto. Aí eu saí porque eu não sei, aí eu me envolvi com a política. A gente foi candidato na primeira vez em 2004, a gente se elegeu vereador. Inclusive o Juarez era candidato a prefeito nosso na época, ele não teve a felicidade de ser eleito, eu fui eleito vereador. Em 2008, nós fomos candidatos de novo. Tivemos a felicidade de ser reeleito. E em, 2012 me reelegi pela terceira vez como vereador. Passei oito anos fora da Câmara de Vereadores e vou assumir novamente no próximo ano (2025), a quarta legislatura.

Claudia: Você acredita que o rádio tem ajudado na carreira política?

Garcia: Eu acredito que sim. Porque se você souber aproveitar a ferramenta, você tem êxito. Porque naquela primeira eleição minha, lá em 2004, tinham quatro candidatos que trabalhavam na rádio, Luiz Fernando, Pedro de Assis, Júlio Pinheiro e eu. E a gente conseguiu se eleger, só eu fui eleito. E na época eu só tinha o programa da madrugada. Eu não falava de política, era um programa musical. E a gente cativou uma amizade muito grande com as pessoas, através do rádio. E, sinceramente, eu acho que essa minha primeira eleição foi muito

importante. O rádio me ajudou muito. Depois, a pessoa só é reeleita se você procurar fazer um trabalho bem-feito, procurar ser correto com as coisas e assim eu fiquei por três mandatos.

Então Juarez foi eleito vereador, foi um grande vereador. Lutou pelas pessoas mais fracas, lutou por um assentamento que tem aí chamado São Francisco Foi um cara que foi para Cuiabá lá, na marcha, com a bandeira, brigando com o Incra e tal. Ele foi um cara muito importante nesse assentamento. Ele defendia muito questão da reforma agrária. Ele foi um cara que tem seus ideais. Combativo. Ele foi candidato a prefeito em 2004 e perdeu. Em 2008 foi eleito vereador, fez um belíssimo trabalho, mas não conseguiu se reeleger em 2012. Ele foi um dos grandes vereadores que esse município já teve.

Claudia: Qual é o seu diferencial como radialista?

Garcia: Eu sou um apaixonado pela música raiz. Eu gosto do rádio. Eu tenho o maior prazer em acordar às quatro da manhã e vir para cá fazer o programa, tentar animar a turma, tocar as músicas. Porque, na verdade, hoje você nem consegue fazer uma programação musical. Porque quem faz a programação musical, normalmente, é o ouvinte que pede a música. Você coloca ali a música sua, que você abre o programa, mas dali já vêm os pedidos e não tem quase mais como você falar, que o programa não toca esse tipo de música. Antigamente era assim, eu chegava aqui e a programação musical estava pronta. Não tocava se não fosse aquelas músicas, porque a gente tinha que procurar o CD e tal. Hoje é dar um clique. Então, a gente não consegue fazer um programa só com a música que a gente quer tocar. Porque se for assim, você pode parar também, porque não está tendo ouvinte. Eu sou do tempo da cartinha. Eu chegava aqui na rádio de madrugada, tinha lá, não só o meu programa, mas de todos. Tinha lá, debaixo da porta, 10, 15 bilhetinhos, cartinhas.

Claudia: Qual o programa de maior audiência da Regional AM?

Garcia: O povo aqui, dessa região é apaixonado pela Rádio Regional. Até hoje, chega mensagem de áudio e as pessoas trocam Difusora por Regional. Eu não sei falar qual era o programa de maior audiência porque naquela época todo mundo ouvia, o tempo inteiro, não tinha um rádio que não estivesse sintonizado na Rádio Regional. Naquele tempo, tinha os garimpos ainda, então o povo ouvia todos os programas da Regional, a rádio era sucesso. A rádio era sucesso absoluto.

O ouvinte é apaixonado pela Rádio Regional. Como disse no começo, o povo é apaixonado. Até hoje, há quantos anos, ainda fala Rádio Regional. Então, eu acredito que não deveria ter mudado o nome, deveria ser só Regional FM.

Claudia: A rádio desenvolvia alguma programação de eventos com a cidade? Você lembra disso?

Garcia: Nossa senhora! Fez carnaval, fez muitos eventos, muitos bailes, os grandes bailes, grandes públicos. A Rádio Regional, ela fez um evento em Arenápolis, por exemplo, o Carnaval de Arenápolis. Era o carnaval de maior sucesso na região, acho que até em Mato Grosso. Foi um carnaval muito famoso e a Rádio Regional fazia transmissão.

A rádio sempre foi solidária, todos, não só com o pessoal aqui de Nortelândia, mas das cidades vizinhas também. Quando a coisa é correta, é séria, a rádio abre o espaço e faz gratuitamente. Agora por exemplo está pedindo ajuda para custear o tratamento contra o câncer de um morador. Isso vem do tempo do seu Zezinho. Essa família tem um coração bom demais.

Claudia: Pensando na programação de hoje da emissora, houve alguma mudança na linguagem?

Garcia: Eu faço como se estivesse no AM. Porque, eu acho que o que mudou agora foi só o som, a qualidade do som, da AM para FM, essas coisas todas. Você tem que interagir com o seu ouvinte, conversar com ele, animar ele, de repente. Quando a gente fala no rádio, a gente não sabe onde vai chegar. Eu encerro meu programa todos os dias com o seguinte pensamento: “O filho que ouve o conselho do pai e da mãe, só se dá bem na vida”. A gente não tem ideia da dimensão. Quando eu comecei o Antônio João disse certo dia: “cuidado com o que você fala, depois que você fala, não consegue voltar atrás. Veja o que você fala aí, toma cuidado”. Não tem como botar dentro da caixinha mais não.

Claudia: Você já escutou rádio na internet? Qual emissora?

Garcia: Eu escuto a Centro América FM, de Cuiabá, sempre a gente ouve pela internet, são várias rádios que eu escuto. Eu estava ouvindo uma rádio do Piauí, eu estava em busca de uma pessoa, encontrei através da rádio. Um amigo meu falou: “rapaz, eu não sei o que eu vou fazer, porque eu perdi o contato com a minha família. A minha mulher morreu e eu não sei o

que fazer, estou perdido”. Falei, mas sua família era de onde? “De Joaquim Pires, no Piauí”. Ele me falou o nome da cidade. Falei, me dá o seu nome completo, o nome dos seus parentes, dos seus pais, tia, tio, o que você tem lá. Eu pesquisei na internet e achei duas rádios na cidade. Entrei em contato, um funcionário respondeu, aí eu falei com ele, ele me passou o telefone, já mandei áudio para a pessoa lá, gravei um áudio com esse senhor e enviei para esse radialista. Era umas sete horas da manhã, quando eu mandei, nove horas o cara mandou o retorno. “Já encontramos o povo aqui. Já encontramos o povo aqui”. Duas horas depois, encontramos a família. Esse senhor ficou sem acreditar no que havia acontecido. Ele vinha em casa quase todo dia. E dizia: “Hoje eu falei quase duas horas na chamada de vídeo com um parente meu, com minha tia, com meu padrinho, com não sei quem. Encontrei todo mundo”. Para mim foi uma sensacional única. Vou te mostrar um áudio que ele me mandou: “Oi, boa tarde, Garcia. Garcia, mas eu já conversei com meus parentes hoje. Conversei também com essa sobrinha minha, depois ela passou para a mãe dela, minha irmã. Depois ela ligou para outra tia dela, minha irmã também. Conversei com a tia da irmã, a tia dela. Minha irmã e com outra sobrinha minha. E depois eles passaram com meu irmão mais velho que eu. Ele mora no sítio mais lado da internet também. Conversei, acabei de conversar com meu irmão de agora. Minha irmã caçula, que é mais nova que eu”. Antes ele tinha uma voz triste, sofrida. Hoje a sente a alegria na voz dele.

Claudia: Qual é a lembrança pessoal mais antiga que você tem do rádio? Você lembra do rádio na sua infância?

Garcia: Eu nasci em Porto Estrela, a 107 quilômetros de Cáceres. E naquela época, naquele vilarejo de Porto Estrela, eu me lembro que poucas pessoas, não tinham quase nada. E quem tinha um rádio então, nossa senhora! E aquele radião, não sei se era o Semp Toshiba, eu não sei se era um rádio Continental, eu não me lembro. Era um rádio de mesa. Era um rádio grande. E aí as pessoas colocavam duas varas de um lado da casa. Aquela vara era a antena ligada ao rádio por um fio. Aí a pessoa ia sintonizando e aí a gente ouvia. Eu era pequeno, só escutava de vez em quando, na boca da noite. Eu lembro de ouvir *Zé Bettio*, era um programa de São Paulo. A lembrança que eu tenho do rádio é essa, do rádio grande. Porque quando a gente é pequeno, tudo é grande para a gente.

Claudia: Como você imagina o rádio no futuro?

Garcia: O rádio tem muito ainda a crescer. Todo mundo achava que com a internet o rádio ia acabar. Enganaram. O rádio melhorou. O rádio hoje, nós temos ouvinte aqui. No meu programa tem gente lá em Portugal ouvindo o programa, pedindo música. Onde que se imaginava que isso aí, antes da internet, se conseguiria isso? Que através dos aplicativos que a rádio tem. Então acredito que a rádio ainda tem um espaço fantástico pela frente. Não penso que o rádio vai morrer, não vai morrer, só vai fortalecer cada vez mais.

Preservação da memória na transição do rádio AM para o FM:
um estudo de história oral em três comunidades brasileiras

Apêndice M – Entrevista com Antônio Peres Pacheco

Entrevista realizada pela pesquisadora Claudia da Consolação Moreira, no contexto da tese de doutoramento intitulada: *Preservação da memória na transição do rádio AM para o FM: um estudo de história oral em três comunidades brasileiras*, desenvolvida na Universidade Fernando Pessoa, entre 2022 e 2025, orientada pelo professor doutor Jorge Pedro Sousa e coorientada pela professora doutora Nair Prata, da Universidade Federal de Ouro Preto.

Dados da entrevista

Entrevistadora: Claudia da Consolação Moreira

Tipo de entrevista: História oral temática

Data e local da entrevista: 25 de outubro de 2024 em Cuiabá – Mato Grosso

Período: Matutino

Duração da entrevista: 01h54m32s

Dados biográficos do entrevistado

Nome: Antônio Peres Pacheco

Tratamento pessoal: Antônio

Citação bibliográfica: Pacheco

Data e local de nascimento: 15 de outubro de 1963 em Aragarças – Goiás

Atividade: Empresário/editor literário e jornalista

Claudia: Quando você começou a trabalhar no rádio?

Antônio: Precisamente... Eu sou muito ruim para data, eu sei que foi na virada de 89 para 90 que eu entrei na rádio. Eles (a Rádio Regional) tinham recém-inaugurado, tinha muito pouco tempo.

Eu morei em Nortelândia em dois períodos. O primeiro período foi 1984, 1985. E voltei em 1989. Só em 1989 comecei com o rádio. Na verdade, eu voltei em 87, quando eu me casei com uma menina de Nortelândia, minha esposa é de lá. Meus filhos são nortelandenses, a família da minha esposa é de lá. Mas assim, eu tenho uma irmã que mora lá. Há muitos, muitos anos. Minha irmã mora lá, tem bem mais de 35 anos. Eu conheci Nortelândia através da minha irmã. Eu nem sabia que Nortelândia existia. Minha irmã fugiu de casa adolescente com umas amigas e ficou desaparecida quase um ano. A gente não sabia a notícia dela. Na verdade, eram duas irmãs. As duas irmãs fugiram juntas, mais umas três amigas dela, todas adolescentes. Essas meninas sumiram e a gente não sabia onde estavam. Falavam que estavam em um lugar, a gente ia atrás. Falavam que estavam no outro, a gente ia atrás, até que um dia um amigo nosso, garimpeiro de Aragarças chegou de viagem e disse no bar da minha tia que tinha encontrado minhas irmãs em Mato Grosso, em Nortelândia. Fui procurar este garimpeiro e ele me garantiu que havia encontrado as minhas irmãs e as amigas delas. Minha mãe falou: “Tem como você ir lá ver como está a vida delas?”. Eu estava indo para São Paulo, eu havia traçado um plano de vida para mim. Eu queria ser jornalista, correspondente de guerra. E o único jeito era São Paulo. Eu já fazia jornalismo, já trabalhava no jornal e tal. Eu falei: “não, eu vou, antes de eu ir pra São Paulo, eu passo lá e vejo como que elas estão”. Fui para Nortelândia, cheguei lá, elas não estavam bem. E eu... resolvi ficar um pouquinho mais para ver se eu conseguia convencê-las a voltarem para casa. Fiquei uns dias lá e naquela, se eu ficar aqui eu vou ficar gastando meu dinheiro, preciso arrumar um jeito de ganhar uma grana. Antes de ser jornalista, eu era pedreiro. Pensei: “vou encarar uma obra”. Precisava arrumar alguma coisa.

E consegui arrumar um trabalho, uma construção na zona do baixo meretrício, estavam construindo uma casa nova lá. Fui trabalhar nessa obra. Trabalhando nessa obra, o dono da obra era o dono de uns postos de gasolina. E conversando com ele, ele percebeu que eu tinha estudo, que eu tinha uma certa cultura. Ele falou: “o que você está fazendo trabalhando em construção civil?” Eu falei: “não, eu estou aqui temporariamente. Minha ideia é ir pra São Paulo. Eu vou para lá, eu vou estudar, eu quero fazer faculdade de jornalismo e quero trabalhar num grande jornal, eu quero ser correspondente de guerra”. Ele falou: “Cara, mas em vez de você ficar trabalhando em construção, você não quer trabalhar no banco?” E eu

respondi: “Trabalhar em banco, como?”. E ele: “Eu sou amigo do gerente do banco de Arenópolis. Se você quiser, eu arrumo para você. O banco é melhor que construção civil”. Então, fui ser bancário. Foi no banco que conheci seu Zezinho Barros (dono da Rádio Regional) e os filhos dele, Antônio João, Juarez, Zé Augusto e Maristela. Fiquei trabalhando no banco até vir o Plano Cruzado e os salários foram congelados, ficou impossível se manter lá, eu saí do banco e voltei para Aragarças. Levei minhas irmãs de volta para a casa dos meus pais e voltei a trabalhar no jornal, porque era o que eu queria realmente fazer. Mesmo trabalhando no banco eu era uma espécie de correspondente à distância dos jornais lá da minha cidade, de Aragarças, Barra do Garças, porque eu usava o Telex do banco para mandar as notícias. Eu não conseguia ficar longe do jornalismo. Aconteciam muitas histórias, principalmente histórias de violência, de criminalidade. Eu sempre tinha notícias para mandar para lá. Nunca me desliguei do jornalismo.

Nortelândia nesta época ainda não tinha rádio, mas eu lembro de conversas que eu tinha com o Juarez, com o seu Zezinho. Eles tinham vontade de colocar um jornal e um jornal. A rádio foi um pedido dos filhos. E eu lembro que eu tive essas conversas com eles nesse período que a gente fez amizade. Eles sabiam que eu escrevia, que eu já tinha trabalhado em jornal. Então, como eu estava falando, depois desse período, foi aí que eu conheci minha esposa e foi assim que surgiu a minha relação com a Nortelândia. Não tinha rádio, não tinha jornal. As notícias que chegavam eram através da Capital, das rádios da Capital para quem tinha o Transglobe. Eram os nossos meios de informação. Na época que eu conheci Nortelândia, tinham duas rádios que eram bem influentes lá, que eram muito ouvidas, a Rádio Nacional e a Rádio Globo, então, todo mundo ouvia, o rádio era o meio principal de comunicação.

Eu me casei, vim morar em Cuiabá, fui trabalhar na TV Centro América, e no Jornal do Dia, depois fui o grupo do Dorileo Leal, no Jornal A Gazeta, fiquei trabalhando aqui em Cuiabá. Quando foi em 89, na virada de 89 para 90, eu encontrei com o Juarez no Palácio do Governo, fazendo uma matéria e aí ele falou: “Olha Antônio, nós inauguramos a rádio em Nortelândia, eu estou precisando de alguém para fazer o jornalismo da rádio. Você não topa ir para lá?”. Eu falei: “Olha, depende, pagando bem que mal tem”. Minha mulher não sai lá de Nortelândia mesmo. Minha irmã morava lá, ela voltou para Nortelândia, porque ela tinha um namorado. Ela não ficou lá na minha cidade, em Aragarças. Quando eu vim para Cuiabá, logo depois, ela foi para Nortelândia, acabou casando-se. Minha mulher também não saía de Nortelândia. A gente morava aqui, mas minha mulher todo final de semana pegava as crianças e ia pra Nortelândia e deixava eu aqui. Eu tinha que trabalhar.

Eu tinha três empregos, trabalhava no Jornal do Dia, trabalhava na Centro América e trabalhava na Prefeitura de Cuiabá. Eu dava o expediente no jornal de manhã, até uma da tarde. Seguia para a prefeitura, ficava até as seis da tarde e ia para a TV Centro América, eu fazia o turno da noite. Entrava às seis e meia, às sete horas, e ficava até quando eu fechava a última matéria. Às vezes era uma hora, duas horas da manhã, três horas. Isso quando acontecia alguma coisa quando a equipe estava saindo na TV, o telefone tocava. Certa noite, aconteceu um assalto no Banco Itaú, em Várzea Grande. Eu e a equipe amanhecemos o dia para colocar a matéria no ar no jornal da manhã. Então, assim, foi um período muito difícil. Eu, casado há pouco tempo, dois anos de casado, a mulher não aguentava ficar aqui em Cuiabá. Ela era funcionária pública do Estado, chegava no final de semana, sexta-feira, seis horas, já pegava um ônibus com as crianças e ia embora. E eu ficava aqui. Então, já era uma situação complicada. E quando o Juarez me fez a oferta de ir para rádio. Eu pensei: “É um jeito de eu ficar perto da minha mulher e dos meus filhos e morar numa cidade pequena”. Ele me fez uma oferta boa financeira na época. Só que a gente não contava com o futuro. Eu fui pra Nortelândia. A rádio não tinha sequer uma grade de programação definida. Eu fui logo que inauguraram, lá já estavam o Enéas Jacobina e o Barbosa Neto. O Barbosa Neto eles trouxeram de Brasília, da Rádio Nacional. O Enéas, entre todos os que haviam sido contratados, ele era o mais preparado. Porque ele fazia locução, apresentava programas e dominava a parte técnica. Ainda tinha o Lara, que depois até o filho dele ficou no lugar dele, entrou para aprender a técnica e acabou virando locutor também. E tinha um rapaz, não vou lembrar o nome dele, ele fazia carro de som na cidade. E quando inaugurou a rádio, o seu Zezinho deu um horário para ele fazer um programa, era no final da noite. A programação era aleatória, cada um fazia a sua, fazia do seu jeito, não tinha uma linguagem, não tinha nada, não tinha serviço. Era aquela coisa, o louco entrava e ficava falando, falando, tocando música. E era isso.

Claudia: E quando começou o jornalismo na Rádio Regional?

Antônio: O Juarez me contratou para organizar o jornalismo, até então a rádio não tinha jornalismo, mas era obrigatório por lei federal. Pensei, primeiro vamos fazer uma grade de programação aqui. Não pode ser bagunçado daquele jeito. Tem que ter os horários, tem que ter os espaços para inserção, a gente tem que limitar isso, não pode ser propaganda aleatória. O apresentador começava a falar dessa água aqui, e aí ia falando, falando, falando, começava a falar do dono, falava do sobrinho do dono, do tio do dono, e ia misturando assuntos, e o

intervalo virava uma novela. Eu falava, não, não é assim que o “trem” funciona, então vamos fazer o negócio certo. A inserção seria de 15 ou 30 segundos. Quer uma propaganda mais longa? Um minuto, um minuto e meio. Fazemos, mas por um preço especial. A empresa vai patrocinar um programa, perfeito. Vamos falar o nome da empresa, o endereço e a oferta que ele tiver no dia. Nós não tínhamos estúdio para gravação, era só o microfone no ar. Então, não tinha nem tempo para você parar a rádio para gravar propaganda, até isso era um problema. Falei: “vamos organizar aqui. Vamos separar o final de semana para gravar as propagandas e deixamos a rádio tocando música”. Então, assim, foi toda uma organização que eu tive que fazer. Porque não tinha organização, não tinha. Aos poucos os efeitos foram surgindo. Dei um ar de rádio, de emissora. Tínhamos os horários definidos. Às cinco da manhã começava com sertanejo, com o Lara. Às sete, o *Primeiro Jornal*, apresentado pelo Barbosa Neto. Eu nunca tive voz boa para rádio, apesar de feito reportagem de televisão antes de ir para Nortelândia, minha voz é muito leve para quem está acostumado com rádio. Eu pedia para colocar um pouco mais de grave, mas eu achava artificial, porque a pessoa ouvia a minha voz no rádio, depois eu me ouvia falando, não era a mesma voz. Era algo que eu não gostava de ouvir. Mesmo assim, eu que apresentava o *Primeiro Jornal*, depois que o Barbosa Neto passou a apresentar. Ele apresentava o jornal e continuava no programa dele, que era um programa de variedade, uma revista, que eu procurei dar mais ou menos um formato de revista, mas ele era muito nariz empinado, ele era um senhor já mais de idade, tinha trabalhado na Rádio Nacional, muito orgulhoso da própria história e ciumento. E a minha relação com ele não era boa, porque ele queria ficar no meu lugar. Até que ele conseguiu, mas enfim. Mas eu consegui organizar o programa, dei um formato para ele falar, vamos fazer um programa revista. Entra com as informações gerais, com o seu bom papo, com a sua conversa, com o seu diálogo com os ouvintes e com as músicas, e deixava ele escolher as músicas. Eu era responsável também por definir a grade musical da emissora, mas no caso dele eu não quis interferir. Falei: “Você escolhe as músicas que você está acostumado a tocar nos seus programas lá na Rádio Nacional. Eu não vou forçar você a colocar uma playlist que você não domina, que você não curte, que não vai ser legal para você e não vai ser legal para os ouvintes. Vamos ver se os ouvintes gostam da sua playlist. O importante é você cativar o seu ouvinte”. Eu tive um outro problema com o Barbosa, nosso público nas manhãs eram as donas de casa e os trabalhadores que estavam no comércio, estes estavam com o rádio ligado, esse era nosso público, era com eles que precisamos atingir. Mas era queria fazer um programa voltado para os garimpeiros. Eu dizia: “Pela manhã o garimpeiro está preocupado com as dragas, com lavagem do cascalho, o serviço no garimpo é puxado, a preocupação é

outra. Ele vai ouvir rádio de madrugada e no final da tarde. No teu horário você não atinge o garimpeiro, você tem que falar é com a dona de casa e com o trabalhador da cidade”. Enfrentei um grande problema, porque ele queria falar com os garimpeiros, queria fazer amizade com os garimpeiros. Eu falava: “Não adianta você ficar mandando recadinho para as dragas, não vai funcionar, esse povo não tá te ouvindo. Só fica chato para quem está em casa e queria tá ouvindo uma música e você fica falando coisa que não interessa pra ele”. Enfim, fomos nos ajustando. O importante é que a gente conseguiu fazer um jornalismo legal. Esqueci de colocar Agapito, ele foi muito importante, ele era um técnico. Ele hoje é professor, se eu não me engano, de uma universidade em Tangará da Serra. Ele era um técnico e ele foi a pessoa que viabilizou a gente fazer jornalismo de rua, não tínhamos estrutura para isso. Mas o Agapito conseguiu organizar a rádio para receber sinal de um carro adaptado para as reportagens de rua. A gente tinha esse jornal de manhã, que era de estúdio e um jornal de meio-dia. Tem uma outra pessoa muito importante, o Titico. Titico era sobrinho do seu Zezinho, ele já faleceu também. Era o homem do programa de esportes na rádio.

O sonho do Juarez era que a Regional fosse, de fato, um grupo de comunicação. O sonho dele era que a rádio fosse o embrião de um grupo de comunicação de fato, com rádio, televisão, jornal e com site, porque na sequência de 1991, 1992, a internet começou a bombar e ele tinha essa visão. De informatizar modernizar a rádio, de manter a rádio na ponta. Ele foi um dos primeiros a falar, antes mesmo que se tornasse obrigatório, ele já queria transformar a Regional AM em FM ou então, ter um outro canal que fosse FM.

Claudia: E como era audiência, a receptividade do público?

Antônio: Era muito boa. A cidade parava para ouvir nossos jornais. Era fantástico, além da mobilidade, ganhamos instantaneidade, entrávamos direto da rua, entrevistávamos as autoridades, os comerciantes, os moradores ao vivo no programa, era muito ágil.

Claudia: E para a população, como a comunidade reagia?

Antônio: Olha, eu sou suspeito para falar. Porque eu fazia parte de quem estava fazendo, então para nós o encantamento era grande. Mas para população eu acho que era maior ainda, porque era novidade para eles também. Aquilo não existia antes e de repente, passou a existir, estava ali, pertinho deles.

Então, as pessoas viam o carro da rádio parado, estacionado, eu falando, entrevistando alguém na rua. Era tudo ao vivo. Tudo ao vivo. Quando a gente parava na praça, por exemplo, para entrevistar alguém lá na praça, a gente começava a entrevista e, daqui a pouco, estava cheio de gente em volta, vendo e ouvindo o rádio a gente fazer rádio ali ao vivo. Então eu acho que era um encantamento para as pessoas também. Uma novidade maravilhosa.

A Rádio Regional um orgulho para a cidade e a era ouvida em Diamantino, Arenópolis, Santo Afonso, Marilândia, Alto Paraguai, Denise, Tangará da Serra, porque apesar de a gente não cobrir a região inteira, porque era impossível a gente estar se deslocando para todo quanto era lugar. A gente, de vez em quando, fazia transmissões ao vivo de outras cidades, de Diamantino fizemos algumas, Alto Paraguai. A rádio tinha contrato com as prefeituras, com a Câmara de Vereadores. A gente ia lá, conversava com o presidente da Câmara, conversava com o prefeito, falava sobre obras, eventos que estavam acontecendo na cidade. Aquilo era maravilhoso, ter uma rádio na cidade. A rádio era uma espécie, vamos dizer assim, “o coração da cidade”.

Deu na Rádio Regional, então era um fenômeno. Falar na rádio então, poxa vida, os programas como o Barbosa, tinha uma linha telefônica para interação com os ouvintes, entravam no ar para mandar recados, pedir músicas. Era muito legal.

A gente fazia muito serviço, muitas campanhas solidárias, a gente auxiliava as pessoas, as pessoas ligavam pedindo ajuda, atendimento médico, alimentos, cadeira de rodas. É aquela coisa de assistencialismo mesmo. E dentro das possibilidades da rádio, a gente procurava ajudar. E conseguimos ajudar algumas pessoas, mas eu não ficava na linha frente. Eu cuidava do jornalismo, meu foco estava muito mais nas notícias.

Claudia: Você já havia trabalhado como jornalista na capital, isso ajudou?

Antônio: Muito, muito. A gente tinha um fluxo de notícias, de informações muito boas. Muito em função mesmo das relações que eu tinha quando eu trabalhei na capital. Eu tinha muitas fontes aqui. Como eu já era conhecido na capital, para mim era fácil eu ligar para uma autoridade aqui em Cuiabá, um deputado, por exemplo. O próprio prefeito de Cuiabá, o governador já me conhecia, sabia quem eu era, falava que era Antônio Peres. Queria uma entrevista e tal, e conseguia fazer essa entrevista. Hoje é mais difícil, o pessoal do interior não tem tanto acesso. As autoridades aqui na capital, no tempo que eu trabalhei na Rádio Regional, nós conseguíamos. Era um outro nível de relacionamento. Aí também já é outra

história, da própria decadência do jornalismo enquanto profissão, enquanto meio de informação.

Claudia: A Rádio Regional realizou entrevistas ao vivo com os candidatos à presidência da República em 1989? Como foi possível?

Antônio: Nós fizemos o caminho certo. Nós nos credenciamos junto à Secretaria de Comunicação do Governo Federal. E conseguimos, através desse canal, nos colocarmos como uma das rádios interessadas em divulgar conteúdo do governo federal. Com isso, a gente abriu um canal, que nos facilitou o acesso às informações palacianas. Então, com a credencial tínhamos acesso a tudo que é divulgável. O ruim é que a gente estava no interior de Mato Grosso e Brasília ferve. Então a gente estava sempre muito atrasado porque não estava ali no dia a dia acompanhando.

Na época eu lembro de a gente ter adotado uma estratégia de, em vez de fazer o *hot news*, a gente fazia abordagens de temas mais, digamos, frios, mas com um tempo maior de interesse para população, peneirar os assuntos, peneirar os temas, peneirar os acontecimentos, aquilo que realmente tivesse algum impacto em Mato Grosso. O primeiro critério era esse, que tivesse a ver com o Mato Grosso. E, em segundo lugar, que interessasse a macrorregião, a microrregião que a gente estava, que é a região do Médio Norte. Esses eram nossos filtros, digamos, os dois principais filtros que a gente tinha para fazer essa cobertura de Brasília. E aí os interesses políticos, lógico, do seu Zezinho, do grupo, que tinha lá os seus contatos, algumas as pessoas que interessavam entrevistar, dar maior visibilidade, e a gente fazia isso. Entrevista com ministros que tivesse a ver com Mato Grosso, que tivesse a ver com a região. E foi um período assim, se você pegar a história da Rádio Regional de Nortelândia e fizer uma sobreposição à história de Mato Grosso, do desenvolvimento de Mato Grosso, você vai ver que casa justinho. A gente vivia a virada de 80 para 90, um momento de *boom* da economia mato-grossense. A gente estava num processo aceleradíssimo de desenvolvimento no setor agroindustrial. E aí eu falo agroindustrial porque assim, pouca gente lembra da indústria. Mas naquela época, o pouco que a gente tem hoje foi construído naquela época. Se tivessem dado sequência ao projeto de agroindustrialização que foi iniciado, pelo seu Júlio Campos (governador à época), Mato Grosso hoje seria, de fato, a sonhada Califórnia brasileira. Mas abandonaram o projeto no meio do caminho.

Mas voltando as entrevistas com os candidatos à presidência. A Rádio Regional tinha uma pessoa com visão de futuro fantástica, que foi o Juarez. Ele nunca viu a Rádio Regional como uma rádio local. A ideia dele nunca foi atender só Nortelândia e Arenápolis, mas sim, o todo Médio Norte mato-grossense, ele tinha essa visão. Com esse pensamento, nós fomos atrás da informação, queríamos saber como poderíamos ter acesso às notícias do governo federal. Lá vamos nós, eu e o Juarez para Brasília buscar informação para nos credenciarmos. Realizamos todos os procedimentos e com o credenciamento autorizado a Rádio Regional entrou no circuito das rádios brasileiras que tinham acesso aos corredores da capital federal. Então assim, hoje tem muita rádio no Brasil que está fora da cadeia nacional e nós não, fizemos questão de entrar na cadeia nacional. Nós queríamos que quando fizesse um *pool* de rádios, a nossa rádio estivesse lá. A nossa! Eu já me entusiasmo. Que a Regional estivesse lá, o Juarez conseguiu isso. Então para mim, que fazia o jornalismo, ficou fácil. A partir do momento que a regularizou o credenciamento abriram-se os canais. Competia a mim fazer os contatos, marcar e fazer as entrevistas. Eu já tinha uma experiência de jornalista, o que facilitou muito. Talvez se fosse uma outra pessoa não tivesse conseguido, mas eu tinha muitos contatos, eu tinha muitas fontes, eu tinha muita informação. Por exemplo, você fala de campanha política. Eu tinha contatos com a campanha do Collor, eu tinha os telefones, os e-mails dos assessores. Eu tinha os contatos do Lula, porque politicamente eu sou mais ligado à esquerda. Eu tinha uma rede de network todinha dentro da esquerda. Mas, eu tinha também, o contato com o pessoal do PSDB, que era um partido que estava no auge, tanto aqui em Mato Grosso, quanto no Brasil. Tudo isso facilitou, talvez um outro profissional não tivesse tantas fontes quanto eu tinha, não tivesse conseguido. Mas eu não só tinha as fontes, mas eu sabia como chegar nas pessoas. Então, assim, para mim não foi difícil conseguir estas entrevistas, foi natural, eu achava natural, tanto é que eu não registrei isso como nada extraordinário. Para mim, à época, era normal estar em Brasília na posse do Collor. Muito tempo depois, é que eu fui ter consciência da grandiosidade do feito, porque, de fato, nós fomos a única rádio de Mato Grosso presente na posse do Collor.

Nós ficamos dois dias em Brasília, chegamos na véspera da posse, Brasília estava fervendo, fomos ao Congresso, entrevistamos senadores, deputados, ministros. Só não conseguimos entrevistar o Collor. Eu corri atrás para gente conseguir uma exclusiva com ele, mas, infelizmente, o cerimonial do Palácio decidiu que ele não daria exclusivo para ninguém, o que foi uma mentira, porque a Globo veio com a entrevista exclusiva do Collor, que matou todo mundo de raiva. Mas foi muito bom a gente estar lá fizemos a transmissão da posse,

tudo ao vivo. Entrávamos direto de Brasília no programa do Barbosa Neto foi muito legal, foi muito bom. Eu acho que Nortelândia nesse dia deve ter explodido de orgulho. Quem estava base deve ter ficado muito feliz também.

Claudia: Qual era o seu diferencial como funcionário da rádio? Você foi contratado por quê? O que você tinha de diferente a oferecer para Rádio Regional?

Antônio: Eu acho que eu tinha o know-how que eles precisavam. Eles queriam implantar um departamento de jornalismo. O Juarez já conhecia o meu trabalho, já me conhecia como jornalista. O que eu consegui agregar à Rádio Regional foi o profissionalismo, porque eu cheguei num ambiente que não tinha uma estrutura profissional, era muito amador, era muito improvisado, não havia uma preocupação em falar com públicos distintos, a cada horário você tinha um público diferente, esse conhecimento que eles não tinham. Eles não tinham esse conhecimento da comunicação como ciência. Apesar de eu não ser formado na época, mas eu já tinha uma bagagem grande. Eu comecei no jornalismo em 1984. Quando eu cheguei na rádio em 1990, olha o tempo que eu já tinha percorrido, o caminho que eu já tinha percorrido.

Meu primeiro contato com o jornalismo foi em Barra do Garças, trabalhei fazendo caricaturas e *pestape*, eu montava as folhas que iriam ser fotolitadas e depois impressas, a impressão já era a frio. Eu comecei nessa época, lá em Barra do Garças, ainda não tinha gráficas que faziam impressão a frio, então era tudo a quente. Mas pouco tempo depois que eu estava no jornal, que eu tinha começado no jornal, o jornal começou a ser impresso em Goiânia.

Claudia: O que motivou a sua saída da Rádio Regional?

Antônio: Na verdade, o plano Collor acabou com a economia do país. Com toda a inflação que a gente tinha, havia uma necessidade de fazer alguma coisa, mas tomaram a pior decisão. Porque o plano Collor, além de congelar preços, ele congelou salários por baixo, congelou vidas, sonhos, projetos, não sequestrou apenas a poupança. A situação financeiramente a minha permanência na Rádio. O salário estava congelado, não podia aumentar. tinha sido congelado por baixo. Os dois planos, Cruzado e Plano Collor foram adotados numa época terrível para o trabalhador brasileiro, porque foram adotados em maio, data-base de 90% das categorias. Você já vem um ano de salário corroído de inflação e chega na sua data-base e o governo congela seu salário. Foi para matar de fome as famílias e quebrar todo mundo,

principalmente o trabalhador assalariado. Quem estava acima dessa cadeia, desse estágio econômico foi afetado, mas conseguia administrar. Para o trabalhador ficou ruim. A rádio não podia aumentar o salário, mas ofereceu alternativa, vender comerciais, ou seja, nós teríamos de pagar para trabalhar. Daí falei para o Juarez, falei para o seu Zezinho: “Eu não vou pagar para trabalhar. Eu vou vender comerciais para pagar vocês pagarem meu salário? Não, eu vou me pagar. Não tem condição”. Na minha cabeça essa lógica não entra. Eu não sou dono do meio de produção. Então, vocês que são donos do meio de produção, vocês têm que me pagar pelo meu suor que eu vou derramar, pelas minhas horas, pela minha vida, a parte da minha vida que eu estou dedicando para produzir o seu conteúdo. Se você não tem o dinheiro para me pagar, eu não vou derramar meu suor, não vou dedicar minha vida. É a minha concepção marxista de mais-valia, de relação de trabalho. Eu não me sujeito a isso. E por coincidência, tinha acontecido um fato um pouco antes, que me deu mais tranquilidade para tomar a decisão de sair da rádio. Eu era correspondente do Jornal A Gazeta na região e fazia a distribuição do Jornal A Gazeta na região. Eu já tinha trabalhado com o João Dorileo Leal no Jornal O Dia aqui em Cuiabá e eu era correspondente. Quando veio o Plano Collor e aquela situação toda, eu vislumbrei a possibilidade de ter que sair da rádio, porque eu não conseguia pagar, cobrir as minhas despesas. Eu tinha duas crianças pequenas, uma esposa, eu precisava sustentar a minha família e o dinheiro não estava dando. Eu falei, não tem como continuar aqui. Não consigo pagar o mercado, não consigo pagar a água, não consigo pagar a energia elétrica. Porque os salários foram congelados, mas energia, gás, água, telefone, tudo isso ficou liberado, foi um processo de empobrecimento do trabalhador brasileiro. Quando eu vi essa possibilidade eu falei com a minha esposa: Eu preciso voltar para Cuiabá, pior que seja o salário lá, é melhor do que o que eu estou ganhando aqui”. Conversei com o Dorileo e ele disse: “Se você chegar aqui amanhã, amanhã mesmo você começa, vai trabalhar na editoria de geral”. Perguntei: “Quanto você vai me pagar?”. Quando Dorileo fala que vai me pagar seis salários-mínimos, eu ganhava dois na rádio, respondi imediatamente: “Amanhã cedo eu estarei aí”. Dito e feito, às oito horas da manhã eu estava na porta do jornal, que ficava na Cursino do Amarante. Voltei depois para buscar a esposa e as crianças. Aqui em Cuiabá me dediquei ao jornalismo impresso e a televisão.

Claudia: Como você avalia a importância do veículo rádio?

Antônio: Eu lamento que tenha se tornado digital. Eu acho que rádio tem que ser analógico, até por uma questão de segurança. A gente vive numa época em que grandes catástrofes

podem ocorrer a qualquer momento, uma guerra pode acontecer a qualquer momento e a gente está muito dependente do digital. Eu fico pensando no apagão que pode haver se der um problema com esses satélites.

Claudia: Qual é a lembrança pessoal mais antiga que você tem do rádio?

Antônio: Olha só. Agora você me emocionou [pausa]. Minha lembrança do rádio mais antiga é eu no colo do meu pai ouvindo a BBC de Londres, eu tinha três ou quatro anos. Meu pai morreu muito cedo, com quarenta e oito anos e eu tinha cinco anos quando ele faleceu. Então, assim, [pausa] o meu amor pelo rádio, acho que nasceu ali no colo do meu pai, escutando a BBC de Londres. Meu pai era um descendente português, ele nasceu..., ele era da região do Porto. Mas veio muito criança para o Brasil, a família dele fugiu na época do auge da perseguição do regime Salazarista, fugiu aqui para o Brasil. Meu pai cresceu em São Paulo, era alfaiate. Meu pai foi um dos fundadores do Sindicato dos Alfaiates de São Paulo, ele pertencia ao Partido Comunista e ele foi designado para formar um sindicato em Goiânia. Fundou o sindicato e nas andanças pelo interior fazendo política, fugindo da polícia, conheceu minha mãe, no interior de Goiás. E aí nasceu o romance deles, constituíram família e tudo mais. Meu pai era uma pessoa muito politizada. Ele ouvia a BBC de Londres, porque a BBC de Londres tem programas em várias línguas. Meu pai acompanhava tudo que estava acontecendo no mundo, ouvia em inglês, em espanhol, em português de Portugal e em português do Brasil. Ele ficava ali ouvindo, trocando, acompanhando os programas. E eu lembro de sentar no colo dele e ouvir no rádio junto com ele. E para mim, o máximo era ele deixar eu trocar as faixas. Ele tinha um rádio Continental, com aquela faixa do meio dourada, onde tinham as marcações. Eu achava muito legal ficar girando o botão e aquele barulho [imita o som da troca de faixa], achava muito bacana aquilo. E essa é a lembrança mais antiga que eu tenho do rádio e a mais marcante eu acho que foi o ataque americano à Ho Chi Minh, acho que um dos primeiros ataques americanos da guerra do Vietnã. Eu sou de 1963. Isso deve ter sido ali por volta de 65. Eu era muito pequeno. Porque assim, eu lembro muito bem do locutor falando que tinha chovido fogo em Ho Chi Minh. É uma expressão que nunca saiu da minha cabeça. E eu lembro meu pai xingando os americanos, que é uma coisa que me marcou também, porque meu pai era antibelicista.

Apêndice N – Entrevista com Edson Ramalho dos Santos

Entrevista realizada pela pesquisadora Claudia da Consolação Moreira, no contexto da tese de doutoramento intitulada: *Preservação da memória na transição do rádio AM para o FM: um estudo de história oral em três comunidades brasileiras*, desenvolvida na Universidade Fernando Pessoa, entre 2022 e 2025, orientada pelo professor doutor Jorge Pedro Sousa e coorientada pela professora doutora Nair Prata, da Universidade Federal de Ouro Preto.

Dados da entrevista

Entrevistadora: Claudia da Consolação Moreira

Tipo de entrevista: História oral temática

Data e local da entrevista: 03 de dezembro de 2024 em Nortelândia – Mato Grosso

Período: Noturno

Duração da entrevista: 00h45m04s

Dados biográficos do entrevistado

Nome: Edson Ramalho dos Santos

Tratamento pessoal: Baianinho

Citação bibliográfica: Santos

Data e local de nascimento: 25 de novembro de 1946 em Gentio do Ouro – Bahia

Atividade: comerciante (garapeiro e pipoqueiro)

Claudia: O senhor mora em Nortelândia desde quando?

Baianinho: Meu pai trouxe a gente para cá em 1955. Eu tinha de sete para oito anos.

Claudia: O senhor chegou em Nortelândia uma criança, o senhor tem lembranças dessa época?

Baianinho: Tenho. Era... aqui a gente passava de canoa. As canoas emparedavam na feira. Era muito sofrido. Muito sofrido. As águas desceram, naquela época chovia muito. Muita chuva naquela época de 75. Meu pai trabalhava na roça na Bahia e veio para cá para trabalhar no garimpo. Eu tinha oito anos e fui trabalhar na roça lá em Arenápolis, era tudo muito difícil, não tinha condição, não tinha nada, muito difícil. Fiquei na escola por pouco tempo, tinha que trabalhar na roça, tinha que ajudar meu pai, não tinha outro rumo.

Claudia: O senhor lembra da Rádio Regional quando ela começou?

Baianinho: Quando a rádio começou era um pouco fraca, foi melhorando, hoje é uma emissora boa, sem chiado, tem muito ouvintes. Antes era o Márcio, depois veio o Edivaldo, tem vários radialistas lá. Tem o Laurindo Neto de Cuiabá que começou a trabalhar com o Edivaldo. Ele é jornalista, é elementar no programa do Edivaldo. Hoje mesmo ele estava falando.

Claudia: O senhor quer mandar um recado para o Laurindo Neto?

Baianinho: Quero, quero. Quero parabenizar o Laurindo pelo programa dele, que ele trabalha, hoje mesmo assisti o programa dele na rádio, aqui em Arenápolis. Eu assisto muita a Rádio Regional, ele é um belíssimo locutor. Está de parabéns. Toda vez que ele está na rádio com o Edivaldo eu estou aqui assistindo.

Claudia: Com quem o senhor aprendeu a ouvir rádio?

Baianinho: Eu não sei. Eu gosto de rádio desde que eu morava na Bahia, a gente ouvia na roça, no garimpo. Toda a vida eu gostei de rádio. O meu primeiro rádio era de uma caixa de madeira com dourado na frente. Eu ouvia o programa da Rádio Nacional de Brasília. Não tinha rádio aqui. Eu comecei ouvir a Rádio Regional desde que começou. Sempre ouço, todo dia.

Claudia: O senhor chegou a mandar cartas para a rádio?

Baianinho: Cartas não. Eu só ligo meu rádio, eu não tenho telefone. Minha esposa e eu não usamos, é muito difícil. Então, eu não ligo, não sou desse que está ligando para a rádio, não. Eu só assisto. Quem quer falar comigo sabe onde eu estou. Eu não gosto de difamar ninguém. Assisto mil programas. Se eu gostei, eu gostei. Se eu não gostei, eu não ligo. Eu assisto a manhã todinha. Só desligo quando eu vou embora para casa. Eu tenho um rádio que fica na feira. Eu começo raspar minha cana às 4h30 e já estou com o rádio ligado. Hoje mesmo, eu estava assistindo o Garcia de manhã e ele está fazendo o programa do outro colega dele lá agora, depois das 9h, ele está fazendo o programa dele e de outro colega dele. Eu gosto mesmo é o programa dele (do Garcia) de madrugada, o *Brasil Caboclo*, eu escuto todo dia. Ele é muito comunicativo. Ele é uma pessoa boa também. Aquela mensagem que é manda todo dia é muito linda.

Claudia: O senhor ouve mais rádio de manhã, à tarde, à noite?

Baianinho: O meu rádio fica na feira, ele é o seu companheiro de trabalho. Eu estou lá sozinho de madrugada, não tem ninguém lá. Ele já me dá uma companhia boa. A noite eu não escuto. A minha esposa não gosta de rádio é só televisão. Só assiste programa religioso.

Claudia: E qual a emissora que o senhor mais escuta?

Baianinho: Só a Regional, às vezes eu assisto a de Arenápolis. Ontem mesmo assisti a de Arenápolis, porque o padre Arlindo, eu fiz caminhada com ele aqui na praia, aí ele falou, vou passar a missa na rádio. Aí eu assisti a missa dele, no domingo.

Claudia: O senhor lembra da programação da Rádio Regional? Era melhor do que a da Difusora?

Baianinho: Eu não frequentava muito lá, mas era diferente. Eles ampliaram muito. Hoje é melhor, ela está mais ampliada. Ela tem mais potência. Hoje ela está melhor, não tem mais chiado. Eu assistia nos domingos um programa no salão da rádio, o *Nossa Terra, Nossa Gente*, tocavam viola, violão. Era esse jeito aqui da região. Era animado, vinha gente de toda parte.

Preservação da memória na transição do rádio AM para o FM:
um estudo de história oral em três comunidades brasileiras

Claudia: Qual é a lembrança pessoal mais antiga que o senhor tem do rádio?

Baianinho: Eu tenho a história seguinte. Minha mãe tocava um café no garimpo Maria Joana, hoje município de Nova Marilândia, eu coloquei o nome de Café Brasil. A Rádio A Voz d' Oeste de Cuiabá pegava no radinho de lá e eu lembro também da Rádio Nacional de Brasília e hoje eu gosto mesmo é do programa do Garcia, o *Brasil Caboclo*.

Apêndice O – Entrevista com Roberto Carlos de Arruda

Entrevista realizada pela pesquisadora Claudia da Consolação Moreira, no contexto da tese de doutoramento intitulada: *Preservação da memória na transição do rádio AM para o FM: um estudo de história oral em três comunidades brasileiras*, desenvolvida na Universidade Fernando Pessoa, entre 2022 e 2025, orientada pelo professor doutor Jorge Pedro Sousa e coorientada pela professora doutora Nair Prata, da Universidade Federal de Ouro Preto.

Dados da entrevista

Entrevistadora: Claudia da Consolação Moreira

Tipo de entrevista: História oral temática

Data e local da entrevista: 03 de dezembro de 2024 em Nortelândia – Mato Grosso

Período: noturno

Duração da entrevista: 00h49m35s

Dados biográficos do entrevistado

Nome: Roberto Carlos de Arruda

Tratamento pessoal: Beto

Citação bibliográfica: Arruda

Data e local de nascimento: 29 de outubro de 1970 em Diamantino – Mato Grosso

Atividade: serviços gerais

Claudia: O senhor mora em Nortelândia desde quando?

Beto: Eu vim morar aqui com 3 anos de idade. Estou com 51 anos aqui dentro.

Claudia: Com quem você aprendeu ouvir rádio?

Beto: Olha, nós sempre moramos aqui no bairro Bandeirantes. Meu pai se levantava cedo para ir para o garimpo, aí ligava o rádio. Quando ele ligava o rádio, eu já o acompanhava. Já ficava no pé dele, para lá e para cá. Aonde ele fosse, eu ia. Eu não fui muito bom de estudo, então eu acompanhava meu pai para o garimpo. Aí ele ficava escutando, levava o rádio, o rádio era um... um radinho daqueles, pequenininho assim, ia escutando o rádio. Passava o dia todo escutando o rádio. Vinha embora, quando era noite e não tinha televisão, era só o rádio. Tocava aquelas músicas sertanejo-raiz, tinha muito Tonico e Tinoco. Eu lembro muito do programa do *Zé Bettio*, na Rádio Record.

Claudia: O senhor tem lembranças dos programas da Rádio Regional?

Beto: A gente trabalhava no garimpo, em Alto Paraguai, já quase não pegava a rádio daqui. Pegava a rádio de Diamantino, a gente estava mais perto de Diamantino. Mas quando vinha para cá, porque a gente morava aqui e trabalhava no garimpo em Diamantino. Eu escutei muito o programa que era com a Baixinha, que é a esposa do Silvano. Tinha também o programa o *Brasil Caboclo*, do Garcia e tinha o *Clássicos Inesquecíveis*, *Ave Maria*, era bom demais. As músicas eram boas demais. É muito, muito bom.

Claudia: Você sentiu alguma diferença da programação da AM para o FM?

Beto: Acho que não tem. Pelo meu conhecimento, não tem muita diferença. O que mudou foi a qualidade do som. É, o som é bom hoje. Acho que é só.

Claudia: Quando você pensa em rádio, o que vem à sua mente?

Beto: As músicas raiz. Eu falo para vocês, a raiz, para mim é o que tem de melhor no Brasil. Eu peço sempre música no rádio, Chico Rei e Paraná, Chrystian e Ralph e tem também a sertaneja do Leonardo. E aí tem Roberto Carlos, eu peço direto no programa do Garcia, *Amor sem limite*, do Roberto Carlos, eu ofereço para a minha esposa Lia. E ela me diz que gosta de ouvir. Eu vou citar outra coisa. Minha sogra mora sozinha em Arenópolis, com 87 anos. Ela me pediu um rádio e eu dei o meu rádio para ela e comprei um novo para mim. Daí eu falei, dona Doca é muito bom escutar o rádio, a senhora fica sabendo as notícias. E acaba que é um meio de comunicação, a senhora pode ligar na rádio, mandar algum recado para os amigos e

eles vão escutar. Eu já ganhei dois prêmios. A primeira vez para responder o nome da filha do dono do rádio da Marizete, esse dia eu ganhei um CD e um copo e outra vez eu ganhei, não sei se foi um prêmio de 50 reais.

Claudia: Você escuta o rádio em qual horário?

Beto: Eu me levanto 4h30 da manhã e já envio uma mensagem para o Garcia: “Bom dia, meu amigo”. E quase todo dia eu peço música. Aí é bom demais. De manhã eu fico até sete e meia em casa com o rádio ligado. E sigo para a usina e lá é muito zoada é proibido ligar qualquer som, até mesmo no fone de ouvido. Na caminhonete que transporta a gente até a usina a gente vai escutando, desligou a caminhonete acabou, só em casa de novo. Então de manhã eu escuto o *Brasil Caboclo*, e no sábado eu escuto o programa do Edivaldo, o *Rota 93*, é divertido demais. Acho que se botar no bico da caneta mesmo, os ouvintes, eu acho que estoura de ouvinte. Muitos ouvintes. E os ouvintes são daqui, de Nova Marilândia e de Santo Afonso. Todo sábado eu participo do programa dele. Ele envolve o ouvinte que acompanha. Ele traz todo mundo para junto dele, no sábado.

Claudia: Qual é a lembrança pessoal mais antiga que você tem do rádio?

Beto: Assim... Eu vou falar para você, meu pai me deu um radinho quando eu comecei trabalhar no garimpo, eu tinha 16 ou 17 anos. Eu dormia com o rádio na rede, ficava ligado a noite toda e os outros colegas do alojamento ficavam bravos, porque eu dormia e não desligava o rádio na hora que acabava o programa, começava o chiado e meu radinho atrapalhando o sono dos colegas, eles ficavam muito bravos comigo. Eles falavam: “Nós vamos jogar esse rádio seu fora”. Daí eu peguei e fiz um barraquinho para eu dormir sozinho, afastado deles, assim eu podia dormir com meu rádio ligado.

Claudia: Você foi garimpeiro por quantos anos?

Beto: Eu lembro que eu parei os estudos com 16 ou 17 anos. Minha irmã chegou no colégio e falou bem assim: “Você tem que ir trabalhar no lugar do pai, porque ele está doente e vai fazer uma cirurgia, doutor Adilson confirmou”. Aí eu peguei minha bicicleta e foi a última vez que eu vi um caderno em cima da mesa, o caderno ficou lá na escola. Então eu fui para o garimpo, porque no garimpo não tem folga, licença médica, se você não for trabalhar outro

ocupa seu lugar. Então eu deixei a escola e fui para o garimpo, na primeira semana eu peguei dois diamantes grandes, dos bons. Era tanto dinheiro que não cabia na carteira, era um pacote de dinheiro, muito dinheiro. Eu cheguei em casa, o pai já estava de volta, entreguei para ele, ele me deu um pouquinho. Ele ficou afastado uns 30 dias e já voltou para o garimpo na vaga dele. E eu peguei e falei, segui o caminho também do garimpo e esqueci da escola. Bom. Só que se eu tivesse uma boa cabeça, eu estava bem financeiramente. Porque eu vim construir alguma coisinha com essa esposa que eu tenho agora. Nós estamos com 25 anos casados. Um dia eu fui para o garimpo mergulhar, duas horas da manhã eu saí da água, o dia amanheceu e eu fui lavar o cascalho, havia pegado uma pedra linda. E eu disse: “eu quero mostrar para minha esposa”. Nós não tínhamos casa, morávamos de aluguel. Aí falei: “Lia, vem cá, abre a mão”. Botei o diamante na mão dela. Ela falou: “para que serve esse caco de vidro?”. E eu respondi: “Esse diamante é para comprar a nossa casa”, vendemos o diamante, comprei duas casas. Uma é a que eu moro hoje e a outro alugo, foi assim que nós construímos a nossa vida e o que tem hoje é através também da companheira. Que ajudou a botar a minha cabeça no lugar. Porque quando eu era solteiro, saía para a rua e chegava gastar dois salários na noite. E a vida era essa. Aí acabou o garimpo e eu entrei nessa empresa que eu estou até hoje, no ano 2000. Trabalhei como segurança, mergulhador, operador de máquinas pesadas e agora na usina.

Claudia: E o seu nome é uma homenagem ao rei Roberto Carlos?

Beto: Olha, eu não sei de onde meus pais tiraram esse nome, porque nós morávamos no sítio, só se foi através do rádio. Tem hora que eu fico imaginando, eu venho batendo nessa tecla, eu acho que foi no rádio que eles escutaram. Eu nasci no auge da jovem guarda. Pode ser. Faz sentido.

Apêndice P – Entrevista com José Fernando Nunes e Silva

Entrevista realizada pela pesquisadora Claudia da Consolação Moreira, no contexto da tese de doutoramento intitulada: *Preservação da memória na transição do rádio AM para o FM: um estudo de história oral em três comunidades brasileiras*, desenvolvida na Universidade Fernando Pessoa, entre 2022 e 2025, orientada pelo professor doutor Jorge Pedro Sousa e coorientada pela professora doutora Nair Prata, da Universidade Federal de Ouro Preto.

Dados da entrevista

Entrevistadora: Claudia da Consolação Moreira

Tipo de entrevista: História oral temática

Data e local da entrevista: 25 e 26 de novembro de 2024 em Rondonópolis – Mato Grosso

Período: Matutino e Vespertino

Duração da entrevista: 01h13m08s

Dados biográficos do entrevistado

Nome: José Fernando Nunes e Silva

Tratamento pessoal: Fernando

Citação bibliográfica: Nunes e Silva

Data e local de nascimento: 14 de setembro de 1975 em Carazinho – Rio Grande do Sul

Atividade: Diretor da Rádio Massa Rondonópolis

Claudia: Você tem informações sobre a fundação da Rádio Amorim Juventude?

Fernando: Sobre a fundação exatamente, eu não tenho conhecimento. Nós adquirimos a rádio em pleno funcionamento, uns quatro anos atrás. Então, eu não tenho histórico da fundação.

Claudia: Fernando você tem algum registro dos momentos áureos da emissora?

Fernando: Não. Nós compramos da dona Branca há algum tempo, então, nós nos preocupamos em cuidar desse momento para cá.

Claudia: Como foi o processo da migração?

Fernando: Compramos ela logo após a migração, eles não chegaram a operar em FM. Nós primeiro funcionamos com a bandeira da Antena 1 e depois Massa. A Amorim ficou um ano desligada e então nós compramos já migrada.

Claudia: Você pode me falar como foram as negociações da aquisição da concessão até o momento de inauguração da nova emissora?

Fernando: Nós começamos 94.1 FM como Antena 1, hoje Massa FM. Eu estava em casa, cortando a grama da frente de casa e o gerente da rádio 104 me viu, parou e ofereceu a Rádio Amorim Juventude e eu disse: “o patrão, o senhor Roberto Dörner, ele compra fazenda e veículo de comunicação desde que esteja tudo em dia”. Ele disse: “está tudo certinho, posso assegurar, tudo certo”. E estava mesmo. Nós compramos primeiro a 94.1 FM, um ano depois compramos a 104 FM, não migrante. Compramos um documento, um papelzinho assim, sem nenhum microfone, nada. E aí o gerente da 104 formulou uma proposta, enviou por e-mail para o meu patrão respondeu que tinha interesse. Então marcamos com a dona Branca e seu Roberto aqui nesta sala. Eles conversaram e ela fez uma proposta de valores, o seu Roberto não pediu nem um centavo de desconto. Ele disse: “Olha, eu pago metade agora e metade daqui seis meses”. Fechado o negócio, era só um documento. Agora vocês têm que fazer desse papel uma rádio. Daí nós construímos um estúdio. Bom, primeiro que nós tínhamos um documento e sabíamos que bandeira nós iríamos colocar, porque já tinha aqui cinco, seis, sete rádios atuando no mercado, todas muito parecidas. uma evangélica, Shalom, e as outras todas meio parecidas, meio hits, assim, tudo meio sertanejo. Então nós fomos em São Paulo pesquisar, visitamos as cinco rádios com maior audiência em São Paulo. Na liderança estava a Rádio Alfa, a vice-líder Antena 1, Transamérica, Metropolitana. Optamos pela Antena 1, que era a mais moderna, mais atual, tudo novo, tudo funcionando. Voltamos com o contrato assinado e um CD do sistema na mão e implantamos a Antena 1, começamos a fazer um

trabalho de formiguinha, num público prioritariamente sertanejo, tivemos bastante dificuldade para entrar. Mas ela começou a ser aceita, a programação muito boa. Tinha algumas dificuldades, uma delas era a hora certa, por exemplo. Eles não conseguiram acertar com o nosso fuso. Mesmo assim ficamos dois anos com a Antena 1, a audiência crescendo, saiu do zero e devagarinho foi crescendo. Quando ela estava já com audiência boa, um dos filhos do seu Roberto foi pescar no Pantanal com os filhos do Ratinho. O filho do meu patrão disse, nós temos algumas emissoras de televisão aqui e temos uma rádio em Nova Mutum e uma em Rondonópolis. E o filho do Ratinho; “Muda para a Massa, nós damos todo o suporte para vocês, nós temos uma rede, vai ser a maior do Brasil, é a segunda agora, é a segunda maior rede do Brasil, daqui a pouco, nós conhecemos muito de rádio, e a nossa rádio, ela triplica o faturamento de vocês, qualquer rádio que vocês têm, ela vai triplicar o faturamento, nós damos muito suporte, muita exportação de mídia, a rede é muito grande”. E aí, depois dessa pescaria, eles voltaram com o contrato embaixo do braço. Chegaram aqui e disseram, vem Fernando, nós vamos ligar para a Rádio Massa. Logo depois, nós viajamos para conhecer a Rede de Rádios Massa, eu, o diretor das empresas de Cuiabá e o diretor-geral do ramo da Comunicação do grupo. Bom, eu fiquei meio assim, meio preocupado, porque mais uma sertaneja em Rondonópolis, o faturamento e a audiência da Antena 1 estavam decolando, o pessoal gostava muito. Nós estávamos trabalhando num nicho do mercado e o público que investia. Mas tudo bem, coube a mim como funcionário, administrar essa transição. Comecei a ver os pontos positivos. A Massa, até então, como eu disse, estou há pouco no mercado, cinco anos. Mas nesse período que eu vi, que eu pesquisei, que tive próximo de rádio, eu não vi nenhuma rádio, não vi equipe tão profissional quanto a Rede Massa, eles respiram rádio e estão nos ensinando a fazer rádio. Inclusive, nos últimos anos a 104 vinha sendo líder da audiência, a Massa entrou e em dois anos passou a ser líder do mercado. Ela é líder da audiência com margem sobrando. Onde é que está a diferença se é o mesmo sertanejo? Está na plástica. E está no cuidado que eles têm. Eles não brincam de fazer rádio, eles fazem rádio com muito profissionalismo. Porque a programação ela vem gessada, ela vem pronta. Nós colocamos a voz, os nossos locutores que têm um treinamento rigoroso para isso. Intervalos curtos e número limitado de clientes, na Massa cabem 63 clientes, não cabem 64. Com esses 63 a casa lucro e um bom lucro. Nós não temos ainda a grade completa, mas a Massa de Nova Mutum está com a grade comercial completa. Então antes da inauguração uma equipe de cinco profissionais da Rede Massa ficou dando treinando para nossos locutores, vendedores e para o pessoal da área técnica. Eles disseram assim: “Fernando, esse locutor, é muito bom, mas ele não tem o *time*, a agilidade que precisa ter na Massa. A Massa é ágil, intervalos de

três minutos, tem fala de cinco segundos, dez segundos, de trinta segundos. Ele tem que ser ágil, ele tem que dar quatro notícias por hora. É o padrão nosso. Quatro informações, quatro manchetes de jornalismo. Ele tem que ser muito ágil. Ele não se enquadra”. E eu pedi para eles tentarem mais dois dias, afinal era nosso melhor locutor. Dois dias depois, eles disseram: “Definitivamente não dá”. E continuaram: “eu estava ouvindo, entre aspas, da concorrente⁴⁷ e eu ouvi aquele locutor, o Gustavo Sabino. Deixa eu testar o menino?”. O diretor da Rede Massa insistiu e eu liberei o Gustavo para o teste e disse para ele: “Preciso que você faça um teste e se empenhe. Dê o seu melhor. Como se fosse assim, nós estamos aqui no SBT, eu quero que você faça um teste na Record. Vai lá e faz o seu”. Dias depois o diretor da Rede volta e me diz: “Se você não me liberar ele, nós vamos levá-lo para a rede nacional. Ele está pronto. A voz dele é boa, ele é ágil e erra muito pouco. E assim fomos montando o quadro de locutores.

Claudia: Como você avalia a importância do rádio para os moradores de Rondonópolis?

Fernando: Penso eu que é um pouco do ar que as pessoas respiram, porque é uma cidade muito bairrista que valoriza o que é tradicional. E a rádio, ao mesmo tempo que ela é contemporânea, que ela é moderna, que está sempre atual. Eu mesmo já tive dúvidas com relação à rádio, pequenas dúvidas. Tudo passa. Como evoluiu? Da vitrola, do disco de vinil, da fita-cassete, o DVD, o *streaming*. E o rádio, ele vem desde o princípio musical até hoje e ele continua da mesma forma. E a audiência é muito grande, muito forte. Ecoa em todos os recantos, aonde chega o sinal de uma rádio e todas são ouvidas. Aqui temos 12, 13, 14 rádios, acho que 12 comerciais. Todas têm a sua audiência, cada uma tem a sua audiência. Cada uma tem o seu público, umas mais, outras menos. Temos boas rádios e que são muito ouvidas. Nós temos que cuidar muito do editorial e o que cada locutor se pronuncia, fala ali porque faz eco nos recantos. E norteia também, e às vezes direciona, muitas vezes direciona, o público para um lado ou para o outro, conforme o estilo do programa, principalmente se for jornalístico, informativo. E eu bem lembro que o que a minha mãe ouvia nas rádios lá do Sul⁴⁸ ecoa muito aqui. A pessoa se simpatiza com aquela voz que ela ouve sem conhecer o locutor, parece da família e tem uma vontade, um sonho da senhorinha, aquela dona Maria lá do bairro, que ouve rádio todo dia, que costuma gostar. Ela tem identificação e ela sonha um

⁴⁷ Rádio 104 FM.

⁴⁸ O entrevistado refere-se a região Sul do país, que compreende os Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

dia conhecer o locutor. Quando acontece de conhecer, parece estar conhecendo um príncipe. E isso aconteceu bastante no Sul, tenho sobrinhos que são locutores. E a minha mãe sempre foi apaixonada por rádio e eu vejo isso muito nas pessoas daqui da cidade. As pessoas ouvem muito rádio aqui. Muito. Tem, tem isso. O pessoal identifica muito. Eu acho que é interessante o locutor, a locução, aquela que ele não se posiciona politicamente, acho que tem que ser meio neutro. E a voz, o timbre da voz, é importante ser neutra. Eu, por exemplo, você já deve percebido que eu sou gaúcho. Eu falo *leite quente* independentemente. E o locutor, eu penso que é importante que o ouvinte não consiga identificar se ele é gaúcho, se ele é paulista, se ele é nordestino. Uma voz padrão. Ao mesmo tempo tem que criar uma identificação de confiança. Tem que passar firmeza porque as pessoas confiam muito.

Claudia: A Massa tem radiojornalismo local?

Fernando: Não. Tem pílulas durante a programação inteira por obrigação. Eles têm que dar, no intervalo de dois minutos, três notícias, são quatro intervalos a cada hora. Mas não é todo intervalo que tem notícias. Mas em dois minutos precisam entrar de três a quatro informações, se o locutor der conta de fazer quatro. Por exemplo: ontem no Campeonato Brasileiro, o Internacional ganhou do Bragantino de quatro a um, os gols foram feitos por fulano e beltrano, a classificação do Inter é essa, do Bragantino é essa. Passa para a próxima. Tudo assim, pílulas rápidas. A linha editorial é preparada e conduzida por matérias positivas, 80% das falas são positivas e 20% negativas. Tem negatividade que não tem como não fazer. Olha, caiu o avião na Serra da Mantiqueira e matou os *Mamonas Assassinas*. Não tem como não colocar no ar. A Massa, como eu havia falado tem uma programação que está dando certo aqui, automaticamente as pessoas gostam sem saber muito o porquê. Elas percebem que a programação é interessante, que elas gostam. Como eu gosto da massa? Por quê? Eu penso que sim, principalmente por duas razões. Primeiro, a direção da Massa, ela estuda região por região, pega o melhor da programação e coloca ali de acordo com aquilo que o ouvinte quer ouvir.

Claudia: Como está o faturamento da Massa hoje?

Fernando: Ela está abaixo do que nós esperamos, mas ela está bem acima da média das rádios locais. E com relação, por exemplo, a 104, que já está há mais tempo no mercado, ela está equilibrada com a 104. Então, o faturamento é bom, ela deixa lucro. Deixa um bom lucro.

Claudia: Como está a audiência da emissora?

Fernando: Líder de audiência linear, se somadas as 24 horas é líder absoluta. O investimento está dando retorno. É um investimento que em poucos anos ele se paga. Vai se pagar.

Claudia: Quem são os ouvintes da Massa Rondonópolis?

Fernando: Como diz em Mato Grosso, “de mamando a caducando”, porque como a programação é eclética. Agrada da criança ao avô, porque toda a programação é voltada para a família. As crianças têm uma empatia muito grande pelos programas de entretenimento, o programa *Turma do Ratinho*, ao meio-dia, faz sucesso enorme, porque é muito brincadeira.

Claudia: E como é a programação local?

Fernando: De manhã nós temos o programa *Microfone Aberto*, das 6 às 8 da manhã, que tem dois locutores, o Cláudio Santos e Edilberto Caldeira, é um programa de variedades com entretenimento, pode ter entrevista ao vivo. Depois entra o *Manhã da Massa*, das 8h às 12h, com o Gustavo Sabino, ele é muito carismático, o ouvinte tem um carinho muito grande por ele. Jovem, mas faz uma locução muito boa, para cima, positiva, animada. É o carro-chefe da casa. O *Manhã da Massa* tem três quadros fixos *Mulher Entende Mulher*⁴⁹, *Massa Dá de 10* e *5 Estrelas da Massa*. Seguimos com *Turma do Ratinho*, que vaza da rede, vai ao ar das 12h às 14h. Depois entra no ar a nossa voz feminina, Cris Gonçalves, das 14 às 18 com os programas *Tarde da Massa*, *Massa Dá de 10* e por fim, *As Mais Pedidas da Massa*. E a gente tem mais um horário local, das 18h às 19h, mas não estamos usando.

Claudia: Qual é a lembrança pessoal mais antiga que você tem do rádio? Você tem alguma lembrança do rádio na sua infância?

Fernando: Eu tenho duas. Pode ser mais? Eu era criança. Eu tenho 49 anos. E na minha cidade, na rádio AM, tinha um programa que se chamava *Programa do Castelinho*. Porque esse senhor, ele morava numa casa-castelo de madeira. Até hoje, foi a maior audiência que eu já ouvi em rádio. Ele falava tudo errado: “*cumadi oiá* o fogão de lenha, a brasa está caindo

⁴⁹ Apresentado pela locutora Cris Gonçalves.

no chão, fecha a porta e coloca a lenha *pra* dentro, senão vai queimar o *assuaio*”. Era assim. Uma audiência incrível. A rádio AM, lá em Carazinho era muito forte, tinha uma audiência. O programa que o Victor apresenta na 104 me faz lembrar do Castelinho. Porque o Vítor já nasceu com 80 anos, o linguajar dele não é de alguém da idade dele. Todo mundo fala, ele já nasceu com 50 anos, pelo menos. A outra lembrança é o programa do *Zé Bettio*.

Eu aprendi ouvir rádio com o pai e com a mãe. Eu diria mais com a mãe. Porque a mãe era mais apaixonada. Como eu sou filho de colônia, porque eu estou lá na roça, quando eu estava em casa, escutava o que a mãe queria sempre, não tinha como não escutar. O pai acordava cinco horas da manhã e ligava o rádio. O pai acordava, ligava o rádio e acordava nós com aquele barulho de rádio. Porque ele não ligava baixinho, ele ligava alto. Para todo mundo ouvir, ele queria tirar todo mundo da cama. A outra situação era quando a mãe ligava o rádio, nos momentos em que a gente voltava da roça para casa, então no meio-dia, a mãe adorava, ela faleceu adorando rádio, era apaixonada por rádio. Nossa senhora, o rádio era o companheiro dela, mais que o cachorro, mais que qualquer um, o rádio tinha que estar ali na vida dela, sempre, a vida inteira. E à tardinha o pai tinha que tomar chimarrão ouvindo rádio. O pai era pontual, assim, não, esse programa eu não gosto, a mãe não, a mãe gostava de tudo.

Vou te contar uma história interessante, que é mais familiar, mais pessoal. Eu já morava na cidade e gerenciava um hotel nessa época. Antes do hotel eu vir embora para Mato Grosso eu gerenciei por 10 anos um hotel, o maior hotel do Norte do Rio Grande do Sul, o Hotel San Remo. E aí a mãe dizia assim, meu filho... Vai ter a *Festa da Alegria* agora, o *Natal Alegria*. Está chegando o Natal e eu quero levar tua sobrinha. Eu adoro aquele locutor lá, o Alessandro Tavares. Acho que ele é um menino novo, eu vi a foto dele, não sei quem mostrou, é um menino bonito, eu quero apresentar para tua sobrinha, para minha neta. Mãe do céu! Não, ele é um menino bom e tal, esse menino não está namorando? Resultado. Ela apresentou o locutor que ela só conhecia a voz para a neta e eles estão casados, fui padrinho de casamento. Minha mãe foi lá, ela deu o jeito. Um jeito muito simples, envergonhado, pessoal da roça, da colônia, do interior do interior. E daí nós fomos nessa festa, nessa noite. Eu não lembro qual foi o caminho que a mãe achou para pegar esse menino e apresentar, ele era o locutor da festa. “Ah, vamos lá tirar uma foto com ele no palco”, acho que foi isso.

Claudia: Como você imagina o rádio no futuro?

Fernando: O rádio continua evoluindo. O AM foi para o FM, está na internet com áudio e vídeo. Aqui nós ainda estamos com o estúdio improvisado, mas na nova sede vamos ter câmeras e transmissões. Eu penso que vai ter uma evolução de digitalização ainda, de globalização, da informação mais digital, mais leve, mais rápida, mas não vai perder a essência. O rádio não vai perder a sua essência, de ouvir um locutor falando no microfone, de ligar o rádio no carro ou em casa. Os jovens estão escutando rádio de uma forma diferente, com tecnologia. Eles hoje ligam no Spotify para escutar música. Música que é divulgada principalmente nas rádios. O primeiro momento da música é no rádio. O cantor Gustavo Lima até hoje compra mídia na Massa para veicular as músicas dele. E os meninos novos que estão começando agora, eles também compram mídia no rádio e no Spotify também. Então, eu penso que essa evolução da tecnologia leva essa nova geração para caminhos diversos. Alguns poucos, eu acho que vão mais para o meio tradicional. O jovem não vai comprar um aparelho de rádio, isso não vai acontecer. Não vai ter minha mãe de novo. A bisneta dela não vai parar e comprar um radinho, vai lá na loja comprar um radinho para ouvir rádio em casa. Não vai acontecer. Então vai ouvir no celular. Não tem como nós não comercializarmos hoje a informação num só lugar.

Apêndice Q – Entrevista com Sebastião Castilho Alves Costa

Entrevista realizada pela pesquisadora Claudia da Consolação Moreira, no contexto da tese de doutoramento intitulada: *Preservação da memória na transição do rádio AM para o FM: um estudo de história oral em três comunidades brasileiras*, desenvolvida na Universidade Fernando Pessoa, entre 2022 e 2025, orientada pelo professor doutor Jorge Pedro Sousa e coorientada pela professora doutora Nair Prata, da Universidade Federal de Ouro Preto.

Dados da entrevista

Entrevistadora: Claudia da Consolação Moreira

Tipo de entrevista: História oral temática

Data e local da entrevista: 22 de novembro de 2024 em Rondonópolis – Mato Grosso

Período: Vespertino

Duração da entrevista: 02h33m09s

Dados biográficos do entrevistado

Nome: Sebastião Castilho Alves Costa

Tratamento pessoal: Sebastião

Citação bibliográfica: Costa

Data e local de nascimento: 21 de setembro de 1950 em Santa Rita do Araguaia – Goiás

Atividade: Radialista, empresário

Claudia: Sebastião quando você começou a trabalhar no rádio?

Sebastião: Eu comecei em 1973, eu tinha entre 15 e 16 anos, na Rádio Branife. Ela foi inaugurada em 1964. Eu tenho uma camiseta comemorativa, aos 10 anos, uma camisetinha, na

verdade, eu era muito pequeno. Eu tenho essa camiseta até hoje. Eu fiquei na Branife de 1973 a 1982, quando a Branife passou a ser Amorim Juventude. Eu digo “passou a ser” porque nós desligamos o transmissor da Branife uns cinco minutinhos e ligamos o da Amorim Juventude, ajustamos só a frequência, a Branife era 1450 e a Amorim era 660. O Ormindio Pires Amorim era o dono da Branife e ele tinha um sócio, o Antônio Francisco Rosa. Houve um desentendimento entre os dois e o seu Ormindio deu uns tiros no Antônio Rosa, não matou, mas ele ficou deficiente por causa desses tiros. E ele (Antônio) mudou para Cuiabá. Um tempo depois mataram o Ormindio a queima roupa, ali na rua Marechal Rondon, em frente à farmácia Santa Terezinha, crime de pistolagem. Eu não sei a data exata, mas foi em setembro de 1970. Depois desse episódio o Edson, filho do seu Ormindio veio da Argentina para cuidar da rádio, ele era herdeiro de cinquenta por cento da Branife. Ele estudava medicina na Argentina, estava no quinto ano. O Edson e a família do seu Antônio Rosa se desentenderam e entraram numa questão judicial, que só encerrou em 2012. O Edson, esperto vendo que a Branife estava enrolada, pleiteou uma nova concessão de rádio e em 1982 inaugurou a Rádio Amorim Juventude AM. Depois ele conseguiu a concessão da Rádio 104 FM. Hoje as duas rádios são do Grupo Roberto Dörner de Comunicação.

Claudia: Quais as funções que você exerceu e quais as atividades que você desempenhou nessa época?

Sebastião: Eu entrei como sonoplasta, fiquei de quatro a seis anos na sonoplastia. Depois fui redator de noticiário. De redator fui para a reportagem. Paralelo eu fazia muitos cursos de eletrônica, eu dava assistência técnica para eles também. Eu ganhava bem porque mão-de-obra era escassa, quase não tinha gente nessa área.

Vou te contar uma história. Eu sofria demais, nossa senhora! A Rádio Branife, tinha uma linha, um fio, que ligava o estúdio da rádio ao transmissor que ficava no loteamento Alves. E aquilo, aquele fio, às vezes quebrava. Eu pegava uma escada e ia de poste em poste para descobrir onde estava o problema, quando um caminhão passava e arrebentava o fio era fácil de resolver, mas, às vezes, quando não quebrava, passava, só esticava e quebrava por dentro eu tinha que subir com um fone, pelar o fio e descobrir aonde o sinal não chegava. Ah, sofri demais com isso. Quando eu fui para o Exército em 1977, eu não saía da rádio. O pessoal do Exército me liberava quando eu tinha futebol para fazer, para transmitir. Porque antes de ir para o quartel, eu fazia reportagem de jogos de campeonatos de futebol de salão e de basquete. O Exército participava muito disso, então eu peguei muita amizade com o pessoal na época.

E quando eu cheguei no Exército, eu já conversei e ficou acertado que o dia que tivesse transmissão eu fazia o trabalho na rádio e voltava para o quartel.

Claudia: Qual o programa de maior audiência da rádio na época que trabalhava?

Sebastião: Olha, o Aroldo Marmo, com o programa *Homem do Plá* teve muita audiência, mas eu ainda não trabalhava na rádio. Agora o programa do Clóvis Roberto era um fenômeno. Clóvis era coisa de outro mundo, era muito polêmico.

Claudia: A rádio desenvolvia alguma programação de eventos com a cidade?

Sebastião: Tinha o *Roda de Violeiros*, da Lucimar e do Aparecido Neto. Era nos bairros, um bairro por mês, o palco era a traseira de um caminhão. Era só chegar e se apresentar, não precisava ser violeiro, todo tipo de artista podia se apresentar.

Claudia: Pensando na programação de hoje da emissora, houve alguma mudança na linguagem do rádio durante os últimos anos?

Sebastião: Houve. Porque antigamente, para você ser um locutor, você tinha que ter uma boa voz. Hoje, qualquer gato miando igual eu, vai lá, fala e faz. Antigamente o pessoal se preocupava muito com o português correto, eu não sei se era uma exigência das escolas. Todo locutor tinha que ter um português correto, hoje em dia, Deus me livre!

Claudia: Como você avalia a importância da rádio para os moradores de Rondonópolis? Como era na sua época? E hoje?

Sebastião: No passado, não tinha telefone de celular. Por exemplo, em 1982, aconteceu uma grande enchente, que causou muitos transtornos na cidade. A população ficava ouvindo a rádio para se orientar: “Alô, fulano, o barco tá indo aí”. A emissora era a central de recados. Hoje não, o celular pega em qualquer buraco, facilitou demais. E outra coisa. Na Amorim Juventude tinha o programa *Juventude Dá o Recado*, do meio-dia a uma da tarde, o programa tinha muita audiência. “Alô, fulano da fazenda tal esteja na estrada às seis da manhã que ciclano vai passar e te pegar”. Não tinha erro, as pessoas mandavam os recados porque tinham certeza da audiência na zona rural. E quando o recado era anúncio de empregos fazia fila lá em frente a rádio: “a empresa tal está precisando de 20 homens para fazer tal coisa.

Compareça na rádio, que o representante da empresa vai estar por aqui”. Hoje o rádio não vai mais atrás da notícia, hoje a senta na frente do computador, entra nos sites e redige um noticiário. Tanto é que nenhuma rádio tem repórter externo. Antigamente tinha, a rádio tinha um carro com rádio, você fazia ao vivo, não tinha telefone celular naquela época, a gente fazia assim. E hoje não tem mais nada disso. O pessoal que trabalhava nas emissoras de TV ouvia o rádio para se pautar, a gente estava em todo lugar, a gente estava em cima da notícia. Hoje em dia não, o cara vai na rádio, liga o computador e tem tudo nas mãos. Eu coloco meu programa no ar de casa, eu tenho um programa esportivo na rádio 105 FM, das 18h30 às 20h.

Claudia: Você já escutou rádio pela internet?

Sebastião: Eu tenho uma web rádio, Rádio Castilho, só toco músicas e transmito futebol. E às vezes transmito algum evento específico, por exemplo, vou transmitir a posse dos vereadores no dia 1º de janeiro. Vou te falar, você vai até ficar surpresa. Eu ouvi tanto rádio, mexi tanto com rádio que hoje eu ouço muito pouco. Às vezes eu ouço uma partida de futebol, se a TV não estiver transmitindo, porque preciso ter uma base para comentar no meu programa, mas é só. Não consigo ouvir rádio mais não. Sabe por quê? Mudou demais, hoje todas as FMs são iguais, você já reparou? Tudo igual. Tudo mundo a mesma coisa.

Claudia: Qual é a lembrança pessoal mais antiga que você tem do rádio? Você lembra do rádio na sua infância?

Sebastião: uma lembrança que eu tenho é a seguinte, antes de entrar no rádio, eu ouvia muito a Branife, só tinha ela, então eu ouvia muito. De vez em quando havia problema técnico, entrava no ar, saía, entrava, saía, eu pensava na minha cabeça, mas esse técnico é um burro. Então na hora que ele coloca, o som está perfeito, daí ele tira do ar de novo. Eu, na minha inocência, não sabia que poderia estar acontecendo coisas que, mesmo aquela qualidade do som, poderia estaria acontecendo outro problema, como problema de aquecimento, de faiscamento, de fuga, essas coisas que têm de corrente elétrica. E é uma lembrança muito viva que eu tenho. Nunca esqueci. Depois quando passei a trabalhar como técnico, eu tirava do ar e só voltava até ajustar tudo. Um dia aconteceu um lance, deixa eu te contar. Eu morava perto da Rádio Branife. Meu pai é santista. Eu também sou santista. Mas eu virei santista, não foi por causa do meu pai, não. Foi por causa da minha avó, mãe da minha mãe, mas essa é uma outra história. O Santos estava jogando e meu pai ouvindo o jogo pelo rádio e tinha um

peçoal transmitindo aqui pela Rádio Branife um jogo de futebol amador da cidade. E eu queria ouvir a transmissão do futebol amador e não o Santos. O jogo devia ser no estádio Lutherio Lopes, acho que era Samuel Logrado transmitindo ou o Nelson Pereira Lopes. Eu falei, então tá, você pegou o rádio. Eu vou ouvir lá na rádio Branife, eu morava pertinho, então eu fui lá para a rádio. Entrei na rádio, cheguei lá, estava o Aroldo. Ele era bravo. Logo perguntou: “O que você vai fazer aqui?”. E eu disse: eu só vim ouvir o jogo daqui. “Não quero ninguém aqui, não. Passa daqui, some daqui guri”. E eu vazei dali. Eu fui lá para ouvir, porque o meu pai estava com o radinho no jogo do Santos. Você viu como é a vida, depois eu comecei a trabalhar na rádio. Eu contava essa história para o Aroldo, ele morria de rir. Quero falar uma outra coisa. Em São Paulo tinha uma rádio, a Rádio Tupi, no Rio também até hoje. A frequência da Tupi era 1.040, então não esqueça disso. Minha avó, mãe da minha mãe, ela era santista. E na época, 1970, a rádio ia fazer uma homenagem ao Pelé, se ele fizesse no jogo que eles iam transmitir naquele dia, o gol 1.040, que era a frequência da rádio. Minha avó me chamou para ouvir com ela, porque o moleque naquela época dormia cedo, eu tinha de 11 para 12 anos, então eu fui, eu morava em Santa Rita do Araguaia. Eu ouvi com minha avó o Pelé fazer o gol 1.040, ele foi homenageado, minha avó era santista. E foi assim que eu me tornei santista, influenciado pela minha avó que me chamou para ouvir uma partida de futebol transmitida pelo rádio. Faltou contar uma história. A primeira rádio de Rondonópolis não foi a Branife e sim a Educadora, que fechou porque os caras se precipitaram, faltou contar essa história mesmo. A Educadora era do Antônio Ribeiro Torres e de um rapaz da Bicletaria Popular. Essa história ninguém fala dela não. Quem me contou essa história foi o próprio Antônio Ribeiro Torres. Ele foi funcionário da Rádio Branife, depois da Rádio Clube. Tornou-se sócio da Rádio Clube, depois fundou a 105 FM. Seu Antônio morreu em 2020 vítima da Covid-19, hoje a 105 é administrada pelos filhos.

Claudia: Como você imagina a rádio no futuro?

Sebastião: Uma coisa é que a tecnologia vai acabar com o transmissor. Para mim já devia ter acabado nessa migração. Vai ser tudo via satélite. Você vai ter no seu carro, na sua casa, um receptor com uma determinada frequência de satélite, você coloca lá na rádio da cidade que você quiser em qualquer parte do mundo. Eu acho assim que vai mudar muita coisa. Hoje em dia, por exemplo, você pega uma rádio, automatiza e deixa tudo programado. Não fica ninguém no estúdio. Vai embora, a rádio fica lá. Eu montei agora o estúdio da Rádio Câmara, aqui em Rondonópolis. Eu coloquei automação, não tem um programa fixo, é só música e a

Preservação da memória na transição do rádio AM para o FM:
um estudo de história oral em três comunidades brasileiras

transmissão das Sessões dos Vereadores, porque eles não contrataram ninguém para fazer programa.

Apêndice R – Entrevista com Samuel Logrado de Souza

Entrevista realizada pela pesquisadora Claudia da Consolação Moreira, no contexto da tese de doutoramento intitulada: *Preservação da memória na transição do rádio AM para o FM: um estudo de história oral em três comunidades brasileiras*, desenvolvida na Universidade Fernando Pessoa, entre 2022 e 2025, orientada pelo professor doutor Jorge Pedro Sousa e coorientada pela professora doutora Nair Prata, da Universidade Federal de Ouro Preto.

Dados da entrevista

Entrevistadora: Claudia da Consolação Moreira

Tipo de entrevista: História oral temática

Data e local da entrevista: 21 de novembro de 2024 em Rondonópolis – Mato Grosso

Período: Vespertino

Duração da entrevista: 01h06m38

Dados biográficos do entrevistado

Nome: Samuel Logrado de Souza

Tratamento pessoal: Samuel

Citação bibliográfica: Souza

Data e local de nascimento: 21 de setembro de 1950 em Nanuque – Minas Gerais

Atividade: Jornalista e empresário

Claudia: Samuel quando você começou a trabalhar no rádio?

Samuel: Em 1968 minha família migrou de Nanuque, Minas Gerais para trabalhar com pecuária aqui em Rondonópolis. Naquela época os Estados de Mato Grosso e Maranhão

tinham fama de terras boas, baratas e prósperas. Meu pai e dois tios antes pesquisaram e chegaram aqui e realmente verificaram que a cidade tinham futuro, inclusive para os filhos estudarem. Eles gostaram daqui e viemos todos para cá em março de 1968. Eu um garoto de 17 anos, não tinha profissão, comecei a trabalhar na padaria de um tio, ele já tinha padaria lá em Minas Gerais e eu estava na expectativa de servir o Exército em Campo Grande, em setembro eu faria 18 anos. No dia do embarque, na hora do embarque para a Campo Grande, chega um telegrama dizendo que todo mundo estava dispensado por excesso de contingente. E aí me apareceu o Aroldo Marmo de Souza, que era o diretor da Rádio Branife e estava namorando uma irmã minha, a Maria Janice, que é a viúva dele hoje. Comecei a trabalhar no rádio porque Aroldo me levou para ser discotecário, justamente o profissional que recebia as cartinhas dos ouvintes solicitando músicas. Então eu fui ser a pessoa que selecionava essas cartas, naquela época não tinha telefone. Inclusive, Rondonópolis começou a implantar, nesta época, o sistema de telefonia interna, que atendia só a cidade. Eram pouquíssimas linhas, eram de três dígitos ainda, apenas uma parcela muito pequena da população, poucos privilegiados tinham um número de telefone, não era um meio de comunicação de massa. O rádio tinha o poder de comunicar com a região, apesar de não ser um alcance tão longo, era bem regional. Era pelo rádio que o pessoal que vinha para cidade mandava recado para seus parentes da zona rural. Esses recados já eram uma coisa mais ou menos combinada, os familiares ficavam atentos esperando o recado pelo rádio para saber a hora de ir para a estrada esperar quem vinha da cidade, por exemplo. Esse mesmo ouvinte quando vinha pedir para enviar seu recado, já deixava várias cartinhas que ele trazia dos parentes, dos amigos, dos vizinhos. O rádio era o meio de comunicação mais importante em Rondonópolis naquela época e as cartas seu principal instrumento.

Além de discotecário, eu era sonoplasta e ficava ali no estúdio e vi muita gente presenteando os locutores com galinha, porco, frutas, mandioca, farinha, eu lembro muito bem disso, era a forma que os ouvintes tinham de agradecer, eles presenteavam com o que tinham e melhor.

Uma coisa que me surpreendeu e que eu lembro bem. O Estado de Minas Gerais, na época, era muito mais evoluído do que o Estado de Mato Grosso. Nanuque estava numa região bem desenvolvida e lá por exemplo só existia um serviço de som, alto-falante em poste e Rondonópolis já tinha sua emissora de rádio.

Então, sempre gostei de futebol e de imediato me interessei pela equipe de esporte da rádio e já me ingressei na equipe, fui repórter de campo e comentarista de futebol, na época de ouro do futebol amador de Rondonópolis. Os times eram o Olaria, o Rondonópolis Clube,

conhecido como Batidinha, era o mais popular da cidade, time que eu joguei inclusive, o Santos, o Rodoviário, o Comercial, o Palmeirinha e um time de Pedra Preta, o futebol amador de atraía multidões para o Luthero Lopes, o estádio não tinha iluminação, era uma partida por domingo, no final da tarde, tinha que terminar antes de escurecer, o estádio ficava aqui na frente do jornal, onde hoje é um atacadista. Era um tempo em que não se tinha nada para fazer em Rondonópolis no final de semana. Vivemos rodadas palpitantes, eu fazendo reportagem de campo, Hermínio Jota Barreto e Nelson Pereira Lopes narrando e comentando as partidas. Lembro que a média de público era de 7 mil pessoas nas tardes de domingo. O futebol amador de Rondonópolis era uma potência, tanto que os times se fundiram e fundaram o União Esporte Clube e foram disputar o futebol profissional no Estado.

O Aroldo fundou o Jornal A Tribuna e deixou a direção da rádio, eu continuei na rádio e comecei trabalhar no jornal com ele. Sai quando fui fazer o curso de Engenharia Civil, na Universidade Federal de Mato Grosso. Em 1977 me formei e continuei em Cuiabá trabalhando como engenheiro. Só que em setembro de 1980, meu cunhado morre, vítima de um acidente aéreo. Acabei vindo para cá, como na família eu era o único que tinha participado da fundação do jornal, tinha trabalhado em rádio, era muito ligado ao Aroldo, não teve jeito, assumi junto com a minha irmã a direção do jornal.

Claudia: Você lembra quais eram os programas mais populares?

Samuel: O principal programa era *O Homem do Plá*, conduzido pelo meu cunhado, o Aroldo, quem era ouvinte daquela época não esquece. O programa ia ao ar ao meio-dia e ninguém tirava o ouvido do rádio. A cidade parava para ouvir o programa do Aroldo. Ele era um jornalista muito combativo, ele acompanhava de perto o lado político, a administração pública. Era um programa de denúncias, de coisas graves que aconteciam na cidade. Então todo mundo ficava esperando para ouvir o que Aroldo ia denunciar, as pessoas esperavam o programa criava uma expectativa muito grande nas pessoas, no público. A popularidade do Aroldo era muito grande, tanto que ele se tornou o vereador mais votado da história de Mato Grosso. Ele alcançou 16% do colégio eleitoral, essa votação expressiva foi devido aos seus embates e denúncias que ele travava no programa *Homem do Plá*. Ele não cumpriu todo o mandato, parece que ele ficou dois anos apenas e renunciou, não sei ao certo, acho que ninguém sabe. Mas o Aroldo era uma pessoa de posições firmes, combatia demais as mazelas. Quando o Aroldo deixou a rádio para fundar o Jornal A Tribuna, veio o Clóvis Roberto que

assumiu o programa e a direção da rádio. Um tempo depois, Clóvis Roberto, Antônio Ribeiro Torres e Carlos Paniago fundam a Rádio Clube AM de Rondonópolis.

Eu lembro também do programa do Bê Cunha. Era um programa de auditório, realizado no Cine Ipê, que ficava ali na avenida Amazonas com a avenida Cuiabá. O programa era a grande atração dos domingos na cidade, a banda Marinho & seus beat boys fazia a era a principal atração musical. Eu não me lembro ao certo o nome do programa, mas é algo parecido com *Domingo se Diverte*.

O rádio nesta época era um ponto de atração dentro da sociedade, o radialista era um verdadeiro ídolo. O Manuel Novaes conduzia um programa sertanejo aos domingos, o *Roda de Violeiros*, acho que era *Roda de Viola*, alguma coisa assim. O Manoel Novaes fazia aos domingos e vinham violeiros de toda a região, a rádio lotava de gente. Mas a principal atração era ele, o radialista, apesar de todos os cantores serem violeiros e artistas de fato, o maior ídolo era o Novaes.

Claudia: Qual é a lembrança pessoal mais antiga que você tem do rádio?

Samuel: Uma lembrança é da época que eu ainda morava em Nanuque. Eu escutava muito rádio, Rádio Globo e a Rádio Nacional, as duas do Rio de Janeiro, elas transmitiam muito futebol. Eu ganhei esse hábito na casa de um tio, ele era o flamenguista doente. Quando o Flamengo jogava, da seleção brasileira, ele botava o rádio em cima da mesa e reunia os sobrinhos mais chegados para escutar as partidas de futebol. Depois eu fiquei sabendo que estas duas rádios acabaram influenciando muitos brasileiros pelo gosto do futebol e eu fui um sou um destes torcedores.

Outra lembrança, é da época da faculdade. Eu tinha uns amigos e a gente se reunia para ouvir as partidas pelo rádio, depois ia brincar com os colegas flamenguistas, botafoguenses, vascaínos, corinthianos... a resenha era grande na universidade. Um colega que não era muito ligado em futebol falou: “eu fico impressionado com vocês. Vocês escutam no rádio e chega aqui vocês narram de novo a partida, como se vocês tivessem visto a partida”. Eu lembro muito desse comentário que ele fez. A gente acabava discutindo como se estivesse vendo ao vivo. É uma característica marcante do rádio na vida da pessoa. Uma pessoa que não tinha nada a ver com a história, que não era muito ligada no futebol e fez essa observação.

Apêndice S – Entrevista com Orestes Miraglia Carvalho

Entrevista realizada pela pesquisadora Claudia da Consolação Moreira, no contexto da tese de doutoramento intitulada: *Preservação da memória na transição do rádio AM para o FM: um estudo de história oral em três comunidades brasileiras*, desenvolvida na Universidade Fernando Pessoa, entre 2022 e 2025, orientada pelo professor doutor Jorge Pedro Sousa e coorientada pela professora doutora Nair Prata, da Universidade Federal de Ouro Preto.

Dados da entrevista

Entrevistadora: Claudia da Consolação Moreira

Tipo de entrevista: História oral temática

Data e local da entrevista: 30 de dezembro de 2024 em Rondonópolis – Mato Grosso

Período: Matutino

Duração da entrevista: 01h10m00s

Dados biográficos do entrevistado

Nome: Orestes Miraglia Carvalho

Tratamento pessoal: Orestes

Citação bibliográfica: Carvalho

Data e local de nascimento: 09 de novembro de 1951 em Cuiabá – Mato Grosso

Atividade: Advogado, jornalista e fotógrafo

Claudia: Quando você começou a trabalhar no rádio?

Orestes: Eu entrei na Rádio Branife em 1969. Eu trabalhava como office boy, porque eu gostava muito daquilo. Eu ouvia muito a Rádio Tupi, Rádio Globo e quando a emissora foi

inaugurada em Rondonópolis, aquilo foi uma novidade na cidade. E aí, de forma simultânea, tinha uma outra rádio chamada Marechal Rondon, ali na avenida Amazonas, funcionou pouco tempo, foi fechada pela Polícia Federal. Fui registrado em carteira em primeiro de setembro de 1973. Eu só fui ter a carteira assinada por imposição da Polícia Federal na época. Estamos no regime militar. Um dia, o delegado-superintendente da Polícia Federal fez uma inspeção na emissora. O rádio era totalmente controlado pelo governo. Para se trabalhar no rádio na época, tinha que ter autorização da Polícia Federal. Você tinha que ter um cadastro, passar por uma entrevista, ser aprovado e então você recebia autorização para trabalhar na rádio como locutor ou noticiário. Eu era locutor. Eu tenho até hoje a carteira, ela foi expedida em 1971.

Claudia: Você começou como office boy. Tem lembranças daquela época? Como foi o início da sua trajetória no rádio?

Orestes: Bom, esse começo, tenho lembranças sim. Naquela época, o diretor-presidente da emissora era o Ormino Pires. Ele ficava muito aqui na cidade, tinha um contato maior com um sócio dele, que era o Antônio Rosa. Esse Antônio Rosa tinha uma loja de eletrônicos na cidade, voltada principalmente para a venda de aparelhos de rádios. Naquela época eles colocavam os rádios Semp de madeira na prateleira para vender. Além de comerciante e ele era fotógrafo, coisa que eu também gostava. Então os dois eram os diretores, vamos dizer, os diretores-presidentes. O Ormino veio do Paraná, de Umuarama, era um comerciante com ramificação em São Paulo, veio para Rondonópolis e aqui instalou a emissora juntamente com o Antônio Rosa.

E nessa instalação de emissora tinha o Carlos Paniago, que hoje está bem idoso. E a gente passou a conhecer aqueles monstros sagrados que na época atuavam na Rádio Branife. Tinha lá o Manoel Novaes, ele fazia um programa sertanejo, *Entardecer em Minha Terra*, um programa de grande liderança e audiência. Aos domingos ele apresentava o programa *Roda de Violeiro* direto do Salão do Colégio Sagrado Coração de Jesus com transmissão da AM, no final do ano acontecia o *Festival de Viola*, o vencedor ia para São Paulo gravar um LP. Nesse interregno tinha o Benedito Rodrigues da Cunha, o Bê Cunha, ele fazia um programa jovem junto com o Antônio Ribeiro Torres, que é o proprietário da 105 FM hoje, eles faziam um programa diário, *Recordar é Viver*, às vinte e uma horas. E nós trabalhávamos ali, eu era aquele menino que...

O Antônio Ribeiro Torres era, inclusive, companheiro do Manoel Novaes nas atividades imobiliárias na cidade. Tanto que existe um bairro aqui na cidade, com Luzdayara, que é o nome da filha do Manoel Novaes. Então, e depois, pouco tempo depois que eu cheguei na emissora apareceu o Aroldo Marmo de Souza. Ele estava vindo de São Paulo para dirigir o jornalismo da Branife. E ali, esse menino, que era um office boy.

Foi assim, o Ormindio Pires e o Antônio Rosa eram sócios. Pelo que se comenta, eles fizeram um acordo entre eles que depois de certo período iriam fazer um prolabore para cada um, mas, no entanto, aquilo ia ficar, tudo que fosse auferido em termos de finanças seria reaplicado na emissora. Um tempo depois eles entraram em rota de colisão, se desentenderam. Houve inclusive uma tentativa de homicídio que, depois, culminou numa tragédia, o assassinato do Ormindio. E aí quem assumiu foi Edson Amorim, filho do Ormindio Pires, o filho que fazia medicina na Argentina, abandonou e veio para assumir a rádio.

Todo esse pessoal trabalhava ali. E nós éramos o que buscava, enquanto office boy, o café no bar Tereza Cristina, os lanches para eles, os cigarros para o Ormindio Pires, que fumava muito... até que um dia eu tive uma oportunidade e manifestei o interesse de estar ali com eles, de ser um profissional de rádio. Eu já tinha vinte e dois anos e ainda trabalhava com office boy. A gente (eu) tentava se espelhar no Aroldo, que era o nosso líder maior. Mas ele também mandava a gente ouvir o pessoal de fora. Eu ouvia o *Globo No Ar*, o *Mundo pela Tupi*. Naquela época ouvíamos pelo Transglobo. Então você tinha que se espelhar daquela forma, naqueles homens. Fazíamos treinamento para que a voz não oscilasse. Tinha que manter um padrão de voz, treinava aquilo de forma exaustiva.

Então comecei anunciando a *Hora Certa*, que era patrocinada pela Relojoaria e Ótica Cyma. Logo depois, comecei a fazer os boletins de notícias de hora em hora. Inclusive um dos diretores da Relojoaria e Ótica Cyma foi meu colega, nós eramos coroinha na igreja, fazíamos a leitura da epístola. Foi pela leitura da epístola da missa que eu tive esse desejo de trabalhar com a voz.

Então comecei com a *Hora Certa*, depois os boletins de notícias hora em hora, depois do episódio da visita da Polícia Federal fui registrado como locutor e já reportagens para o programa do Aroldo Marmo de Souza, o *Homem do Plá*, que tinha liderança absoluta, até porque o Aroldo era um jornalista formado em São Paulo, ele era muito inteligente, com um poder de comunicação incrível, ele não tinha medo de falar. Ele tinha uma forma peculiar de fazer crítica aos políticos, que deixava muita gente incomodada. Então, na época, se não me

engano, o prefeito era o Cândido Borges Leal Júnior. Eu comecei a fazer as reportagens, eu pegava um gravador de rolo, o conhecido *geloso*, pesado e saía para a rua. Eu tinha muitas fotos dessa época, mas eu incinerei todas, era muita fotografia. Queimei todas. Um dia estava tão decepcionado por uma série de coisas. Eu tinha aquela vontade de fazer documentários da cidade. Eu fiz cinema aqui. Eu fiz cinema e fiz um documentário, eu tinha as imagens do primeiro vestibular e da primeira colação de grau da UFMT feita em dezesseis milímetros, com a narração na voz do Cid Moreira. O Antônio Alberto Schomer, hoje em Cuiabá, tem uma cópia. Então a gente foi queimando. Tem uns amigos que tem alguma coisa desse tempo, mas eu não tenho.

Meu primeiro programa musical foi o *Quem manda é você*. Os ouvintes enviavam cartas pelo correio ou deixavam na própria rádio. A gente procurava atender todos os pedidos de música das cartas, as vezes coincidia ter várias cartas para a mesma música. Isso porque não tínhamos tantos artistas, tantos cantores, então os ouvintes focavam nos principais, hoje é muito diferente, naquela época não tinha essa quantidade. Então todo mundo queria ouvir *Lennon e Lillian*, *Roberto Carlos*, *Renato e Seus Blue Caps*, *Os Incríveis*.

Então eu comecei com o *Quem manda é você*, das nove às onze da manhã, saía para o almoço e voltada a uma da tarde para fazer os boletins de notícias de hora em hora, até as cinco da tarde. Com a saída do Aroldo, que foi montar o Jornal A Tribuna, o Clóvis Roberto assume a direção jornalismo e fez algumas mudanças na programação. O Clóvis pegou o horário do *Quem manda é você* para ele, das nove às onze e me deu o *Grande Jornal Falado*, das onze às onze e meia. Depois passou a ser de uma hora, já com equipe completa, repórteres na rua, matérias editadas, depois tivemos unidade móvel para transmissão ao vivo. Hoje, por exemplo, eu vejo que o rádio FM aqui em Rondonópolis, não tem essa força na área do jornalismo como o rádio AM teve. Nós tínhamos dois repórteres na rua, Sebastião Castilho e o Paulo Jorge, um ficava na unidade móvel e o outro fazia as reportagens. Entre a Branife e a Amorim Juventude eu fiquei uns 20 anos, saí quando eu havia terminado o curso de Letras na UFMT. Parei um pouco com o rádio. Voltei para a Rádio Clube para fazer o noticiário. Depois de um tempo na Clube, voltei para a Amorim Juventude para assinar os noticiários, pois a Anatel passou a exigir um jornalista na equipe. A Rádio 104 FM foi eu que inaugurei. Tem um ano que estou na 105 FM. Eu trouxe o meu formato. Foi eu quem criou isso aqui. Esse estilo de programa é meu. Por isso que eu falo que, às vezes, a TV é um rádio com imagem. Porque a mesma programação, a mesma interação com o ouvinte, ela faz com o espectador.

Claudia: Qual era o seu diferencial como funcionário da rádio?

Orestes: Eu trabalhava como office boy, mas queria ser apresentador, eu sonhava em crescer e fazer o melhor. O Aroldo e o Clóvis Roberto foram grande incentivadores, eles confiavam muito em mim. Tanto que, nesse interregno que eu estive em São Paulo, eu conheci o Hélio Ribeiro, na Rádio Bandeirantes e eu pedi para ele se eu poderia acompanhá-lo, expliquei que eu era radialista e trabalhava em Mato Grosso. Ele prontamente me autorizou que eu ficasse. Acompanhei ele no estúdio e vi a qualidade da produção do programa. Era muito gente auxiliando, aquilo era uma coisa de louco. Ele me deu dois conselhos: aprenda uma segunda língua, além da língua portuguesa. E ele disse com aquele vozeirão: “é concebível, um comunicador falar, nós foi, nós estava, a gente foi”. Quando você estiver fazendo uso do microfone, mude completamente. Eu ficava ouvindo ele, às vezes gravava o que ele falava. Foi quando eu comecei a aprender inglês. Um tempo depois fui aos Estados Unidos fazer intercâmbio pelo Rotary Internacional.

Claudia: Pensando na programação de hoje da emissora, houve alguma mudança na linguagem do rádio durante os últimos anos?

Orestes: Mudou muito, mudou. Antes você tinha mais cuidado com o que falava. Você tinha que estar com a voz um tanto quanto impostada, você tinha que pronunciar as palavras corretas, por exemplo: “plano”, “Rondonópolis”, “rádio”. Hoje não é mais assim, a pessoa fala com naturalidade, mas antes tinha que impostar a voz e pronunciar muito bem todas as letras das palavras, “Bom dia, meus ouvintes”.

Claudia: Como você avalia a importância da rádio para os moradores de Rondonópolis? Como era no passado e hoje como está?

Orestes: No passado eu acho que a gente utilizava o rádio como um instrumento valioso que o povo dispunha para desenvolver-se, os radialistas tinham esse cuidado com o público. A produção do programa pesquisava sobre determinado assunto aquilo, você já tinha feito uma pesquisa daquilo, profunda, aquilo que você ia falar era sério. E hoje a preocupação é com o imediatismo, não importa se você vai levar entretenimento sem grande responsabilidade. Por exemplo, qualquer música que começou a entrar em evidência no país já está ali, o produtor

não leva para você a informação de quem compôs? Quem é o cantor? De onde veio aquilo? E também não se canta mais. Hoje você vê esses cantores segurando na bobina do microfone e cantando. A voz fica rouca e eles gravam assim, eles fazem vídeos assim, colocam no ar. E você fica com aquilo ali, porque ele cortou o cabelo da moda, ele tem uma aparência mais ou menos e fazem sucesso. E o radialista faz o quê? Ele entra nessa *vibe* e coloca aquilo como o bom do momento.

Claudia: Seu programa é voltado para a comunidade?

Orestes: O que eu faço? A minha preocupação é de levar uma informação séria. Em contribuir com algo que a pessoa possa confiar. Se eu não tenho certeza, eu não falo. E se tiver que falar, eu vou dizer como fiz hoje por exemplo, o prefeito eleito, Claudio Ferreira disse que a prefeitura de Rondonópolis tem uma dívida de um bilhão de reais. O prefeito Zé Carlos do Pátio não respondeu. Ficou só a fala do prefeito eleito e não há nenhum documento do Tribunal do Estado e não posso confiar na denúncia. Eu disse no programa de hoje que era hora de o Zé Carlos do Pátio vir a público explicar a situação. Eu ofereci o nosso espaço de amanhã para ele vir ao programa explicar para a população o que aconteceu, amanhã é o último dia do mandato dele e a assessoria de imprensa não respondeu nada. Eu cuido muito para levar uma informação confiável.

Claudia: Como o público interage com o seu programa?

Orestes: Hoje é por whatsapp, você coloca no ar de forma simultânea e quando é no jornalismo não tem filtro não, vai no bolo. Quando o áudio do ouvinte entra e fala qualquer coisa que possa nos comprometer, eu digo que é a sua opinião. Isso aí é a sua opinião. Que eu respeito. Mas é a sua. E está resolvido e aí a gente abre um espaço para que a outra parte possa se defender também. Às vezes o ouvinte entra por telefone, por exemplo quando acontece um acidente na rodovia. Geralmente mandam um vídeo do local, confiro tudo e antes de botar no ar. É o ouvinte, sempre, te fornece muitas informações seja da área de saúde, educação, trânsito.

Claudia: No passado você tinha ideia da sua audiência?

Orestes: Não, eu tinha a responsabilidade de fazer direito. Diziam que a gente estava lá na frente, que era sempre... liberava, eles traziam material, mostrava que a gente estava liberando

a audiência, mas para mim aquilo... O que eu queria era fazer, eu queria estar trabalhando. Então eu pensava assim, eu tenho que fazer melhor. Eu tenho que fazer melhor.

Eu estou há um ano aqui na 105 FM, nós lideramos a audiência. Foi eu quem criou isso aqui, esse estilo de programa é meu. Por isso que eu falo que, às vezes, a TV é um rádio com imagem. Porque a mesma programação, a mesma interação com o ouvinte, ela faz com o espectador.

Claudia: E os ouvintes daquela época eram mais da zona rural ou da zona urbana?

Orestes: Dava muita zona rural e eles, inclusive, gostavam tanto que aos sábados a gente recebia frutas, verduras, galinhas, inclusive, leitoa no final de ano. A pessoa chegava falando, eu te ouço sempre, queria te conhecer e eu ficava assim meio constrangido. Porque eu não estava acostumado com aquilo. A pessoa dizia: “Nossa, eu pensei que você era mais velho, sua voz era diferente lá no rádio”. Eu tinha um público mais afável.

Claudia: Qual é a lembrança pessoal mais antiga que você tem do rádio?

Orestes: Eu tenho vários flashes. O primeiro é da imagem que eu tinha do Barros Alencar e do Hélio Ribeiro e depois conhecê-los pessoalmente no estúdio, em São Paulo. Mesmo com toda a tecnologia o Hélio Ribeiro usava um rádio Philco daqueles enormes, preto, para fazer fone. Porque ele forçava um pouco o grave da voz. Lembro-me dele no estúdio: “Hélio Ribeiro, seu correspondente musical na banda da Bandeirantes. Bandeirantes”. E aí o Philco estava no grave também e saía... Bandeirantes... ficava muito grave assim, fazia aquele eco dentro do estúdio, o vozeirão ficava mais grave ainda no ar. Uma outra lembrança forte é do *A Voz do Brasil*, que eu era o responsável de colocar *A Voz do Brasil* no ar. E aí eu falei, um dia eu vou a Brasília conhecer esse pessoal, como é que eles fazem. E certa vez eu fui a Brasília e fui lá conhecer a emissora. Daí eu cheguei para o locutor do *A Voz do Brasil* e impus a voz e falei: “Dezenove horas na capital da República”.

Eu lembro disso, eu imitei a voz dele, ele assustou. Ele olhou e disse: “Você é de onde? Eu disse: “sou de Rondonópolis, Mato Grosso”. E daí conversamos, ele foi muito receptivo, afável... Essa foi uma vivência marcante.

Claudia: Você lembra do rádio na sua infância?

Orestes: Meus pais ouviam *Zé Bettio*. Minha mãe gostava do sertanejo-raiz. Meu velho era italiano, a minha mãe pernambucana, da região de Virgulino Ferreira, o Lampião. Minha avó andava com uma espécie de pochete na cintura, dentro tinha um punhal, um revólver quarenta e cinco carregado, um ruço para passar no rosto para ficar corada, ficava vermelhinho e ainda o batom. Ela andava assim aqui em Rondonópolis.

Primeiro eles se fixaram numa região chamada Monjolo, entre Cuiabá e Cáceres. Depois foram para Cuiabá, meu velho tinha uma área de terra, aí eu vim para Cuiabá. Mas essa é a fala dela (da mãe), tenho essa imagem bem fraca na mente. Lembro do carro de bois, lembro que eu ficava olhando a água e o tempo que ele levava para bater no arroz. Eu contava o tempo que ele levava. Contava até vinte, aí ele enchia e batia. Bom, isso ligado ao rádio. É bobagem. Mas é bom, eu gosto de lembrar. Com esse rádio, que depois nós conseguimos. Eu fiz a rádio comprar, igual ao que o Hélio Ribeiro usava no estúdio. A emissora comprou um rádio com oito faixas, então eu gravava meia-noite para no dia seguinte ouvir de novo e redigir as notícias que iam ao ar no *Grande Jornal Falado*, ao meio-dia, entram trinta minutos só de notícias. Depois eu fui trabalhar na Rádio Clube terminava o jornal ao meio-dia e meia e já subia para a faculdade, eu fazia Letras/Inglês.

Voltando para as lembranças da Amorim Juventude, uma noite o Edson Amorim, o filho do homem tinha acabado de fazer uma reunião, olha só. Todos os dias eu gravava a Nacional de Brasília a noite para redigir as notícias para o dia seguinte. O Edson falou assim para todo mundo, uma equipe muito grande de funcionários, a partir de amanhã, todos os locutores, todos os locutores, vão falar o seguinte: “Branife, duzentos e cinquenta watts na cabeça da antena”. E todo mundo ficou se perguntando: “Na cabeça da antena? Era para falar assim?” O pessoal saiu assim, sem entender. Até o próprio Clóvis Roberto, que depois virou gerente... “Isso não existe! Isso não existe!”. Eu estava lá gravando a Rádio Nacional. O Edson Amorim e alguns colegas ficaram por ali em volta. Encerrado o terminando da Rádio Nacional entra uma voz diferente e anuncia: “A Rádio Nacional de Brasília fará uma pausa em suas transmissões para trocar de transmissões”. O som ficou limpo. A locução continua: “A Rádio Nacional de Brasília, que operava com dez quilos de potência para cobrir toda a Amazônia Legal, passa a fazê-la agora com cem quilos”. Virou a madrugada e foi de 10 para 100 quilos, Daí eu olhei e falei: “250 watts na cabeça da antena”, fiz meus cálculos, cem quilos, um quilo, metade de um quilo, duzentos e cinquenta watts... o pessoal virou na risada, o Vilmar Ferreira até hoje me encontra o ri com essa história.

Claudia: Você tem alguma lembrança da Branife ou da Amorim Juventude que você queira contar?

Orestes: Tenho, sim. São coisas que muita gente não gosta de comentar, mas aconteceu. O Ormindio Pires e o Antônio Rosa se desentenderam. O Ormindio atirou no Antônio, os dois saíram discutindo da rádio, desceram ali pela avenida Amazonas, foram até a esquina da Fernando Correia da Costa, onde tinha um posto de combustível e a loja (de rádios) do Antônio Rosa era bem no meio da quadra, descendo. E nessa discussão, o Ormindio Pires deu um tiro no Antônio Rosa, pegou na barriga. O Antônio Rosa ficou um ano entre a vida e a morte em Cuiabá.

Certo dia, o Ormindio Pires estava na Avenida Marechal Rondon, ao lado da farmácia Santa Terezinha, na casa de um corretor de imóveis chamado Cristo, passou um homem dentro de um fusca, de dentro de um fusca atirou e acertou no ouvido do Ormindio.

Com a morte do pai, o Edson veio tomar conta da Rádio Branife, nesse interregno, vai, não vai, muda, não muda, houve uma demanda judicial por conta da sociedade, depois entraram no acordo e o Edson para desintegrar aquela sociedade colocou Rádio Amorim Juventude. O Edson recebeu uma crítica muito pesada porque ele colocou o sobrenome dele, Amorim. Sabe-se que ele teve mais quatro emissoras no Paraná, nelas colocou o nome dos filhos. O Juventude, nós perguntamos, por que Juventude? E ele: “Porque é nova, jovem”.

Claudia: O Edson Amorim era um visionário, em termos de rádio, de empreendimento?

Orestes: Não. Estou falando com sinceridade. Nós enfrentamos problemas sérios para manter a rádio no ar. Não foi fácil assim, não. A rádio vivia uma situação de dificuldades financeiras, vivia de permutas.

Claudia: Como você imagina o rádio no futuro?

Orestes: Ele tem tudo para ser um grande veículo de transformação social. Ele tem um poder que nem ele mesmo conhece. O rádio tem esse poder de transformação. O rádio alcança os mais diversos ouvintes. Ele está lá no 15º andar do pedreiro soltar no reboque, na parede, ele está com o celular dele, ele está ouvindo o rádio, como ele pode ouvir a música, mas ele está ouvindo o rádio. Lá na lavoura, lá na roça, lá na fazenda, ele está tirando o leite, o rádio é o

companheiro dele, que traz todas as informações de que ele precisa. Na cidade, no carro, ele está ali, levando a informação.

Eu acho que o rádio precisa ser mais bem trabalhado. Fazer algo que tenha qualidade. Não estou vendo, não vejo hoje esse rádio dessa qualidade toda, não. Não vejo. Eu não vejo uma direção artística falar: a nossa emissora vai ser com essa vertente aqui, você vai ligar aqui, você vai ter essa informação, a direto da redação, é da redação mesmo. Nós somos uma região eminentemente produtora de grãos, você deveria ter programas de informação sobre agricultura. E como dá para fazer isso? *Bolsa de Mercados*, não tem um *Momento Agrícola*, tem muitos nichos que podem ser explorados, tem tanta coisa para você prender a atenção, prender a audiência do ouvinte. Tem temas importantes que podem ser discutidos no rádio, levar para o rádio e não são levados. Nós ficamos só a música, essa música trivial de todos os dias. E o que acontece? Quando tem algum tema importante, é só numa horinha, naquela hora, pronto. O ouvinte não tem isso na programação da emissora, ainda que seja um tempo mais breve, para ele ser informado daquilo. O rádio, ele está pobre. Então no futuro, se ele continuar assim, eu digo aqui, não vai a lugar nenhum. Vai dar lugar a um outro veículo. Outro veículo de comunicação e que não vai somar nada se não tiver qualidade. Eu ainda insisto que ele (o rádio) tem que ter qualidade. É na qualidade que a gente tem que pensar.

Apêndice T – Entrevista com Elizeu do Nascimento

Entrevista realizada pela pesquisadora Claudia da Consolação Moreira, no contexto da tese de doutoramento intitulada: *Preservação da memória na transição do rádio AM para o FM: um estudo de história oral em três comunidades brasileiras*, desenvolvida na Universidade Fernando Pessoa, entre 2022 e 2025, orientada pelo professor doutor Jorge Pedro Sousa e coorientada pela professora doutora Nair Prata, da Universidade Federal de Ouro Preto.

Dados da entrevista

Entrevistadora: Claudia da Consolação Moreira

Tipo de entrevista: História oral temática

Data e local da entrevista: 26 de novembro de 2024 em Rondonópolis – Mato Grosso

Período: Vespertino

Duração da entrevista: 00h58m42s

Dados biográficos do entrevistado

Nome: Elizeu do Nascimento

Tratamento pessoal: Elizeu

Citação bibliográfica: Nascimento

Data e local de nascimento: 17 de fevereiro de 1973 em Ivaiporã – Paraná

Atividade: Taxista e assessor parlamentar

Claudia: Você mora em Rondonópolis desde quando?

Elizeu: Desde 1980, eu tinha sete anos. Nós viemos para cá por influência do meu irmão mais velho que já morava aqui, ele veio procurar melhoria de vida. Nós morávamos em Ivaiporã,

no Paraná, a gente passou por uma tempestade muito forte depois de muito dias chovendo direto, meus pais perderam tudo, tudo foi embora com a tempestade. E a única opção que meus pais tiveram foi vir para cá, meu irmão já estava aqui e gostava do lugar. E foi assim que meu pai veio de mala e cuia, só com a roupa do corpo e quatro filhos, duas meninas e dois homens.

Meus pais sempre foram da Congregação Cristã do Brasil, que é uma igreja que sempre recebe muito os irmãos que vêm de fora, acolheram a gente, nos deram um espaço para a gente morar, alimentação e assim recomeçamos a vida. Meu pai no outro dia já estava trabalhando, minhas irmãs também. Eu lembro que minha mãe falava que eu vinha quase no colo dela para não pagar a passagem, tão pequenininho que eu era. Eu lembro que no ônibus, ela me colocou nos dois pés dela, colocava a cobertinha e eu me deitava e dormia. Eu viajei assim. Olhava pela janela e nunca chegava nesse Mato Grosso, nunca chegava, nunca chegava.

Claudia: Com quem você aprendeu a ouvir rádio Elizeu?

Elizeu: Eu venho de uma família evangélica, na minha casa, para você ter ideia, na casa da minha mãe, - graças a Deus, ela está com 83 anos -, até hoje, não tem televisão. Nunca teve. Meu pai faleceu e minha mãe falou: meu velho, nunca deixou entrar televisão em casa e eu também nunca vou deixar. Então, não tem. Então só se ouvia e ouve rádio. Eu comecei trabalhar logo que cheguei aqui como engraxate e sempre estava com o rádio ligado. Meu pai tinha uma banquinha de bijuteria no centro de Rondonópolis. Eu estudava de manhã, eu ia levar almoço para ele e eu ficava cuidando da banca. Enquanto ele estava com a banca aberta o rádio ficava ligado e a minha diversão quando ficava cuidando da banca para ele ir passear era ouvir o rádio. Eu ficava ali vendendo algumas coisas e ouvindo a Rádio Juventude⁵⁰. E naquela época, praticamente, eu nem via falar em FM. Então era sempre AM e sempre a Rádio Juventude. Porque o meu irmão começou a trabalhar na Rádio Juventude. Ele começou na época como voluntário, não tinha salário. Ele trabalhava numa transportadora e ia para lá à noite. E aí ele pegava e ficava ouvindo aquelas notícias nas rádios AM. Essas rádios mais famosas de São Paulo e do Rio de Janeiro, Tupi, Globo e fazia a redação e passava para os outros apresentadores. Ou ele mesmo fazia, mas ele era mais o redator. E como eu sempre o acompanhei, ele era o filho mais velho e eu o mais novo. Eu comecei a ouvir também, aí à

⁵⁰ Em alguns momentos o entrevistado se refere a Rádio Amorim Juventude apenas como Rádio Juventude.

noite eu ia dormir e colocava o radinho do lado, ouvindo aquele Motoradio de sete faixas, e ali eu localizava a Rádio Globo de São Paulo, Rádio Tupi, a Rádio Nacional, que eu acho que é de Brasília, eu sempre ouvia essas rádios. Um tempo depois eu fui trabalhar num posto de gasolina próximo de Barra do Garças, lá eu ouvi muito a rádio Anhanguera de Goiânia.

Claudia: Qual programa de rádio você me indicaria para ouvir na cidade?

Elizeu: Hoje eu indicaria o programa do Victor Santos e do Lucas Perroni, os dois são filhos da terra. O programa deles é mais atualizado, tanto na televisão quanto no rádio. As notícias vão de primeira mão. Eles têm qualidade nas informações. Não tem *fake news*. As informações checam antes de passar a informação. Isso faz muita diferença. E outra coisa. Se é uma coisa que é uma demanda da população, eles buscam a resposta. E o mais importante, valoriza depois quem deu aquela resposta. Então quer dizer, não é aquele programa só de sensacionalismo. É um programa de qualidade, com começo, meio e fim. Eles recebem a demanda e eles passam. No programa de hoje, inclusive, aquele rapaz ligou para mim para eu pegar o telefone do Victor Santos. A situação era bem complicada, o Victor chamou o rapaz para entender toda a história só depois colocou a denúncia no ar. Depois de checar tudo.

Claudia: E quais são seus programas preferidos no rádio?

Elizeu: Eu gostava dos programas esportivos da hora do almoço, das transmissões de jogos hoje em dia não tem mais como no tempo do ar. A gente acompanhava o esporte como se acompanhava novela, o cara falava uma coisa hoje, amanhã você continuava para acompanhar. E assim por diante. Então eu voltaria com os programas esportivos nas rádios. Hoje eu acordo cedinho e ligo a televisão para assistir o programa do Victor Santos, isso umas cinco e pouco. Assisto para me informar sobre a cidade e a região, eu não assisto programas nacionais. Depois de assistir o programa do Victor e do Lucas na televisão eu ligo o rádio para escutar o programa deles, o *Bom Dia Cidade*. Eu escuto a 104 e a Massa. Eu tenho muitos amigos no rádio. Eu vou muito pela pessoa. Eu gosto do programa do Gustavo Sabino, na Massa. Tem o Victor Santos e o Lucas Perroni, que são os principais, na parte da manhã. Na hora do almoço, das 11h às 13h eu escuto o programa Zé Pereira e o dia vai passando.

Claudia: Elizeu você participa sempre da programação?

Elizeu: Sim, muitas vezes. Eu sempre peço a música *Folha Seca*, do Amado Batista. Não sou muito de mandar reclamação. Eu gosto de pautas positivas. E se eu puder ajudar na pauta positiva, eu ajudo. Se eu não puder, eu ajudo, mas por fora, sem se manifestar, entendeu? Sem usar uma pauta negativa pra, às vezes, a pessoa pensar que a gente está fazendo até para se promover. Então, pauta negativa eu não posso. Eu gosto de participar dos sorteios de prêmios, já ganhei muitas vezes. Participo sempre que estão sorteando pizza, eles mandam entregar a pizza em casa e por incrível que pareça, é a melhor pizzaria da cidade. Eu trabalhei de garçom há 30 anos e a Roberto Pizzaiolo continua sendo a melhor da cidade, pelo menos para mim. Eu já comi muito pizza de sorteio.

Claudia: Você percebeu a migração da Rádio Amorim Juventude para o FM?

Elizeu: Não, não percebi. Porque desligaram a rádio. Mas, na verdade eu tinha parado de ouvir a Juventude. Antigamente quando eu cansava de ouvir sertanejo e eu ia para a FM, eu usava o FM para ouvir música internacional, foi assim que eu comecei a ouvir a FM. Um grande locutor que marcou muito na minha vida foi o Luís Fernando Campos. Ele foi até um vereador aqui na cidade e ele tinha um programa por nome de *Roda Viva*. Então nesse programa lá na Juventude que ele começou a mesclar música e jornalismo. O Luiz Fernando foi por muito tempo o gerente da rádio, ele foi vereador aqui também. Era amigo meu também. Ele era um cara muito eclético. Ele gostava de usar calças brancas, pochetes que quase ninguém usava e ele tinha um Chevette na época e eu começando o trabalho de garçom e ele ia nas baladas à noite e eu conversava com ele. Então eu ficava doidinho para ouvir ele no rádio. Eu colocava no radinho e eu ouvia, que delícia.

Claudia: Qual a lembrança pessoal mais antiga que você tem do rádio na sua vida?

Elizeu: Uma das lembranças são esses jogos que eu falei para você, esses são os mais importantes, essa é a lembrança mais importante. Outra lembrança, eu tive o prazer de ser amigo do Edson Amorim, o proprietário da Rádio Amorim Juventude. Ele era um homem de poucos amigos, cabeludão, barbudo. Eu trabalhava no restaurante, que ele almoçava todo dia. Quando ele chegava para almoçar eu já preparava a bebida dele, sabia que ele tomava uma sprite com limão e gelo. Com isso, eu peguei amizade com ele. As vezes que ele estava almoçando e eu me sentava e começava a conversar com ele. Eu estava começava a organizar uns eventos, como a festa dos garçons e ele já falava: “a rádio tá 100% a disposição sua, tanto

na propaganda, como se quisesse ir falar em algum programa”. Então eu sempre tinha esse trâmite muito aberto. Mas o Edson era um cara muito na dele. Era um cara da opinião forte. Se ele acreditava numa coisa, se ele achasse que aquele programa era bom, mesmo dando errado, ele insistia. E era um cara muito quieto, com poucos amigos, pouca família. E assim, bem pouco relacionamento com a família, nunca ninguém via dona Branca com ele, que era a esposa dele. Eu conheci a filha dele, até trabalhei como garçom no aniversário de 15 anos dela, a Bianca. Essa menina teve câncer e foi fazer tratamento nos Estados Unidos, ela acabou falecendo por lá. Ele já tinha emissora de rádio nos Estados Unidos então com a doença da filha todos se mudaram para lá. O Edson era muito americanizado, ele era amigo de um irmão meu, o Celso Moisés, só falavam em inglês, só ouviam música norte-americana. A Juventude para mim, assim foi o berço. No domingo, meu irmão ia fazer o *Corujão*, e me levava. Lá eu via aquelas fitas cassete, aquelas paredes lotadas de discos. Meu irmão falava: “pega aquele disco tal”. Eu ia lá na estante e pegava. São coisas que fazem parte da história da gente. Na época a participação era mais por carta, eu ficava separando as cartas. Então, tipo assim, ir para a rádio com meu irmão era minha diversão no final de semana.

Claudia: Como você imagina o rádio no futuro?

Elizeu: Eu acho que vai ser rádios vão ser cada dia mais locais. Eu acho que a cidade, que em Rondonópolis, graças a Deus, nessa parte é conservadora em questão de rádio, conserva aqueles programas, os radialistas. Você pode ver os radialistas que são sucesso hoje, são os filhos da terra, os filhos da cidade. E não só o Victor Santos e o Lucas Perroni, o Zé Pereira cresceram dentro da Rádio Clube, o Nilson Avelino também cresceu na Rádio Clube. Então, no esporte, essas pessoas que eu estou falando, como o Jonathan Moraes, o Matheus Batista, são todos remanescentes de lá de trás. Da nova galera, hoje, não tem ninguém. Então, quer dizer, Rondonópolis é diferente nesse setor.

Claudia: Como você imagina o ouvinte de rádio no futuro?

Elizeu: Então, no futuro vai ser difícil para falar a verdade para você. Vai ser difícil, porque com essa juventude nossa não se preocupa com o próximo, não se preocupa em participar de movimentos sociais, de igreja, de campanhas para ajudar o próximo. Eu tenho três netos, um de 15 anos, um de 11 e outro de 5. O de 15 anos, ele só conhece os programas da internet, Felipe Neto, essas coisas. Rádio, ele nem sabe o que é. E olha que ele não é um menino

Preservação da memória na transição do rádio AM para o FM:
um estudo de história oral em três comunidades brasileiras

fechado, ele é um menino aberto, comunicativo. Os jovens fechados eu não sei onde vão parar. Mas é isso.

Apêndice U – Entrevista com Leila Castro

Entrevista realizada pela pesquisadora Claudia da Consolação Moreira, no contexto da tese de doutoramento intitulada: *Preservação da memória na transição do rádio AM para o FM: um estudo de história oral em três comunidades brasileiras*, desenvolvida na Universidade Fernando Pessoa, entre 2022 e 2025, orientada pelo professor doutor Jorge Pedro Sousa e coorientada pela professora doutora Nair Prata, da Universidade Federal de Ouro Preto.

Dados da entrevista

Entrevistadora: Claudia da Consolação Moreira

Tipo de entrevista: História oral temática

Data e local da entrevista: 25 de novembro de 2024 em Rondonópolis – Mato Grosso

Período: Vespertino

Duração da entrevista: 00h59m54s

Dados biográficos da entrevistada

Nome civil: Neuracy Castro

Nome social: Leila Castro

Tratamento pessoal: Leila

Citação bibliográfica: Castro

Data e local de nascimento: 26 de fevereiro de 1948 em Alto Araguaia - MT

Atividade: Líder comunitária

Claudia: Como surgiu o nome Leila Castro?

Leila: Então, meu nome de batismo é Neuracy Castro. A primeira noiva do meu pai chamava Leila. Ele era vendedor de diamantes, comprava em Poxoréo e vendia em Campo Grande. Numa dessas viagens ele se apaixonou pela mamãe. Ele chegou de viagem e foi para Guiratinga terminar o noivado e ela se suicidou. Quando ele casou com a mamãe, nasceu o meu primeiro irmão, o Vanderlan, depois veio a Nilva, ele queria por Leila, mas como minha mãe era casadinha de novo, não aceitou. Sabia que era a noiva dele. Sabia que era em homenagem a que tinha morrido. Eu já estava com a idade de 8 para 9 anos, aí começou a me chamar Leila, Leila, Leila e ficou. A essa altura a mamãe já não ficou com raiva, já tinha muito filhos, ela teve 18. Inclusive, quando eu fui candidata a presidente de bairro, o juiz liberou colocar Leila depois de Neuracy Castro, porque ninguém me conhece por Neuracy.

Claudia: Você mora em Rondonópolis desde quando?

Leila: Eu moro em Rondonópolis desde 1959, foi em junho que nós viemos. A mamãe separou do meu pai. Ela já tinha uns 18 filhos. Ela separou, o meu irmãozinho caçula estava com um ano e pouco. E aí, para não ficar na mesma cidade, a irmã dela tocava um hotel em Alto Garças e meu tio estava abrindo um poço de gasolina aqui em Rondonópolis. E aí, ela fez o convite para minha mãe. Convidou ela, falou, não, vem aqui para casa. Aí a mamãe trabalhou com ela um ano, até conseguir tudo. Naquela época o Garcia Neto era juiz, que foi até governador de Mato Grosso. Ele era muito amigo dos meus pais. O Garcia Neto falou para a mamãe: *Você quer tirar seus filhos do seu ex-marido amigavelmente ou brutalmente?* Quero tudo amigável. Aí ele bateu uma carta para o juiz de Alto Garças, para o delegado. E foi assim que nós viemos. Porque mamãe só trouxe com ela na primeira viagem os seus filhos mais novos, todos os outros ficaram com o meu pai. Aqui era só mato, minha querida. Tinha o coronel doutor Oswaldo, que ele era dono de chácaras aqui nas matas, onde hoje é Rodovia do Peixe. Tinha os turcos que foram chegando da Turquia, outros chegando de São Paulo, da Bahia e adquirindo as terras. A prefeitura doava terra para o povo, chegava montava uma barraca, porque era o que tinha, só barracas e barracas. Depois começava a construir a casa. E aí foi começando Rondonópolis. Eles iam perguntando de onde tinha vindo, o que queria, o que ia fazer. Qual era seu interesse por Rondonópolis? E aí todo mundo falava, porque a gente já sabe que aqui é uma terra muito boa. E aí foi crescendo, Rondonópolis foi desenvolvendo. Foi maravilhoso. Eu amo aqui. Eu não quero ficar longe de Rondonópolis.

Claudia: A senhora percebeu a diferença do rádio AM para o FM?

Leila: Ah, tem muita diferença. Principalmente a programação, a AM era mais chegante ao sertanejo, mais chegante àquela música raiz. Doeui muito dentro da gente, pelo menos em mim. Senti muito, porque a gente parecia que a programação era mais liberal do que na FM. A AM era mais povão. O povão ligava mesmo, era da roça, era da Paulista, era da Galileia, Pedra Preta. E hoje você quase não vê mais. Então, isso aí eu senti muito, eu senti muita falta. Até hoje, nossa, eu sinto mais. Então, a gente amava muito a AM. Eles começaram a avisar que ia desligar a AM e a gente já foi se afastando, porque a FM só toca música, só balada, só essas coisas.

Claudia: A senhora conhece alguém que deixou de ouvir rádio porque o sinal da AM foi desligado?

Leila: Não, todo mundo hoje tem um celular. Eles ligam na rádio e ficam ouvindo na caixa de som.

Claudia: O que você pensa quando ouve a palavra rádio?

Leila: Muita saudade, muita saudade dos locutores que já foram. As músicas lindas. Relembro meu pai, minha mãe, meus avós, que a gente ia para trabalhar na roça com o radinho ligado, ouvindo aquelas músicas sertanejas tão gostosas, ouvindo Tonico & Tinoco, que eram os nossos cantores preferidos da época, a gente gostava também de Pedro Bento & Zé da Estrada. Então, a gente ia para a roça trabalhar e levava um radinho. A gente levantava sempre quatro horas da manhã para trabalhar. Quando era ali pelas sete horas tinha o lanche e o radinho do lado, sempre ouvindo o radinho, ouvindo o *Zé Bettio*. Muitas vezes a gente trabalhava muito, cansava e o papai se levantava de manhã, ligava o rádio. Logo ele já falava, levanta meu povo, vem se não vai água na cabeça, vamos trabalhar. Então a gente acordava com o radinho ligado já. Então a gente sente muita falta, muita saudade.

Claudia: A senhora lembra de alguma música desta época?

Leila: Todas elas. Tenho uma saudade de todas elas, se eu for falar das músicas, são várias. A que mais traz lembrança quando a gente era criança é *Colcha de Retalhos*⁵¹ e *Lembrança*⁵². (cantarolando) *Lembrança, por que não foges de mim? Ajude a arrancar do peito esta dor*. Então, essas músicas são pura saudade. E aquela outra também lembrava muito, assim, dos meus tios, que eles eram vaqueiros, tocador de boiada, naquela época a boiada era na estrada. Então eles cantavam: (cantarolando) *Tenho meu cavalo preto por nome de Ventania/ Um laço de doze braças do couro de uma novilha/ Tenho um cachorro bragado, que é pra minha companhia/ Sou um caboclo folgado, pois eu não tenho família*⁵³. Então é isso, meus tios tocando gado e cantando. Quando a boiada apontava lá no alto, a gente corria para a janela, em Alto Araguaia, para ver passar o gado. Então isso aí traz muita saudade para gente. São nossas raízes, coisas boas. Hoje, você vai falar para um neto seu, vai falar para um bisneto, eles: *você é daquele tempo*. Então, naquele tempo era maravilhoso, tempo bom, você chegava nas casas das pessoas, nas fazendas, era queijo, requeijão, arroz doce, era tudo isso de bom.

Claudia: A senhora aprendeu ouvir o rádio com seus pais?

⁵¹ Canção de Cascatinha & Inhana. Letra: Aquela colcha de retalho que tu fizeste/ Juntando pedaço em pedaço, foi costurada/ Serviu para o nosso abrigo em nossa pobreza/ Aquela colcha de retalho está bem guardada/ Agora na vida rica que estás vivendo/ Terás como agasalho colcha de cetim/ Mas quando chegar o frio no teu corpo enfermo/ Tu hás de lembrar da colcha e também de mim/ Eu sei que hoje não te lembra dos dias amargos/ Que junto de mim fizeste um lindo trabalho/ E nessa tua vida alegre tens o que queres/ Eu sei que esqueceste agora a colcha de retalho/ Agora na vida rica que estás vivendo/ Terás como agasalho colcha de cetim/ Mas quando chegar o frio no teu corpo enfermo/ Tu hás de lembrar da colcha e também de mim.

⁵² Canção de José Fortuna, interpretada pela dupla sertaneja Milionário & José Rico. *Lembrança, por que não foge de mim?/ Ajude a arrancar do peito esta dor!/ Afaste meu pensamento e o seu,/ Porque vamos reviver este amor!/ Amando, nós padecemos iguais/ Eu tenho meu lar e ela também!/ É triste ser prisioneiro e sofrer,/ Sabendo que a liberdade não tem!/ Vai,/ Lembrança, não volte mais/ Para acalmar os meus ais/ Deste dilema de dor!/ Vai,/ Para bem longe de mim/ Não posso viver assim,/ Devo esquecer este amor!/ Lembrança, já imaginaste o que é/ Distantes dois corações palpar,/ Querendo juntos viver, sem morrer,/ Com outra ter que viver sem amar?/ Enquanto você, lembrança, não for,/ É esse nosso dilema sem fim/ Pensando nela, eu vivo a sofrer,/ E ela também sofrendo por mim!/ Vai,/ Lembrança, não volte mais/ Para acalmar os meus ais/ Deste dilema de dor!/ Vai,/ Para bem longe de mim/ Não posso viver assim,/ Devo esquecer este amor!*

⁵³ Cavalo Preto, canção de Anacleto Rosas, interpretada pela dupla sertaneja Tonico & Tinoco: *enho meu cavalo preto por nome de Ventania/ Um laço de doze braças do couro de uma novilha/ Tenho um cachorro bragado, que é pra minha companhia/ Sou um caboclo folgado, pois eu não tenho família/ No lombo do meu cavalo, eu viajo o dia inteiro/ Vou de um Estado pra outro e não tenho paradeiro/ Quem quiser ser meu patrão, me ofereça mais dinheiro/ Eu sou muito conhecido por este Brasil inteiro/ Tenho uma capa gaúcha que troquei num boi carreiro/ Tenho dois pelegos grandes, que é pura lã de carneiro/ Um me serve de colchão e outro de travesseiro/ Com minha capa gaúcha eu me cubro o corpo inteiro/ Adeus, que eu já vou partindo, vou pousar noutra cidade/ Depois de amanhã, bem cedo, quero estar em Piedade/ Deus me deu este destino e muita felicidade/ Onde eu passo com meu Preto deixo um rastro de saudade.*

Leila: Sim, com meus pais. O primeiro rádio eu ouvi demais da conta. O papai fez uma viagem em São Paulo e trouxe um rádio desse tamanho, assim, a pilha era quase um metro do rádio. E aí ele chegou, colocou e chamou os filhos para ver. Ligou. E eu, pequena demais, olhava e falava, mas onde esse povo. E procurava, sabe? Mas com medo de perguntar meu pai, porque naquela época os pais eram muito rígidos. E eu olhava e falava, Mizinha, minha irmã, onde esse povo está? Vamos olhar depois. Devem ser tudo pequenininho. Porque dentro dessa caixeta. Eu devia ter uns seis anos, mais ou menos. Foi o primeiro rádio que eu vi. Mas ele era muito bonito, muito lindo. Nossa senhora, ninguém punha a mão para não estragar. Só o papai que ligava. Só o papai que ligava. Ele falava, minha filha, quem vai ligar é só o papai. A mamãe quase não tinha tempo. Era filho demais, tadinha. Era de ano em ano. Era só passar o resguardo e estava grávida de mais um. Crescia um pouquinho e ia para a roça, mas a gente estudava também. Quando a gente ia para a roça meu pai levava o radinho. À noite o papai sempre ligava o rádio. Ele dava o lazer para nós até nove horas, só. Ele colocava aqueles bancão lá na porta, assim, a gente sentava e ouvia rádio. A gente dançava, ele ensinava a gente a dançar. É maravilhoso demais. Nossa, lembrar o passado é muito bom. E outra coisa, puxa a memória da gente. Eu canto muito aqui. Eu canto, estou em casa, estou cantando, lavando, varrendo e cantando para puxar a minha memória.

Claudia: Imagine se a senhora tivesse que explicar para alguém o que é o rádio. Como a senhora faria?

Leila: Eu explicava para os meus filhos e netos, hoje eu explico para os meus bisnetos que se você quer saber de notícias tem que ouvir o rádio. Quer ouvir música boa tem que ligar o rádio. Eu tenho muita foto guardada, tem muita coisa guardada e eu mostro para eles. Meus bisnetos, quando vêm para cá, eu ligo o rádio para eles ouvirem.

Claudia: Qual é a rádio que a senhora mais escuta hoje?

Leila: A 104. Eu ouvia muito também a 105, mas depois que os meus locutores queridos de lá faleceram, que eram o Denis Maris, o Paulo Iran. Hoje eu fico mais perto do Victor Santos, que eu gosto demais dele, tenho ele como filho. Eu gosto muito do programa do Avelino, na 104, que ele faz a tarde. Ele atende também muito bem os ouvintes dele. Ele atende bem demais, ele atende na hora, mesmo que quando você liga, ele está no outro telefone, aí quando ele volta, ele fala, me desculpe que eu estava no outro telefone, atendendo outro ouvinte aqui,

então... Isso aí cativa muito o ouvinte. E ele toca a música que você pede. Ele nunca põe outra música. Se você falar, eu quero uma música com Pedro Bento & Zezé da Estrada, *Saudade de Minha Terra*, ele coloca aquele ali. Ele cuida mesmo do ouvinte dele. Ele cuida com amor e carinho. Não estou desfazendo os outros. Não é pela profissão dele, é pelo amor que ele tem. Ele é carismático. Ele atende todo mundo bem. De antigamente, eu tenho lembrança do Aparecido Neto, o programa dele era maravilhoso. Ele te chamava a atenção. Eu nunca vi um locutor igual ele. Muitas vezes, ele começava as quatro da tarde. Quando era cinco horas, ele começava: “*minhas comadres, vamos trabalhar, vamos fazer a janta, o esposo tá chegando, os filhos estão chegando. Comadre, a senhora esqueceu o ferro ligado, comadre. Corre lá e desliga o ferro, comadre*”. Era desse jeito.

Claudia: A senhora já participou da programação? Como foi?

Leila: A primeira vez que eu mandei uma carta foi para a Rádio Anhanguera AM, de Goiânia. Foi para o programa do Farias Neto. Se não me engano, eu tenho até o rascunho guardado, que eu sou assim, eu gosto de guardar as coisas, as lembranças. Nessa época a antena ficava lá fora no quintal, eram dois bambus. A gente mandava a carta e ficava esperando o locutor ler, então a gente ouvia todo dia.

Claudia: Leila, a senhora já visitou uma emissora de rádio?

Leila: Meu sonho era conhecer uma rádio. Eu ficava assim, pensando. Eu era mocinha, menininha nova aqui. Mas eu vou lá, eu pensava assim, eu vou lá, eu vou lá. Aí eu fui. Eu tive uma emoção tão gostosa quando eu vi aquele vidro assim, sabe? E o locutor de lá falando comigo, entendeu? Ai, aquilo foi... uma vibração para mim, eu fiquei feliz demais da conta. Cheguei em casa corri na minha mãe, mamãe, mamãe. “O que foi minha filha?” O rapaz da rádio, mamãezinha, conversou comigo, só que ele estava do outro lado do vidro, estava de lá e eu estava de perto. Foi maravilhoso, foi muito bom.

Claudia: A senhora já ganhou algum tipo de prêmio dos programas de rádio que a senhora participa?

Leila: Nossa, só coisas boas que eu ganhava. Ainda tem liquidificador que eu ganhei da rádio, está guardado. E rádio, pequenininha a pilha eu já ganhei. Perfumes, engradado de guaraná

Marajá. Eu ligava para os meninos para falar, não me dá prêmio mais não, porque o povo tudo briga comigo. Era igual o Victor Santos, quando o irmão dele estava doente em São Paulo, o Gustavo. Sempre eu o chamava para vir almoçar comigo aqui. Eu fazia almôndega, que ele gosta demais de almôndega. No outro dia, era ele agradecendo ao vivo no programa. Aí o povo já ligava. Você faz almôndega só para o Victor Santos. Ah, meu Deus. Era um ciúme danado. É complicado.

Claudia: A senhora lembra da chegada do rádio aqui em Rondonópolis?

Leila: Foi uma maravilha, nossa senhora, foi uma benção. Eu escrevi para o Farias Neto: *“Você vai me desculpar, você vai me perdoar, você vai perder sua ouvinte, mas não vai perder de sempre, não. De vez em quando eu vou escrever para você? É que nós temos uma nova rádio aqui em Rondonópolis, uma AM aqui, e nós temos que valorizar o que é nosso aqui, meu queridinho”*. Daí eu fiquei na rádio daqui, era a Branife. Foi quando o Manoel Novaes começou a trabalhar. Depois a Branife passou a ser Amorim Juventude, passou muito locutor bom por ela. Não foi só o Manoel Novaes, teve o Cafezinho, o Aparecido Neto, o Renato Bala, Jurandir Gonçalves, Sebastião de Assis, todos eles passaram pela Amorim, foram criados nela. Aí quando começou a FM, eles foram migrando. É, foi mudando. Ela era boa demais. Eu não sei por que eles acabaram com ela. Tinha que voltar a AM. Nós não temos mais aqueles programas bons. Acabou a nossa programação boa, as nossas músicas raiz. E todo mundo praticamente começou na Amorim e foi para a Clube, o Jota Barreto que era da Amorim, fundou a Clube e levou todos os locutores que faziam sucesso com ele, levou todos os amigos. Eu tenho lembrança também de um menino que veio de Campo Grande, chamava Urbano. Ele hasteava um bambu com um alto-falante lá em cima lá onde era a Amorim Juventude. Lá ele fazia a programação dele. Quando era ali pelas cinco, seis horas da noite, juntava aquela meninada, saía do colégio, as menininhas e ficava lá fazendo xingando, brincando com ele, ele fazendo perguntas, mas era tudo no alto-falante. Aí depois que veio a rádio.

Claudia: A senhora já ouviu rádio pela internet?

Leila: Pelo celular. Só quando eu vou para as casas das pessoas, na casa das minhas parentes, das minhas sobrinhas, das minhas amigas. Ontem mesmo nós ouvíamos música a tarde toda. Mas eu só peço música antiga também.

Claudia: Como a senhora pensa o rádio no futuro?

Leila: Chega a doer em mim. Se eu chegar lá, nessa época, que eu não sei, só Deus sabe. Vem vindo mais coisa, veio a televisão, já veio o celular, já acabou um pouco a programação e assim vai acabando o nosso rádio. Essa juventude de hoje não gosta de rádio.

Claudia: Qual é a lembrança pessoal mais antiga que a senhora tem do rádio?

Leila: É aquela que eu te contei que eu achava que as pessoas estavam dentro da caixeta. Tenho também a lembrança de quando a gente trabalhava com meu pai na roça e o radinho a pilha acompanhava a gente. Lembro do papai colocando o bancão na porta de casa para gente sentar e ouvir o rádio a noite. Lembrar o passado é muito bom.